

TATIANI GOMES GOUVÊA

**OS PRIMÓRDIOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FITOTECNIA NA UFV:
MEMÓRIAS DO PROGRAMA PIONEIRO NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

G719p
2017

Gouvêa, Tatiani Gomes, 1980-

Os primórdios da Pós-Graduação em Fitotecnia na UFV :
memórias do programa pioneiro no Brasil / Tatiani Gomes
Gouvêa. – Viçosa, MG, 2017.

xv, 206f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Denilson Santos de Azevedo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Pós-Graduação. 2. Memórias. 3. Fitotecnia.

I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História.
Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e
Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 920

TATIANI GOMES GOUVÊA

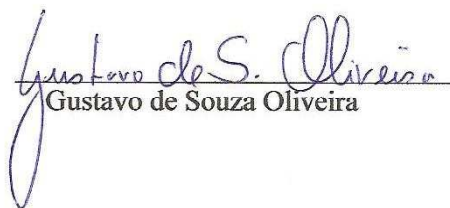
**OS PRIMÓRDIOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM FITOTECNIA NA UFV: MEMÓRIAS
DO PROGRAMA PIONEIRO NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 18 de julho de 2017.



Angelo Adriano Faria de Assis



Gustavo de Souza Oliveira



Denilson Santos de Azevedo
(Orientador)

Aos meus três grandes amores:

minha querida e amada mãe, meu exemplo, meu orgulho;

Lina Cláudia e Lara, minhas filhas, minha vida,

Dedico e Ofereço

“A persistência é o caminho do êxito.”
(Charles Chaplin)

AGRADECIMENTOS

Alívio! É a sensação mais presente ao terminar este trabalho. Sentimentos de alegria e satisfação pessoal inigualáveis. Foram tantos meses de dedicação, tantas buscas, tantas abdições! Agora sinto que o dever foi cumprido e preciso agradecer àqueles que estiveram presentes e que tornaram esta jornada mais suave.

Agradeço primeiramente ao Pai, pela vida e por me conceder saúde e forças, guiando-me em todos os momentos, mesmo naqueles em que me faltava fé.

Ao meu orientador, professor Denilson Santos Azevedo, pelos ensinamentos valorosos, pela paciência e confiança depositada em meu trabalho, sou imensamente grata.

Ao amigo e colega de trabalho, professor Carlos Eduardo Magalhães dos Santos, por ótimas sugestões que vieram a enriquecer este trabalho.

À Ana (Ana Maria da Silva Souza), funcionária do Arquivo Central e Histórico da UFV, sempre carismática e atenta às nossas questões, agradeço pelo auxílio na localização dos documentos utilizados na pesquisa documental.

Ao Senhor Gustavo Soares Sabioni, economista e grande conhecedor da história desta Instituição, agradeço pelas discussões, orientações e indicações de leituras, que muito contribuíram para este trabalho.

Sou muito grata também a todas as pessoas que me concederam entrevistas, compartilhando comigo importantes informações que me possibilitaram conhecer melhor meu objeto de pesquisa.

À Universidade Federal de Viçosa, especialmente ao Departamento de História, pela oportunidade de realizar meus estudos, proporcionando meu crescimento intelectual, profissional e pessoal e ao Departamento de Fitotecnia, pela liberação para realizar o mestrado.

À Edimara, amiga que o mestrado me deu de presente e que vou levar pra vida toda! Valeu muito, Didi!

Às amigas Lilica (Eliane), Tatiane, Thaís e Sabrina, com as quais eu dividi alegrias e angústias e que foram essenciais para manter a positividade em tempos difíceis.

À companheira de trabalho, Lúcia Nara, que esteve por perto escutando minhas inquietudes, sempre com uma palavra amiga, obrigada pelo apoio!

À minha amada mãe Édna, minha fortaleza, pelo total apoio e ajuda incansável em dias de extensos trabalhos.

À Lina Cláudia e Lara, presentinhos de Deus em minha vida, razão de tudo valer a pena.

Ao meu esposo, Cláudio, por compreender e aceitar as minhas ausências.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

BIOGRAFIA

Tatiani Gomes Gouvêa, filha de José Geraldo Rodrigues de Gouvêa e Édna Lúcia Gomes Gouvêa, nasceu no município de Viçosa, Minas Gerais, em 11 de janeiro de 1980.

Cursou o ensino fundamental, básico e médio, na Escola Estadual Dr. Mariano da Rocha, em Teixeiras-MG. Em 2000 iniciou o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa, concluindo-o em janeiro de 2004.

Em março de 2015, ingressou no Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa, sob orientação do professor Denilson Santos de Azevedo, submetendo-se à defesa da dissertação, em 18 de julho de 2017.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	x
LISTA DE QUADROS	xi
LISTA DE SIGLAS	xii
RESUMO	xiv
ABSTRACT.....	xv
INTRODUÇÃO	1

PARTE I

Capítulo 1 - O Ensino Agrícola em Minas Gerais e a Trajetória da Escola Superior de Agricultura e Veterinária

19

1.1: Década de 1920: O ensino agrícola mineiro e a criação da ESAV	19
1.2: A ESAV, a UREMG e a UFV... Uma instituição, três tempos	26
1.2.1: A ESAV (1926-1948)	27
1.2.2: A UREMG (1948-1969)	37
1.2.3: A UFV (1969 ...)	41

Capítulo 2 - A presença dos convênios internacionais na UREMG/UFV

49

2.1: O Projeto Purdue – Difusão do americanismo na Escola de Viçosa	51
2.2: A atuação da Fundação Ford e Fundação Rockefeller	63

Capítulo 3 - Os primórdios da pós-graduação no Brasil e na UFV

70

3.1: A origem da pós-graduação brasileira	70
3.2: A criação do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia	76
3.3: Professores do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia	88

PARTE II

Capítulo 4 - Perfil dos estudantes e análise temática das dissertações e teses do PPG-FIT	98
4.1: Perfil dos estudantes matriculados no PPG-FIT	99
4.2: Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992)	106
4.3: Corpo Docente	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
FONTES	121
BIBLIOGRAFIA CITADA	123
SITES	127
ANEXOS	128
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	129
ANEXO B – Ato de constituição do 1º Conselho dos Cursos Pós-Graduados da UREMG	132
APÊNDICES	133
APÊNDICE A – Matriculados no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, nível Mestrado, no período de 1961 a 1980	134
APÊNDICE B – Matriculados no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, nível Doutorado, no período de 1973 a 1992	136
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido	137
APÊNDICE D – Roteiro das entrevistas	139
APÊNDICE E – Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992)	141

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista parcial da ESAV na década de 1930	27
Figura 2: Vista parcial das 4 pilastras	31
Figura 3: Aula na Semana do Fazendeiro	33
Figura 4: Bandeira americana estampada nas obras de construção do prédio principal	52
Figura 5: Convênio entre a Universidade de Purdue e a UREMG	53
Figura 6: Edifício do Instituto de Economia Rural	65
Figura 7: Local do Banco de Germoplasma de Hortaliças da UFV	66
Figura 8: Câmaras de resfriamento e armazenamento das subamostras de hortaliças	67
Figura 9: Subamostras de hortaliças armazenadas no BGH/UFV	67
Figura 10: Capa e contracapa da primeira dissertação defendida na UREMG, em 19 de dezembro de 1961	80
Figura 11: Capa e página de assinaturas da primeira tese de Doutorado em Fitotecnia, defendida no dia 28 de fevereiro de 1977	88
Figura 12: Pioneiros da Pós-Graduação na UREMG	90
Figura 13: Fachada principal do prédio Sylvio Starling Brandão	95
Figura 14: Hall de entrada do prédio Sylvio Starling Brandão	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução dos Programas de Pós-Graduação da UREMG/UFV	46
Gráfico 2: Distribuição dos estudantes matriculados no mestrado em Fitotecnia, por sexo	99
Gráfico 3: Distribuição dos estudantes matriculados no doutorado em Fitotecnia, por sexo	100
Gráfico 4: Evolução do número de dissertações defendidas, por sexo - 1961 a 1980	101
Gráfico 5: Evolução do número de teses defendidas, por sexo - 1977 a 1992	101
Gráfico 6: Faixa etária e sexo dos discentes matriculados no PPG-FIT, nível mestrado - 1961 a 1980	103
Gráfico 7: Faixa etária e sexo dos discentes matriculados no PPG-FIT, nível doutorado - 1973 a 1992	103
Gráfico 8: Evolução do número de dissertações defendidas, por sexo - 1961 a 2016	104
Gráfico 9: Evolução do número de teses defendidas, por sexo - 1977 a 2016	105
Gráfico 10: Número de Dissertações defendidas por ano - 1961 a 1980	107
Gráfico 11: Número de Teses defendidas por ano - 1977 a 1992	108
Gráfico 12: Concentração das dissertações e teses nas principais Áreas Temáticas detectadas	110
Gráfico 13: Frequência com que determinado produto aparece nos títulos das dissertações (1961-1980) e teses (1977-1992) do PPG-FIT	113
Gráfico 14: Orientadores e percentual de orientados no Mestrado em Fitotecnia, de 1961 a 1980	115
Gráfico 15: Orientadores e percentual de orientados no Doutorado em Fitotecnia, de 1973 a 1992	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de defesas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, no período compreendido entre 1961 a 2016	4
Quadro 2: Programas de Pós-Graduação da UFV e década de início	44
Quadro 3: Grade curricular do programa de mestrado em Olericultura em 1961	81
Quadro 4: Dissertações defendidas no ano de 1961, na UREMG	82
Quadro 5: Primeiros estudantes matriculados no Mestrado em Fitotecnia, em março de 1961	84
Quadro 6: Estudantes de nacionalidade estrangeira que receberam o título de Magister Scientiae no PPG-FIT entre os anos de 1961 a 1980	86
Quadro 7: Primeiros estudantes matriculados no Doutorado em Fitotecnia, em 1973	87
Quadro 8: Professores do Departamento de Fitotecnia da UFV.....	91
Quadro 9: Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia (1961 a 2016)	94
Quadro 10: Total de matriculados, por sexo, no mestrado em Fitotecnia, de 1961 a 2016	105
Quadro 11: Total de matriculados, por sexo, no doutorado em Fitotecnia, de 1973 a 2016	106
Quadro 12: Quadro referencial temático elaborado a partir dos títulos das dissertações e teses do PPG-FIT, nos períodos de 1961 a 1980 e 1977 a 1992, respectivamente	109

LISTA DE SIGLAS

ACH – Arquivo Central e Histórico

APSEMG – Associação dos Produtores de Sementes e Mudas do Estado de Minas Gerais

BBT – Biblioteca Central

BGH – Banco de Germoplasma de Hortaliças

CAP-COLUNI – Colégio de Aplicação Universitário

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCA – Centro de Ciências Agrárias

CCB – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

CCE – Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas

CCH – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

CEPEC – Centro de Pesquisas do Cacau

CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira

CFE – Conselho Federal de Educação

DFT – Departamento de Fitotecnia

EMAF – Escola Média de Agricultura de Florestal

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ESAV – Escola Superior de Agricultura e Veterinária

ETA – Escritório Técnico de Agricultura

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

IER – Instituto de Economia Rural

ITA - Instituto Tecnológico de Aeronáutica

OEA – Organização dos Estados Americanos

PPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

PPG-FIT – Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia

SGPPG – Sistema Gestor de Pesquisa e Pós-Graduação

SOC – Secretaria de Órgãos Colegiados

TV-VIÇOSA – Emissora administrada pela FRATEVI (Fundação de Rádio e Televisão Educativa e Cultural de Viçosa)

UEPE – Unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UMG – Universidade de Minas Gerais

UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

USAID – Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

USP – Universidade de São Paulo

RESUMO

GOUVEA, Tatiani Gomes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2017. **Os primórdios da Pós-Graduação em Fitotecnia na UFV: memórias do programa pioneiro no Brasil.** Orientador: Denilson Santos de Azevedo.

Este trabalho trata de uma pesquisa histórica sobre a criação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, pioneiro na área de ciências agrárias, no Brasil. Nosso principal objetivo é contribuir com a constituição da memória deste, desvelando fatos que originaram sua criação, registrando experiências e desafios ao longo de seu caminho. Para tanto, técnicas de coleta de dados com base em orientações da história oral foram utilizadas junto a sujeitos que estiveram inseridos no contexto investigado, através de entrevistas realizadas com docentes, egressos e servidores administrativos. O marco temporal foi definido em função da trajetória do programa, partindo dos anos que precederam sua criação, em 1961 e os primeiros 20 (vinte) anos de atividade, tanto para o curso de mestrado (1961-1980) quanto para o de doutorado (1973-1992). Para a realização dessa investigação, fez-se uso dos poucos documentos disponíveis na secretaria do Programa e de consultas aos documentos primários encontrados em maior parte no Arquivo Central e Histórico da UFV. O propósito de analisar a história do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, PPG-FIT, justifica-se pela necessidade de compreender seu processo de constituição, desenvolvimento e consolidação, desde sua gênese, em 1961. A partir das análises realizadas, elaboramos o Catálogo de Dissertações (1961-1980) e o Catálogo de Teses (1977-1992), que representam o “Produto Final” deste trabalho. Esperamos que possam ser utilizados como fontes para outros estudos e ainda como um recurso adicional na rememoração das pesquisas realizadas no âmbito do PPG-FIT.

ABSTRACT

GOUVEA, Tatiani Gomes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2017. **The beginnings of the Post-Graduation in Plant Science at UFV: memories of the pioneering program in Brazil.** Advisor: Denilson Santos de Azevedo.

This work deals with a historical research on the creation and consolidation of the Post-Graduate Program in Plant Science, a pioneer in the field of agricultural science in Brazil. Our main objective is to contribute to the memory's constitution, revealing facts that originated its creation, recording experiences and challenges along its path. In order to do so, data collection techniques based on oral history guidelines were used together with subjects that were included in the investigated context, through interviews with teachers, graduates and administrative servers. The time frame was defined according to the program's trajectory, starting from the years that preceded its creation in 1961 and the first 20 (twenty) years of activity, both for the master's degree (1961-1980) and for the doctoral program (1973-1992). In order to carry out this investigation, the use of the few documents available in the Secretariat of the Program and of consultations with the primary documents found in most of the Central and Historic Archives of the UFV. The purpose of analyzing the history of the Phytotechnical Postgraduate Program, PPG-FIT, is justified by the need to understand its constitution, development and consolidation process, since its genesis in 1961. Based on the analyzes carried out, Catalog of Dissertations (1961-1980) and the Catalog of Theses (1977-1992), which represent the "Final Product" of this work. We hope that they can be used as sources for other studies and also as an additional resource in recalling the research carried out under PPG-FIT.

Introdução

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.

Michael Pollak¹

Esta pesquisa teve como principal propósito realizar uma re(construção) histórica² sobre a criação e os primeiros anos de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, PPG-FIT³ da Universidade Federal de Viçosa, UFV, iniciado em março de 1961 e que se constituiu no primeiro Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, em ciências agrárias, do Brasil.

Acerca da re(construção) da história com base nos vestígios deixados ao longo dos tempos, Gumbrecht atesta que o passado é sempre escrito a partir de indagações do presente, o que resulta em vários passados possíveis⁴. E, justamente por isso, nos propusemos a (re)construir a história do Programa, uma vez que ainda nos é possível recuperar restos deste passado, o qual poderá ser ressignificado de acordo com o momento histórico em que vivemos, sendo este, constantemente alterado.

À vista disso, argumentamos que o primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* da UFV e do Brasil, tem história e esta precisa ser nutrida, ser alimentada com informações, relatos, registros, fotos e documentos que rememorem seus feitos, as condutas de toda uma geração, dedicadas à busca de respostas para problemas na área da agronomia, na produção de plantas e criação de novas tecnologias visando mudanças na produção agrícola.

Com esta premissa, inicialmente, no momento da apresentação de uma proposta de pesquisa para o processo seletivo deste Mestrado, havíamos cogitado investigar todo o período de existência do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia (1961-2016), ou seja, 55 anos. Porém, no decorrer de nosso amadurecimento e através de leituras, discussões e reflexões proporcionadas ao longo das disciplinas cursadas, ficou evidente ser este espaço temporal um período bastante extenso para a pesquisa na qual propúnhamos realizar.

¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 203.

² Para alcançarmos nosso objetivo neste estudo, recorreremos às fontes primárias e história oral, através das quais foi possível ampliar nossa visão e nosso conhecimento sobre o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, PPG-FIT, dentro dos períodos específicos desta pesquisa.

³ Não existe uma sigla oficial, definida para o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, no entanto, a abreviação PPG-FIT é utilizada nas correspondências emitidas pela secretaria do curso e, deste modo, decidimos adotá-la também neste trabalho.

⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso Amplo Presente**: O tempo e a cultura contemporânea. Tradução de Ana Isabel Soares. 1ª edição. São Paulo: editora Unesp, 2015, *passim*.

Sob este novo olhar, reavaliamos a abrangência do nosso “tempo cronológico” e optamos por focar o estudo entre os anos de 1961 a 1980, que corresponde aos vinte primeiros anos do curso de mestrado em Fitotecnia e, de 1973 a 1992, ou seja, as duas primeiras décadas de funcionamento do doutorado⁵. É oportuno frisar que, optamos por estender nossas análises referentes ao curso de doutorado até o ano de 1992, para que houvesse uma equivalência entre os períodos pesquisados nos dois níveis de ensino.

Todavia, embora nossa investigação nos reporte à década de 1960, para melhor compreendermos o ambiente no qual esses programas foram pensados e instituídos, fez-se necessário uma nova flexibilização no recorte cronológico antes estabelecido, que passou a abarcar também o final dos anos de 1950, promovendo uma ampliação de nossa perspectiva acerca dos fatores que concorreram e impulsionaram a implantação dos primeiros programas de pós-graduação, *stricto sensu*, na área de ciências agrárias, do Brasil.

Assim sendo, apesar de nosso foco principal iniciar-se na década de 1960 até o ano de 1992, e ainda levando em consideração o final dos anos de 1950, por diversas vezes iremos apresentar dados e informações também de anos bem mais recentes, pois julgamos que não é possível falar deste Programa apenas no seu passado e acreditamos que um determinado recorte temporal historiográfico não precisa, necessariamente, corresponder a um número fechado, e sim a certa temática a ser estudada e analisada.

Por meio da análise documental dos registros ainda disponíveis, que contam em parte como ocorreu o processo de criação deste curso e o início de sua jornada, em março de 1961, levantamos informações que nos ajudaram a entender o contexto histórico e social que possibilitou o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia e ainda a importância de sua chegada na instituição, naquele momento.

No que se refere a seu desenvolvimento, a Universidade Federal de Viçosa, tornou-se uma instituição de grande prestígio no cenário nacional e internacional, sendo considerada uma das mais importantes do país no que tange à área de ciências agrárias. Esta afirmação pode ser verificada pelo fato de 19 dos 48 programas de pós-graduação *stricto sensu*, oferecidos na

⁵ Apesar de ter obtido autorização para funcionamento em 1972, as primeiras matrículas ocorreram de fato, a partir de 1973.

instituição, pertencerem à área em questão, o que representa 40% do total de programas existentes hoje na UFV⁶.

Convém sublinhar que a pós-graduação na área de ciências agrárias foi uma das pioneiras no país e abrange um enorme número de programas. No tocante à UFV, esta realidade se repete, sendo pioneiro o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da extinta Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG, hoje denominada Universidade Federal de Viçosa, UFV. Datado de março de 1961, foi iniciado com o nome de Mestrado em Olericultura⁷ e, em 1964, renomeado para Fitotecnia, que permanece até os dias atuais. Cumpre-se notar que vários autores⁸ atestam este fato, mencionando o programa como sendo o primeiro curso pós-graduado criado no Brasil.

Conforme Azevedo, esse predomínio dos programas da área de ciências agrárias, na atualidade, remonta a uma tradição institucional, tendo em vista que, “no que concerne à pesquisa, a UFV foi pioneira, no Brasil, na implantação de programas de pós-graduação stricto sensu no campo das ciências agrárias, pois em 1961, à época da UREMG, tiveram início os Cursos de Economia Rural e Hortaliças que expediam o diploma de Magister Scientiae (M.S.)”⁹.

⁶ Os programas de pós-graduação oferecidos na UFV, em nível de Mestrado, considerando os três campi, são: Agronomia (Solos e Nutrição de Plantas), Agroquímica, Arquitetura e Urbanismo, Biologia, Animal, Biologia Celular e Estrutural, Bioquímica Aplicada, Botânica, Ciência da Computação, Ciência da Nutrição, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciência Florestal, Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal), Ciências da Saúde, Defesa Sanitária Vegetal (Mestrado Profissional), Ecologia, Economia, Economia Aplicada, Economia Doméstica, Educação, Educação Física, Engenharia Agrícola, Engenharia Civil, Engenharia Química, Ensino de Física, Entomologia, Estatística Aplicada e Biometria, Extensão Rural, Física Aplicada, Fitotecnia (Produção Vegetal), Genética e Melhoramento, Letras, Manejo e Conservação de Ecossistemas Naturais e Agrários, Matemática, Matemática em Rede Nacional (Mestrado Profissional), Medicina Veterinária, Microbiologia Agrícola, Multicêntrico em Química de Minas Gerais, Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (Mestrado Profissional), Tecnologia e Celulose de Papel (Mestrado Profissional), Zootecnia e Zootecnia (Mestrado Profissional). Os programas de pós-graduação, em nível Doutorado, são: Administração, Agronomia (Fitopatologia), Agronomia (Meteorologia Aplicada), Agronomia (Solos e Nutrição de Plantas), Agroquímica, Biologia Celular e Estrutural, Bioquímica Aplicada, Botânica, Ciência da Nutrição, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciência Florestal, Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal), Ecologia, Economia Aplicada, Economia Doméstica, Engenharia, Agrícola, Engenharia Civil, Entomologia, Estatística Aplicada e Biometria, Extensão Rural, Física Aplicada, Fitotecnia (Produção Vegetal), Genética e Melhoramento, Medicina Veterinária, Microbiologia Agrícola, Multicêntrico em Química de Minas Gerais e Zootecnia. **Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu.** Disponível em: < http://www.ppg.ufv.br/?page_id=383>. Acesso em: 30 jun. 2017.

⁷ Encontramos ainda variações de nomes como Hortaliças e Agricultura Especial, sendo que ambos se referiam ao programa de Mestrado em Olericultura do Departamento de Horticultura da UREMG, atual Departamento de Fitotecnia. Vale acrescentar que as hortaliças também são denominadas por cultura olerácea e são comumente conhecidas como verduras e legumes.

⁸ Consultar Guy Capdeville, Giulio Massarani, José Marcondes Borges, Gustavo Bianchi Silva.

⁹ AZEVEDO, Denilson Santos de. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente** - O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e Funcionamento. São Paulo, USP, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2005. p. 06.

Salientamos ainda, que este Programa, com pouco mais de meio século de existência, contabiliza um expressivo número de defesas de dissertações e teses, conforme quadro abaixo, ultrapassando 1500 no total, sendo 1083 dissertações e 492 teses defendidas até o ano de 2016¹⁰.

Quadro 1: Número de defesas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, no período compreendido entre 1961 a 2016.

Ano	Defesas Mestrado	Defesas Doutorado	Total	Ano	Defesas Mestrado	Defesas Doutorado	Total
1961	5	-	5	1992	18	10	28
1962	4	-	4	1993	29	7	36
1963	2	-	2	1994	21	8	29
1964	5	-	5	1995	17	11	28
1965	4	-	4	1996	24	10	34
1966	5	-	5	1997	31	16	47
1967	6	-	6	1998	21	16	37
1968	6	-	6	1999	22	12	34
1969	12	-	12	2000	22	7	29
1970	20	-	20	2001	24	18	42
1971	13	-	13	2002	31	16	47
1972	23	-	23	2003	26	19	45
1973	15	-	15	2004	27	15	42
1974	22	-	22	2005	24	17	41
1975	25	-	25	2006	22	18	40
1976	28	-	28	2007	31	15	46
1977	27	2	29	2008	21	20	41
1978	24	2	26	2009	23	22	45
1979	26	3	29	2010	21	17	38
1980	23	3	26	2011	24	25	49
1981	13	2	15	2012	24	20	44
1982	18	3	21	2013	36	44	80
1983	15	4	19	2014	17	31	48
1984	17	1	18	2015	29	25	54
1985	18	4	22	2016	26	19	45
1986	13	2	15		1083	492	1575
1987	15	4	19				
1988	23	6	29				
1989	9	5	14				
1990	15	7	22				
1991	21	6	27				

Fontes: Sistema Gestor de Pesquisa e Pós-Graduação – SGPPG e Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia.

Além disso, desde o início do curso em março de 1961, constatamos que o número de ingressantes por semestre/ano era ligeiramente elevado, apresentando uma média de novas matrículas de 16 estudantes por ano¹¹, entre os anos de 1961 a 1980, para o mestrado e, para o doutorado, o ingresso anual foi de pouco mais de 5 estudantes no período compreendido entre 1973 a 1992, conforme apresentado nos Apêndices A e B deste estudo.

¹⁰ Dados atualizados em 31 de dezembro de 2016.

¹¹ Dados obtidos através da média do número de estudantes matriculados no programa, entre 1961 a 1980 e 1973 a 1992, para o mestrado e doutorado, respectivamente.

O pioneirismo deste Programa de Pós-Graduação nos remete à tradição agrícola da UFV, que foi criada com o objetivo de desenvolver a agricultura regional e nacional, sendo a área de ciências agrárias a mais desenvolvida na Universidade, englobando o maior número de programas, tornando-se referenciada e respeitada no Brasil e no Exterior. Contudo, apesar de destaque na agropecuária, a instituição assumiu ao longo dos anos, caráter bastante diversificado, expandindo-se também em outras áreas do conhecimento, como Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e Tecnológicas e Ciências Humanas, Letras e Artes. Todavia, o percentual de cursos elencados na área de avaliação das Ciências Agrárias I¹² ainda é bem expressivo se comparado às outras áreas de avaliação e seus respectivos programas.

Verificamos ao longo desta pesquisa que, desde o início, o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia apresentava destaque em sua área, assumindo total liderança no país até o ano de 1965, quando foi criado o curso de mestrado em Fitotecnia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, sendo este, o segundo curso de mesmo nome no Brasil.

Esta vocação para a liderança na área das ciências agrárias, papel que o PPG-FIT da UFV assume até os dias atuais, pode ser confirmada através de sua consolidação no cenário nacional e internacional e avaliação pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior, CAPES, sendo considerado como programa de excelência¹³. Possui atualmente, corpo docente composto por 38 professores, que orientam a formação de aproximadamente 160 estudantes, futuros profissionais para atuarem na solução de problemas relacionados à agricultura.

O Programa, desde o início das avaliações conduzidas pela CAPES, recebeu o conceito A. Posteriormente, com a alteração do sistema de avaliação, os conceitos foram assim atribuídos:

Triênio 1998 – 2000 – Conceito 7

Triênio 2001 – 2003 – Conceito 6

Triênio 2004 – 2006 – Conceito 5

Triênio 2007 – 2009 – Conceito 5

Triênio 2010 – 2012 – Conceito 6

¹² De acordo com a CAPES, existem ao todo, 48 áreas de avaliação agregadas por critério de afinidade, em dois níveis: 1º Nível – Colégios (Colégio de Ciências da Vida, Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar, Colégio de Humanidades) e 2º Nível – Grandes Áreas. A área de Ciências Agrárias I tem como finalidade: estimular a geração do conhecimento e o desenvolvimento científico e tecnológico; e promover a transferência dos conhecimentos gerados para aumentar a competitividade e a sustentabilidade do agronegócio do país. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 29 set. 2016.

¹³ Na Avaliação Trienal da CAPES, os cursos que alcançam as notas 6 e 7 são considerados como de qualidade internacional ou de excelência.

Entretanto, os documentos referentes à história do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia encontravam-se dispersos, em diversos setores da UFV, conforme verificamos no levantamento inicial dos dados, como por exemplo: Registro Escolar, Secretaria de Órgãos Colegiados, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Arquivo Central e Histórico da UFV¹⁴, entre outros e se apresentavam de forma fragmentada, por isso foi necessária a realização de coleta e sistematização dos dados, acontecimentos que marcaram a criação do curso, além das informações estatísticas da área, sobre defesas, orientações, coordenadores do programa, orientadores, desenvolvimento de produtos, entre outras características que reunimos a respeito do PPG-FIT.

Foi neste contexto de busca, de dispersão de informações sobre a gênese e a trajetória inicial do programa e de minha própria experiência enquanto secretária do mesmo, que surgiu o interesse por esta pesquisa. Em meio a uma dessas procuras e à luz da bibliografia consultada, realizamos alguns questionamentos a respeito do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, da UFV:

- 1) O que representou a criação deste curso, primeiro em sua área no Brasil a expedir diploma de Magister Scientiae, para a pós-graduação em Fitotecnia no Brasil, para a região do estado em que ele foi criado e para a própria UREMGE?
- 2) Quais foram os vetores responsáveis pela criação dos primeiros cursos de pós-graduação na UREMGE, ainda na década de 1960?
- 3) Como reconhecer a contribuição das primeiras pesquisas realizadas no âmbito institucional?

Estas foram algumas questões que nos propusemos a investigar sobre este programa de pós-graduação, cuja gênese remonta ao final dos anos de 1950, a partir da colaboração entre a *Purdue University* e a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMGE), em 1958. Este convênio resultou em vários benefícios para o ensino e a pesquisa, no qual um dos desdobramentos foi o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, em 1961 e, conforme descrito no 12º Relatório Trimestral dos Co-Diretores - ETA Projeto 55, esta foi a primeira instituição de ensino superior do Brasil a ofertar curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado, na área de ciências agrárias.

[...] Cinco estudantes de horticultura cumpriram todas as exigências de cursos e teses, recebendo, assim, o grau “Magister Scientiae”, aprovado pelo novo Conselho de

¹⁴ Órgão responsável pela guarda de diversos documentos referentes à história da Instituição e que ainda se encontra em processo de catalogação e organização de seus documentos.

Cursos Pós-Graduados. Aparentemente, esta é a primeira vez que tal título é concedido no Brasil, e, talvez, na América do Sul, nestas áreas de especialização.¹⁵

No tocante à metodologia da pesquisa, buscamos coletar/organizar o maior número possível de informações referentes à criação do Programa, trabalhos desenvolvidos, fotografias, produções bibliográficas e técnicas, experiências consideradas inovadoras, procedimentos pioneiros, dados sobre convênios desenvolvidos na época e demais informações que marcaram a história de vida deste, ao longo de seus primeiros anos de atividade.

A pesquisa possui abordagem predominantemente qualitativa, apresentando também dados quantitativos, organizados em quadros e gráficos, para proporcionar maior complementação das informações e validação dos resultados. Foi realizada pesquisa documental e bibliográfica nos diversos locais¹⁶ em que se encontram guardados documentos referentes à Pós-Graduação em Fitotecnia. Também realizamos pesquisa exploratória para maior familiarização com o tema a ser pesquisado.

Nesse contexto, a pesquisa documental alicerçou-se na análise de fontes primárias, como os Relatórios Trimestrais de Co-Diretores da UREMG, Relatórios dos Co-Diretores do ETA Projeto 55, Informes, Jornais e Boletins Informativos da UFV, Cartas, correspondências oficiais e outros documentos sob a guarda do Arquivo Central e Histórico da UFV. Também foram averiguadas Atas de reuniões do CEPE, Livros de Registros dos Candidatos, localizados no prédio da Diretoria de Registro Escolar e Processo de Renovação de Credenciamento dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Fitotecnia - 1986¹⁷ e demais documentos pertencentes ao espaço temporal investigado neste trabalho.

Cabe frisar que, além dos documentos já descritos, utilizamos ainda bibliografia dedicada aos estudos sobre memória, patrimônio histórico e documental. Alguns autores como Le Goff, Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Pierre Nora contribuíram para que pudéssemos ampliar nossa concepção original sobre memória e patrimônio, possibilitando uma melhor problematização desses conceitos e, conseqüentemente, maior compreensão de questões que estão diretamente vinculadas à história, memória e patrimônio dentro de uma instituição de ensino.

Procedemos ainda, à aplicação de entrevistas realizadas com pessoas que de alguma forma estiveram inseridas neste processo. Por meio das narrativas, do relato dos entrevistados,

¹⁵ 12º Relatório Trimestral dos Co-Diretores - ETA Projeto 55, 01 de outubro a 31 de dezembro de 1961, p.2. ACH-UFV.

¹⁶ Arquivo Central e Histórico da UFV, RES - Diretoria de Registro Escolar, PPG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, SOC - Secretaria de Órgãos Colegiados.

¹⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Processo de Renovação de Credenciamento do Curso de Pós-Graduação:** Níveis Mestrado e Doutorado – Área de Concentração – Produção Vegetal. Viçosa, 1986, *passim*.

nos apropriamos de novos dados que, por vezes corroboraram com as informações previamente levantadas, nos conduzindo a uma análise ponderada para melhor entendimento e conhecimento do Programa de Pós-Graduação em estudo.

Sabemos que a fonte oral agrega uma dimensão viva ao trabalho do pesquisador, uma vez que possibilita uma construção feita no presente a partir de experiências ocorridas no passado. Através das impressões, vivências e lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade, desfrutamos de um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não nos seria possível conhecer.

Assim sendo, optamos pela técnica da entrevista semiestruturada, devido à necessidade de conseguirmos informações que, provavelmente, não seriam encontradas em registros e fontes documentais. Lembrando que o método de entrevista sempre requer planejamento, preparação teórica e competência técnica, tanto na coleta, como no momento da transcrição e da análise dos dados e que, para a sua execução, foi realizado o pré-agendamento e sua aplicação ocorreu individualmente, em local reservado, garantindo assim a espontaneidade e o não constrangimento do entrevistado.

É importante ter em mente que, ao falarmos de memória, nos deparamos com algumas conceituações específicas para cada uso que se pretende fazer dela. Exemplificando, temos a “memória coletiva e memória individual” de Halbwachs, “memória social” de Le Goff, “lugares de memória” de Nora, “memória como mecanismo de disputa” segundo Pollak, entre outros¹⁸. Ocorre ainda que, à medida que estes conceitos são apropriados, vão recebendo diversas adjetivações, tais como: memória institucional, memória arquivística, memória governamental, memória documental, memória científica, e outras mais.

Isto posto, o que nos interessa é trazer à luz a memória documental e institucional do Programa, ou seja, analisar os documentos que a instituição, de acordo com o contexto social

¹⁸ Maurice Halbwachs afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, ou seja, todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Destaca ainda, que a memória individual pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este pode se alterar de acordo com o lugar em que ocupamos em determinado grupo e em determinado momento. Individualmente, cada integrante do grupo percebe as lembranças transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, dependendo de sua própria experiência. O historiador Jacques Le Goff atribuiu o termo memória coletiva para os povos sem escrita e memória social nas situações cuja documentação escrita confere um suporte material à memória coletiva. Pierre Nora apresenta a categoria “lugares de memória” como sendo um espaço criado pelo indivíduo contemporâneo, para a formação de uma memória coletiva. De acordo com Nora, esses lugares de memória são espaços com triplo sentido: material, funcional e simbólico. Michael Pollak salienta que a memória é constituída por acontecimentos, pessoas, personagens e lugares e ainda apresenta a memória como um campo de disputas e de reconstrução do passado. É neste momento que algumas memórias se sobressaem às outras, tornando-se oficiais e sobrepondo-se às demais, as memórias subterrâneas.

da época, decidiu como sendo importantes para se guardar. Neste ponto, destacamos que esta eleição, intencional ou não, vai de encontro às inferências de Maurice Halbwachs. O autor relata que toda memória pressupõe uma escolha sobre a seletividade, bem como seu processo de negociação para conciliar a memória coletiva e as memórias individuais.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras, para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum.¹⁹

Corroborando com este pensamento, Le Goff nos diz que os documentos e monumentos não são aquilo que sobreviveu do que existiu no passado, mas tratam-se de uma escolha daqueles que vivenciaram o tempo pretérito e do historiador, que é quem opera no desenvolvimento temporal do mundo e se dedica à ciência do passado e ao tempo pretérito. Este autor nos possibilita ainda, fazer uma reflexão acerca do domínio da memória como uma luta de classes, através da imposição de uma memória coletiva que se apresenta favorável às classes detentoras do poder, em detrimento das minorias, dos excluídos e marginalizados.

É neste terreno de disputa entre memória oficial, aquela que nos é passada e perpetuada ao longo dos tempos e memória subterrânea, a que faz o contraponto ao discurso oficial, valendo-se, diversas vezes da oralidade como meio de propagação e sobrevivência, que Michael Pollak ressalta a importância de trazer à tona as memórias subterrâneas, como instrumento de oposição à memória oficial.

Portanto, para enriquecer as discussões a respeito da gênese e evolução do PPG-FIT, objeto de estudo deste trabalho, a pesquisa documental foi complementada pelas entrevistas com alguns atores que estiveram presentes neste percurso, a fim de dar voz ao ainda não-dito.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.²⁰

Com relação à memória, é necessário sublinhar que nas pesquisas bibliográficas que realizamos para este estudo praticamente não encontramos significações específicas para o termo “memória documental”. Contudo, a nosso ver, a definição que mais se aproxima do que consideramos representar uma memória documental, é apresentada por Bellotto:

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 39.

²⁰ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 8.

Como se depreende, a memória é um conjunto de informações e/ou documentos, orgânicos ou não. A memória é referenciadora, e não recolhedora ou armazenadora. Os documentos existem nos seus lugares, sem que se tente reuni-los materialmente. Basta que a informação esteja captada, o objeto identificado, localizado e disponível para o pesquisador.²¹

Ainda segundo a autora, mesmo aqueles documentos que não são dotados de valor permanente podem ser importantes na análise da memória das instituições.

É preciso que os responsáveis pelas políticas de informação/documentação dos diferentes órgãos governamentais estejam cientes de que, uma vez cumprida a razão administrativa pela qual um documento foi criado, este não se torna automaticamente descartável. Sua utilização jurídica pela administração e/ou pela pesquisa histórica poderá ocorrer sempre.²²

Retomando a montagem da memória de um órgão administrativo, não custa reiterar que sua espinha dorsal é o arquivo. Não é preciso referenciar todos os seus documentos de valor permanente, podendo, de outra parte, constar os que não são de valor permanente, mas que possam fornecer dados significativos.²³

Os documentos/arquivos possibilitam ao historiador/pesquisador a investigação dos fatos, considerando que é através das informações neles registradas, pautadas na autenticidade e veracidade, que buscamos uma compreensão do passado ainda que esta seja decorrente de escolhas, entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Nesse sentido, a preservação da memória documental, enquanto elemento primordial para o resgate e manutenção da história institucional, também é uma garantia de acesso às informações, viabilizando a acessibilidade de dados aos cidadãos e tornando-se um importante legado para gerações futuras, que terão a oportunidade de conhecer um pouco melhor o tempo pretérito.

Consoante com o que foi exposto até o momento, Le Goff acrescenta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.”²⁴. O autor nos diz ainda que não há história sem documentos, porém cabe a nós, enquanto historiadores, tomarmos a palavra “documento” no sentido mais amplo, considerando os documentos escritos, ilustrados, aqueles transmitidos pelo som, pela imagem ou qualquer outra maneira que possa expressar os acontecimentos já ocorridos. Deste ponto de vista, nosso desvelo pelas memórias do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia visou

²¹ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005, p. 274.

²² *Ibidem*, p. 27.

²³ *Ibidem*, p. 277.

²⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Irene Ferreira e outros. 5ª. Ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2003, p. 471.

recuperar as lembranças deste curso que é o pioneiro em sua área, no Brasil, e apresenta muitas contribuições ao longo de sua trajetória.

Deste modo, consideramos não apenas importante, mas necessário, narrar a trajetória deste Programa, através do levantamento de informações, coleta e análise de documentos como fotos, depoimentos, Atas da instituição e Relatórios Anuais. Utilizamos também a história oral como recurso para a (re)construção histórica do Programa, buscando contextualizar o processo de criação deste curso e sua contribuição para a melhoria na qualidade da produção agrícola.

Ainda a este respeito, podemos inferir que Pierre Nora pensa a memória social amparada na noção dos lugares de memória, pois considera uma alternativa para compensar o passado que se dissipa. Segundo o autor, o historiador assume cada vez mais um papel central, nesta nova sociedade que opera mudanças de forma cada vez mais veloz. O historiador seria aquele capaz de fazer com que a história não seja apenas história, mas uma narrativa crítica e, neste contexto surgem os lugares de memória que, para ele, são meios de acesso a uma lembrança que já é história, por estar reconstituída de vestígios, restos. "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora."²⁵

O autor também assinala que a busca pelos lugares de memória feita pelo historiador é diferente da busca da sociedade em geral. O historiador procura por estes locais como uma forma de ver o passado com um outro olhar, com a certeza de que este passado não existe mais e de que é impossível resgatá-lo integralmente, enquanto que a sociedade procura os lugares de memória como forma de revivê-los no presente. E Nora ainda acrescenta que "o que nós chamamos de memória, é de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar."²⁶

Embora na instituição existam lugares de memória, como, por exemplo, o Arquivo Central e Histórico da UFV, ressaltamos que a importância deste fascínio pelo passado, conforme colocado por Gumbrecht, é primordial para a constituição e manutenção desses lugares, locais onde é possível selecionar, arquivar e pesquisar sobre os tempos pretéritos. No próprio Arquivo Central, ao procurarmos pelos documentos que caracterizariam os "suportes de memória" do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, conforme apontado por Nora, nos deparamos com inúmeros contratemplos, tais como: arquivos ainda não catalogados, ausência

²⁵ NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, PUC-SP.: Projeto História, n.10, dez. 1993, p. 12.

²⁶ *Ibidem*, p. 15.

de documentos, registros incompletos, páginas destruídas, entre outros. Estes fatores dificultam a realização da coleta dos dados, uma vez que muitos desses registros, apesar de reunidos no Arquivo Central da UFV, ainda demandam certa sistematização para fins de consulta e pesquisas.

Por conseguinte, reconhecemos que toda instituição deve ter a responsabilidade de cuidar da sua memória, do patrimônio histórico que carrega consigo, preservando documentos que ela própria produziu e propiciando ao público interessado o acesso a informações sobre sua história. Os documentos, além de lembranças, são registros que nos revelam momentos que devem ser conhecidos tornando-se objetos que preservem a memória ou sirvam de pesquisa para esta ser construída.

Aliás, adentrando um pouco mais no campo da História, encontramos a História das Instituições, que é um tipo de história dentro de uma dimensão maior e que nas últimas décadas tem se destacado dentro da historiografia. Saviani, ao colocar a questão da reconstrução histórica das instituições escolares no Brasil, nos alerta para o fato de que toda instituição possui uma história que precisamos conhecer. Segundo o autor:

A expressão “reconstrução histórica da escola pública”, do mesmo modo que “reconstrução histórica das instituições escolares”, significa, pois, a reprodução, no plano do conhecimento, das condições efetivas em que se deu a construção histórica da escola pública ou das instituições escolares.²⁷

Para o autor, “Propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras implica admitir a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável, têm uma história que nós não apenas queremos como precisamos conhecer”²⁸.

Deste modo, as experiências vividas durante minha própria trajetória profissional, foram o ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa, que consiste na necessidade de apresentar aspectos da história deste Programa e os possíveis desafios enfrentados por ele ao longo de seus primeiros anos de existência, bem como reunir documentos, fotografias, registros históricos e lembranças guardadas com aqueles que fizeram parte deste processo. Em outras palavras, os elementos que fizeram parte do PPG-FIT, contam sua história e nos ajudam a compreender as perspectivas que envolveram este curso, na época de sua implantação, importante marco para a constituição e desenvolvimento de pesquisas na área das ciências

²⁷ SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação**: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2013, p. 51.

²⁸ *Ibidem*, p. 58.

agrárias, na Universidade Federal de Viçosa. Portanto, reunir os dados encontrados, organizá-los e disponibilizá-los a quem possa interessar, foram também objetivos deste trabalho.

Mediante o ordenamento e sistematização dos dados obtidos através deste estudo, esperamos contribuir para a preservação da memória do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, através da produção do material intitulado “Catálogo de Dissertações” e “Catálogo de Teses”, contendo as pesquisas realizadas nos períodos de 1961 a 1980, para o mestrado e 1977²⁹ a 1992 para o doutorado. Estes catálogos trazem ainda as seguintes informações: 1) Nome do estudante, 2) Data da defesa, 3) Comissão Orientadora, 4) Título do Trabalho e 5) Banca Examinadora.

Encontramos na UFV, mais especificamente na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, PPG, material impresso intitulado: Teses de Pós-Graduação, que contém algumas informações sobre as primeiras defesas de dissertações/teses, porém o período catalogado vai somente até o ano de 1987 e ainda não traz informações sobre a composição da banca examinadora do estudante. Através do sistema Locus - Repositório institucional da UFV³⁰, é possível consultar na página eletrônica, os trabalhos defendidos mais recentemente, a partir do ano de 1983, contudo nem todos estão disponibilizados nesta plataforma. Desta forma, consideramos importante a elaboração dos catálogos, contemplando todos os trabalhos concluídos, defendidos e aprovados no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, nos períodos estabelecidos nesta pesquisa.

Uma vez que não existe nenhum material semelhante e disponível para consulta, seja impresso ou mesmo on-line, consideramos que estes catálogos serão instrumentos de divulgação/preservação da memória e do patrimônio cultural e histórico do Programa. Ressaltamos ainda, que o conceito de patrimônio que aqui empregamos é referente não só aos bens herdados, mas também às experiências e memórias resultantes dos bens produzidos por gerações passadas e reconhecidos como importantes, imbuídos de valor histórico.

Conceituando a expressão “patrimônio histórico” Françoise Choay nos diz que,

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos.³¹

²⁹ Ano em que ocorreram as primeiras defesas no curso de doutorado do PPG-FIT. Os primeiros titulados neste nível foram: Arnoldo Junqueira Netto e Fernando Costa Santa Cecília, ambos orientados pelo professor Clibas Vieira.

³⁰ **Repositório Institucional da UFV.** Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/>>. Acesso em: 18 de nov. 2016.

³¹ CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006, p. 11.

De acordo com a definição de Choay, inferimos que as dissertações e teses desenvolvidas ao longo destes anos no PPG-FIT constituem o conjunto da produção científica do Programa e fazem parte do patrimônio histórico e documental da instituição, pois representam importante potencial de comunicação primária de resultados de pesquisas e investigações. Entendemos que patrimônio significa muito mais que isso, contudo, cuidar deste conjunto, significa resguardar parte da memória do Programa, dando importância ao contexto e às relações que se estabeleceram naquela época.

Ademais, cada vez que refletimos sobre a constituição deste patrimônio, estamos considerando também as diferentes formas de produção do conhecimento, ao longo dos tempos. É através deste exercício de reflexão que construímos nossas concepções acerca do passado, presente e futuro, buscando dar sentido a toda trajetória percorrida. A escrita sobre o passado é também uma operação de escolha, de seleção daquilo que será perpetuado como patrimônio cultural de determinados grupos. É através desses resquícios que se estabelece uma conexão com as gerações passadas, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos sociais que permeiam as sociedades.

E aqui as relações entre patrimônio e memória são estreitas. A simples sobrevivência ao tempo não assegura por si só a condição de transformar em patrimônio histórico um objeto, um vestígio material ou um acervo arquitetônico. E nem mesmo todo o conjunto de restos que sobreviveram à passagem do tempo vieram a se constituir em patrimônio histórico de uma coletividade. O patrimônio é, portanto, resultado de uma produção marcada historicamente. É ao fim de um trabalho de transformar objetos, retirando-lhes seu sentido original, que acedemos à possibilidade de transformar algo em patrimônio. Adjetivar um conjunto de traços do passado como patrimônio histórico é mais do que lhes dar uma qualidade, é produzi-los como algo distinto daquilo para o qual um dia foram produzidos e criados. Da mesma forma que um conjunto de documentos só poderá se transformar em fonte histórica pelo trabalho do historiador, igualmente os objetos que aprendemos a ver como patrimônio histórico só ganharam essa qualidade a partir de uma operação envolvendo diferentes esferas de produção de saberes e poderes.³²

De forma geral, refletir sobre patrimônio consiste no exercício das sociedades em recontar o passado, explorando os traços, restos e indícios deixados no transcurso do tempo. Através destes sinais, o tempo vivido ganha sentido para os grupos presentes, que poderão identificar nestes resquícios objetos diferentes do que realmente eram quando foram criados. Com isso, é possível que alguns desses objetos ganhem certa visibilidade, em detrimento de outros, sendo considerados qualificados, sob certos olhares, para fazer parte de um patrimônio histórico e integrarem o conjunto daqueles que constituirão as lembranças de uma sociedade.

³² GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História, Memória e Patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 01, 2012, p. 102-103.

A constituição e preservação do acervo histórico do PPG-FIT, é fonte para o desenvolvimento de outros projetos, serviços e consultas variadas, dando apoio às ações institucionais. A memória institucional, concebida a partir dos dados de sua própria trajetória, pode ressaltar a importância de cada colaborador dentro deste contexto. O trabalho desempenhado pelas pessoas ganha novo sentido a partir do momento em que elas conhecem a história na qual estão inseridas. Desta forma, os indivíduos podem se transformar em agentes de fortalecimento da cultura, colaborando para sua perpetuação ao longo dos tempos de forma a favorecer a construção de significados e consciência crítica por parte dos mesmos.

Faz-se importante ressaltar que, as pessoas fazem história a todo tempo. E não nos referimos apenas aos “grandes homens”, mas a todos aqueles outros envolvidos nos processos, à grande massa que na maioria das vezes permanece anônima. A História é construída através da participação de todos seus personagens, principais e coadjuvantes.

Sob esse aspecto, apresentamos trecho do poema de Bertold Brecht, poeta e dramaturgo alemão, onde são sugeridas reflexões acerca da participação daqueles que verdadeiramente edificam a história e que nem sempre são lembrados.

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis:
Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída
Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares? [...] ³³

Diante das considerações expostas e partindo do nosso referencial teórico-metodológico, das análises das fontes e documentos sobre o Programa pesquisado e a fim de melhor organizar os resultados desta pesquisa, desenvolvemos este trabalho, que se apresenta dividido em quatro capítulos teóricos.

No capítulo I, intitulado “**O Ensino Agrícola em Minas Gerais e a Trajetória da Escola Superior de Agricultura e Veterinária**”, procuramos posicionar o leitor no cenário histórico no qual se configurava o berço de nascimento do programa de Pós-Graduação em

³³ BERTOLT BRECHT – **Perguntas de um trabalhador que lê**. Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2012/09/07/bertolt-brecht-perguntas-de-um-trabalhador-que-le/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Fitotecnia. Para tanto, apresentamos o contexto histórico/econômico mineiro, buscando responder o porquê de se instalar uma escola agrícola em Viçosa, naquele momento, e ainda, discorremos de forma sucinta, sobre as três fases constituintes da Universidade Federal de Viçosa.

No segundo capítulo, intitulado **“A presença dos convênios internacionais na UREMG/UFV”**, analisamos a atuação dos principais convênios entre a Universidade de Purdue e a antiga UREMG, e como estes participaram na instauração e consolidação dos primeiros programas pós-graduados da instituição. Ainda neste segundo capítulo faremos uma reflexão sobre os efeitos decorrentes da incorporação do modelo norte-americano no ensino de pós-graduação da UFV.

O capítulo três, intitulado **“Os primórdios da pós-graduação no Brasil e na UFV”**, trata de contextualizar a origem da pós-graduação no Brasil, seus aspectos históricos e legais e em seguida, caracterizar o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia na UFV, suas particularidades, transformações ao longo dos tempos e principais atores que contribuíram para sua formação.

A **Parte II** deste trabalho, apresenta os elementos referentes ao que chamamos de “produto” desta pesquisa, ou seja, dois catálogos contendo as principais informações sobre as defesas de dissertações e teses³⁴, ocorridas no programa, nos períodos de 1961 a 1980 e 1977 a 1992, para os cursos de mestrado e doutorado, respectivamente. Também foi desenvolvido o quarto Capítulo, com o título: **Perfil dos estudantes e análise temática das dissertações e teses do PPG-FIT**. Ainda a partir dos elementos reunidos nos catálogos, projetamos disponibilizar estas informações on-line, para consultas aos estudantes da área e demais interessados.

Nos sistemas de busca on-line da UFV, não existe uma ferramenta para consulta de informações sobre as defesas ocorridas no PPG-FIT entre os anos de 1960 até finais de 1980. O que encontramos na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, PPG, foi uma publicação impressa que lista todas as defesas realizadas até o ano de 1980, contendo nome do estudante, título do trabalho, orientador, data da defesa e nível (mestrado ou doutorado).

Para consultas on-line, existe o Sistema Gestor de Pesquisa e Pós-Graduação, SGPPG e o Repositório Institucional da UFV, LOCUS-BBT. O SGPPG é de acesso restrito às coordenações e possui informações sobre as defesas ocorridas a partir do ano de 1988, aproximadamente, enquanto no Repositório Institucional da UFV, LOCUS, encontramos

³⁴ Totalizando 359 trabalhos aprovados, sendo 295 dissertações e 64 teses defendidas nos respectivos períodos.

disponível apenas uma dissertação datada de 1983 e as demais publicações, somente a partir do ano de 1996. No acervo físico da Biblioteca Central da UFV, BBT, encontramos a maioria dos exemplares, no entanto, o que é diferencial nos Catálogos é que eles trazem todas as informações sobre as primeiras defesas, facilitando assim a busca por temas, títulos, nomes e levantamento de dados estatísticos.

Deste modo, acreditamos que o **Catálogo de Dissertações 1961-1980** e o **Catálogo de Teses 1977-1992**, poderão ser importantes instrumentos para manutenção da memória do Programa, recordando aqueles que passaram pelo curso e deixaram suas contribuições, através das pesquisas desenvolvidas, apresentadas e aprovadas. Sua construção, foi também uma necessidade que percebemos no decorrer deste trabalho, de reunirmos estas informações em um local físico e/ou virtual, uma vez que inexistia algo semelhante na Instituição.

Por fim, nas Considerações Finais desta pesquisa, enfatizamos os aspectos importantes que nortearam a trajetória do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, pioneiro em sua área, no Brasil, perpassando brevemente pelos principais pontos explorados neste estudo. Esperamos que nosso trabalho venha contribuir para fortalecer a memória deste Programa e, consequentemente, da Instituição, servindo como base para outros estudos e pesquisas futuras.

PARTE I

Capítulo I

O Ensino Agrícola em Minas Gerais e a Trajetória da Escola Superior de Agricultura e Veterinária

Propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras implica admitir a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável, têm uma história que nós não apenas queremos como necessitamos conhecer.

Dermeval Saviani³⁵

Para efeito de uma melhor compreensão da natureza de nosso trabalho, buscamos contextualizar o momento histórico e econômico pelo qual o Estado de Minas Gerais se encontrava à época da criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, ESAV, pois consideramos ser esta, informação importante e que nos auxiliará na construção do panorama econômico/financeiro que precedia à instauração e estabelecimento da Escola, na cidade de Viçosa.

Antes de voltarmos nossos olhares para o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, objeto central deste estudo, torna-se fundamental retrocedermos no tempo, transportando nosso leitor aos primórdios desta Instituição que, ao longo de seus noventa anos de existência vem acumulando uma vasta experiência em suas diversas áreas de ensino, pesquisa e extensão, além de grande reconhecimento nacional e internacional.

Para tanto, ainda neste capítulo, nos apropriaremos sumariamente das três fases constitutivas da Universidade e como cada uma delas marcou significativamente a instituição no decurso dos anos, contribuindo para que ela se tornasse hoje, uma das melhores do País.

1.1 – Década de 1920: O ensino agrícola mineiro e a criação da ESAV

No início do século XX, ocorreram significativas mudanças na busca por um mundo mais moderno, principalmente em termos de mentalidade e comportamento. De maneira geral, com o ensino não foi diferente. A demanda educacional que se apresentava à época, caracterizava as necessidades da população, cujas mudanças se davam principalmente devido

³⁵ SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: ... Op. Cit.**, p. 58.

ao acelerado ritmo de urbanização, provocado pelo estímulo dado à industrialização ao término da I Guerra Mundial (1914-1918).

No que toca à demanda social de educação, esse processo fez modificar-se substancialmente o seu perfil, introduzindo nele um contingente cada vez maior de estratos médios e populares que passaram a pressionar o sistema escolar para que se expandisse. A estreita oferta de ensino de então começou a chocar-se com a crescente procura.³⁶

Analisando o cenário que antecede e marca os primeiros anos de vida da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, ESAV, conhecido como Primeira República ou República Velha, verificamos que compreende desde a Proclamação da República em 1889 até a chamada Revolução de 1930³⁷. Foi um período marcado por intensos confrontos entre as oligarquias rurais e os militares das Forças Armadas. Também era elevado o número de analfabetos existentes em todo o país cujos índices giravam em torno de 80% da população brasileira³⁸.

Em Minas Gerais, assim como na maior parte do Brasil, após a instauração da República, iniciou-se um processo de modernização na agricultura caracterizado pela transição do trabalho escravo para o trabalho livre e pela introdução de máquinas para auxiliar no processo produtivo³⁹. Deste modo, o ensino agrícola⁴⁰ mineiro surgia como ideário das elites, a fim de capacitar os trabalhadores livres para o manejo das máquinas que se tornavam uma opção para suprir a carência da mão-de-obra agrícola, anteriormente escrava.

O fato é que, durante a maior parte do século XIX, a agropecuária em Minas Gerais constituía-se no emprego de mão de obra escrava e para muitos produtores latifundiários, a abolição trouxe instabilidade e atraso na gestão das atividades agropecuárias. O Estado não estava preparado para lidar com a falta de “operários” e nem possuía estratégias para atrair trabalhadores a fim de atender às demandas da lavoura.

O conteúdo deste conhecimento civilizador, desta moderna pedagogia atribuída à disseminação da instrução agrícola, consistia no aprendizado de conhecimentos práticos sobre a agricultura, através da observação e execução de novas técnicas e

³⁶ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930-1973**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 46.

³⁷ A Revolução de 1930 caracterizou-se como um movimento armado, liderado pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o Golpe de 1930, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes e colocando fim à República Velha.

³⁸ FERRARO, A. R.; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n.2, p. 179-200, 2004, *passim*.

³⁹ Tratava-se ainda da difusão de novos conhecimentos técnicos, valores e culturas agrícolas para melhorar a produtividade no campo e as condições de vida no meio rural. VER: AZEVEDO, Denilson Santos de. *Op. Cit.*, p. 24.

⁴⁰ Vale notar que o ensino proposto naquele momento, voltava-se para a grande massa trabalhadora e visava apenas a educação para o trabalho. A educação intelectual, formadora de dirigentes, ainda não era acessível a esta parcela da população.

tecnologias agrícolas em processo de difusão, consoantes com o próprio estágio de desenvolvimento das relações sociais de produção capitalista no meio rural. A difusão destes conhecimentos práticos e de ordem técnica seria o principal meio da ação pedagógica, com o objetivo de regenerar e disciplinar a população, tida como ignorante.⁴¹

Neste cenário, era conferido à educação agrícola papel fundamental, posto que o conhecimento seria a ferramenta de combate ao atraso em que o Estado mineiro se encontrava, principalmente em relação ao Estado de São Paulo, que apresentava desenvolvimento bem mais satisfatório.

De acordo com Wirth, entre os anos de 1889 a 1937, a agricultura em Minas Gerais evidenciava seus estágios iniciais de modernização⁴². Contudo, a economia mineira não apresentou crescimento significativo nessa época, visto que, após o declínio da mineração, sua população voltava-se para atividades de subsistência mais simples, concentradas apenas no núcleo familiar, focadas no autoconsumo de pequenos grupos. Ocorre ainda que, após a corrida do ouro, muitos mineiros se deslocaram para o leste paulista onde ecoavam promessas de trabalho remunerado. Minas Gerais perdia grande parte de sua força de trabalho, deixando a elite mineira alarmada com a situação que se instaurava no Estado.

Assim caracterizava-se a situação em Minas Gerais, conforme apresentado por John Wirth:

Em 1920, apenas 11% viviam em sedes de municípios e o restante na zona considerada rural. E se as cidades com menos de 5.000 habitantes não forem levadas em conta, a população urbana cai para 5%. Em 1940, 25% da população viviam em cidades, 13% em centros urbanos com menos de 5.000 cidadãos. No entanto, quase todas essas aglomerações com menos de 5.000 habitantes não se diferenciavam o suficiente da zona rural, para manter um estilo de vida realmente urbano. A maioria dependia da sociedade rural, que provia com mercados de fins de semana, serviços básicos e as tradicionais funções religiosas seculares.⁴³

O ensino agrícola já vinha sendo defendido no Estado, mesmo antes à década de 1920, como forma de capacitar mão de obra que atendesse à demanda que se estabelecia no meio rural, frente às novas mudanças e a industrialização incipiente. Também fazia-se necessário a instauração de uma política econômica/educacional que cuidasse do ensino agrícola, a fim de se evitar a tão temida estagnação que ameaçava o desenvolvimento do Estado, devido ao fim da mão de obra escrava. Apesar disso, segundo John Wirth, em Minas Gerais, “o impacto da abolição foi grave no início, embora, de modo geral, tenha sido mais um momento político

⁴¹ AZEVEDO, Denilson Santos de. *Op. Cit.*, p. 32.

⁴² WIRTH, John D. **O fiel da balança**: Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁴³ WIRTH, John D. *Op. Cit.*, p. 63.

decisivo do que o caos socioeconômico que os mineiros a princípio temiam”⁴⁴. Contudo, Minas Gerais, diferentemente de São Paulo, não havia se preparado para a substituição do trabalho escravo nas lavouras cafeeiras.

Pagar salários foi uma experiência dolorosa para muitos fazendeiros que no início sentiam saudades dos tempos de mão-de-obra “supervisionada” (forçada ao chicote) e que se queixavam da falta de trabalhadores fixos, confiáveis e, acima de tudo, barateiros. [...] Os imigrantes começaram a chegar em pequenos números. Provavelmente a maior causa das reduções de mão-de-obra nas áreas do café foi a incapacidade ou má vontade dos fazendeiros em pagar bons salários.⁴⁵

Ao que parece, além dos fatores que nitidamente contribuíram para a migração campocidade⁴⁶, ainda havia presente o fator deslumbramento, que nada mais era que o efeito exercido pelo meio urbano, caracterizado por seu movimento próprio, seus estabelecimentos, escolas, farmácias, pontos de lazer e ofertas de emprego, fazendo com que as pessoas buscassem nesses espaços urbanizados, uma melhor qualidade de vida.

De toda forma, a educação agrícola configurava-se como um projeto de salvação para o desenvolvimento do Estado de Minas Gerais, aprimorando e diversificando o sistema produtivo, inovando em técnicas e métodos, sem contudo, descuidar da cultura cafeeira que ainda era predominante em terras mineiras. Era imprescindível repensar a formação do trabalhador levando em consideração a natureza rural do Estado mineiro.

Assim sendo, o ensino agrícola compreendido durante a Primeira República, foi pensado como uma tática pela elite agrária e instituído pelo Estado não apenas para a formação profissional dos trabalhadores, mas também como forma a garantir sua permanência no campo.

Naquela época, Minas Gerais possuía o maior colégio eleitoral do país e contava com a maior bancada de deputados e senadores no Congresso Nacional, que apresentavam certa preferência e luta pela permanência do Brasil como país de vocação agrícola. Vale lembrar que, desde o início do período republicano, em 1889, com a Proclamação da República, o Estado mineiro sempre mostrou-se obstinado em alcançar o desenvolvimento interno, buscando fortalecer gradualmente, seu poder político e apresentando como principal preocupação a questão do ensino agrícola.

Brasil, anos 20. O país vivia em um regime político dominado pelas oligarquias regionais que se fundamentavam na agricultura. [...] Minas era o maior colégio eleitoral e possuía uma bancada coesa e sintonizada com o Palácio da Liberdade. A

⁴⁴ *Ibidem*, p. 79.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 79-80.

⁴⁶ Fatores como a decadência do ciclo do ouro, os baixos salários pagos pelos empregadores das fazendas mineiras, além dos graves períodos de seca que provocavam sérias ondas de fome e miséria no campo.

oligarquia rural mineira, através das regras da política institucional, tornou-se mestre em fazer valer as suas posições na grande luta pela direção e economia do Brasil.⁴⁷

Com a ascensão de Arthur da Silva Bernardes à Presidência da República, através de eleições diretas, assume o cargo em 15 de novembro de 1922. A partir daí, conforme já anunciado e esperado, o nascimento da escola de Viçosa aconteceria o mais breve possível, visto que já existia uma autorização de criação emitida através da Lei n 761, de 06 de setembro de 1920.

Naqueles tempos, a economia da cidade de Viçosa era baseada em atividades agrícolas, com destaque para o cultivo do café, sendo que somente por volta de 1920, a partir da instalação de pequenas indústrias como as de tecelagens e os pequenos engenhos, surgiriam novos elementos na economia local. Mas foi somente após a instalação da ESAV, em 1926, que a cidade de Viçosa passou por um intenso processo de transformação econômica, principalmente através da urbanização e do crescimento populacional.

Ainda na década de 1920, vigorava no Brasil a política do café com leite, caracterizada por um arranjo político entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, para que somente políticos desses dois Estados fossem eleitos à Presidência da República, em forma de revezamento.

Entretanto, apresentando uma visão diferente da que se manifesta no senso comum, Cláudia Viscardi, contesta a harmoniosa tese da política do café com leite, expondo argumentos que sinalizam que de fato, o que ocorria, era uma grande instabilidade nos acordos entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, principalmente porque ambos possuíam os mesmos interesses políticos. A autora não nega a ocorrência do jogo político configurado nos constantes revezamentos entre os dois estados no poder. O que ela questiona é justamente a ideia de haver uma aliança política, conforme era transmitido, e que na verdade essa aliança harmoniosa, de fato nunca existiu. “O que se contesta é que a aliança entre mineiros e paulistas tenha sido preferencial, permanente e isenta de conflitos.”⁴⁸

Corroborando com este argumento,

Mas a aliança café com leite não se baseava numa genuína reciprocidade de interesses, porque Minas Gerais era a parte mais fraca e tinha de se submeter à vontade de São Paulo na política econômica [...] À medida que esse hiato aumentava, ficavam mais claros seus objetivos na arena federal. À parte da política monetária do café, São Paulo

⁴⁷ LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. **UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa, MG: UFV, Impr. Universitária, 1996, p. 13.

⁴⁸ VISCARDI, Cláudia. M. R. **O teatro das Oligarquias: uma revisão da política do café com leite**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. v. 500, p. 38.

não dependia do governo federal (até à data de 1930) para favores econômicos. Minas ao contrário, tinha uma grande lista de compras.⁴⁹

Neste cenário, Arthur da Silva Bernardes, então Presidente do Estado de Minas Gerais (1918-1922), seria o próximo a ocupar o cargo de Presidente e já havia legislado para criar uma escola de agricultura e veterinária em seu Estado, uma vez que a maior parte da população mineira ainda vivia no campo.

A partir do início da decadência do café na zona da mata mineira e as carências de sua população rural, fez-se ainda mais presente a necessidade de se criar uma escola que ministrasse um ensino agrícola e prático em Viçosa. Essa instituição teria um perfil agrário e seria destinada à realização de pesquisas, estudos e desenvolvimento de técnicas agrícolas úteis e práticas à população rural mineira, em todos os níveis e modalidades.

Isto posto,

A importância da Escola de Viçosa não estava em introduzir em Minas o ensino agrícola de nível superior, uma vez que algumas escolas particulares, subvencionadas pelo poder público, já o ministravam em escala modesta. O que a distinguia era, sobretudo, o fato de ter sido planejada como base para um grande salto no rumo da modernização do campo, pretendida pelo projeto de diversificação produtiva. Isto se revelava, antes de tudo, no porte ambicioso do empreendedorismo, que nasceu para ser grande em sua área, em visível contraste com a tradição de parcimônia nos investimentos da administração estadual. A Escola foi delineada com a feição e a dinâmica de um *college*, por influência de seu principal organizador, Peter Henry Rolfs, diretor da Escola de Agricultura da Flórida, contratado para a tarefa por Arthur Bernardes.⁵⁰

Tal aspiração, de se criar uma escola nos moldes dos *colleges* americanos, antecede a chegada de Rolfs. Arthur Bernardes assim aspirava por saber que eram escolas diferentes, com técnicas de ensino onde teoria e a prática caminhavam juntas. No entanto, Rolfs chegou à Escola de Viçosa para operacionalizar os anseios de Bernardes.

Portanto, inaugurava-se uma nova fase no ensino agrícola mineiro, através da iniciativa do presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur Bernardes, que destinou recursos para promover a criação dos ensinos médios e superiores, deixados até então sob incumbência da iniciativa privada. A Escola mineira, concebida pela elite política da época, seria responsável por formar os futuros gestores agrícolas, assentados em conhecimentos científicos e técnicos.

Quanto à escolha do local que abrigaria a construção da Escola, após visitas às regiões de Ubá, Visconde do Rio Branco, Cataguases, Leopoldina, Juiz de Fora, Ponte Nova e Viçosa, esta última foi a escolhida para sediar as obras. O professor Peter Henry Rolfs, especialista

⁴⁹ *Ibidem*, p. 39. *Apud*: WIRTH, John D. **O fiel da ... Op. Cit.**, p. 252.

⁵⁰ DULCI, Otavio Soares. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 52.

indicado para organizar e dirigir a escola agrícola de Viçosa, fez sua escolha, embora alguns autores salientam para o fato de Arthur Bernardes ser viçosense e haver questões políticas envolvendo a escolha de sua cidade natal.

Quanto à sua situação, o assunto é polêmico. Até hoje há pessoas que pensam ter sido sua localização em Viçosa uma deferência bem brasileira à terra natal do autor da ideia, considerando que, no vasto território mineiro, haveria outros lugares mais apropriados para a instalação da Escola.⁵¹

Capdeville menciona que a comissão encarregada de escolher o lugar para a instalação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, visitou “alguns sítios nas vizinhanças de Ubá, Rio Branco, Viçosa e Ponte Nova, decidindo-se providencialmente, por localizá-la nas proximidades da cidade de origem do Presidente do Estado, Dr. Arthur da Silva Bernardes, isto é, Viçosa”⁵².

Embora inicialmente e talvez ainda atualmente, persistam diferentes opiniões sobre a influência política na preferência pelo local, por também ser a terra Natal do Presidente Arthur Bernardes, em relatório apresentado ao Governo, o professor Peter Henry Rolfs citava fatores importantes que foram considerados na ocasião da escolha, tais como: salubridade, terras convenientes, localização, publicidade, sentimento geral da comunidade, distância do centro de população, colheitas e água⁵³.

Apesar das controvérsias a este respeito, não pretendemos aqui nos aprofundarmos no mérito desta questão, acerca da escolha da cidade natal da ESAV, pois consideramos não ser este o foco principal de nosso trabalho. Desse modo, através do Decreto 6.053, de 30 de março de 1922, ficava estabelecida a localização na qual a escola deveria ser instalada, sendo escolhido o então município de Viçosa.

Como colocado anteriormente, os motivos que levaram à criação da ESAV não eram diferentes daqueles que eram apregoados pela modernização agrária que se fazia tão necessária naquele momento. O ensino agrícola era visto como uma ferramenta capaz de arrebatar a agricultura mineira da estagnação em que se encontrava. E com este pensamento é que foi projetada uma escola superior de ensino agrícola no Estado de Minas Gerais, a ESAV, atual Universidade Federal de Viçosa.

⁵¹ BORGES, José Marcondes. Esboço Histórico. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 20.

⁵² CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1991, p. 85.

⁵³ LISBOA, João Carlos Bello. **História e Atualidade da Escola Superior de Agricultura e Veterinária**, 1935, p. 5.

Desta forma, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária nasce em Viçosa, cidade que sobrevivia basicamente da agricultura. O objetivo principal da Escola era promover o desenvolvimento econômico da região baseado nas atividades agrícolas. Propunha-se um ensino oposto àquele tradicional, assentado em teorias, mas com uma metodologia de ensino que buscava a sintonia entre teoria e prática, aprender a fazer, fazendo. Este método de ensino, inovador para a época, baseava-se nos *Grant Land Colleges*⁵⁴ dos Estados Unidos, país que possuía grande destaque na agricultura moderna. De fato, “A ESAV não evitou a crise da cafeicultura mineira, porém não há dúvidas de que veio contribuir significativamente para a modernização da agricultura de Minas Gerais”.⁵⁵

1.2 - A ESAV, a UREMG e a UFV... Uma instituição, três tempos

Através das análises da documentação encontrada, constatamos que desde sua inauguração em 1926 até sua federalização em 1969, a UFV consolidou-se como uma instituição de caráter agrônomo, desenvolvendo-se muito na criação de cursos de graduação e pós-graduação na área das ciências agrárias, o que é predominante até os dias atuais. Contudo, avançou também nas outras áreas do conhecimento, tornando-se uma instituição eclética no oferecimento de cursos graduados e pós-graduados.

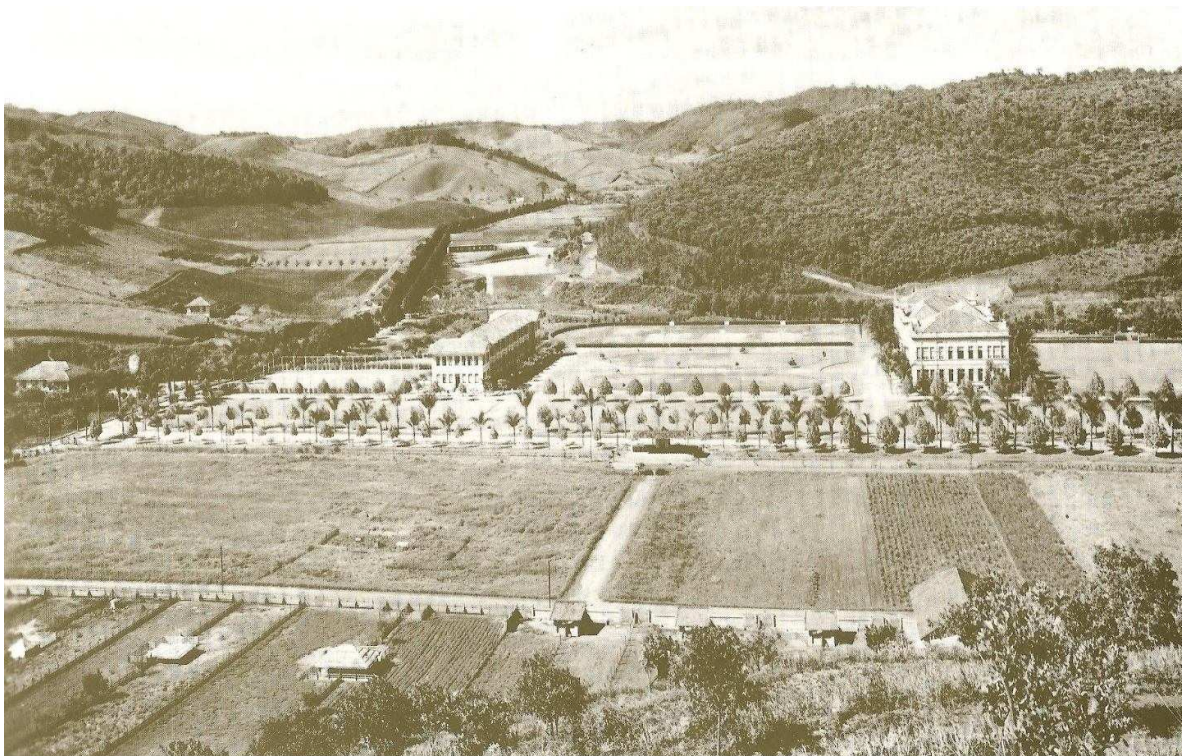
A seguir, descreveremos sobre a trajetória histórica desta instituição, perpassando brevemente pelos três tempos que a constituíram, tornando-a hoje a Universidade Federal de Viçosa.

⁵⁴ Instituído nos Estados Unidos a partir da promulgação da Lei Morrill pelo Congresso Nacional, em 1862, o Land-Grant College se apoiava no princípio da integração do Ensino-Pesquisa-Extensão, na formação do profissional e do homem comum e tinha como objetivo primordial orientar o agricultor e sua família por meio de pessoal técnico treinado para esta finalidade.

⁵⁵ RIBEIRO, M. Graças. M. Caubóis e Caipiras. Os land grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas, n. 19, p. 105-120, abr. 2006, p. 8.

1.2.1 – A ESAV (1926-1948)

Figura 1: Vista parcial da ESAV na década de 1930.



Fonte: LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa. Viçosa, MG: UFV, Impr. Universitária, 1996, p. 21.

A Universidade Federal de Viçosa, UFV, originou-se da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, ESAV, que apesar de por um certo período, ter sido retirada de sua estrutura acadêmica a escola de Veterinária⁵⁶, nunca deixou de ser representada pela sigla ESAV, posto que ainda era conhecida por ser a Escola Superior de Agricultura de Viçosa.

A ESAV, idealizada pelo então Presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes, teve sua autorização de criação emitida através da Lei n 761, de 06 de setembro de 1920. No texto desta Lei, o então Presidente de Minas Gerais, aprovava a criação de uma escola que segundo o seu primeiro regulamento, aprovado em 1926, “terá por objetivo ministrar o

⁵⁶ O Decreto-Lei Estadual nº 824, de 20 de janeiro de 1942, transfere, para Belo Horizonte, o curso de Medicina Veterinária, que passa a constituir a Escola Superior de Veterinária. Em 13 de novembro de 1948, com a assinatura da Lei nº 272, que cria a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, a Escola Superior de Veterinária (com funcionamento em Belo Horizonte) é reintegrada à UREMG. Cf. CAPDEVILLE, Guy. *Op. Cit.*, p. 86: essa transferência, de fato, não se efetivou e, somente através da Lei nº 3.877, de 30 de janeiro de 1961, a Escola de Veterinária foi federalizada e incorporada à UREMG.

ensino prático e teórico de Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentais que concorram para o desenvolvimento de tais ciências no Estado de Minas Gerais”⁵⁷.

A ideia era criar uma Escola Agrícola moderna no Brasil e para isso, ainda em 1920, Arthur da Silva Bernardes pediu a Jose Cochrane de Alencar, Embaixador do Brasil nos Estados Unidos da América, EUA, a indicação de um especialista capaz de “fundar, organizar e dirigir uma Escola Agrícola moderna”. Foi então designado o Dr. Peter Henry Rolfs que na época, era Diretor da Escola de Agricultura da Universidade da Flórida, localizada na cidade de Gainesville⁵⁸. Cabe lembrar que antes do aceite do professor Peter Henry Rolfs, houveram duas outras tentativas, primeiro com o Dr. Eugene Davenport, então Diretor da Escola Superior de Agricultura do Estado de Illinois e, em seguida, com o Dr. Romel, especialista em Zootecnia do próprio Departamento de Agricultura, sendo que ambos se recusaram a virem para o Brasil a esta missão.

O professor Peter Henry Rolfs assume a tarefa de organizar, fundar e dirigir a futura Escola. Assim, dirigiu a implantação do estabelecimento, supervisionou todo o seu planejamento, a construção e estruturação. Acompanhou sua inauguração em 28 de agosto de 1926 e tornou-se o primeiro Diretor da ESAV, em 1927, quando iniciaram as atividades dos Cursos Fundamental e Médio, até 1º de fevereiro de 1929. O professor Rolfs introduziu na instituição a filosofia dos “*Land Grant Colleges*” (escolas superiores agrícolas norte-americanas criadas no século XIX) e, com ela, os princípios de “Ciência e Prática” e do “Aprender Fazendo”.

O emprego dessa metodologia de ensino calcada no aprender fazendo, no aprendizado prático, foi se estabelecendo como um importante postulado para a geração de conhecimentos sistematizados e empíricos, constituindo-se também num outro vetor para a determinação do *ethos* dos *esavianos*, no que concerne ao modo de atuação profissional, independentemente do grau ou nível de formação, do capataz rural, do técnico agrícola ou do engenheiro agrônomo, cuja destinação social e profissional vão sendo instituídas, a partir da década de 1930.⁵⁹

Interessante ressaltar que ainda na ocasião da criação da escola, seus idealizadores já consideravam o seu crescimento e a planejaram com este propósito, embora levando em conta os recursos (principalmente financeiros) que dispunham no momento.

O número de seções necessários à organização completa de uma escola agrícola pode elevar-se a mais de cem, como acontece nos Estados Unidos; há contudo, um número

⁵⁷ MINAS GERAIS. Decreto nº 7.323, de 25 de agosto de 1926. **Aprova o Regulamento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado**. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn:urn:lex:br:minas.gerais:estadual:decreto:1926-08-25;7323>>. Acesso em: 10 nov. 2016. Texto com adaptação ortográfica.

⁵⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Personagens e Pioneiros da UFV**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=peterHenry>>. Acesso em: 2 set. 2016.

⁵⁹ AZEVEDO, Denilson Santos de. *Op. Cit.*, p. 126.

de seções que são fundamentais e de importância básica. E numa escola nova, especialmente em um Estado onde a agricultura científica se estuda como disciplina nova, é prudente limitar o número de seções àquelas que a utilização dos fundos disponíveis e a possibilidade da consecução de estudantes para a frequência de todas seções se tornem necessárias; à proporção que a escola for aumentando a sua popularidade e recursos financeiros, novas seções se lhe podem acrescentar periodicamente.⁶⁰

Conforme palavras do engenheiro civil João Carlos Bello Lisboa, houve ainda a preocupação em adaptar certos termos do planejamento original às condições de vida e educação do povo mineiro e, mais precisamente, da população viçosense.

[...] na Viçosa dos anos 20, os índices de moléstias, doenças e analfabetismo eram muito altos. Muitos foram os esforços em sanar estes problemas. Um destes foi a criação de uma escola primária, mantida por um percentual retirado dos salários dos professores, com a finalidade de sanar o problema do analfabetismo dos operários da obra.⁶¹

E ainda buscando intervir na situação que predominava naquela época:

Ainda no período das construções, Rolfs e Bello Lisboa preocuparam-se com o predominante analfabetismo e criaram uma escola primária diurna para os filhos dos operários. A professora era paga pela Caixa Beneficente, mantida, inclusive, com o desconto de 3 a 4% do salário deles. Mais tarde, a escola foi ampliada com cursos noturnos para os operários e a professora era paga pelo Estado. No fim de 1926 a porcentagem de analfabetos entre os operários havia caído de 80 para 6%.⁶²

Bello Lisboa, contratado como Engenheiro do Estado, em 5 de agosto de 1922, por convite do engenheiro Mário Monteiro Machado, assumiu em 14 de setembro do mesmo ano, a função de engenheiro-auxiliar das obras de Viçosa, iniciadas em 10 de junho, sendo designado engenheiro-chefe em 16 de dezembro do mesmo ano. Conforme consta em seu relatório⁶³, muito trabalhosa foi a construção da Escola, por diversos motivos, tais como: projetos defeituosos, pessoal inabilitado na cidade de Viçosa, dificuldades na aquisição de material de construção, pouca confiança nos destinos da obra, oscilações políticas, etc.

Em razão do vulto das obras e da falta de material de construção na região de Viçosa, decidiu criar vários serviços industriais, como uma pedreira, com grande capacidade de produção, diversas olarias, que produziram os mais de dois milhões de tijolos

⁶⁰ *Ibidem*, p. 10. Texto com adaptação ortográfica.

⁶¹ JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Angelo. A. F.; OBEID, José Antonio. **80 anos de História do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa: UFV; DZO, 2007, p. 5.

⁶² BORGES, José Marcondes. Esboço Histórico. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 24.

⁶³ LISBOA, João Carlos Bello. *Op. Cit.*, p. 9.

consumidos nas obras, uma serraria, uma carpintaria, uma marcenaria, uma ferraria e uma fábrica de telhas de cimento.⁶⁴

Contudo, as obras foram finalizadas e em 1926 atos imediatos do Governo de Minas decretaram Bello Lisboa professor de Engenharia Rural e substituto do Diretor. No final do ano de 1928, assume a Direção da Escola onde permaneceu até 21 de janeiro de 1936, tornando-se assim, o segundo Diretor da ESAV⁶⁵.

Desde os seus primórdios a estrutura e organização da ESAV vai estar ordenada em departamentos, seguindo o modelo de ensino americano. As aulas na instituição iniciaram modestamente, em 1927, com 25 alunos matriculados nos cursos elementares e médios. Seguidamente, no ano de 1928, iniciam as aulas do Curso Superior de Agricultura (Agronomia) e em 1932, foi iniciado o Curso Superior de Veterinária, seguindo o plano preestabelecido originalmente de só ser instalado depois de formada a primeira turma de Engenheiros Agrônomos.⁶⁶

A Escola oferecia a seus alunos cursos nas modalidades breve (curso para capatazes), fundamental, médio, superior e especializado, de acordo com o preparo inicial de cada estudante e seu planejamento futuro. Os cursos breves destinavam àqueles que não podiam frequentar os cursos de maior duração e tinham por finalidade oferecer instruções práticas e imediatas sobre agricultura e veterinária.

É pertinente mencionar que dos primeiros professores da ESAV, três eram americanos: Albert Oliver Rhoad, que assumiu o departamento de Zootecnia, Albert Stanley Muller, lecionou e chefou o departamento de Fitopatologia e Edson Jorge Hambleton, lotado na Seção de Entomologia. Todos foram convidados pelo professor Rolfs e assumiram seus respectivos cargos na ESAV, no ano de 1929.

Ainda é preciso salientar que o professor Diogo Alves de Mello, filho de fazendeiros do Estado do Rio de Janeiro, morou por 15 anos em um *college* nos EUA e veio para o Brasil juntamente com o professor Rolfs. O professor Diogo, integrante do corpo docente da ESAV no período de 1927 a 1953, teve toda sua formação acadêmica nos Estados Unidos e, certamente trouxe para a instituição mineira, os conhecimentos adquiridos no exterior e a predisposição

⁶⁴ LISBOA, João Maria Belo. Bello Lisbôa: Um homem à frente de seu tempo. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 68.

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **História**. Disponível em: <<http://www.ufv.br/a-ufv/a-ufv-historia/>>. Acesso em 20 abr. 2017.

para a pesquisa científica⁶⁷, além de outras características típicas das escolas norte-americanas. Também foi ele quem proferiu a primeira aula na Escola, para alunos do curso médio, em 1º de agosto de 1927.

Presume-se que, buscando repetir o padrão adotado no Iowa State, dos Estados Unidos, onde em uma das entradas existiam quatro colunas, o então diretor da ESAV, professor Rolfs, trouxe o modelo de construção para a Escola de Viçosa, que aqui recebeu o nome de 4 Pilastras. Em meados da década de 1930, o Professor João Moojen de Oliveira, em uma das reuniões gerais que fazia diariamente na Escola, criou a expressão “Ensinar, Saber, Agir e Vencer”, cujas iniciais faziam menção à sigla ESAV⁶⁸. Traduzidas para o latim em *Ediscere, Schire, Agere e Vincere*, tiveram suas inscrições eternizadas na estrutura física das 4 Pilastras da UFV.

Figura 2: Vista parcial das 4 pilastras.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

⁶⁷ Atualmente, o Departamento de Fitotecnia da UFV, possui uma área denominada Campo Experimental Diogo Alves de Mello, onde são desenvolvidos trabalhos de pesquisas com reconhecimento internacional, mantendo-se viva a prática fundada pelo professor Diogo.

⁶⁸ BARBOSA, Lidiany Silva. **Roupa Nova para Velha Senhora Agrária: engenheiros-agrônomos e a modernização no campo.** 2004. 187p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 2004, p. 55.

Com relação às modalidades de ensino oferecidas pela ESAV (1926-1948), o curso fundamental conferia ao estudante o certificado de administrador rural e era de natureza prático-teórica; o curso de Técnico Agrícola, na modalidade de ensino médio, tinha duração de dois anos, também teórico-prático e conferia perícia de uma prática agrícola; o superior de agricultura, teórico-prático, admitia candidatos que tivessem o preparatório⁶⁹ e que prestassem exame vestibular de Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria, Zoologia, Botânica, Física e Química, tinham duração de quatro anos e conferia o diploma de engenheiro agrônomo; o superior de Medicina Veterinária, com duração de quatro anos, também exigia o preparatório e exame vestibular, igual ao superior de agricultura, com exceção do exame de Trigonometria.

Cabe frisar ainda, que o primeiro regulamento da ESAV, o Decreto nº 7.323, de 25 de agosto de 1926, atribuía à Escola o dever de realizar trabalhos experimentais e, mesmo após a modificação deste regulamento em 21 de janeiro de 1927, sob o Decreto nº 7.461, era conservado o dever da Escola de realizar a experimentação agrícola. Essa característica, ainda tão longínqua da criação dos primeiros programas de pós-graduação na instituição, já significava a tendência de um caráter universitário que só foi estendido ao país pela reforma universitária de 1969, com a chamada trilogia ensino-pesquisa-extensão.

Embora funcionando como escola superior isolada, a ESAV desde seus primórdios, desenvolvia experimentos e pesquisas mesmo antes de sua inauguração em 1926. A década de vinte, embora tenha registrado algumas experiências pioneiras, pode ser caracterizada como o período de construção das estruturas que possibilitariam os trabalhos e experiências a serem desenvolvidos nos anos vindouros.

Ainda em 1929, era realizado pela primeira vez, o maior e mais tradicional evento de extensão da atual Universidade Federal de Viçosa, que até hoje busca difundir conhecimentos técnicos das diversas áreas de atuação da Escola, objetivando melhorias na produtividade rural, além de contribuir para o bem-estar do produtor e de sua família⁷⁰. A Semana do Fazendeiro acontece tradicionalmente até os dias atuais, na segunda quinzena do mês de julho. Continua

⁶⁹ Segundo entrevista concedida à TV Viçosa, em maio de 2016, o prof. Flávio Augusto D'Araújo Couto, conta que esse preparatório também era conhecido como curso “Precário”, tinha duração de dois anos e era um treinamento para ingresso na Universidade. Contudo, não fazia parte do quadro de cursos oficiais da Escola. Conforme pode ser verificado em BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação ... Op. Cit.**, p. 124: “Para a admissão ao curso fundamental, o candidato deverá apresentar o atestado de haver concluído o **curso de grupo escolar do Estado**, ou **preparo** equivalente obtido em outro instituto idôneo, a critério do Estabelecimento”. Grifos nossos.

⁷⁰ A primeira “Semana do Fazendeiro” contou com a presença de 39 agricultores sendo realizada e criada por João Carlos Bello Lisboa, Jacintho Soares de Souza Lima e pelos alunos Joaquim Fernandes Braga e José Coelho da Silva, inspirada em visita que Souza Lima, médico e produtor em Ubá-MG, realizara no ano anterior, acompanhado de outros fazendeiros. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=cronologia>>. Acesso em: 01 out. 2016.

sendo prestigiada por produtores rurais de todo o território nacional, internacional e durante toda a semana oferece aos participantes cursos teórico-práticos, palestras, exposições sobre os mais diversos temas como: agricultura, pecuária, zootecnia, educação, nutrição, entre outros.

Alguns autores mencionam a Semana do Fazendeiro como sendo uma ação institucionalizada, considerada como um marco na história da extensão rural do Brasil.

Figura 3: Aula na Semana do Fazendeiro.



Fonte: COMETTI, Ellen Scopel. A Extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV): 1926 – 1948. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG, UFJF, 2005. p. 146.

Conforme Coelho, na ESAV, desde sua construção, os campos de cultivo eram considerados campos de “experiência” que se estabeleciam na instituição à medida que eram construídos os edifícios. Em 1932 já haviam registros de quatro “experiências” para o controle de doenças do fumo, além de já terem sido testadas e descartadas seis variedades. A influência norte-americana marcou intensamente o início das pesquisas na antiga ESAV, e podia ser percebida na dinâmica, no método, nas prioridades e nas problemáticas das pesquisas⁷¹.

⁷¹ COELHO, France Maria Gontijo. **A produção científico-tecnológica para agropecuária: da ESAV à UREMG, conteúdos e significados.** 1992. 243f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 1992, p. 69.

A maneira de ensinar diferenciava a ESAV de outras instituições. Na Escola, o “*learning by doing*”⁷² era um princípio recorrente, símbolo da presença do americanismo, introduzido tanto pelos professores norte-americanos que vieram atuar na instituição, como pelos professores brasileiros enviados para realizarem aperfeiçoamento nos Estados Unidos, a partir de 1937 e que retornavam ao Brasil com essa característica ainda mais acentuada.

Vale destacar que de acordo com Oliver⁷³, em 1932, o professor José de Melo Moraes, diretor da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, ESALQ, esteve em Viçosa para visitar a ESAV, o que resultou na elaboração de um extenso relatório a ser encaminhado ao Secretário de Agricultura do Estado de São Paulo da época, Theodureto de Camargo. O objetivo deste relatório era estabelecer algumas bases para a reforma da ESALQ; reforma esta que incumbiu o professor José de Melo Moraes de verificar a organização da escola em funcionamento na cidade de Viçosa. Neste relatório, o professor Melo Moraes ressalta que a ESAV deveria ser padrão, modelo a ser copiado pelas demais escolas, salientando que era perfeitamente possível ingressar no ensino elementar de agricultura chegando ao ensino superior, porém em um menor número de anos.

No caso da ESAV, os cursos especializados destinavam-se aos portadores de diploma de engenheiro agrônomo ou médico veterinário. Tais cursos, embora dirigissem à formação de cientistas e professores, já possuíam as características primitivas e pioneiras da pós-graduação que iniciaria na Escola, anos depois.

Em relação a estes cursos, presentes na instituição, o professor José de Melo Moraes descreve:

Com seu curso de especialização, que é concluído por defesa de tese, a Escola de Viçosa põe por terra, em Minas o temor generalizado em relação ao doutoramento de agrônomos, - arraigado preconceito, que viceja como erva daninha no Brasil, entrevando o completo êxito do ensino de Agronomia. É que ela concebe o título de doutor aos que façam esse curso [...] os alunos, que pretendem defender tese, permanecerão, já diplomados em curso superior, no próprio estabelecimento, executando trabalhos experimentais. Muitas pesquisas, que os seus professores, por falta absoluta de tempo ou falta de pessoal para isso habilitado, não chegariam jamais a serem feitas, serão efetuadas e convertidas em realidade.⁷⁴

É importante destacar que nos Estatutos aprovados pela Congregação da ESAV em 15 de fevereiro de 1932⁷⁵, já continham itens referentes aos cursos de especialização, em formato

⁷² Processo pelo qual o aprendizado acontece através de atividades experienciais, ou seja, aprender fazendo.

⁷³ OLIVER, Graciela de Souza. **Institucionalização das Ciências Agrícolas e seu Ensino no Brasil/1930-1950**. São Paulo: Annablume, 2009, *passim*.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 119.

⁷⁵ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação ... Op. Cit.**, p. 121.

bastante elementar, mas que já caracterizavam a espinha dorsal do modelo de ensino pós-graduado adotado até hoje pela instituição.

Os cursos de especialização serão organizados, para pesquisas originais e altos estudos sobre agricultura e veterinária, e tem a duração de dois anos. O assunto de especialização deverá ser escolhido, de acordo com as possibilidades do Estabelecimento. Além da matéria escolhida, deverão ser realizados outros estudos, complementares à especialização. Terão cunho individual os estudos de especialização e serão feitos com assistência dos professores.⁷⁶

Com a expansão da Escola, no ano de 1935, após seu completo estabelecimento, já contava com a formação dos seguintes departamentos⁷⁷:

1. Departamento de Agronomia
2. Departamento de Anatomia e Fisiologia
3. Departamento de Biologia
4. Departamento de Cirurgia Veterinária
5. Departamento de Clínica Veterinária
6. Departamento de Economia Rural
7. Departamento de Engenharia Rural e Matemática
8. Departamento de Entomologia e Fitopatologia
9. Departamento de Horticultura e Pomicultura
10. Departamento de Parasitologia e Bacteriologia
11. Departamento de Química
12. Departamento de Silvicultura
13. Departamento de Solos e Adubos
14. Departamento de Tecnologia Agrícola
15. Departamento de Zootecnia

No relatório apresentado pelo professor Bello Lisboa⁷⁸, em 1935, foram enumerados 168 trabalhos científicos que a Escola estava apta a realizar e neste mesmo documento, também era reforçada a possibilidade de ampliação desse número, caso houvesse maiores investimentos financeiros na Escola.

Posteriormente, o segundo diretor norte-americano da ESAV, John Benjamin Griffing, assumiu a direção da escola em 1936 e permaneceu à sua frente até 1939. O professor Griffing era um especialista em genética com vasta experiência em extensão rural. Apesar da escola

⁷⁶ *Ibidem*, p. 124.

⁷⁷ JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Angelo. A. F.; OBEID, José Antonio. *Op. Cit.*, p. 9-10. Texto com adaptação ortográfica.

⁷⁸ LISBOA, João Carlos Bello. *Op. Cit.*, p. 27.

encontrar-se em um período de crise, ele conseguiu enviar vários professores para cursos de pós-graduação fora do Brasil. “Neste sentido, foi durante a gestão de Griffing na ESAV, a partir de 1937, que o governo mineiro passou a garantir a liberação, em fluxo contínuo, de dois docentes da ESAV para treinamento de pós-graduação nos Estados Unidos, ...”⁷⁹

O destino mais solicitado pelos professores que desejavam realizar o treinamento no exterior era, principalmente, os Estados Unidos e ainda alguns países da Europa, como Alemanha, Espanha, França e Inglaterra. Estes professores regressavam à instituição mineira, mais capacitados e habilitados a incrementarem o cenário de pesquisas, já bastante desenvolvido naquele estabelecimento⁸⁰. As viagens iniciaram-se com a saída dos professores Antônio Secundino de São José e Geraldo Gonçalves Carneiro, para cursos de mestrado nos Estados Unidos da América.

A ESAV também recebia dos Estados Unidos especialistas na área de ciências agrárias, os quais vinham à Viçosa para desenvolver programas de extensão ou ministrar cursos de breve duração. Griffing também foi o criador da Revista Ceres⁸¹, primeira de caráter científico editada pela Escola a partir de 1939⁸².

Em relação ao custeio e manutenção da ESAV, foi apresentado pelo professor Bello Lisboa em 1930, a situação financeira da Escola que de acordo com seu relatório, tinha sobrevivido até então, exclusivamente pelos cofres do Estado de Minas Gerais, por suas próprias rendas e pelo subsídio recebido do Instituto Mineiro do Café. Conforme ressaltado, a ESAV era resultado do empenho do povo do Estado de Minas Gerais.

Corroborando com este quadro,

No que tange ao financiamento, há indícios que os problemas financeiros da Escola e seus servidores têm início a partir de 1930, pois é neste ano que identifica-se as primeiras correspondências que tratam do assunto, como a primeira detectada, que data de 18 de junho de 1930, na qual o então diretor Bello Lisboa “se dirige constrangido” ao presidente do Estado Antônio Carlos, solicitando o “restante da verba requisitada a seu favor. Dos quatrocentos contos que tinha requisitado, graças à

⁷⁹ AZEVEDO, Denilson Santos de. *Op. Cit.*, p. 106.

⁸⁰ Interessante mencionar que, embora houvesse forte incentivo aos professores brasileiros, para que estes pudessem tirar o título de Master of Science ou de Doctor of Science, nos Estados Unidos, havia grande sacrifício para os docentes casados, pois as bolsas de estudo disponibilizadas não permitiam que as famílias viajassem com eles. Ver: VIEIRA, Clibas. **O Feijão e Eu – Memórias de um ex-aluno da ESAV**. Viçosa: Imprensa Universitária. 1996, p. 32.

⁸¹ Periódico originado na ESAV, em 1939, inicialmente com o nome Ceres e ampliado para Revista Ceres em 1944. Sua primeira diretoria foi constituída pelos professores Nello de Moura Rangel, Geraldo Gonçalves Carneiro, Octavio Drummond, Edgard de Vasconcellos Barros e Arlindo de Paula Gonçalves. Vale mencionar que na galeria de personagens que compuseram o quadro da revista, destacou-se o nome do professor Clibas Vieira, Editor e Presidente da Comissão Editorial, no período de 1972 a 1973 e de 1975 a 2004.

⁸² UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Personagens e Pioneiros da UFV**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=john>>. Acesso em: 2 set. 2016.

bondosa intervenção de V. Excia., recebi apenas oitenta e sete contos, com os quais satisfiz o pessoal, que ainda tem três meses em atraso.”⁸³

Outras correspondências da época apontavam a permanência desta dificuldade financeira e até mesmo a impossibilidade da Escola prosseguir com seus trabalhos se não houvesse o repasse urgente das verbas, para pagamento de professores e empregados que já estavam há mais de seis meses sem receber seus vencimentos⁸⁴.

A ESAV, “por mais isenta que fosse em termos políticos, trazia a marca do bernardismo, num momento da vida nacional caracterizado por movimentos de cunho liberal, fascista e comunista e pelo gradativo endurecimento do regime de governo estabelecido por Vargas e seus interventores estaduais.”⁸⁵

E ainda,

Se a ESAV sobreviveu à política fiscal desses órgãos federais responsáveis pela supervisão do ensino agrícola, isto não a impediu de ter sido marginalizada pelo governo do Estado de Minas Gerais, sobretudo após 1934 e durante a vigência do Estado Novo, principalmente pelo fato da imagem da ESAV estar associada ao bernardismo, uma das lideranças políticas do Estado de Minas, contrária ao governo de Vargas e de seus interventores, o que acarretou um período de estagnação e de enfraquecimento institucional.⁸⁶

Este quadro de instabilidade política, de crise econômica era o que marcaria a passagem da ESAV para a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG. Todavia, mesmo com tantas dificuldades encontradas, pelos professores e funcionários em geral, o empenho de todos no enfrentamento desses obstáculos era perceptível e reforçava ainda mais a presença do *espírito esaviano*⁸⁷ na Escola.

1.2.2 – A UREMG (1948-1969)

Em 1948, formou-se uma comissão constituída por professores da ESAV, sob a presidência de Américo René Gianetti, então secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais (1947-1951), com a incumbência de redigir um Projeto de Lei para que a Escola fosse repassada aos cuidados do Governo do Estado de Minas Gerais.

⁸³ AZEVEDO, Denilson Santos de. *Op. Cit.*, p. 91.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 91-94.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 102.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 107.

⁸⁷ Sentimento reinante na escola, que une todo um grupo, caracterizado pelos diversos segmentos da instituição; fortalece os laços de pertencimento à Universidade, amparado nas quatro palavras bases da fundação “Estudar, Saber, Agir e Vencer”, cujas letras iniciais de cada verbo fazem referência ao primeiro nome do estabelecimento.

Por conseguinte, em 13 de novembro de 1948, através da Lei 272, assinada pelo Governador do Estado, Dr. Milton Soares de Campos, Dr. Américo René Gianetti, Secretário de Agricultura e Dr. José de Magalhães Pinto, Secretário de Finanças, a ESAV era transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG, que seria inicialmente constituída pelos seguintes estabelecimentos e órgãos: Escola Superior de Agricultura; Escola Superior de Veterinária; Escola Superior de Ciências Domésticas; Escola de Especialização (pós-graduação); Serviço de Experimentação e Pesquisa e Serviço de Extensão⁸⁸.

Posteriormente, foram incluídas também as Escolas Média de Agricultura (1955) e Superior de Florestas (1964). Desta forma, o Governo do Estado procurava atender ao desenvolvimento da Escola, oferecendo o ensino nos níveis médio, superior e pós-graduado.

Desde sua criação em 1948, até a federalização em 1969, a UREMG experimentou notável expansão em diversas áreas do conhecimento. Podemos enumerar os seguintes acontecimentos: progressiva e contínua ampliação da experimentação e pesquisa, fortalecimento e fixação de inúmeros convênios, principalmente a partir da década de 1950, criação da Escola Superior de Economia Doméstica (1952), incorporação da Escola Média de Agricultura de Florestal, EMAF, instalação da Escola Nacional de Florestas (1960), início formal das atividades de pós-graduação *stricto sensu*, em 1961, criação do Colégio Universitário em 1965, hoje, CAP-COLUNI, entre outros.

O texto do Estatuto da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais⁸⁹, aprovado em 25 de maio de 1950, em seu Art. 3º, já previa como uma das finalidades da instituição formar especialistas, principalmente nos diversos ramos da ciência agrícola e da veterinária. Sabemos ainda que a pesquisa na instituição remonta a seus anos iniciais de funcionamento, conforme mencionado anteriormente.

Ainda a partir dos anos de 1950, no Brasil e mais precisamente na UREMG, iniciava-se um intenso processo de modernização da produção agrícola, a partir da difusão de novos conhecimentos e técnicas. No entanto, este processo de renovação em parte atendia aos interesses da oligarquia agrária nacional e do governo norte-americano, que objetivava manter nosso país como agroexportador, mas subordinado ao mercado internacional sob seu controle e ainda parceiro político no contexto da Guerra Fria que já estava estabelecida⁹⁰.

⁸⁸ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação ...** *Op. Cit.*, p. 135.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 142.

⁹⁰ RIBEIRO, M. Graças. M. Educação Superior e Cooperação Internacional: o caso da UREMG (1948-1969). In: **VII Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana**, 2005, Quito, p. 53.

Nesse mesmo período, conforme Santos⁹¹, durante a década de 1950, os Estados Unidos lançam diversos programas de assistência aos “países amigos”, entre eles, o Brasil. Estes acordos implicavam uma série de convênios entre escolas e universidades norte-americanas e brasileiras por meio de intercâmbio de estudantes, pesquisadores e professores. Os cursos de graduação já não eram mais suficientes para atender às necessidades impostas pelo avanço da ciência e da tecnologia assim como as demandas do mercado de trabalho. Fatores como o crescimento célere da população urbana, relativo aumento do número de pessoas escolarizadas e ainda ampliação do número de escolas superiores, faz com que a pós-graduação passe a ser vital nas instituições de ensino superior.

Os convênios estabelecidos com os Estados Unidos ainda no final dos anos de 1950, em muito influenciaram a filosofia de trabalho na UREM. Decerto que, “Esta influência tem início na história da Instituição, quando Bernardes resolve trazer um profissional americano para fundar e construir o *Land Grant College* mineiro”⁹². A Universidade experimentava, a partir de então, uma nova fase de crescimento e novas experiências trazidas com os acordos estabelecidos com instituições norte-americanas. Mais adiante no Capítulo II, trataremos especificamente sobre estes convênios e seus principais impactos na instituição.

A UREM foi uma fase intermediária da história da Escola de Viçosa que conheceu uma dinamização e expansão de suas atividades, as quais a preparariam para uma expansão ainda maior: aquela que viria com a federalização. De uma forma ou de outra, a influência americana teve um papel significativo nesta preparação para o crescimento da Universidade.⁹³

Convém ressaltar que, com o início do estabelecimento dos cursos de pós-graduação em 1961, a UREM precisava passar por uma reorganização em sua estrutura acadêmica. Diante de tal situação, no ano de 1965 o novo Estatuto era aprovado pelo Decreto nº 8.484, de 14 de julho de 1965, e dispunha em seu Art. 1º, que a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, com sede em Viçosa, seria uma entidade autárquica, de personalidade jurídica de direito público. Ainda em seu Art. 50, § 3º indicava que “os cursos de pós-graduação têm por fim aperfeiçoar conhecimentos, quer pelo desenvolvimento dos estudos feitos nos cursos de graduação, quer pelo estudo mais aprofundado de uma de suas partes”⁹⁴.

⁹¹ SANTOS, C. M. Tradições e contradições da Pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, São Paulo, v. 24, p. 627-641, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a16v2483.pdf>>. Acesso em 24 out. 2016.

⁹² LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. *Op. Cit.*, p. 53.

⁹³ *Ibidem*, p. 55.

⁹⁴ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação ...** *Op. Cit.*, p. 238.

Este novo Estatuto concedia à Escola de Pós-Graduação a elaboração de seu próprio Regimento Interno e ainda conforme o Art.102 “§ 1º - Aos alunos dos cursos de pós-graduação serão conferidos diplomas de M. S. (Magister Scientiae) ou de D. S. (Doctor Scientiae), após a conclusão de curso de um e três anos no mínimo, respectivamente, e de defesa de tese, realizada de acordo com o Regimento da Escola de Pós-Graduação”⁹⁵.

Curioso destacar que neste período, ainda não havia nenhuma norma reguladora para os cursos de pós-graduação no Brasil. O Parecer 977/65, do Conselho Federal de Educação, que viria a ser publicado somente em dezembro de 1965, consolidava a pós-graduação brasileira nos moldes americanos e determinava suas funções, objetivos e critérios de funcionamento. Tais coordenadas a UREMG já possuía muitos anos antes da publicação do Parecer, com a Escola de Especialização, criada em maio de 1950 e denominada Escola de Pós-Graduação a partir de fevereiro de 1965, estando nesse sentido, à frente do contexto nacional da época.

Ainda assim, embora os programas de pós-graduação da UREMG não tenham se expandido muito durante os 21 anos que a escola ficou sob a responsabilidade do Governo Estadual, conforme podemos observar mais adiante, no Quadro 2 e Gráfico 1 deste capítulo, entendemos que já aconteciam os movimentos necessários⁹⁶ para que novos programas pudessem ser iniciados tão logo fosse possível. Fazemos esta inferência visto que até o ano de 1968, antes de ocorrer a federalização, a UREMG contava com quatro programas de pós-graduação stricto sensu: 1) Economia Rural (atual Economia Aplicada), 2) Extensão Rural, 3) Fitotecnia e 4) Zootecnia. Na década que se segue, estes números dobram, sendo oferecidos oito novos cursos⁹⁷ e ainda o nível de doutorado para os de Economia Rural, Fitotecnia e Zootecnia.

A federalização da Escola, tornou-se fundamental quando as dificuldades financeiras do Estado já comprometiam seu pleno desenvolvimento.

Quando o contrato da Universidade de Purdue com a UREMG foi estabelecido em 1958, a Universidade pertencia ao governo estadual. A instituição passava por uma grande crise financeira, o que resultou em constantes pedidos por parte dos cientistas brasileiros para que o Projeto Purdue intermediasse acordos para obtenção de recursos. Os relatórios trimestrais redigidos pelos diretores do projeto e enviados para os Estados Unidos demonstram uma situação de intensa fragilidade.⁹⁸

⁹⁵ *Ibidem*, p. 245.

⁹⁶ Estes movimentos eram caracterizados pelo treinamento de professores nos Estados Unidos, celebração de importantes convênios, divulgação dos programas pós-graduados oferecidos pela Escola, entre outros.

⁹⁷ Os cursos criados na instituição entre os anos de 1968 a 1978 foram: Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal), Engenharia Agrícola, Microbiologia Agrícola, Ciência Florestal, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Genética e Melhoramento, Agronomia (Fitopatologia) e Agronomia (Solos e Nutrição de Plantas).

⁹⁸ SILVA, Gustavo Bianchi; BOTELHO, M. I. V. Os convênios internacionais entre a Universidade de Purdue e UREMG/UFV: A ciência em rede (1958-1973). **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 16, 2015, p. 56.

Para a UREMG, este árduo período se arrastou até o ano em que ocorreu de fato sua federalização, em 1969, sendo que, “com constantes dificuldades, particularmente relacionadas com o atraso do pagamento dos servidores da Instituição, informavam-se sobre o que se passava na esfera federal”⁹⁹. Neste ponto a federalização da Escola já não era mais uma opção, e sim, uma necessidade.

1.2.3 – A UFV (1969 ...)

A federalização da UREMG foi resultado de um extenso processo, que se iniciou na década de 1950. Através da Lei nº 2.470, de 28 de abril de 1955¹⁰⁰, assinada pelo presidente em exercício, Carlos Luz, e pelo ministro Costa Porto, foi determinado que a Escola fosse beneficiada pela Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950, concedendo subvenções federais à UREMG.

Seguindo o pioneirismo, apesar de todas suas dificuldades econômicas, a UREMG possuía uma base sólida e um desenvolvimento bem estruturado, fazendo com que adquirisse renome por todo o país, o que certamente serviu de motivação para que fosse federalizada pelo governo, em julho de 1969. Dentre muitos fatores que contribuíram para facilitar a federalização da UREMG, podemos citar:

[...] 3. O extraordinário crescimento e expansão da UREMG, principalmente ao longo do Governo José de Magalhães Pinto. 4. O sucesso reconhecido e proclamado do Projeto Purdue-UREMG, graças à sua notável colaboração em todas as áreas. 5. Os numerosos convênios e ajudas financeiras recebidas não apenas de fontes governamentais mas especialmente das Fundações Ford e Rockefeller. 6. O prestígio conquistado pela Universidade em áreas oficiais e privadas, não apenas do País, mas também do exterior, resultante da excelência de seus trabalhos, probidade e registros de pioneirismo. [...] ¹⁰¹

A passagem da UREMG para o governo federal, ocorre através do Decreto-Lei nº 570, de 08 de maio de 1969, retificado pelo Decreto-Lei nº 629, de 16 de junho de 1969, onde foi autorizada a instituição da Universidade Federal de Viçosa, sob a forma de fundação de direito

⁹⁹ MAGALHÃES, Edson Potsch. Federalização da UREMG. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 109.

¹⁰⁰ Através desta Lei, foi determinada uma consignação anual à UREMG de uma subvenção não inferior a nove milhões de cruzeiros.

¹⁰¹ MAGALHÃES, Edson Potsch. Federalização da UREMG. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 113.

público, criada pelo Decreto Federal nº 64.825, de 15 de julho de 1969, sendo-lhe incorporada a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

Em 1969, quando a UREMG foi federalizada, transformando-se em Universidade Federal de Viçosa, havia na instituição quatorze departamentos – Departamento de Solos e Adubos, Departamento de Economia Rural, Departamento de Microbiologia, Departamento de Fitopatologia, Departamento de Zootecnia, Departamento de Biologia, Departamento de Tecnologia de Alimentos, Departamento de Defesa Fitossanitária, Departamento de Veterinária, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Genética, Experimentação e Biometria, Departamento de Silvicultura e Departamento de Agronomia e Horticultura.¹⁰²

Vale lembrar que, no panorama nacional, a UFV foi federalizada no ano em que o Brasil tinha como Presidente da República, o então general do exército, Emílio Garrastazu Médici. Seu período na presidência (1969-1974) ficou conhecido historicamente como Anos de Chumbo¹⁰³, considerado o mais duro e repressivo de todo o regime militar. Esses anos foram marcados com forte censura a todos os meios de comunicação, ocasionando em prisões, muitas vezes, tortura e até mesmo exílio forçado de inúmeros professores, políticos, músicos, artistas e escritores.

É neste cenário que ocorre a federalização da UFV, que ainda mantinha nas ciências agrárias, seu principal foco de investimentos para pesquisas. Sua passagem para o governo federal também coincidiu com o período em que se acentuavam os trabalhos voltados para a agropecuária, que embora tenham se iniciado anteriormente no Brasil, foram efetivamente ampliados e intensificados após a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente entre os anos de 1950 a 1970¹⁰⁴.

Não poderíamos deixar de mencionar também que, com a federalização da UFV, o espaço urbano viçosense começa a ser alterado em função do novo quadro que se configurava. Em crescente desenvolvimento, a instituição começou a demandar uma nova infraestrutura da cidade, buscando atender a população que chegava a Viçosa, formada por estudantes, professores, funcionários e pessoas provenientes de outras regiões do país, que vinham em busca das oportunidades oferecidas pela Universidade.

¹⁰² RIBEIRO, M. Graças. M. Educação Superior e ... *Op. Cit.*, p. 61.

¹⁰³ Expressão utilizada para designar o período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, iniciado em 1968, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em 15 de março de 1974.

¹⁰⁴ Período em que ocorreram mudanças significativas nos modos tradicionais de produção vistos até então no Brasil. A intensificação da agricultura começa a ser realizada por muitos países desenvolvidos e em desenvolvimento, sendo frequentemente denominada Revolução Verde. A partir dos anos 1960, com a “modernização” da agricultura, destacam-se as mudanças nas práticas agrônômicas e a incorporação de novas tecnologias até então importadas. Surge um aumento da demanda de produtos agrícolas no mercado externo e de matérias-primas no mercado interno e ainda uma reestruturação política e econômica a partir do pós-guerra, consolidada com o golpe militar no Brasil.

A princípio, professores, funcionários e alunos residiam nas dependências do campus. No entanto, a criação de novos cursos, a ampliação do número de vagas e, principalmente, a federalização da instituição, no final de década de 1960, contribuíram para que sua comunidade extrapolasse as “Quatro Pilastras”. Viçosa então, passou por um desenvolvimento do setor de prestação de serviços e se distancia das atividades ligadas ao campo, assiste ao crescimento acelerado de seu espaço urbano e passa a ser vista como polo captador de estudantes e professores. Além disso, a cidade passou a atuar como polo difusor de cultura, educação e emprego.¹⁰⁵

A partir desse novo cenário, a cidade respondia crescendo de forma desordenada, visto que o poder público municipal estava despreparado para administrar tão rapidamente esta nova demanda que surgia em função do avanço da Universidade.¹⁰⁶

Com a federalização, agora a Fundação Universidade Federal de Viçosa, em seu primeiro Estatuto de 1970, incluía em sua estrutura o Conselho Técnico de Pós-Graduação, com autonomia própria e competências específicas, assim definidas: propor os requisitos mínimos de cursos de pós-graduação, atendidas as normas gerais estabelecidas pelo Conselho Federal de Educação; opinar sobre áreas de pós-graduação e os requisitos estabelecidos para cada uma delas; opinar a respeito de professores para atuarem no campo de pós-graduação; aprovar os nomes de candidatos à obtenção de diplomas de pós-graduação; aprovar a admissão de estudantes em curso de pós-graduação, indicados pelas respectivas áreas; opinar sobre a fixação de vagas nas áreas de pós-graduação; elaborar o Regimento de Pós-Graduação, para aprovação da Coordenação de Ensino, pesquisa e Extensão; elaborar o programa geral das atividades de pós-graduação para aprovação da Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão e promover o desenvolvimento das atividades de pós-graduação na Universidade¹⁰⁷.

Sobre a constituição do Conselho de Pós-Graduação, de acordo com o Estatuto da UFV de 1970, é interessante ressaltar que o mesmo seria composto pelo Chefes de Departamentos envolvidos na pós-graduação e por representantes de cada área de pós-graduação, eleitos entre seus pares.

Convém observar que, no ano de 1969, a UFV possuía em seu quadro, quatro programas de pós-graduação em nível de mestrado. A partir da década de 1970, após os investimentos e suporte do governo federal, esses números começam a apresentar um significativo aumento, conforme apresentado no quadro a seguir:

¹⁰⁵ MARTINS, Walkiria Maria de Freitas. **A pena e o compasso:** políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana de Viçosa - MG, entre 1980 e 2010. 2016. 277f. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 2016, p. 49.

¹⁰⁶ Encontramos diversos trabalhos de cunho acadêmico que tratam especificamente sobre a relação estabelecida entre a federalização da UFV e o crescimento desordenado da cidade de Viçosa, contudo não nos aprofundaremos neste quesito por considerarmos que afasta-se do cerne desta pesquisa.

¹⁰⁷ BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação ... Op. Cit.**, p. 303.

Quadro 2: Programas de Pós-Graduação da UFV e década de início.

Década	Total de Programas Criados	Nome do Programa
1960	4	ECONOMIA APLICADA
		EXTENSÃO RURAL
		FITOTECNIA (PRODUÇÃO VEGETAL)
		ZOOTECNIA
1970	8	CIÊNCIAS AGRÁRIAS (FISIOLOGIA VEGETAL)
		AGRONOMIA (FITOPATOLOGIA)
		AGRONOMIA (SOLOS E NUTRIÇÃO DE PLANTAS)
		CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS
		CIÊNCIA FLORESTAL
		ENGENHARIA AGRÍCOLA
		GENÉTICA E MELHORAMENTO
		MICROBIOLOGIA AGRÍCOLA
1980	3	AGRONOMIA (METEOROLOGIA APLICADA)
		AGROQUÍMICA
		ENTOMOLOGIA
1990	5	ENGENHARIA CIVIL
		BIOQUÍMICA APLICADA
		BOTÂNICA
		ECONOMIA DOMÉSTICA
		MEDICINA VETERINÁRIA
2000	15	CIÊNCIA DA NUTRIÇÃO
		ADMINISTRAÇÃO
		BIOLOGIA ANIMAL
		BIOLOGIA CELULAR E ESTRUTURAL
		CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO
		ECONOMIA
		EDUCAÇÃO
		EDUCAÇÃO FÍSICA
		ESTATÍSTICA APLICADA E BIOMETRIA
		FÍSICA – UFV
		FÍSICA APLICADA
		LETRAS
		MATEMÁTICA
		TECNOLOGIA DE CELULOSE E PAPEL
		ZOOTECNIA (PROFISSIONAL)
2010	13	ARQUITETURA E URBANISMO
		ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM REDE NACIONAL
		AGROECOLOGIA
		AGRONOMIA (PRODUÇÃO VEGETAL)
		CIÊNCIAS DA SAÚDE
		DEFESA SANITÁRIA VEGETAL
		ECOLOGIA
		ENGENHARIA QUÍMICA
		ENSINO DE FÍSICA – PROFIS
		MANEJO E CONSERVAÇÃO DE ECOSISTEMAS NATURAIS E AGRÁRIOS
		MATEMÁTICA EM REDE NACIONAL
		MULTICÊNTRICO EM QUÍMICA DE MINAS GERAIS
		PATRIMÔNIO CULTURAL, PAISAGENS E CIDADANIA

Fonte: Plataforma Sucupira. Elaborado pela autora.

No Estatuto da UFV, aprovado pela Portaria Nº 465 de 1 de Junho de 1978, é mantido o Conselho de Pós-Graduação em sua estrutura. Finalmente, em 1996, pela Resolução 14/96, o Estatuto de 1978 é alterado pela Resolução nº 14/96/CONSU, de 20.9.1996, e Portaria Ministerial nº 243, de 27.2.1997, publicada no Diário Oficial da União em 28/02/97. Em seu Artigo 21, surge na Estrutura da UFV a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, vinculada à Reitoria.

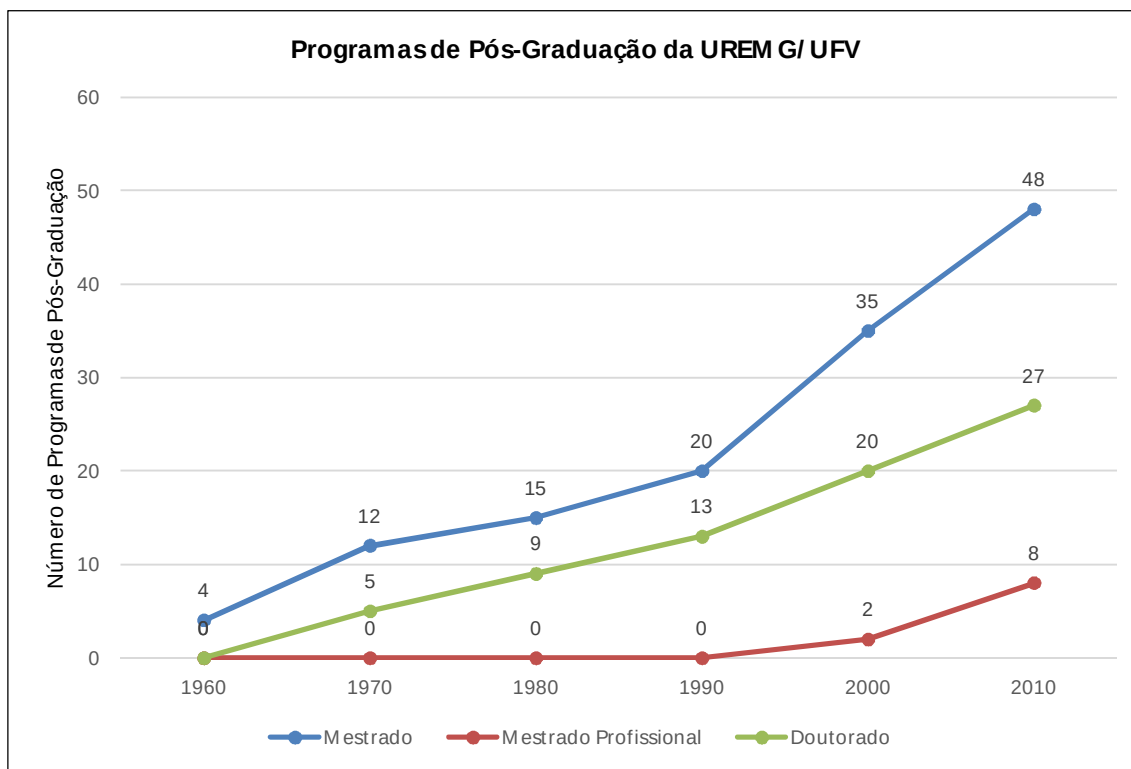
Ainda de acordo com esta Resolução, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, PPG, tem autonomia para definir seu regimento interno, bem como a composição do conselho técnico. A PPG possui como missão “definir e executar políticas de incentivo à pesquisa, pós-graduação, iniciação científica e capacitação de recursos humanos”¹⁰⁸.

A UFV continuou seu processo de expansão criando novos *campi* universitários no ano de 2006, um na cidade de Florestal e outro em Rio Paranaíba, ambos municípios mineiros. Atualmente, estes dois *campi* oferecem cursos superiores e de pós-graduação, sendo que em Florestal também são ofertados cursos de nível médio e técnico.

No que tange à pós-graduação, nos últimos anos a UFV expandiu significativamente a oferta de cursos *stricto sensu*, em nível de mestrado e doutorado. Enquanto na década de 1960 havia na instituição 4 programas de pós-graduação, atualmente são ofertados um total de 48 programas neste nível de ensino. Foram aproximadamente 2750 alunos matriculados no ano de 2016. O gráfico a seguir demonstra o crescimento do número de Programas de Pós-Graduação, *stricto sensu*, na instituição.

¹⁰⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**. Disponível em: <http://www.ppg.ufv.br/?page_id=627>. Acesso em: 6 jun. 2017.

Gráfico 1: Evolução dos Programas de Pós-Graduação da UREM G/UFV.



Fonte: Plataforma Sucupira. Acesso em 17 set. 2016. Elaborado pela autora.

Atualmente, o Departamento de Fitotecnia, DFT, integrante do Centro de Ciências Agrárias da UFV, contabiliza em seu corpo de profissionais, 45 docentes e 102 servidores técnicos administrativos, sendo que, aproximadamente 90% do total de docentes são orientadores do PPG-FIT.

Para atender ao volume e à qualidade do ensino e da pesquisa em Fitotecnia, além de outras infraestruturas, o PPG-FIT tem à sua disposição 33 laboratórios, todos supridos com equipamentos atualizados e plenamente em atividade.

1. Agroecologia e Cultura Orgânica;
2. Agroenergia;
3. Análise de Frutas;
4. Análise de Rotina de Sementes;
5. Biologia Celular;
6. Biologia Molecular;
7. Biotecnologia e Melhoramento;
8. Cultura de Tecidos I;

9. Cultura de Tecidos II;
10. Ecofisiologia e Produtividade Vegetal;
11. Fibras e Carboidratos;
12. Física do Solo;
13. Fisiologia do Estresse e Produtividade de Plantas;
14. Fisiologia Pós-Colheita;
15. Fotointerpretação;
16. Gênese e Morfologia do Solo;
17. Genética de Soja;
18. Herbicida na Planta;
19. Herbicida no Solo;
20. Homeopatia Geral;
21. Manejo de Recursos Genéticos;
22. Melhoramento de Hortaliças;
23. Métodos Analíticos em Biologia;
24. Nutrição Mineral de Plantas;
25. Pesquisa em Sementes;
26. Plantas Medicinais;
27. Preparo e Limpeza de Sementes de Hortaliças;
28. Progenies de Hortaliças;
29. Qualidade e Genética Fisiológica de Soja;
30. Química e Fertilidade do Solo;
31. Recursos Genéticos para Melhoramento de Soja;
32. Relação Solo-Planta;
33. Sedimentologia e Classificação do Solo.

O Laboratório de Biotecnologia e Melhoramento tem caráter multiusuário e conta com equipamentos de ponta para análises moleculares, como termocicladores, termociclador em tempo real, HPLC, microcentrífugas, dentre outros.

O Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, além de laboratórios, dispõe de uma vasta área experimental (campo, casas de vegetação, estufas para estudos com cultivo protegido):

- 1 - Quatro câmaras frias;
- 2 - Três câmaras secas;
- 3 - 14 casas-de-vegetação;

- 4 - 72 ha de área de campo de experimentação no município de Viçosa;
- 5 - 70 ha no município de Araponga-MG;
- 6 - 30 ha no município de Coimbra-MG;
- 7 - 95 ha no município de Visconde do Rio Branco-MG;
- 8 - Aproximadamente 40 ha na Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro, em Capinópolis-MG; e,
- 9 - Aproximadamente, 80 ha na Central de Desenvolvimento Agrário de Florestal, em Florestal-MG;
- 10 - 60 ha da Estação Experimental de Cana-de-Açúcar, em Oratórios-MG.

Todas estas áreas experimentais são de propriedade da UFV, abrangendo, portanto, diversas regiões no Estado de Minas Gerais. Para a realização das pesquisas em campo, além de vasta área experimental, o programa conta com bens móveis, máquinas, equipamentos agrícolas, tais como: caminhonete, automóvel, tratores e microtratores, roçadeiras, semeadoras, debulhadora de cereais, arados, grades e subsolador, dentre outros. Há também uma unidade de extração de sementes de frutos carnosos e uma unidade de beneficiamento de sementes completa, para sementes de grandes culturas, além de equipamentos de menor porte para o beneficiamento de sementes de hortaliças e eucalipto.

Neste primeiro capítulo, nosso esforço se fez na busca de contextualizar nosso leitor acerca dos principais fatos que, aos nossos olhares, deixaram marcas ao longo dos anos, contribuindo para que a Universidade Federal de Viçosa se tornasse hoje, referência na formação e qualificação de profissionais para atuar nas diversas áreas do conhecimento.

No capítulo a seguir, apresentaremos as influências dos convênios internacionais na criação dos primeiros programas pós-graduados, na UREMG, destacando suas principais implicações e marcas deixadas neste nível de ensino.

Capítulo II

A presença dos convênios internacionais na UREMG/UFV

Desde seus primórdios, verificamos na trajetória histórica da Universidade, uma marcante influência externa: a norte-americana. O desejo de superar as práticas produtivas agrícolas consideradas mais arcaicas e receber as novas tecnologias que possibilitavam o alcance da prosperidade econômica, fez com que muito precocemente, desde os tempos da antiga ESAV, a Escola caminhasse rumo à modernização dos processos educativos.

A partir dos vínculos estabelecidos com os Estados Unidos desde muito cedo, a Escola de Viçosa fortaleceu seus laços com os americanos, recebendo grandes aportes de recursos financeiros que permitiram a ampliação de pesquisas agrícolas e a introdução de técnicas de ensino que influenciaram diretamente no modelo adotado pela Universidade até os dias atuais.

Através do convênio com a Universidade de Purdue e do intercâmbio científico aprovado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)¹⁰⁹, instituições como Fundação Ford¹¹⁰ e Fundação Rockefeller¹¹¹, estiveram atuantes, impulsionando uma nova fase de desenvolvimento para a Instituição.

Conforme ressaltado por Silva,

Paralelamente à USAID, a Fundação Ford e a Fundação Rockefeller atuaram de maneira estratégica no Projeto Purdue-Viçosa. Como missão, ambas as instituições basicamente prestaram suporte no setor de infraestrutura da universidade, o que ofereceu condições materiais básicas aos cientistas de empreenderem suas pesquisas.¹¹²

A fase inicial do projeto de desenvolvimento científico e tecnológico para o Brasil remonta ao período do pós-guerra (2ª Guerra Mundial), principalmente a partir da década de 1950, em um contexto caracterizado pela preocupação com a segurança nacional, na qual se

¹⁰⁹A United States Agency for International Development (USAID) surgiu em 1961 com a assinatura do Decreto de Assistência Externa, pelo então Presidente John F. Kennedy, unificando diversos instrumentos assistenciais dos Estados Unidos. A USAID é um órgão do governo dos EUA que trabalha para acabar com a pobreza extrema global e permitir que as sociedades se tornem resistentes e democráticas para realizarem o seu potencial.

¹¹⁰ Fundada em 15 de janeiro de 1936, a Fundação Ford é uma organização privada, sem fins lucrativos, criada nos Estados Unidos para ser uma fonte de apoio a pessoas e instituições inovadoras.

¹¹¹ A Fundação Rockefeller foi criada em 1913, nos Estados Unidos, e tem como principal missão promover, no exterior, o estímulo à saúde pública, ao ensino, à pesquisa e à filantropia.

¹¹² SILVA, Gustavo Bianchi. **A ciência em rede: os vínculos entre instituições e cientistas no contexto da modernização da agricultura**. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 2014, p. 75.

uniram militares e cientistas em busca do desenvolvimento de estratégias que visassem a segurança de toda a nação.

O contexto internacional no pós-guerra fornece elementos para entender a emergência de programas de ajuda econômica dos americanos na América Latina. A polarização política do mundo, com a divisão da hegemonia econômica entre Estados Unidos e União Soviética, acirrava a disputa entre esses países para aumentar suas áreas de influência.¹¹³

Os convênios que surgiram nesta conjuntura faziam parte de uma tática geopolítica estadunidense de fortalecimento de sua presença na América Latina, posto que, desde o término da Segunda Guerra (1945), iniciou-se a Guerra Fria, uma competição pela hegemonia global entre Estados Unidos e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

É ainda neste contexto de tensões e conflitos, que no ano de 1959 acontecia a Revolução Cubana¹¹⁴, cujos ideais contrariavam claramente os interesses dos norte-americanos. Cuba optou pelo regime socialista e passava a receber apoio, inclusive financeiro, da União Soviética. O fato é que tal situação levou inquietude às sociedades latino-americanas, que percebiam que era possível realizar mudanças sociais, mesmo sem o apoio dos Estados Unidos.

A preocupação norte-americana em difundir o modelo democrático e com o objetivo de integrar os países da América em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais além de conter a ameaça da União Soviética que era vista como um regime comunista no continente, fez com que os Estados Unidos criassem em 1961, um projeto chamado Aliança para o Progresso¹¹⁵. Através da articulação da USAID, a Aliança para o Progresso tinha como foco o amparo às questões relacionadas à educação, saúde e habitação, por intermédio de altos incentivos financeiros em diversas instituições brasileiras, inclusive na UREMG.

A reunião da Organização dos Estados da América (OEA), em Punta del Este, em 1961, foi a ocasião de apresentação da Aliança para o Progresso. O pronunciamento oficial feito pelo presidente Kennedy continha, dentre muitos objetivos, a reforma agrária, o crescimento do Produto Interno Bruto per capita a uma média anual de 2,5%, a eliminação do analfabetismo até o ano de 1970, a redução pela metade da mortalidade infantil, e o estímulo à industrialização e à integração econômica das nações. Os recursos prometidos para atingir esses objetivos ascendem a 20 bilhões de dólares ao longo de dez anos, metade originários do tesouro dos Estados Unidos e o

¹¹³ SILVA, Gustavo Bianchi; BOTELHO, M. I. V. Os convênios internacionais ... *Op. Cit.*, p. 50.

¹¹⁴ A Revolução Cubana, ocorrida em 1959 foi um movimento liderado por Fidel Castro, que destituiu o governo ditatorial de Fulgêncio Batista e implantou o regime socialista em Cuba, vinculado, política e economicamente, à União Soviética. Foi o primeiro movimento que conseguiu resultados positivos contra a hegemonia norte-americana no continente.

¹¹⁵ O projeto político chamado de Aliança para o progresso, era apresentado em 1961, através do governo dos Estados Unidos, como um programa de fortalecimento de laços econômicos, políticos e sociais dentro da América Latina, por meio de acordos de cooperação entre os países envolvidos.

restante dividido em partes iguais entre o setor privado e os Estados latino-americanos (AYERBE, 2002).¹¹⁶

Na conjuntura da Guerra Fria e da Revolução Cubana, os Estados Unidos contavam com o sucesso da Aliança para o Progresso, como forma de difundir os ideais econômicos e culturais do capitalismo ocidental e de não permitir que outro país apoiasse os ideais comunistas, como aconteceu em Cuba.

Com a Aliança para o Progresso, pelo menos no discurso, a política norte-americana se propunha a oferecer assistência técnica e financeira para aquilo que os países estavam entendendo como “desenvolvimento”, objetivando, com isso, revolucionar sem ser necessário fazer uma revolução conforme o modelo comunista, difundido pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).¹¹⁷

Considerando o cenário estabelecido, trataremos a seguir, de acordos que ocorreram entre a antiga UREMG e instituições estrangeiras e que, inegavelmente, impactaram de forma singular no surgimento e consolidação dos primeiros programas de pós-graduação da Universidade, ainda que estejamos atentos às reais intenções veladas nestes contratos.

2.1 – O Projeto Purdue – Difusão do americanismo na Escola de Viçosa

Associada à ideia de progresso, encontra-se na trajetória histórica da UFV uma forte influência estrangeira, a norte-americana, que foi introduzida na instituição desde a criação da ESAV e consolidada através das relações estabelecidas com os Estados Unidos, ao longo dos anos.

Ao ser criada, a ESAV surge como uma instituição implementada pelo governo de Minas, tendo como base uma estrutura inspirada num modelo institucional americano que, pautado por suas três linhas mestras – o Ensino, a Pesquisa e a Extensão –, objetivava o pragmatismo da ciência aplicada ao mercado; sem dúvida alguma, este modelo tornava a ESAV diferente no meio acadêmico.¹¹⁸

A criação da ESAV cria um laço que ligaria dois interesses distintos: os americanos e os das elites mineiras personificadas por Bernardes à frente do Executivo estadual. Esta ligação faz com que seja forte a influência americana sobre a “Escola de Viçosa” e permaneça como um outro agente construtor da sua identidade institucional.¹¹⁹

¹¹⁶ SILVA, Gustavo Bianchi; BOTELHO, M. I. V. Os convênios internacionais ...*Apud*: AYERBE, LF. **Estados Unidos e América Latina**: construção da hegemonia. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

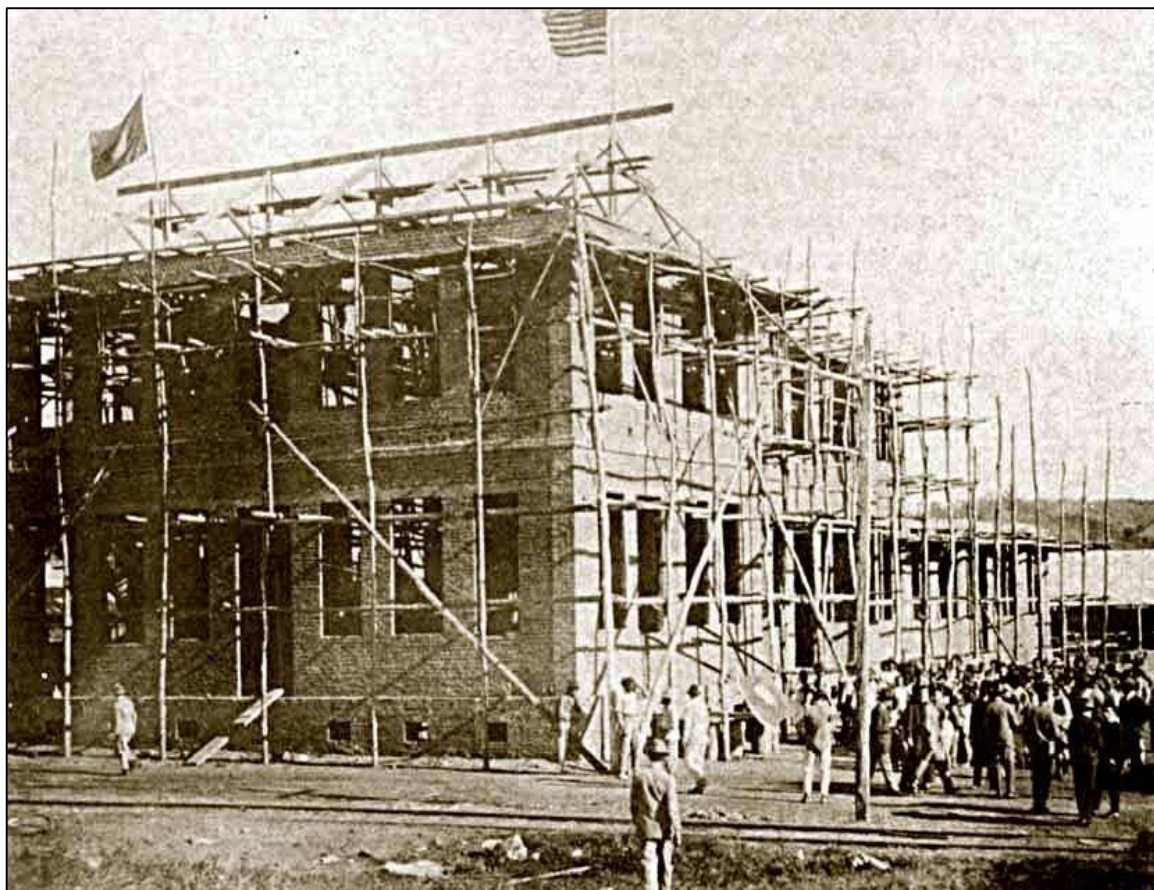
¹¹⁷ RIBEIRO, Marlene. Reforma agrária, trabalho agrícola e educação rural: desvelando conexões históricas da educação do campo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, jan./mar. 2015, p. 88.

¹¹⁸ LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. *Op. Cit.*, p. 34.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 35.

Desde o nascimento da antiga ESAV, a influência dos norte-americanos se fez muito presente na instituição. Conforme ilustrado na Figura 4, temos a bandeira dos EUA fixada nas obras de construção do Prédio Principal - Edifício Arthur da Silva Bernardes.

Figura 4: Bandeira americana estampada nas obras de construção do prédio principal.



Fonte: LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa. Viçosa, MG: UFV, Impr. Universitária, 1996, p. 33.

No início dos anos de 1950, a então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG, e a Universidade de Purdue, EUA, iniciaram uma série de acordos internacionais que resultaram na introdução de novos elementos no modelo de educação, adotados até hoje.

Através da Agência para o Desenvolvimento Internacional do Governo Norte-Americano – USAID, a Universidade de Purdue ficou incumbida de escolher uma instituição brasileira que fosse mais “compatível” para firmar convênio com a instituição norte-americana, estabelecendo intercâmbios com vistas à formação e capacitação de docentes para a educação agrícola e desenvolvimento de pesquisa e extensão. Após demorada visita à UREMG, o Diretor

da Escola de Agricultura de Purdue, na ocasião, Dr. Earl Butz anunciou que a Escola era a escolhida para iniciar o programa¹²⁰.

Figura 5: Convênio entre a Universidade de Purdue e a UREMG.



Da esquerda para a direita: professor Carlos Socias Schlottfeldt, reitores Lourenço Menicucci Sobrinho, da UREMG, e Earl Butz, da Purdue University e professora Maria das Dores Carvalho Ferreira.

Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV.

Na foto da Figura 5, já bastante conhecida no meio acadêmico da UFV, registrava-se momento marcante da história da pós-graduação do Brasil, a colaboração entre a Universidade de Purdue e a UREMG, que propiciou inúmeros benefícios à instituição mineira, como a vinda de professores altamente qualificados e o envio de professores para treinamento, resultando no aprimoramento da experimentação e da pesquisa, além do início dos primeiros programas de pós-graduação em ciências agrárias, do país.

A partir de 1952, sob a coordenação dos professores Lynn S. Robertson, de Purdue, e Erly Dias Brandão, da UREMG, o convênio já estava em andamento. Contudo, sua assinatura

¹²⁰ MAGALHÃES, Edson Potsch. Fatos Históricos. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 100.

foi efetivada apenas em 1959¹²¹, perdurando até o ano de 1973. Este período foi caracterizado pela vinda de professores americanos da Universidade de Purdue, profissionais de notável reputação na área da agricultura e determinados a desenvolverem trabalhos de aprimoramento da experimentação e da pesquisa científica. “O convênio permitiu a vinda a Viçosa de 54 professores visitantes americanos e de 37 consultores [...]”¹²².

Reafirmando a importância deste convênio, Ana Maria Rigueira¹²³, em sua dissertação de mestrado, ressalta a relevância do projeto de colaboração entre a Universidade de Purdue e a UREMG. O Technical Office of Agriculture ou Escritório Técnico de Agricultura¹²⁴, ETA – Projeto 55, tinha como principal objetivo cooperar ativamente na melhoria da produção agrícola e das condições de vida da população do meio rural, no Brasil.

O ETA Projeto 55 foi estabelecido como resultado de um acordo entre o Governo Brasileiro e o Governo dos Estados Unidos, devendo este último fornecer assistência técnica às Universidades Rurais do Brasil (Escolas de Agricultura, de Veterinária e de Economia Doméstica; Serviço de Extensão e de Pesquisa Agrícola). A Universidade Rural, em Viçosa, é a sede porque a ideia básica visa transformá-la em uma instituição forte, do tipo “*Land-Grant College*”.¹²⁵

Valendo-se dos acordos com a Universidade de Purdue, principalmente através do ETA Projeto 55 que impulsionou o desenvolvimento da Escola e o surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação em ciências agrárias, do Brasil, a UREMG passou por uma fase muito próspera. Este intercâmbio com universidades americanas na capacitação de professores em nível de pós-graduação, impeliu e possibilitou a transformação da Escola em uma universidade com características ainda mais marcantes do modelo norte-americano, que já permeava a instituição desde seus primórdios, com a chegada do professor Rolfs. Complementando, “A UFV foi a primeira instituição de ensino superior, no Brasil, a introduzir o regime departamental¹²⁶, hoje adotado em todas as universidades brasileiras”¹²⁷.

¹²¹ Relatório Trimestral – Programa Agrícola Purdue/Brasil (ETA Projeto 55) - 1º de janeiro a 31 de março de 1959 – ACH-UFV. p. 1.

¹²² VIEIRA, Clibas. **O Feijão e Eu – Memórias de um ex-aluno da ESAV**. Viçosa: Imprensa Universitária. 1996, p. 65.

¹²³ ABOU-ID, A.M.R. **Produção científica no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa**. 1982. 141f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 1982, p. 29.

¹²⁴ O ETA mantinha diversos projetos no Brasil e cada trabalho possuía uma denominação diferente. Em Viçosa, foi denominado ETA Projeto 55.

¹²⁵ Objetivos e Realizações ETA Projeto 55, 26 de outubro de 1962. UREMG, Viçosa-MG. Arquivo Central e Histórico da UFV. Texto com adaptação ortográfica.

¹²⁶ Vale lembrar que a divisão da Escola em departamentos, ocorreu desde sua criação. Conforme já mencionado anteriormente, em 1935 a ESAV já possuía 15 departamentos formados.

¹²⁷ TEIXEIRA, Erly Cardoso. Departamento de Economia Rural. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 207.

Após ser escolhida pela Universidade de Purdue, em 1958, a UREMG iniciava um acordo de cooperação, que viria alavancar o desenvolvimento acadêmico e científico na instituição. Com o objetivo de contribuir para o avanço econômico dos países subdesenvolvidos, o Escritório Técnico de Agricultura (ETA), subordinado aos Estados Unidos e ao governo brasileiro, instalou-se no Rio de Janeiro a partir do ano de 1953.

Por intermédio de assessoramentos e/ou financiamentos,

O ETA foi responsável pela consagração de um processo em curso no país, desde meados da década de 1940, destinado à redefinição do próprio significado do ensino técnico agrícola, que progressivamente se distanciou de sua dimensão escolar, assumindo o cunho de práticas extensionistas.¹²⁸

Ainda sobre a escolha da Universidade, consta em um Acordo de Projeto¹²⁹, que no ano de 1959, existiam operando no Brasil 20 faculdades agrárias e de veterinária. Contudo, a UREMG foi uma das instituições escolhidas para receber os auxílios e treinamentos necessários, a fim de se tornar um modelo, servindo nacionalmente como demonstração para as demais instituições de ensino superior.

O plano do projeto é estabelecer a Universidade Rural de Minas Gerais como piloto ou modelo de faculdade agrária, organizada para prover serviços similares àqueles providos pelas faculdades agrárias públicas dos Estados Unidos. Essa faculdade piloto será estabelecida por meio do auxílio de uma faculdade pública nos Estados Unidos e servirá como um exemplo operante para as demais faculdades brasileiras. Professores de uma faculdade dos Estados Unidos serão delegados para trabalho na faculdade selecionada no Brasil para auxiliar no estabelecimento de uma faculdade piloto e também viajarão conforme necessário para diversas outras faculdades brasileiras, de forma a atingir os objetivos do projeto. Similarmente, representantes das diversas faculdades brasileiras serão convidados a visitar a faculdade piloto para observar suas operações, participar em discussões de mesa redonda e assistir a cursos especiais oferecidos pela faculdade piloto. O plano também é, durante o tempo útil deste acordo, oferecer treinamentos e orientação nos Estados Unidos a representantes selecionados dessa e de outras faculdades brasileiras.¹³⁰

Para esta escolha, provavelmente foi levada em consideração a natureza agrária da Escola de Viçosa e o fato de seu precursor, o professor Peter Henry Rolfs, possuir formação e experiência em um *Land Grant College* dos Estados Unidos, sendo que,

A contratação desse especialista norte-americano efetivou-se porque Bernardes queria que a Escola fosse instituída nos moldes dos *Land Grant Colleges* americanos - fundamentados na trilogia do ensino, da pesquisa e da extensão direcionados para os problemas da agricultura e dos agricultores [...] A adoção desse modelo na ESAV constituiu-se como uma das raras exceções ao predomínio do ensino acadêmico,

¹²⁸ MENDONCA, Sonia Regina de. Ensino agrícola e influência norte-americana no Brasil (1945-1961). **Tempo** [online]. 2010, vol.15, n.29, p. 140.

¹²⁹ Acordo de Projeto entre a Universidade de Purdue e a UREMG. ACH-UFV, 1959, p. 2-9. Conforme consta no documento, “A primeira página do documento original está perdida. Esta tradução começa a partir da página dois.”

¹³⁰ *Ibidem*, p. 3.

bacharelesco, que vigorava na maioria dos estabelecimentos de ensino superior brasileiros da época.¹³¹

Desta forma, a filosofia instituída nos moldes dos *Land Grant Colleges* americanos já estava instaurada na instituição, desde seu início, e ainda conforme destacado por Silva, “Sendo assim, o contato com o modelo educacional americano não era novidade na UREMG/UFV durante o convênio com a Universidade de Purdue”¹³².

Corroborando com o que foi dito, Ribeiro ressalta que diferentemente de outras instituições, a ESAV já nasceu em meio a essa cultura americana,

No Brasil, a primeira instituição de educação superior com forte marca do modelo norte-americano foi a Escola de Engenharia do Mackenzie College, fundada por uma missão presbiteriana, em São Paulo, em 1896, como antes mencionado. No ensino superior agrônomo, o modelo norte-americano teve alguma influência em Piracicaba, não sendo, contudo aí determinante. Foi na Escola Superior de Agricultura de Lavras, fundada por missionários presbiterianos, onde a marca deste modelo foi decisiva. Foi, contudo, na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) que o modelo dos *land-grant colleges* foi mais absorvido.¹³³

De todo modo, não podemos deixar de reconhecer que inúmeras eram as particularidades que diferenciavam o ensino brasileiro do norte-americano, fossem de ordem econômica, política ou cultural. No entanto, o interesse e empenho em se implementar a modernização da agricultura, eram de ambas as instituições, Purdue e UREMG. De acordo com Silva, “Não obstante, já na década de 1950 eram recorrentes na América Latina diversas expressões nacionalistas de determinados grupos e, obviamente, contrárias ao estilo de vida estadunidense”¹³⁴.

Surgiam então, críticas à adoção do modelo de ensino norte-americano. Para muitos, a realidade brasileira, totalmente adversa da realidade americana, não se adequaria a um sistema de ensino copiado daquele país e, a adoção daquele modelo sem as adaptações necessárias, não seria o mais indicado para as instituições de ensino no Brasil.

A diferença entre as estruturas de gastos brasileira e norte-americana em níveis local e estadual foi bastante expressiva. Nos estados norte-americanos, os itens mais importantes na composição de gastos em 1961 eram educação, rodovias e saúde, sendo que 34,0% dos gastos gerais estaduais eram relacionados à educação (Due, 1963, p.33-35). Por sua vez, os estados brasileiros, enquanto maiores responsáveis

¹³¹ AZEVEDO, Denilson Santos de. *Op. Cit.*, p. 63.

¹³² SILVA, Gustavo Bianchi; BOTELHO, M. I. V. Os convênios internacionais ... *Op. Cit.*, p. 53.

¹³³ RIBEIRO, Maria das Graças M.; PORFÍRIO, Miriam. Americanismo e Educação. A Experiência da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV). Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/7f_2.pdf>. Acesso em: 24 maio de 2017.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 50.

pela provisão de educação primária no país, despendiam cerca de 16,5% de seus gastos totais em educação em 1961[...]¹³⁵

Os Estados Unidos usufruíam de autonomia financeira e concentravam grande parte de seus recursos nas escolas, com significativa parte dos gastos do governo norte-americano destinada à educação. No Brasil, o quadro que se estabelecia era bem diferente, pouco era o investimento no sistema educacional, por parte dos governantes e muitas das políticas públicas implementadas desfavoreciam e depreciavam o ensino no país.

Apesar das críticas direcionadas à adoção do modelo de ensino dos Estados Unidos, é inegável a herança deixada pela influência da cultura norte-americana na educação, como é possível presenciarmos na própria UFV. Podemos evidenciá-la em vários aspectos da instituição: na arquitetura, na organização em departamentos, no ensino teórico e prático conjugados, no fomento à pesquisa científica, na adoção de um currículo diversificado, na organização do tempo escolar em semestres, dentre outros.

De modo geral, os objetivos do convênio com Purdue, consistiam em contribuir para reforçar o ensino secundário e superior no Brasil, no setor de agricultura, ciências animais e ciências domésticas; promover o desenvolvimento mais eficiente e proveitoso de programas de pesquisa agrícola em escolas nacionais e outras instituições de pesquisa; prestar assistência na criação de um sistema mais eficaz de divulgação de informações agrícolas às populações rurais e outras; ajudar a difundir a filosofia do tipo “*Land Grant College*” no Brasil, que melhoraria a coordenação entre os três diferentes campos: ensino, pesquisa e extensão; ajudar a desenvolver um reconhecimento maior por parte da opinião pública, relativamente à agricultura e ciências domésticas e à importância para a economia do país, de uma agricultura eficiente e de uma vida rural satisfatória.

Ao ser criado, o ETA trazia consigo a ideia de ressignificação da educação agrícola, que não mais priorizaria as atividades escolares básicas e sim um ensino mais moderno, que fosse capaz de qualificar mão de obra rural adulta a utilizar e consumir a tecnologia estadunidense, tida até então como a mais adequada. A partir da introdução dessa nova concepção e a forte inserção das práticas extensionistas, os Estados Unidos vendiam a imagem de que o uso de máquinas e insumos lá produzidos, seriam fundamentais para a superação de “atraso” no desenvolvimento rural no qual o Brasil se encontrava. Esse mito vinha sendo difundido na instituição desde seus primórdios e, através dele, justificavam-se os interesses das elites

¹³⁵ KANG, Thomas H. Descentralização e financiamento da educação brasileira: uma análise comparativa, 1930-1964. **Estudos Econômicos**, v. 41 n.3. São Paulo. Jul-Set 2011, p. 586. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ee/v41n3/a04v41n3.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.

mineiras em tornar o Estado de Minas Gerais economicamente próspero e dos americanos em introduzir no meio agrário, novas e modernas tecnologias.

Cabe ressaltar que, em 5 de março de 1959, ocorreu oficialmente a assinatura do convênio entre o ETA e a UREMG, com destaque para a importância de quatro milhões de cruzeiros concedidos pelo ETA para o desenvolvimento das atividades do projeto¹³⁶. Esta informação consta no Primeiro Relatório Trimestral para o período de 1º de janeiro a 31 de março de 1959¹³⁷, sendo que, anteriormente, o projeto-acordo entre o ETA e a UREMG ainda não havia sido assinado formalmente, embora o contrato Purdue-ICA (International Cooperation Administration) previsse o início do projeto para o dia 1º de julho de 1958. A proposta encontrava-se, durante este período, em uma situação semi-oficial, uma vez que não existia a designação de fundos por parte do ETA para serem usados no projeto.

As atividades desenvolvidas pelo ETA no ano de 1958 consolidaram seu programa de trabalho com relação aos acordos assinados antes de 1953. O Escritório passou a colaborar com onze órgãos do Ministério da Agricultura, metade das Secretarias de Agricultura estaduais e todas as Universidades Rurais do país, influenciando diretamente em atividades supostamente ligadas ao “bem-estar” das populações do campo em mais de 220 municípios.¹³⁸

Ainda de acordo com o Primeiro Relatório Trimestral citado anteriormente, quatro membros da equipe de Purdue que estavam estudando português na cidade do Rio de Janeiro, se deslocaram para Viçosa no início do ano de 1959 para assumirem suas obrigações durante a vigência do projeto. Foram eles: Ray M. Lien, professor de Engenharia Agrícola, Homer Theodore Erickson¹³⁹, professor de Horticultura, Helmut Kohnke, professor de Solos e Earline Weddle, professora de Nutrição de Plantas.

Após a chegada em Viçosa, os membros da equipe de Purdue, se acomodavam em suas casas, familiarizavam-se com o pessoal da UREMG, estudavam português e faziam planos preliminares para auxílio profissional, com base nos problemas encontrados. O recrutamento de outros membros para integrar a equipe no Brasil, foi intensificado em Purdue, com a expectativa para a chegada de um especialista em laticínios e um sociólogo.

Consoante com o que foi descrito até o momento, Capdeville nos relata que:

Outra instituição que também teve importante papel nesse período foi o ETA/USAID. [...] De fato, o Escritório Técnico de Agricultura (ETA/USAID) desempenhou importante papel, para as escolas de Agronomia e Veterinária, entre 1955 e 1968. Sua

¹³⁶ Relatório Trimestral – Programa Agrícola Purdue/Brasil (ETA Projeto 55) - 1º de janeiro a 31 de março de 1959 – ACH-UFV, p. 1.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 2.

¹³⁸ MENDONÇA, Sonia Regina de. *Op. Cit.*, p. 155.

¹³⁹ Interessante mencionar que o professor Homer Theodore Erickson participou, como membro efetivo, das onze primeiras bancas de defesas, ocorridas no PPG-FIT.

participação foi de especial importância no treinamento de professores, na aquisição de equipamentos, no desenvolvimento da pesquisa e na criação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Por meio dele estabeleceu-se intenso intercâmbio de professores e técnicos entre universidades brasileiras e norte-americanas, na área agrária. O desenvolvimento quantitativo e qualitativo dos cursos da área das ciências agrárias ocorrido na década de sessenta muito se deve às ações do Ponto IV, por meio do Projeto ETA-55.¹⁴⁰

Ao propiciar condições financeiras e culturais, os acordos firmados possibilitavam a introdução de novas técnicas de ensino, que objetivavam potencializar a modernização da agricultura através da renovação das universidades rurais.

Com a implantação do ETA e o intercâmbio entre professores de Purdue e da UREMG, ocorreu o aperfeiçoamento da experimentação e da pesquisa de forma considerável, o que impulsionou o nascimento dos primeiros programas de pós-graduação em ciências agrárias do Brasil, no ano de 1961.

Este projeto entre a Universidade de Purdue e a UREMG foi chamado de Projeto 55, devido ao seu número de registro na Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional e vinculado ao Escritório Técnico de Agricultura, ETA, que era responsável por diversos projetos no Brasil, sendo que cada projeto possuía uma denominação diferente e, em Viçosa, ficou registrado como Projeto 55.

Em correspondência, enviada ao governador do Estado de Minas Gerais, o então Reitor à época, professor Flamarion Ferreira, considerava positiva a prorrogação do contrato, uma vez que o mesmo possuía como término inicial, o ano de 1964¹⁴¹, “[...]Nessas condições, a UREMG está recebendo o benefício da permanência (média) de 10 professores e, periodicamente, de consultores, cujo número até o momento totaliza 9.”¹⁴²

Sem dúvidas, o convênio com a Universidade de Purdue, foi decisivo para que ocorresse o pioneirismo dos programas pós-graduados na UREMG. Desde o início do Projeto 55, foi estabelecido que algo distinto deveria ser realizado para o coroamento de seu sucesso. Consequentemente, a criação dos primeiros programas de pós-graduação no formato americano no Brasil, já que até então “[...] os programas de pós-graduação das universidades brasileiras seguiam o modelo europeu, concedendo a titulação sem a exigência formal de disciplinas”¹⁴³.

¹⁴⁰ CAPDEVILLE, Guy. *Op. Cit.*, p. 93.

¹⁴¹ Segundo SILVA, o contrato do Projeto 55 foi prorrogado até o ano de 1973. Ver: SILVA, Gustavo Bianch. **A ciência em rede...** *Op. Cit.*, p.70.

¹⁴² Carta do Reitor da UREMG, Flamarion Ferreira, ao governador do Estado de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto, em 29/10/1962. ACH-UFV.

¹⁴³ SCHUH, George Edward. Cooperação Internacional e Desenvolvimento Institucional: benefícios mútuos. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 132.

Foi neste contexto, que em março de 1961, nasceu o primeiro programa de pós-graduação em Fitotecnia da UREMG, sendo este também o pioneiro em ciências agrárias do Brasil¹⁴⁴. Segundo nosso levantamento, os programas pós-graduados, *stricto sensu*, criados anteriormente no país foram o de Direito¹⁴⁵ da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, e o de Odontologia¹⁴⁶, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Na área das ciências agrárias, a UREMG foi pioneira, iniciando em março de 1961 os programas de pós-graduação, nível de mestrado, em Economia Rural e Fitotecnia, ambos aptos a emitirem diplomas de *Magister Scientiae*.

A criação desses programas era uma das metas consideradas mais significativas pelo Projeto 55. Muitas viagens foram realizadas pelos técnicos do Projeto, pelos Estados brasileiros, a instituições de ensino e pesquisa, a fim de divulgarem informações a possíveis candidatos interessados em se inscreverem para a pós-graduação nos departamentos de Economia Rural e Olericultura, ambos iniciados em março de 1961, na UREMG.

Diante do sucesso dos primeiros cursos de pós-graduação, o Magnífico Reitor da UREMG, à época, Sr. Geraldo Oscar Domingues Machado¹⁴⁷, considerando que tais cursos possuíam perspectivas favoráveis de ampliação e precisavam ser estruturados e conduzidos de maneira a traduzirem os interesses da instituição, baixou o Ato 803 de 1961, onde resolve:

[...] constituir um “Conselho dos Cursos Pós-Graduados” sob a presidência do Prof. José Rodolfo Torres e integrado pelos Professores: José de Alencar, Fábio Ribeiro Gomes, Edson Potsch Magalhães, D. Woods Thomas, Erly Dias Brandão, Flávio Augusto D’Araújo Couto e Joaquim Mattoso, representantes, respectivamente, da Escola Superior de Agricultura, Serviço de Experimentação e Pesquisa, Instituto de Economia Rural, ETA Projeto 55, Departamentos de Economia Rural, Horticultura e Zootecnia, com o propósito de: a) supervisionar os cursos pós-graduados e formular, para tanto, uma programa que abranja todas as suas fases; b) estudar a possibilidade de instalação da Escola de Especialização e c) elaborar um anteprojeto de Regulamento e Regimento Interno para a Escola de Especialização.¹⁴⁸

¹⁴⁴ Conforme consulta através da página da Plataforma Sucupira, em Dados Básicos do Programa, não há registro de criação de outro programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, no Brasil, anterior à 1961. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/informacoes_programa/informacoesPrograma.jsf>. Acesso em: 15 out. 2016.

¹⁴⁵ Em 1931 a UFMG iniciava o curso de Doutorado em Direito. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.jsf?popup=true&id_programa=764>. Acesso em: 06 nov. 2016.

¹⁴⁶ O curso de mestrado em Odontologia iniciou-se em 1960 na UFRJ. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.jsf?popup=true&id_programa=485>. Acesso em: 06 nov. 2016.

¹⁴⁷ Atuou como Reitor da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, de 20 de novembro de 1959 até 4 de julho de 1962.

¹⁴⁸ Ato nº 803, de 09 de dezembro de 1961. ACH-UFV.

Outro exemplo da atuação do ETA Projeto 55 em relação aos investimentos no ensino pós-graduado na UREMG, foi a construção do edifício¹⁴⁹ onde funcionaria a Escola de Pós-Graduação, responsável por abrigar os quatro¹⁵⁰ cursos existentes na instituição no ano de 1962. Conforme mencionado no Décimo Quarto Relatório Trimestral de Co-Diretores, em 17 de maio de 1962, esteve presente na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, o Dr. Paulo Salvo, secretário de Agricultura da época, para lançamento da pedra fundamental do Edifício da Escola de Pós-Graduação.

Neste mesmo relatório, previa-se o término da obra para 01 de setembro daquele ano, através de recursos adquiridos pelo ETA Projeto 55 e, verificamos que a obra foi concluída com êxito e dentro do prazo previsto. A título de curiosidade, o então secretário de Agricultura, Dr. Paulo Salvo, tinha formação em Agronomia pela ESAV (1931) e mestrado em Crédito Rural pela Universidade de Purdue, EUA.

Cabe frisar ainda que, de acordo com o Décimo Quinto Relatório Trimestral de Co-Diretores, período de 1º de julho a 30 de setembro de 1962, o edifício onde funcionariam as atividades dos cursos de pós-graduação foi inaugurado em 15 de setembro de 1962, contando com mais de 400 metros de construção, abrigando diretoria, laboratório, escritórios para recebimentos de estudantes e salas de aula. Na inauguração estiveram presentes representantes da UREMG além de autoridades do Estado de Minas Gerais.

Novamente reforçando a importância do convênio com a universidade americana, em 1965, o Reitor da UREMG, prof. Edson Potsch Magalhães, enviou uma carta ao Reitor da Escola de Agricultura da Universidade de Purdue, reafirmando o que foi mencionado até então: “A Purdue está influenciando todas as nossas unidades. Com o passar do tempo, estou cada vez mais convencido da excelência do nosso programa de cooperação”¹⁵¹.

Decerto, o principal convênio que fomentou o surgimento dos primeiros programas de pós-graduação, na antiga UREMG, foi o acordo com a *Purdue University*, o Escritório Técnico de Agricultura - ETA Projeto 55. Através dele, a UFV tornou-se pioneira no Brasil no oferecimento de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, na área de ciências agrárias e consolidou-se neste campo do conhecimento, sendo reconhecida nacional e internacionalmente.

Responsável indireto pela transformação da “Escola de Viçosa” em universidade, o modelo americano se torna também o dinamizador que impulsiona a filosofia de trabalho. Os esavianos (apesar da instituição ter mudado de nome, seus alunos ainda podiam ser conhecidos por “esavianos”) experimentavam, cada vez mais empolgados,

¹⁴⁹ Prédio que atualmente abriga o Departamento de Economia Rural da UFV, que aliás, foi o primeiro departamento da instituição a ter sede própria dentro do campus.

¹⁵⁰ Agricultura Especial, Economia Rural, Olericultura e Nutrição Animal.

¹⁵¹ Carta do Reitor da UREMG ao Reitor da Universidade de Purdue – 1965. ACH-UFV.

os benefícios e as experiências trazidas com os convênios. E, dentre todos esses convênios, o que mais marcou, sem dúvida, foi o “Projeto PURDUE-UREMG”.¹⁵²

De todo modo, conforme já mencionamos, é preciso atentarmos para as intencionalidades que permeavam os convênios internacionais, uma vez que os americanos, além de oferecerem recursos financeiros para a instituição, também traçavam caminhos, introduziam ideias e estavam presentes nas mais diversas áreas da Escola.

Não é difícil afirmar que era de interesse da UREMG, e posteriormente da UFV, o fortalecimento desse projeto, sobretudo, no que tange à vinda de recursos para infraestrutura, fomento de pesquisas e, sobretudo, com a oportunidade de complementar a formação nos Estados Unidos. Também, não é difícil notar que a centralidade assumida pela Universidade de Purdue no convênio consistia, dentre outras coisas, impor valores e oferecer caminhos para que a UREMG/UFV se submetesse. Por outro lado, os cientistas embora escolhessem a via de desenvolvimento preconizada pelos EUA desde a origem da Universidade local, a presença americana foi interpretada por alguns brasileiros com alguma resistência.¹⁵³

Também não é novidade que os americanos sempre exerceram uma política externa agressiva aos demais países e favorável a seus interesses, portanto não agiriam de modo diferente ao investirem em mudanças no ensino brasileiro, de acordo com padrões impostos pelos EUA. Através dos vários convênios firmados ainda na década de 1960, entre o governo brasileiro e mais especificamente entre a UREMG e a USAID, ficou evidente que o interesse norte americano, em modernizar o ensino praticado até então, ia para muito além da cooperação entre os países, manifestava-se também em um discreto controle pedagógico imbuído na ideia de modernidade.

Diante do exposto, pressupomos que “o interesse dos Estados Unidos em estabelecer as diretrizes de sua ação de “cooperação” com os governos latino-americanos foi, política, simbólica e culturalmente relevante para a implantação das sementes de seu projeto hegemônico”¹⁵⁴. Contudo, nem por isso podemos deixar de admitir o quão relevante foi para o ensino no Brasil e, particularmente para a UFV, o estabelecimento de tais acordos, visto que na ocasião de implantação dos mesmos, a instituição enfrentava sérios problemas financeiros que a impediam de progredir de forma satisfatória e positiva.

¹⁵² LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara *Op. Cit.*, p. 53.

¹⁵³ SILVA, Gustavo Bianchi; BOTELHO, M. I. V. Os convênios internacionais ... *Op. Cit.*, p. 55.

¹⁵⁴ MENDONÇA, Sonia Regina de... *Op. Cit.*, p. 147.

2.2 – A atuação da Fundação Ford e Fundação Rockefeller

Conforme já mencionado, a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG, a partir do ano de 1961 através do estabelecimento de acordos com os EUA, iniciava uma importante fase de desenvolvimento. É também nessa época que a instituição passou a receber significativo auxílio financeiro das Fundações Ford e Rockefeller, estreitando ainda mais seu vínculo com os Estados Unidos.

Sobre a Fundação Ford, sabemos que iniciou suas atividades no Brasil, no início da década de 1960, tendo como referência física, um escritório localizado na cidade do Rio de Janeiro.

É que, já em 1960, a Fundação Ford fazia seus contatos iniciais e, logo em seguida, embora não dispusesse de uma sede ou um corpo administrativo permanentes, concedia suas primeiras doações a universidades públicas e instituições do governo brasileiro. O responsável por essas operações iniciais foi Reynold Carlson, que, trabalhando primeiramente em quartos de diversos hotéis e mais tarde, em 1962, na sala de estar do apartamento onde residia no Rio, concedeu as primeiras doações, entre elas uma no total de quase três milhões de dólares (em valores atualizados) a um programa de formação em administração pública, sob a égide de um instituto de pesquisa do governo, a Fundação Getúlio Vargas (FGV), que até hoje figura na lista dos beneficiários da Fundação.¹⁵⁵

A UREMG foi uma das instituições que mais recebeu incentivos financeiros da Fundação Ford, especialmente na instauração e consolidação de cursos pós-graduados, conforme publicado em diversas reportagens, veiculadas em jornais de circulação local da Universidade. Ao que parece, os recursos da Fundação foram significativos na criação de programas consistentes de mestrado e doutorado, contribuindo para que a Universidade figurasse como importante centro de excelência, reconhecido internacionalmente.

Outro exemplo é o total de 6,5 milhões de dólares concedido à Universidade de Viçosa em apenas dois financiamentos, em 1965 e em 1968, numa injeção maciça de recursos num período curto de tempo para o desenvolvimento de uma nova instituição de ensino superior voltada para a pesquisa e o ensino da agricultura.¹⁵⁶

De acordo com Brooke e Witoshynsky, a Universidade Federal de Viçosa, aparecia em 5º lugar no ranking das instituições que mais receberam doações (em dólares) da Fundação Ford. Nos quatro primeiros lugares, estão a Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Getúlio Vargas e a Sociedade Brasileira de Instrução¹⁵⁷.

¹⁵⁵ BROOKE, Nigel; WITOSHYNSKY, Mary (org.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil**: uma parceria para a mudança social. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 13.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 22.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 50.

Conforme publicado no UFV Informa de 1970, a Fundação Ford doou o valor correspondente à US\$ 286.000 à instituição. Este recurso seria aplicado em um programa de dois anos, distribuído nos seguintes itens: bolsas de estudo para aprimoramento do corpo docente, biblioteca, projetos de pesquisa, equipamentos para a Escola Superior de Florestas e contratação de novos professores e pesquisadores.

Ainda nesta mesma matéria, são descritas todas as doações da Fundação à Universidade, assim enumeradas e quantificadas:

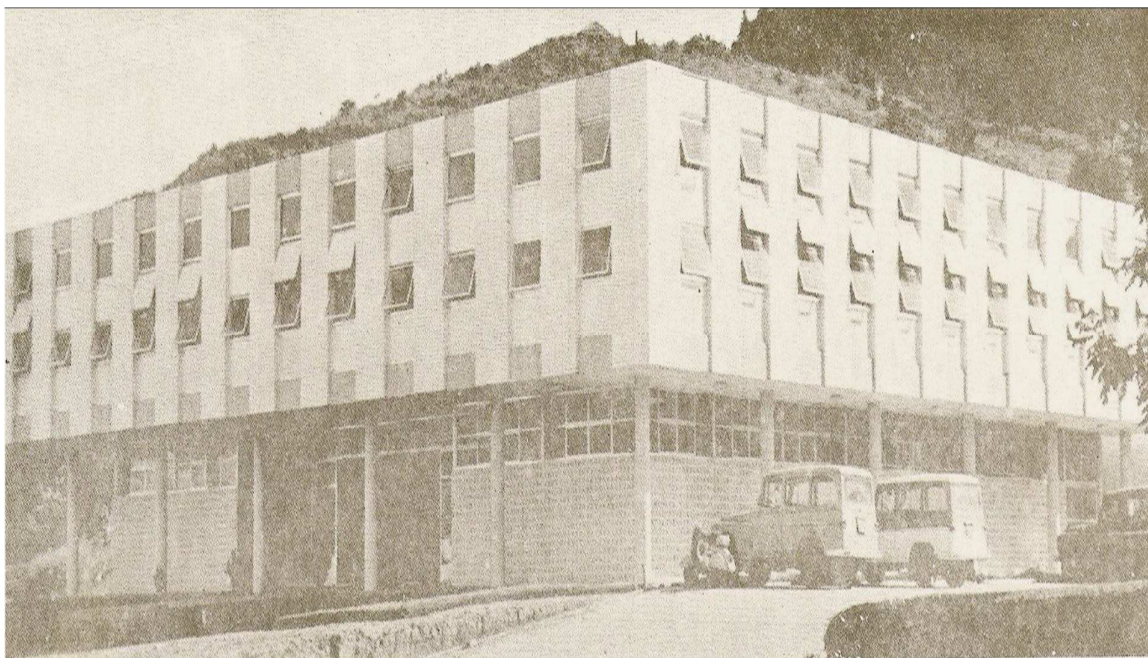
Esta é a sexta doação que a Fundação Ford fez à Universidade. A primeira, no valor de US\$ 120.000, feita ao Instituto de Economia Rural, permitiu iniciar efetivo programa de pesquisas e ensino em nível de pós-graduação. A segunda, no valor de US\$ 75.000, foi feita também ao IER, e possibilitou a construção de sua sede. A terceira, no valor de US\$ 995.000, foi feita para amplo programa de desenvolvimento da Universidade: suplementação de vencimentos, contratação de novos professores; desenvolvimento do corpo docente; facilidades físicas: Biblioteca Central, Instituto de Biologia e CEPET. Resultou de entendimentos diretos com o governo de Minas, com vistas a uma contrapartida. A quarta, no valor de US\$ 230.000, veio, ainda, para o IER, a fim de fortalecer seu programa de pesquisa e ensino, particularmente em nível de pós-graduação. A quinta, no valor de US\$ 120.000, foi uma suplementação da de US\$ 995.000 com vistas ao reforço do programa de bolsas de estudos para o corpo docente.¹⁵⁸

Conquanto, apesar da participação da Fundação Ford aparentemente ter ocorrido através de volumosos aportes financeiros à UREMG, também foram realizados trabalhos técnicos por meio de seminários, encontros, congressos e reuniões.

Ao que parece, o Instituto de Economia Rural foi o que mais se beneficiou da parceria com a Fundação Ford. Além de ter sido o primeiro departamento da instituição a ter sede própria dentro do campus, recebeu diversos recursos financeiros que possibilitaram, entre outros, que o departamento criasse em 1961, o programa de pós-graduação *stricto sensu* em Economia Rural. Este, juntamente com o PPG-FIT, ambos iniciados em março de 1961, tornavam a Universidade pioneira no oferecimento de cursos pós-graduados em ciências agrárias, no Brasil.

¹⁵⁸ Fundação Ford doa US\$ 286.000 à UFV. **UFV Informa**, setembro de 1970.

Figura 6: Edifício do Instituto de Economia Rural.



Fonte: LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa. Viçosa, MG: UFV, Impr. Universitária, 1996, p. 34.

Paralelamente à Fundação Ford, outra organização norte americana que atuou na UFV foi a Fundação Rockefeller. Criada em 1913, enquanto instituição filantrópica, constituiu-se formalmente como sociedade civil sem fins lucrativos, com o lema de “promover o bem-estar da humanidade” e, de modo semelhante, participou através de assistência financeira para aquisição de equipamentos, melhorias na estrutura física e mesmo a contratação de novos docentes para a Escola de Viçosa.

Por intermédio de doações da Fundação Rockefeller, a UREMG recebia fundos que deveriam ser destinados à compra de livros e revistas para a Biblioteca Central, à oferta de bolsas de estudos para professores da UREMG no exterior, financiamento do programa de melhoramento de plantas em Horticultura e ainda a aquisição de numerosos equipamentos, destinados à Escola Superior de Ciências Domésticas¹⁵⁹.

Em ofício encaminhado ao Reitor da UREMG em 1966, professor Edson Potsch Magalhães, a Fundação Rockefeller informava a doação de US\$ 57.000, para o desenvolvimento da Escola Superior de Ciências Domésticas e os custos de coleta e avaliação de espécies de plantas alimentícias nativas no Instituto de Fitotecnia e no Departamento de

¹⁵⁹ Informativo UREMG. 05 de março de 1968. ACH-UFV.

Horticultura. Conforme consta na mesma correspondência, este valor seria utilizado por um período de quatro anos, iniciando-se em 1º de fevereiro de 1966¹⁶⁰.

Em prosseguimento, ainda no ano de 1966 através do apoio da Fundação Rockefeller, foi criado o Banco de Germoplasma de Hortaliças (BGH – UFV), com a finalidade de resgatar espécies nativas ou introduzidas, preservar, documentar e manter intercâmbio de germoplasma entre as diversas regiões do Brasil. Para tanto, os recursos armazenados mediante coleta ou doação são caracterizados, avaliados e colocados à disposição da comunidade científica nacional.

Atualmente, o BGH está localizado na Unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão (UEPE) denominada Horta Velha, pertencente ao Departamento de Fitotecnia da UFV e possui em seu acervo mais de 8000 subamostras de hortaliças que foram coletadas em diversas partes do país e também recebidas como doação de mais de 100 países.

Figura 7: Local do Banco de Germoplasma de Hortaliças da UFV.



Foto: Carlos Eduardo Magalhães dos Santos, 2017.

¹⁶⁰ Ofício RF 66007. Sem data. Fundação Rockefeller, New York [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 2f. ACH-UFV.

Figura 8: Câmaras de resfriamento e armazenamento das subamostras de hortaliças.



Foto: Carlos Eduardo Magalhães dos Santos, 2017.

Figura 9: Subamostras de hortaliças armazenadas no BGH/UFV.



Foto: Carlos Eduardo Magalhães dos Santos, 2017.

Constatamos também que vários recursos oriundos da Fundação Rockefeller foram destinados ao departamento de Horticultura, o qual também abrigava o PPG-FIT. Muitas dessas

doações foram noticiadas em jornais de circulação da instituição, sempre fazendo menção à Fundação como instituição responsável por tal financiamento e/ou aquisição.

Encontramos diversos ofícios trocados entre dirigentes da UREMG e a Fundação Rockefeller, tratando de solicitações, orçamentos e doações concedidas à Universidade mineira, para que houvesse maiores investimentos em ensino e pesquisa. A seguir, transcrição de ofício encaminhado pelo professor Flávio Couto, ao professor Ralph W. Richardson, da Fundação Rockefeller, informando a ciência da aprovação de orçamento para um projeto sobre melhoramento de legumes, demais elementos do projeto e a devida publicidade que estava sendo dada às doações financiadas pela Fundação.

Recebi sua carta de 21 de julho, que anuncia a aprovação pela Fundação do orçamento proposto para o Projeto RF 66007 "Coleta de uma Avaliação de Legumes no Brasil". Estou preparando a lista de equipamentos para ser encomendada e espero enviá-la na próxima semana. Incluo os anúncios publicados em dois jornais e vou mantê-lo informado sobre outros relatórios relacionados com a concessão. Recebi também o cheque de US \$ 5.076.000 que foi enviado ao Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, para ser descontado.¹⁶¹ **(tradução nossa)**

Novamente, no envio de outra correspondência à Fundação Rockefeller, o professor Flávio Couto encerra seu texto da seguinte forma: "Em anexo encontrará um relatório sobre a subvenção da Fundação na carta informativa da UREMG, que também foi publicada em vários jornais"¹⁶²

Como foi ressaltado, a publicidade das doações realizadas pela Fundação Rockefeller à UREMG, era vista com bons olhos por parte dos americanos, que sempre reforçavam esse detalhe em suas correspondências com a Universidade, como por exemplo, a seguinte finalização de um ofício emitido pela Fundação: "Um reconhecimento breve para significar a aceitação da concessão seria apreciado"¹⁶³

Para exemplificar, em outra correspondência expedida pela Fundação Rockefeller, trazia ao término, os seguintes dizeres: "[...] Um anúncio público breve da nossa concessão será feito no próximo relatório trimestral da Fundação. Contudo, não há nenhuma objeção por nossa

¹⁶¹ "I received your letter of July 21, which announces the approval by the Foundation of the proposed budget for the Project RF 66007 "Collection and Evaluation of Vegetables in Brazil". I am preparing the list of equipment to be ordered and I hope to send it next week. I am enclosing the announcements published in two newspapers and I will keep you informed about other reports concerning the grant. I also received the check of US\$ 5,076,000 which was sent to the Banco do Brasil, Rio de Janeiro, to be cashed". COUTO, Flávio Augusto D'Araújo. [Ofício nº 671/66], 10 ago. 1966, Viçosa [para] RICHARDSON, Ralph W. New York. 1f.

¹⁶² "Enclosed you will find a report about the Foundation grant in the UREMG news letter which was also published in several newspapers". COUTO, Flávio Augusto D'Araújo. [Ofício nº 714/66], 25 ago. 1966, Viçosa [para] RICHARDSON, Ralph W. New York. 1f. Tradução nossa.

¹⁶³ WERNIMONT, Kenneth. [Ofício], 19 out. 1966, New York [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 2f. Tradução nossa.

parte se V. Magcia. Desejar anunciar a concessão antes do relatório da Fundação, se assim o desejar por alguma razão”¹⁶⁴.

E ainda as seguintes orientações para os anúncios que fizessem referências às doações:

A Fundação está sempre satisfeita quando os seus relatórios são suplementados através de anúncios emitidos localmente pelos recipientes ao ser feita a concessão. Apenas se o anúncio envolve uma interpretação do propósito da Fundação ao fazer a concessão, os oficiais da Fundação solicitam que lhes seja dada a oportunidade de ver a declaração antes que ela seja distribuída. Reconhecimento à Fundação pela ajuda no financiamento de pesquisas também pode ser feito quando os resultados da pesquisa são publicados. A Fundação solicita, contudo, que ao fazerem referências públicas às concessões, os recipientes evitem qualquer implicação que a Fundação tem qualquer controle sobre o projeto ou qualquer responsabilidade sobre seus resultados. O nome da Fundação não deve ser usado em propaganda, especialmente de livros, nem em designação de projetos, bolsas de estudos, laboratórios, ou edifícios para os quais ela contribuiu.¹⁶⁵

“A discussão em torno da força do Projeto Purdue-Viçosa na UREMG/UFV vai além da disponibilidade de recursos e provisão de infraestrutura. O fortalecimento da noção de igualdade entre ensino, pesquisa e extensão foi enfatizado grandemente dentro do convênio.”¹⁶⁶ É evidente que ao apoiar e investir na Universidade, os cientistas americanos esperavam algo em troca, além da publicidade que era dada às doações realizadas à UREMG e que eles nitidamente aprovavam e incentivavam. Havia ainda a submissão de projetos para atender seus interesses e a intencionalidade de possuírem voz ativa no âmbito da instituição mineira.

Não é difícil afirmar que era de interesse da UREMG, e posteriormente da UFV, o fortalecimento desse projeto, sobretudo, no que tange à vinda de recursos para infraestrutura, fomento de pesquisas e, sobretudo, com a oportunidade de complementar a formação nos Estados Unidos. Também, não é difícil notar que a centralidade assumida pela Universidade de Purdue no convênio consistia, dentre outras coisas, impor valores e oferecer caminhos para que a UREMG/UFV se submetesse. Por outro lado, os cientistas embora escolhessem a via de desenvolvimento preconizada pelos EUA desde a origem da Universidade local, a presença americana foi interpretada por alguns brasileiros com alguma resistência.¹⁶⁷

Os reais interesses da Fundação Ford e Fundação Rockefeller ao investirem na área agrária no Brasil, pode dividir opiniões. Especula-se ainda que tais agências teriam a intenção de disseminar em nosso meio, a cultura e prática científica norte-americana. E de fato, marcas foram deixadas. O que não podemos refutar é que a partir do estabelecimento destes convênios, a UREMG se expandiu de forma expressiva e vigorosa, fazendo com que se tornasse hoje uma instituição consolidada e reconhecida por todo meio acadêmico.

¹⁶⁴ SMITH, Kellum Jr. [Ofício], 1966, New York [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 2f. **Política com respeito aos anúncios e concessões**. Documento traduzido. ACH-UFV

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 2.

¹⁶⁶ SILVA, Gustavo Bianchi; BOTELHO, M. I. V. *Op. Cit.*, p. 54.

¹⁶⁷ *Idem*, p. 55.

Capítulo III

Os primórdios da pós-graduação no Brasil e na UFV

A experiência brasileira de pós-graduação nos últimos anos é a coisa mais positiva da história da educação superior no Brasil e é também a que tem que ser levada a sério.

Darcy Ribeiro¹⁶⁸

O presente capítulo objetiva realizar uma análise sobre o processo de constituição e normatização do ensino de pós-graduação no Brasil, bem como uma contextualização histórica da gênese e das primeiras décadas de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFV, dando ênfase aos personagens que contribuíram para a construção e consolidação deste Programa.

3.1 - A origem da pós-graduação brasileira

No contexto nacional, em termos legais, os primeiros passos da pós-graduação no Brasil foram dados no início da década de 1930¹⁶⁹, através do Decreto nº 19.851 que em seu artigo 35, preconizava a ideia de implantação de uma pós-graduação, nos institutos de ensino profissional superior, com os seguintes cursos: “[...] c) cursos de aperfeiçoamento que se destinam a ampliar conhecimentos de qualquer disciplina ou de determinados domínios da mesma; d) cursos de especialização, destinados a aprofundar, em ensino intensivo e sistematizado, os conhecimentos necessários a finalidades profissionais ou científicas.” Tal decreto institucionalizava os cursos de aperfeiçoamento e de especialização como forma de aprofundamento de conhecimentos profissionais e científicos, estabelecendo ainda em seu Art.32, que “nos institutos universitários será atendido a um tempo o duplo objetivo de ministrar o ensino eficiente dos conhecimentos

¹⁶⁸ SANTOS, C. M. Tradições e contradições da Pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, São Paulo, v. 24, 2003. p. 627. *Apud*: RIBEIRO, D. Os cursos de pós-graduação. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

¹⁶⁹ Nessa época tratavam-se apenas do ensino de pós-graduação no sentido lato sensu, ou seja, referiam-se aos cursos que buscavam atender necessidades mais específicas, voltadas para o mercado de trabalho e que não possuíam as exigências de um mestrado ou doutorado. Estes cursos geralmente eram concluídos em um menor período de tempo em comparação com os denominados stricto sensu, que surgiram na década de 1960 e que possuíam duração mínima de dois e quatro anos, para mestrado e doutorado, respectivamente.

humanos adquiridos e de estimular o espírito de investigação original, indispensável ao progresso das ciências”.¹⁷⁰

Naquela ocasião, por iniciativa de Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde Pública, no governo Provisório de Getúlio Vargas, e por meio do Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, os institutos deveriam conciliar as características de serem, concomitantemente, lugares realizadores de pesquisas e lugares formadores de pesquisadores e doutores em ciências. Dessa forma, esse decreto intentava aproximar a investigação científica e a pesquisa, nos seus diferentes domínios, com a finalidade de ensino dos institutos universitários.

Entretanto, embora uma ênfase especial tenha sido atribuída à Pós-Graduação, principalmente a partir dessa década, esse momento não pode ser tomado como marco de sua instauração. Conforme relatado por Sucupira (1980), a existência de Doutorado pela simples defesa de tese sempre houve no Brasil. No entanto, a ideia de um curso formal de Doutorado só se configurou na educação brasileira a partir de 1931, pela reforma Francisco Campos. De acordo com esse autor, já em 1931, pelo estatuto das Universidades Brasileiras, (Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931), o Doutorado com defesa de tese, acrescido do atendimento a exigências várias fixadas pelas diferentes instituições, constitui uma realidade.¹⁷¹

De toda forma, naquele momento, os cursos de pós-graduação ainda não possuíam as características que lhes seriam incorporadas a partir dos anos sessenta. Dentre elas: os dois níveis, mestrado e doutorado, a integralização de créditos, duração variável, exames de qualificação, proficiência em uma língua estrangeira, acompanhamento dos estudos e pesquisas por um professor orientador e exigência de defesa de dissertação para o mestrado e de tese para o doutorado.

Como exemplo, podemos apontar a Universidade de Minas Gerais, UMG, atual Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, que em 1931 iniciou o Doutorado em Direito, conforme informações divulgadas no site do programa e na página da Plataforma Sucupira, responsável por divulgar as informações sobre autorização de funcionamento dos programas. O curso porém, não possuía naquela época, as características que mencionamos anteriormente e que se tornaram marcantes nos cursos de pós-graduação.

¹⁷⁰ BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 de ago. 2016. Texto com adaptação ortográfica.

¹⁷¹ REIS, Acenir Soares dos. **A história da pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto.** Belo Horizonte, 1990. 205f. Dissertação. (Mestrado em Biblioteconomia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 1990, p. 25.

Assim, na virada de 1931 para 1932, a então Universidade de Minas Gerais abriria o curso de doutorado em Direito, em três seções (Direito Público, Direito Privado e Direito Penal), unidas por uma disciplina comum a ambas: a Filosofia do Direito. Nada obstante o pioneirismo da implantação do curso, dadas as circunstâncias acadêmicas da época, em que havia sucessivos concursos de cátedra e de livre-docência, a primeira tese somente viria a ser defendida em 1953, por Walter Bruno de Carvalho, na seção de Direito Público e intitulada A posição filosófico-jurídica de Stammler.¹⁷²

Enquanto isso, no cenário mundial, desde o término da Segunda Guerra (1945), com o início da Guerra Fria, instaurou-se uma competição pela hegemonia global entre Estados Unidos e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Foi uma guerra ideológica, econômica, diplomática e tecnológica pela conquista de zonas de influência que estabeleceu a divisão do mundo em dois blocos, com sistemas econômicos, científicos, políticos e ideológicos divergentes: o chamado bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco comunista, liderado pela União Soviética. Essa disputa influenciou diretamente nas políticas de vários países, inclusive do Brasil.

Após a Segunda Guerra Mundial, em tempos de Guerra Fria, a hegemonia capitalista consolidou-se no mundo ocidental a partir da estratégia definida pelos Estados Unidos. Nessas décadas, o “americanismo” seria amplamente difundido e assimilado nos países vinculados à ordem capitalista mundial, embora para isso fosse necessário levar adiante uma verdadeira “guerra cultural” balizada pelo equilíbrio desigual de poder entre as duas potências anteriormente aliadas no conflito contra o nazismo – Estados Unidos e União Soviética – e suas respectivas áreas de influência.¹⁷³

Seguidamente, em junho de 1946, foi aprovado o Estatuto da Universidade do Brasil, Decreto nº 21.321, onde utilizou-se pela primeira vez, formalmente, o termo “pós-graduação”, distinguindo-se dos cursos de especialização e de doutorado, conforme se verifica no artigo 71, que indicava que os cursos universitários seriam os seguintes: “a) cursos de formação, b) cursos de aperfeiçoamento, c) cursos de especialização, d) cursos de extensão, e) cursos de pós-graduação e f) cursos de doutorado”.¹⁷⁴

O título de doutor tendia a conferir mais vantagens simbólicas do que benefícios econômicos e profissionais ao seu detentor e possuía reduzido valor no campo acadêmico, em função da ausência de uma carreira acadêmica institucionalizada no país, com exceção da própria USP, cujo doutorado se incorporou à carreira docente.¹⁷⁵

¹⁷² UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Programa de Pós-Graduação em Direito**. Histórico. Breve histórico do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Disponível em: <<http://www.pos.direito.ufmg.br/historico.php>>. Acesso em: 28 out. 2016.

¹⁷³ NEVES, L. M. W. **Direita para o Social e Esquerda para o Capital**. Intelectuais da nova pedagogia de hegemonia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Xamã, 2010. v. 01, p. 39-40.

¹⁷⁴ BRASIL. Decreto nº 21.321, de 18 de junho de 1946. **Aprova o Estatuto da Universidade do Brasil**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-21321-18-junho-1946-326230-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

¹⁷⁵ FERREIRA, M. M.; MOREIRA, R. L. (Org.). **Capes, 50 anos**. 1ª. ed. Brasília: CAPES/MEC, 2002. v. 1, p. 294.

Vale salientar que aparentemente, nesta época, o termo pós-graduação ainda possuía cunho mais profissional que acadêmico, destinando-se mais à especialização e ao treinamento de técnicos do que à formação universitária dos estudantes, conforme se infere do artigo 76 desse mesmo estatuto, que estabelece: “Art. 76. Os cursos de pós-graduação, destinados aos diplomados, terão por fim especial **a formação sistemática de especialização profissional**, de acordo com o que for estabelecido pelo regimento.”¹⁷⁶

Contudo, o grande impulso para o nascimento da pós-graduação no Brasil, de fato, ocorreu a partir da década de 1960, quando surgiram no país os primeiros cursos¹⁷⁷ neste nível de ensino e com características muito próximas do que hoje denominados *stricto sensu*. Também foi no início desta década que ocorreu a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961¹⁷⁸, trazendo explicitamente em seu Art. 69, alínea “b”, menção à pós-graduação sem, no entanto, oferecer maiores informações sobre a natureza desses cursos.

Como havia a necessidade de melhor conceituar os cursos pós-graduados, a fim de diferenciá-los daqueles cursos denominados como especialização, aperfeiçoamento e extensão, ocorreu a publicação do Parecer nº 977/65. Este documento diferenciava de forma clara, os cursos no sentido *stricto sensu*, mestrado e doutorado, dos demais, caracterizados como aperfeiçoamento e especialização, no sentido *lato sensu*. Os preceitos orientadores dos cursos de pós-graduação, surgiram através deste Parecer, de autoria de Newton Sucupira, que foi apresentado pelo Conselho Federal de Educação, CFE, e aprovado em 3 de dezembro de 1965. Este documento consolidava a pós-graduação brasileira nos moldes americanos e determinava suas funções, objetivos e critérios de funcionamento.

A pós-graduação – o nome e o sistema – tem sua origem próxima na própria estrutura da universidade norte-americana, compreendendo o **college** como base comum de estudos e as diferentes escolas graduadas que geralmente requerem o título de bacharel como requisito de admissão. Assim, em virtude dessa organização a Universidade acha-se dividida em dois grandes planos que se superpõe hierarquicamente: o **undergraduate** e o **graduate**. No primeiro encontra-se os cursos ministrados no **college** conduzindo ao B. A. e ao B. Sc.¹⁷⁹, e o segundo abrange os cursos pós-graduados, principalmente aqueles que correspondem a estudos avançados das matérias do **college** visando os graus de Mestre ou Doutor. A grande **Cyclopedia of**

¹⁷⁶ BRASIL. Decreto nº 21.321, ... *passim*. Grifo nosso.

¹⁷⁷ De acordo com os dados disponibilizados no site da CAPES – Plataforma Sucupira, os primeiros cursos autorizados no país, em nível *stricto sensu* foram: Doutorado em Direito, UFMG, em 1931, Mestrado em Odontologia, UFRJ, em 1960, Mestrado em Economia Rural (UFV), 1961 e Mestrado em Fitotecnia (UFV), também em 1961. Informações disponíveis em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 29 de out. 2016.

¹⁷⁸ BRASIL. Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 07 out. 2016.

¹⁷⁹ Abreviaturas estrangeiras para Bachelor of Arts, B.A, bacharel em Artes e Bachelor of Sciences, B. Sc, bacharel em ciências e designam um grau acadêmico de graduação.

Education, editada por Paul Monroe nos começos deste século definia pós-graduado como termo comum, usado nos Estados Unidos, para designar estudantes que já fizeram o **college**; ou seja, o estudante pós-graduado é o que possui o grau de bacharel e continua a fazer estudos regulares com vista a um grau superior.¹⁸⁰

É pertinente lembrar que, mesmo antes da vigência do Parecer 977, no Brasil já existiam vários cursos de pós-graduação em funcionamento. Entre os anos de 1960 a 1970, contávamos com 33 instituições oferecendo cursos de Pós-Graduação sendo 08 programas de doutorado e 25 de mestrado¹⁸¹. Contudo, ainda não havia nenhum regulamento que caracterizasse adequadamente este nível de ensino no país, sendo que a ausência de um instrumento que definisse claramente os objetivos e fins da pós-graduação brasileira, alavancou a formulação do Parecer 977/65.

Importante destacar que por meio do Parecer 977/65, era evidenciado que o modelo implantado na pós-graduação brasileira, seria o norte-americano, organizando sua estrutura acadêmica em cursos lato e stricto sensu. Os cursos de mestrado e doutorado seriam níveis independentes entre si, não havendo exigência de pré-requisito entre eles.

Embora o mestrado e o doutorado represente um escalonamento da pós-graduação, esses cursos podem ser considerados como relativamente autônomos. Isto é, o mestrado não constitui obrigatoriamente requisito prévio para inscrição no curso de doutorado. É admissível que em certos campos do saber ou da profissão se ofereçam apenas programas de doutorado.¹⁸²

Apesar do modelo adotado ter sido, à época, considerado o ideal para o sistema de pós-graduação brasileira, também recebeu críticas, devido às diferenças presentes entre o modelo universitário vigente no Brasil e o dos Estados Unidos, conforme apresentado anteriormente neste estudo.

Em se tratando apenas da pós-graduação stricto sensu, as instituições de ensino de acordo com o Parecer 977/65, teriam a estrutura organizacional dividida em dois níveis hierárquicos, o mestrado e o doutorado, admitindo-se a possibilidade de inscrição direta no nível de doutorado. Quanto à organização curricular, cada nível seria composto por um conjunto de disciplinas divididas em duas modalidades: 1) disciplinas da área de concentração, ou seja, o campo específico de conhecimento constitutivo do objeto de estudos escolhido pelo candidato; 2) disciplinas do domínio conexo, que caracteriza-se pela área ou áreas de

¹⁸⁰ BRASIL. Parecer nº 977/65. **Definição dos cursos de pós-graduação**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Parecer_CESU_977_1965.pdf>. Acesso em 28 ago. 2016. Grifos do autor.

¹⁸¹ CAPES. **Plataforma Sucupira**. Informações do Programa. Dados Cadastrais dos Programas. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

¹⁸² BRASIL. Parecer nº 977/65... *Op. Cit.*, p. 09.

conhecimento correlatas e complementares àquela escolhida pelo aluno. Ao final do curso, o estudante redigiria uma dissertação ou tese, para os casos de mestrado e doutorado, respectivamente. Em todo este processo também fazia-se presente a figura de um professor orientador, responsável pela assistência e orientação de seus alunos.

Contudo, apesar da constatação da influência norte-americana na estruturação do ensino de pós-graduação brasileiro, o modelo europeu também se fez presente, principalmente nos critérios de avaliação destes cursos.

A adoção de uma estrutura norte-americana de pós-graduação não teve seu correlato nos critérios de avaliação e promoção. Conforme já mencionado anteriormente, as exigências dos mestrados brasileiros têm semelhanças com os seus análogos europeus (não anglo-saxões), não com os norte-americanos. O rigor da comunidade acadêmica, sobretudo na área de Educação, tem sido extremado, adotando uma postura muito mais conservadora que o próprio texto da lei. Percebe-se que, ao passo que em várias áreas foram aceitas outras modalidades de trabalho final de curso, conforme a orientação do Parecer 977/65, na área de Educação tem sido exigida “a elaboração de dissertações ambiciosas, em alguns casos, segundo o modelo das pesquisas recomendadas nos programas de doutorado”.¹⁸³

Continuando neste raciocínio, Saviani acrescenta:

Ora, nós sabemos do peso da influência europeia sobre os intelectuais brasileiros, em especial na área das chamadas ciências humanas. E esse dado é importante para entendermos a tendência que acabou por prevalecer na pós-graduação brasileira, cuja implantação se deu a partir do mestrado. Embora os alunos devessem cursar determinadas disciplinas, algumas delas até mesmo em caráter obrigatório, os professores, via de regra, supunham um razoável grau de autonomia do mestrando esperando que ele definisse o próprio objeto de investigação e, ato contínuo, escolhesse o orientador adequado para acompanhá-lo em sua pesquisa.¹⁸⁴

É importante ressaltar que os dois modelos citados são frutos de uma evolução histórica das instituições de ensino da Europa e dos Estados Unidos. No modelo europeu, o professor era o centro da aprendizagem, a partir de um sistema centrado no próprio docente, em função do Professor Catedrático, responsável por uma área específica de conhecimento, ainda dispondo de assistentes e associados que trabalhavam sob sua direção.

O modelo norte-americano de ensino privilegiava a vivência do aprendiz. O conceito de departamento estava presente em sua estrutura acadêmica e era considerado a unidade central da universidade. Neste caso, o poder do professor era muito mais limitado, em se comparando ao modelo europeu, ele era percebido como um membro da equipe universitária e estava, portanto, sujeito às normas e regulamentos institucionais. A tendência norte-americana

¹⁸³ SANTOS, C. M. Tradições e contradições da Pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, São Paulo, v. 24, 2003. p. 639. *Apud*: OLIVEIRA, F.B. Pós-graduação: educação e mercado de trabalho. São Paulo: Papirus, 1995, p. 639.

¹⁸⁴ SAVIANI, Dermeval. O dilema produtividade-qualidade na pós-graduação. **Nuances: estudos sobre Educação**. Ano XVII, v. 17, n. 18, 2010, p. 38.

fortificou-se, particularmente, na estrutura do sistema dos cursos de pós-graduação, provavelmente devido ao fato dos Estados Unidos possuírem sólida tradição neste nível de ensino.¹⁸⁵

Considerando a atuação dos programas de pós-graduação na formação de cidadãos críticos e com capacidade para participar ativamente nos processos econômicos, sociais e políticos, faz-se necessário preservar sua memória, buscando conhecer o passado, os desafios e êxitos enfrentados nesta trajetória.

Com o objetivo de consolidar a identidade contemporânea da pós-graduação no Brasil, apresentamos de maneira sucinta, sua trajetória no país. A seguir, buscaremos retratar o surgimento desta modalidade de ensino na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG, primeira instituição de ensino superior a oferecer cursos de pós-graduação, *stricto sensu* em ciências agrárias, no início dos anos sessenta, e que já se encontrava como uma escola americana em Minas Gerais.

3.2 – A criação do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia

Com a promulgação da Lei nº 272, de 13 de novembro de 1948 era criada a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, UREMG, que previa no texto de seu estatuto a criação de uma Escola de Especialização, competente para definir seu regimento interno e deliberar sobre os cursos de especialização que confeririam diplomas de M.S (Magister Scientiae) ou D.S (Doctor Scientiae), após a conclusão do curso de um ou três anos, no mínimo, para mestrado e doutorado, respectivamente, e ainda a realização da defesa de tese, de acordo com o regimento interno da Escola de Especialização.

Capdeville¹⁸⁶, deixa claro que o incentivo recebido pela UREMG, através da interação com a Universidade de Purdue, ao final da década de 1950, possibilitou posteriormente, alavancar o processo de modernização e a criação dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* na instituição, adotando-se o modelo do Master of Science norte-americano.

Na ocasião da assinatura do convênio com a Universidade de Purdue, em 1959, a UREMG já contava com alguns professores que possuíam o título de doutor, entre eles o Dr. Erly Dias Brandão, Dr. Edson Potsch Magalhães, o que abriu uma vantagem em relação a outras instituições e proporcionou a criação do primeiro Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia do Brasil. Havia na UREMG, desde o início das atividades de pós-graduação, a exigência de

¹⁸⁵ SANTOS, C. M. *Op. Cit.*, p. 629.

¹⁸⁶ CAPDEVILLE, Guy. *Op. Cit.*, p. 86.

que o docente para atuar neste nível de ensino, tivesse, como requisito, o título de doutor¹⁸⁷, não necessariamente PhD, mas ao menos, Professor Catedrático doutor no Brasil¹⁸⁸.

Sobre a organização do concurso para Professor Catedrático, realizados na UREMG até o ano de 1963, o professor Clibas Vieira assim o descreve:

O concurso para professor catedrático compreendia quatro provas: de títulos, prática, de didática e a defesa de tese, sendo públicas as duas últimas. A banca examinadora era composta de cinco pessoas, três de fora e duas de casa, todos professores catedráticos ou técnicos de notório saber. A prova prática, sorteado o ponto, o candidato tinha duas horas para preparar-se e fazer a lista do material necessário para realizá-la. [...] O ponto da aula teórica era sorteado com 24 horas de antecedência, dando ao candidato prazo suficiente para prepará-la, bem como os auxílios visuais como álbum seriado (muito empregado) e transparência coloridas. [...] A nota mínima de aprovação era sete, mas o que determinava o vencedor do concurso para catedrático não era a maior média geral, mas sim, o número de indicações, três no mínimo. O examinador fazia a indicação por intermédio das notas que concedia: quem conseguia a maior média com determinado examinador estava sendo indicado por ele. No final do concurso, as notas de cada examinador eram, em ato contínuo, tornadas públicas e, se houvesse mais de um candidato, apontado o vencedor.¹⁸⁹

A Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, antiga UREMG, já consolidada no oferecimento de cursos graduados, como por exemplo o curso superior de Agronomia, Veterinária, Ciência Florestal, todos na área de ciências agrárias, e possuindo em seu quadro de pessoal docentes com o título de Doutor, expressou a necessidade de ampliar o nível de ensino ofertado até então, o que resultou em março de 1961, no início dos programas de mestrado *stricto sensu* em Olericultura¹⁹⁰ e em Economia Rural.

Mas, apesar desse começo algo tímido, indubitavelmente os cursos de mestrado foram uma grande vitória, os primeiros na área de ciências agrárias no Brasil e, considerando todas as outras áreas, também um dos primeiros. Decorridos poucos anos, outras instituições ligadas à Agronomia passaram a imitar esse exemplo da UREMG.¹⁹¹

O Programa de Pós-Graduação em Olericultura, renomeado para Fitotecnia, no ano de 1964, era à época de sua criação, pertencente ao Departamento de Horticultura, que juntamente com o de Agronomia deram origem ao Departamento de Fitotecnia, existente até os dias de

¹⁸⁷ Naquela época o Doutorado era obtido através da simples defesa de um trabalho de tese, sem maiores exigências para obtenção do título, como integralização de créditos em disciplinas, exame de qualificação, entre outros.

¹⁸⁸ Entrevista concedida à TV Viçosa, pelo professor Flávio Augusto D'Araujo Couto, em 2011, em razão das comemorações dos 50 Anos de Pós-Graduação na UFV.

¹⁸⁹ VIEIRA, Clibas. *Op. Cit.*, p. 61-62.

¹⁹⁰ Importante destacar que o programa ora aparece com o nome de Olericultura, ora como Hortaliças e as primeiras dissertações defendidas expediram o título de Magister Scientiae em Olericultura, atual Fitotecnia.

¹⁹¹ VIEIRA, Clibas. *Op. Cit.*, p. 68.

hoje¹⁹². Já o Programa de mestrado em Economia Rural¹⁹³, pertencente ao Departamento de mesmo nome, iniciou suas atividades na mesma época, março de 1961, porém a primeira defesa de tese neste programa, só veio a ocorrer em 19 de junho de 1962¹⁹⁴, pelo discente Filadelfo Brandão.

A ideia com o oferecimento de cursos pós-graduados, era proporcionar aos estudantes a oportunidade de prosseguirem com seus estudos, o que lhes facilitaria a continuidade da construção do conhecimento científico e a aplicação prática e direta em seu ambiente de trabalho, visto que muitos destes primeiros estudantes de pós-graduação, possuíam vínculo empregatício com outras instituições do país.

Várias foram as atividades desenvolvidas por discentes e docentes do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, ao longo de seus primeiros anos de funcionamento, bem como viagens a fim de divulgação do curso, treinamento de professores e alunos, entre outras. Destacaremos algumas dessas atividades, conforme constam em documentos da época, procedendo à descrição dos registros coletados por meio da pesquisa documental e que auxiliaram no alcance dos objetivos desta pesquisa.

Buscando uma melhor compreensão por parte do leitor, as informações serão apresentadas de forma a contemplar a história de criação do Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, mais especificamente entre os anos de 1961 a 1980 e 1977 a 1992, para o Mestrado e Doutorado, nesta ordem, destacando também os sujeitos que estiveram presentes neste percurso.

Em depoimento concedido à TV Viçosa, no ano de 2011, em ocasião das comemorações dos 50 anos de início dos Programas de Pós-Graduação, nesta instituição, o professor Flávio Couto revela fatos relacionados ao começo das atividades de Pós-Graduação na UREMG. Ele conta que, ainda no ano de 1960, dentro do programa de desenvolvimento¹⁹⁵, foram ministrados quatro cursos de cinco semanas (Olericultura, Economia Rural, Zootecnia e Engenharia Rural), possibilitados pelo ETA Projeto 55, contando com a colaboração de professores brasileiros, americanos e professores de outras regiões do Brasil. Tais cursos tiveram duração de cinco

¹⁹² ARAUJO, Geraldo Antônio de Andrade; VIEIRA, Clibas. Departamento de Fitotecnia. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 226.

¹⁹³ Vale esclarecer que, desde o ano de 2002 o programa é denominado Economia Aplicada e passou a pertencer a área de avaliação de Economia, de acordo com a classificação da CAPES.

¹⁹⁴ Conforme informado em: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade ... Op. Cit.**, p. 393. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Teses de Pós-Graduação 1961 a 1980**. Viçosa: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Viçosa, 1982, p. 7.

¹⁹⁵ Período caracterizado pelo estabelecimento de vários acordos firmados entre a UREMG e instituições norte-americanas. No tocante aos cursos pós-graduados da UREMG, o ETA Projeto 55 foi o que impulsionou a criação dos primeiros programas, no Brasil, seguindo o estilo de ensino norte-americano.

semanas cada um, realizados no período de férias e foram planejados de forma a atender ao mesmo tipo de público de uma pós-graduação.

Corroborando com o depoimento do professor Flávio Couto, Capdeville assim descreve: “Em 1959, iniciam-se cursos de pós-graduação *lato sensu*, nas férias, para em 1961, iniciarem-se nos Departamentos de Horticultura e Economia Rural, os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, nos moldes do “Magister Science” norte-americano”.¹⁹⁶

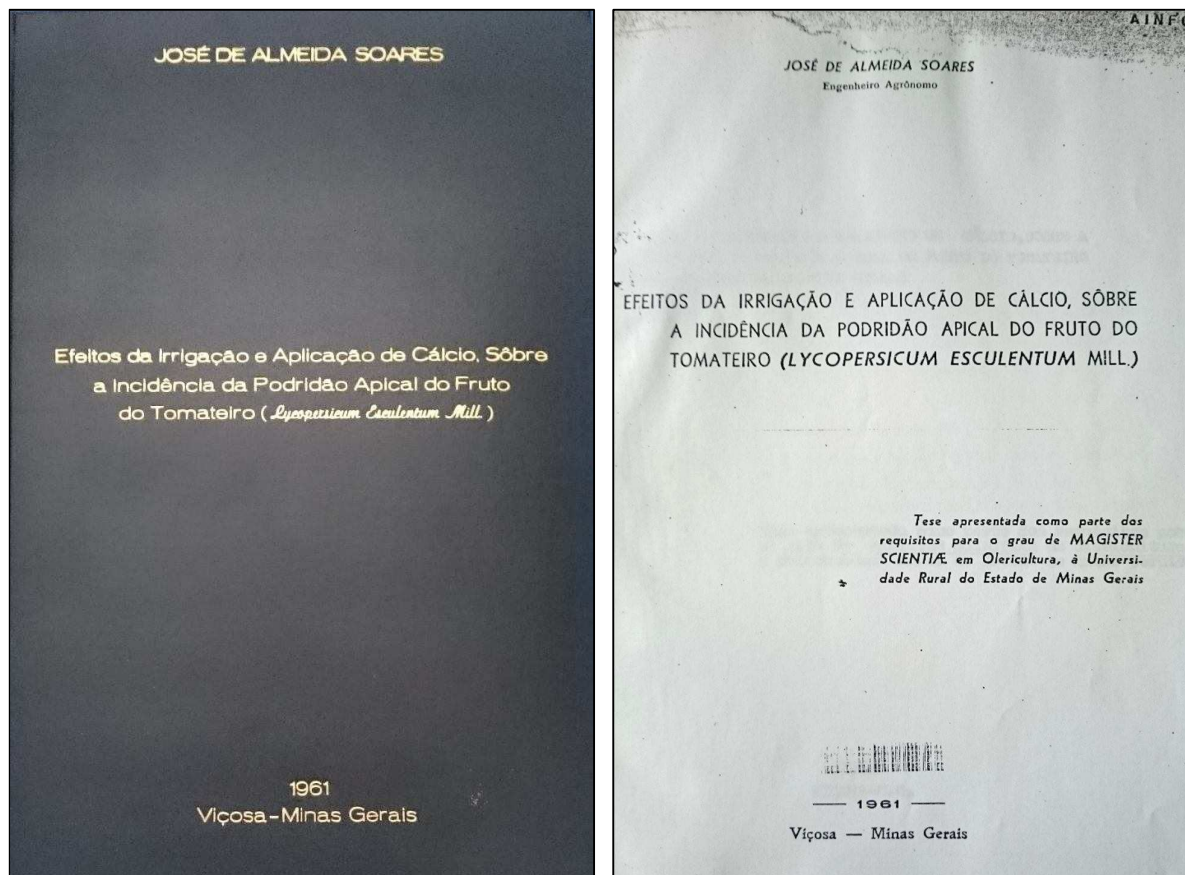
Estes cursos foram uma espécie de pós-graduação experimental e como já existia entre os seus professores, o anseio pela criação de um programa de mestrado, após o sucesso destes encontros, apenas fortaleceu-se a certeza de que a instituição estava pronta para iniciar mais este nível de ensino¹⁹⁷. Desse modo, em março de 1961 iniciou-se o programa de Pós-Graduação em Olericultura, com nove agrônomos matriculados¹⁹⁸. Ainda segundo o depoimento do professor Flávio Couto, especula-se que todas as primeiras dissertações, na área de ciências agrárias, de 1961 a 1963 são pertencentes à Viçosa, ou seja, à UREMG.

¹⁹⁶ CAPDEVILLE, Guy. *Op. Cit.*, p. 86.

¹⁹⁷ Informação confirmada através da Entrevista nº 5 (Função: Estudante egresso e atual professor do PPG-FIT). Data: 08 de junho de 2017. Viçosa – MG.

¹⁹⁸ 1) Alfredo Arruda Branco, 2) Álvaro Augusto Pantoja Pimentel, 3) Arlindo da Costa Lima, 4) Agripino Abranches Viana, 5) José de Almeida Soares, 6) Luiz Jorge da Gama Wanderley, 7) Maria Elisa Vilela, 8) Ramiro Arzabe Antezana e 9) Miracy Garcia Rodrigues.

Figura 10: Capa e contracapa da primeira dissertação defendida na UREMG, em 19 de dezembro de 1961.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

A primeira dissertação defendida no mestrado em Olericultura, atual Fitotecnia, foi intitulada “Efeitos da Irrigação e Aplicação de Cálcio sobre a Incidência da Podridão Apical do Fruto do Tomateiro (*Lycopersicon esculentum* Mill)”, defendida no dia 19 de dezembro de 1961, pelo Sr. José de Almeida Soares, proveniente do Estado do Rio Grande do Sul. O professor Flávio Augusto D’Araújo Couto foi o orientador desta e também das outras quatro teses defendidas na mesma semana, em dezembro de 1961, e ainda de todas as quatorze primeiras teses do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, defendidas entre os anos de 1961 e 1964.

Este curto prazo da defesa das primeiras dissertações (menos de dois anos) foi, à época, uma exceção, que é explicada através da entrevista do professor Flávio Couto:

Como a técnica experimental naquela época já era bem mais desenvolvida e os nossos trabalhos de pesquisa eram todos trabalhos de campo, foram elaborados os projetos

de pesquisa juntamente com os alunos pós-graduados e eles fizeram imediatamente as suas dissertações, por isso a nossa foi a primeira.¹⁹⁹

Outra explicação apresentada pelo professor Flávio Couto, em seu depoimento, sobre o curto prazo para as primeiras defesas foi que:

Todos vieram com o tempo de um ano para ficarem aqui. Então nesse ano eles tinham que fazer o curso, fazer o trabalho de pesquisa e defender o que naquela época, chamávamos de tese. O professor do Rio Grande do Sul, no dia 02 de janeiro, tinha que estar lá.²⁰⁰

O estudante José de Almeida Soares, primeiro a defender sua tese no PPG-FIT, foi matriculado no Programa em 01 de março de 1961 e cursou as disciplinas listadas no Quadro 3. A partir das análises realizadas no Livro de Registros dos Candidatos²⁰¹, verificamos que todos os nove estudantes matriculados no curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, no ano de 1961, cursaram a mesma grade curricular, composta de seis disciplinas, divididas em dois semestres mais Seminário e Pesquisa em ambos, conforme apresentamos a seguir.

Quadro 3: Grade curricular do programa de mestrado em Olericultura em 1961.

1º Semestre	Métodos Culturais Fisiologia Vegetal Estatística Seminário Pesquisa
2º Semestre	Melhoramento de Hortaliças Defesa Fitossanitária Manejo de Solos e Mecanização de Hortaliças Seminário Pesquisa

Fonte: Diretoria de Registro Escolar – UFV.

Interessante mencionar que este núcleo comum, composto por pelo menos uma matrícula em disciplinas de estatística e fisiologia se manteve durante todo o período analisado

¹⁹⁹ Entrevista concedida à TV Viçosa, pelo professor Flávio Augusto D'Araujo Couto. Maio de 2016.

²⁰⁰ *Idem*.

²⁰¹ Livros de Registro de Candidatos sob a guarda da Diretoria de Registro Escolar da UFV, contendo informações sobre data de matrícula no programa, disciplinas cursadas, notas, data e título da defesa. Tivemos acesso aos Livros da Pós-Graduação em Fitotecnia e Hortaliças que, apesar das diferentes denominações, referiam-se ao mesmo Programa.

e, conforme o levantamento dos dados, permanece até os dias atuais, compondo as demais exigências do programa.

A primeira turma de mestres, titulou-se no ano de 1961. Em relação à formação da primeira banca de defesa de tese²⁰², ocorrida em 19 de dezembro de 1961 e de todas as outras quatro ocorridas no mesmo ano, notamos que a composição foi praticamente com a participação dos mesmos membros, sendo o orientador e mais quatro professores doutores. As três primeiras bancas tiveram composições idênticas, enquanto nas demais houve a variação de um membro, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4: Dissertações defendidas no ano de 1961, na UREMG.

Estudante	Instituição de Vínculo/Estado	Data da defesa	Composição da Banca
José de Almeida Soares	Faculdade de Agronomia e Veterinária Rio Grande do Sul	19/12/1961	Flávio Augusto D'Araujo Couto (orientador) Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
Álvaro Augusto Pantoja Pimentel	Secretaria de Estado da Produção Pará	20/12/1961	Flávio Augusto D'Araujo Couto (orientador) Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
Arlindo da Costa Lima	Instituto de Pesquisas Agronômicas Pernambuco	22/12/1961	Flávio Augusto D'Araujo Couto (orientador) Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
Luiz Jorge da Gama Wanderley	Instituto de Pesquisas Agronômicas Pernambuco	22/12/1961	Flávio Augusto D'Araujo Couto (orientador) Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen
Miracy Garcia Rodrigues	Escola de Agronomia da Amazônia Pará	22/12/1961	Flávio Augusto D'Araujo Couto (orientador) Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Frederico Vanetti

Fonte: Diretoria de Registro Escolar – UFV. Elaborado pela autora.

²⁰² Naquela época não era usual o termo dissertação, todos os trabalhos, mesmo os referentes às defesas de mestrado, eram denominados teses. Atualmente existe a diferenciação dos termos dissertação, que se destina à obtenção do grau acadêmico de mestre e tese, que visa a obtenção do grau acadêmico de doutor.

É importante mencionar que o Conselho dos Cursos Pós-Graduados da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais²⁰³, reuniu-se pela primeira vez em 16 de dezembro de 1961, no Gabinete do Serviço de Experimentação e Pesquisa, para tratar basicamente da composição das bancas de defesa de tese dos alunos dos cursos de Economia Rural e Horticultura²⁰⁴, levando em consideração o avançado trabalho das teses. As bancas foram compostas e indicadas para os estudantes que estavam em vistas de apresentarem suas defesas, com pequenas variações entre seus membros, conforme podemos perceber no Quadro 4. Consta ainda na Ata desta reunião inaugural do Conselho²⁰⁵, que as bancas definiriam o horário e local das defesas bem como o exame das teses, e os examinadores deveriam concentrar-se no assunto principal podendo ainda estender-se a problemas correlatos.

Outra questão importante a ser esclarecida, é referente às denominações pelas quais o Programa passa antes de receber seu nome definitivo, a partir do ano de 1964. Nos assentamentos constantes no Livro de Registros dos Candidatos, todos os nove estudantes matriculados no ano de 1961 foram registrados no curso de Hortaliças. Durante os anos de 1962 e 1963 é chamado de Olericultura e, somente a partir de 1964 em diante, e por definitivo, recebe o nome de Fitotecnia.

Ainda neste mesmo documento, verificamos os registros de seis estudantes que estavam matriculados no primeiro semestre de 1962, no programa denominado Agricultura Especial²⁰⁶. Destes, dois desistiram do curso, um titulou como mestre em Fisiologia Vegetal e outros três receberam o título de Magister Scientiae em Fitotecnia²⁰⁷.

Faz-se importante ressaltar que, desde os seus primórdios, assim como ainda ocorre nos dias atuais, o Programa recebia estudantes de diversas regiões do Brasil. O que difere, e muito, é a natureza profissional desses estudantes. Atualmente, é muito baixo o número de candidatos que se inscrevem para o PPG-FIT e que possuem algum vínculo empregatício. A maior parte deles busca concorrer a uma das bolsas de estudos disponibilizadas pelo Programa. Porém, na

²⁰³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Ata nº 1. Reunião do Conselho dos Cursos Pós-Graduados da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.** Viçosa. Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, 16 de dezembro de 1961.

²⁰⁴ Trata-se do Curso de Olericultura, atual Fitotecnia que, conforme já mencionado, por vezes recebeu variações do seu nome.

²⁰⁵ Esta reunião inaugural contou com a presença de todos os conselheiros, com exceção do professor José de Alencar, que por motivos de força maior, não pode comparecer. Estiveram presentes os seguintes conselheiros: José Rodolfo Torres (Presidente do Conselho), J. Woods Thomas, Edson Potsch Magalhães, Erly Dias Brandão, Fábio Ribeiro Gomes, Flávio Augusto D'Araújo Couto e Joaquim Mattoso. Como convidado especial também esteve presente o Co-Diretor Americano do Projeto 55, professor Ray M. Lien.

²⁰⁶ Curso de mestrado criado pelo Departamento de Agronomia, em 1962, sendo mais tarde incorporado ao de Fitotecnia. Cf. VIEIRA, Clibas. **O Feijão e Eu ... Op. Cit.**, p. 68.

²⁰⁷ Titularam-se mestres em Fitotecnia, os estudantes: Alfredo Lam Sánchez (1964), José Carlos Enrique Olivera Begazo (1965) e Luiz Antônio Nogueira Fontes (1965).

ocasião de seu início, praticamente todos eles eram vinculados a alguma instituição, fosse pública ou privada. A seguir, podemos observar o perfil dos primeiros estudantes a ingressarem no PPG-FIT.

Quadro 5: Primeiros estudantes matriculados no Mestrado em Fitotecnia, em março de 1961.

Aluno	Profissão	Instituição	Origem
Alfredo Arruda Branco	Eng. Agrônomo	Instituto Agrônômico do Nordeste	Recife/Pernambuco
Álvaro Augusto Pantoja Pimentel	Eng. Agrônomo	Secretaria de Estado da Produção	Belém/Pará
Arlindo da Costa Lima	Eng. Agrônomo	Instituto de Pesquisas Agronômicas	Jaboatão/Pernambuco
Agripino Abranches Viana	Eng. Agrônomo	Escola Superior de Agricultura - UREMG	Viçosa/Minas Gerais
José de Almeida Soares	Eng. Agrônomo	Faculdade de Agronomia e Veterinária	Porto Alegre/Rio Grande do Sul
Luiz Jorge da Gama Wanderley	Eng. Agrônomo	Instituto de Pesquisas Agronômicas	Recife/Pernambuco
Maria Elisa Villela	Eng. Agrônomo	Instituição Privada	Uberlândia/Minas Gerais
Ramiro Arzabe Antezana	Eng. Agrônomo	Instituição Privada	Consulado Geral da Bolívia
Miracy Garcia Rodrigues	Eng. Agrônomo	Escola de Agronomia da Amazônia	Belém/Pará

Fonte: Diretoria de Registro Escolar – UFV. Elaborado pela autora.

A informação sobre a existência de vínculo empregatício por parte destes primeiros estudantes é reforçada através do depoimento do professor Flávio Couto, onde relata que:

Estes estudantes eram todos empregados, a maior parte deles em empresa do governo. Os dois estudantes que vieram do Pará, eram professores da Escola de lá; os que vieram de Pernambuco, eram funcionários da Empresa Pernambucana de Pesquisa; o do Rio Grande do Sul, também era professor na Escola de Agronomia de Porto Alegre e a moça, era na época, freelancer e morava em Uberaba e também concluiu o curso. Tivemos ainda professores nossos, da própria UREMG.²⁰⁸

Verificamos também que era elevado o número de abandonos registrados nos primeiros anos de funcionamento do PPG-FIT. Na primeira década de atividade do programa, entre os anos de 1961 a 1970, receberam o título de Mestre em Fitotecnia, 68 estudantes²⁰⁹. Contabilizamos que neste mesmo período, 31 estudantes abandonaram o curso de mestrado,

²⁰⁸ COUTO, Flávio Augusto D'Araújo. Entrevista concedida à TV Viçosa. Viçosa, maio 2016.

²⁰⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Teses de Pós-Graduação 1961 a 1980**. Viçosa: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Viçosa, 1982 e Catálogo de Dissertações (1961-1980).

sendo que, na maioria dos casos, já haviam cursado pelo menos dois semestres com disciplinas. Este percentual de evasão de 45% do total de estudantes titulados no período²¹⁰, parece ter ocorrido mais intensamente no início do curso de mestrado, regularizando-se com o passar dos anos. Como exemplo, podemos destacar que na década seguinte, 1971-1980, foram defendidas 226 dissertações e apenas 6% deste total, ou seja, 13 estudantes, abandonaram o curso no período.

Ainda sobre o alto índice de evasão de 45%, este pode ser ocasionado por diversos fatores, que pesam na decisão do aluno de permanecer ou não no curso, de todo modo, nos faltam informações confiáveis sobre a evasão destes alunos e as razões que os motivaram a abandonarem o programa. No entanto, podemos inferir que estes estudantes, em sua grande maioria possuidores de vínculo empregatício, vinham até a instituição, cursavam as disciplinas de seu interesse, aprendiam novas técnicas relacionadas ao cultivo e produção e retornavam às suas respectivas instituições, para a aplicação destes novos conhecimentos. Ao que parece, naquele dado momento, a aprendizagem prática era muito mais importante que a obtenção do título, por isso muitos estudantes não prosseguiram com o cumprimento de todas as exigências acadêmicas.

É importante acrescentar que desde os anos iniciais de funcionamento, o programa recebia candidatos provenientes de oito diferentes nacionalidades, o que reforça o reconhecimento por parte da comunidade acadêmica e reflete os diversos trabalhos de divulgação do programa, realizados por docentes da instituição, tanto nacionalmente como internacionalmente. Também acrescenta-se o fato de que naquela época, poucas eram as instituições de ensino que ofertavam cursos de pós-graduação na modalidade *stricto sensu*.

No quadro que segue, podemos enumerar a presença de 17 estudantes de nacionalidade estrangeira que realizaram matrícula no PPG-FIT, no período de 1961 a 1980 e que defenderam suas respectivas teses, fazendo jus à obtenção do título de *Magister Scientiae* em Fitotecnia.

²¹⁰ Cabe aqui registrarmos que, os dados informados pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFV, PPG, através das publicações intituladas: Teses de Pós-Graduação 1961 a 1980 e Teses de Pós-Graduação 1980 e 1981, diferem das informações constantes em outra obra, intitulada: A Universidade Federal de Viçosa no Século XX, de BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares e MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. O total de titulados informados não se altera, porém alguns apresentam divergências em suas datas de titulação. Para cálculo do percentual de abandonos, consideramos como válidas as informações constantes na publicação intitulada, **Teses de Pós-Graduação 1961 a 1980 e Teses de Pós-Graduação 1980 e 1981**, sob guarda da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, PPG-UFV.

Quadro 6: Estudantes de nacionalidade estrangeira que receberam o título de Magister Scientiae no PPG-FIT entre os anos de 1961 a 1980.

	Nome	Matrícula	Saída	País
1	Alfredo Lam Sánchez	1962/1	1964/1	Peru
2	José Carlos Enrique Olivera Begazo	1962/1	1965/2	Peru
3	Luis Marino Mimbela Leyva	1962/1	1964/2	Peru
4	Hernando Raul Huerta Pulido	1964/1	1967/2	Peru
5	Yoshihiko Horino	1964/1	1966/2	Japão
6	Massataka Kauama	1965/1	1968/2	Japão
7	Angel Maria Chen Guardia	1967/2	1968/2	Panamá
8	German Rafael Leon Diaz	1969/1	1970/2	Venezuela
9	Simon Suhwen Cheng	1969/1	1972/1	China
10	Feliciano Cáceres Segovia	1970/1	1971/2	Paraguai
11	Eduardo Alberto Vilela Morales	1970/2	1974/2	Peru
12	Victor Hugo Alvarez Venegas	1972/1	1974/1	Equador
13	Omar Rafael Chauran	1973/2	1975/2	Venezuela
14	Audberto José Millan	1974/1	1976/1	Venezuela
15	Luis Gilberto Arismendi	1974/1	1975/2	Venezuela
16	Sieglinde Brune	1976/1	1979/2	Alemanha
17	Victor Hugo Vargas Ramos	1977/1	1980/01	Peru

Fontes: SAPIENS UFV – Página acessada em 22/04/2017 e Catálogo de Dissertações (1961-1980).
Elaborado pela autora.

Ao que parece, muito precocemente o PPG-FIT já vinha desempenhando considerável papel no quesito internacionalização e cooperação internacional, recebendo discentes estrangeiros que, no início do Programa, representavam cerca de 6% do total de estudantes titulados²¹¹.

A centésima Reunião do Conselho dos Cursos Pós-Graduados da Universidade Federal de Viçosa, discutiu sobre a implantação do curso de Doutorado em Fitotecnia na instituição. Em Ata, registrou-se que a solicitação seria aprovada desde que as normas do documento de criação do curso se adequassem às exigências do Regimento de Pós-Graduação da UFV. Surgiram algumas divergências de opiniões entre os membros do plenário, especialmente no

²¹¹ Contabilizamos o total de estudantes estrangeiros no período compreendido entre 1961 a 1980 e que concluíram o curso de mestrado em Fitotecnia. Neste mesmo período titularam-se no PPG-FIT, 295 estudantes no total.

tocante ao item 2 do Regimento, que tratava da instalação e funcionamento dos cursos. Após as discussões a proposta de criação do curso de Doutorado em Fitotecnia, foi então aprovada pelos conselheiros.²¹²

Seguidamente, a proposta de criação do curso de Doutorado em Fitotecnia foi autorizada pela CAPES com início para o ano de 1972. Contudo, ao realizarmos o levantamento dos estudantes matriculados através de consultas ao SAPIENS – Sistema de Apoio ao Ensino verificamos que as primeiras matrículas só se efetivaram de fato, a partir do ano de 1973.

Quadro 7: Primeiros estudantes matriculados no Doutorado em Fitotecnia, em 1973.

	Aluno	Matrícula	Origem
1	Arnoldo Junqueira Netto*	1973/01	Três Corações – MG
2	Homero Aidar*	1973/01	Nova Granada – SP
3	Erimá Cabral do Vale	1973/01	Ceará - CE

*** Egressos do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, nível mestrado.**

Fonte: SAPIENS UFV – Página acessada em 22/04/2017. Elaborado pela autora.

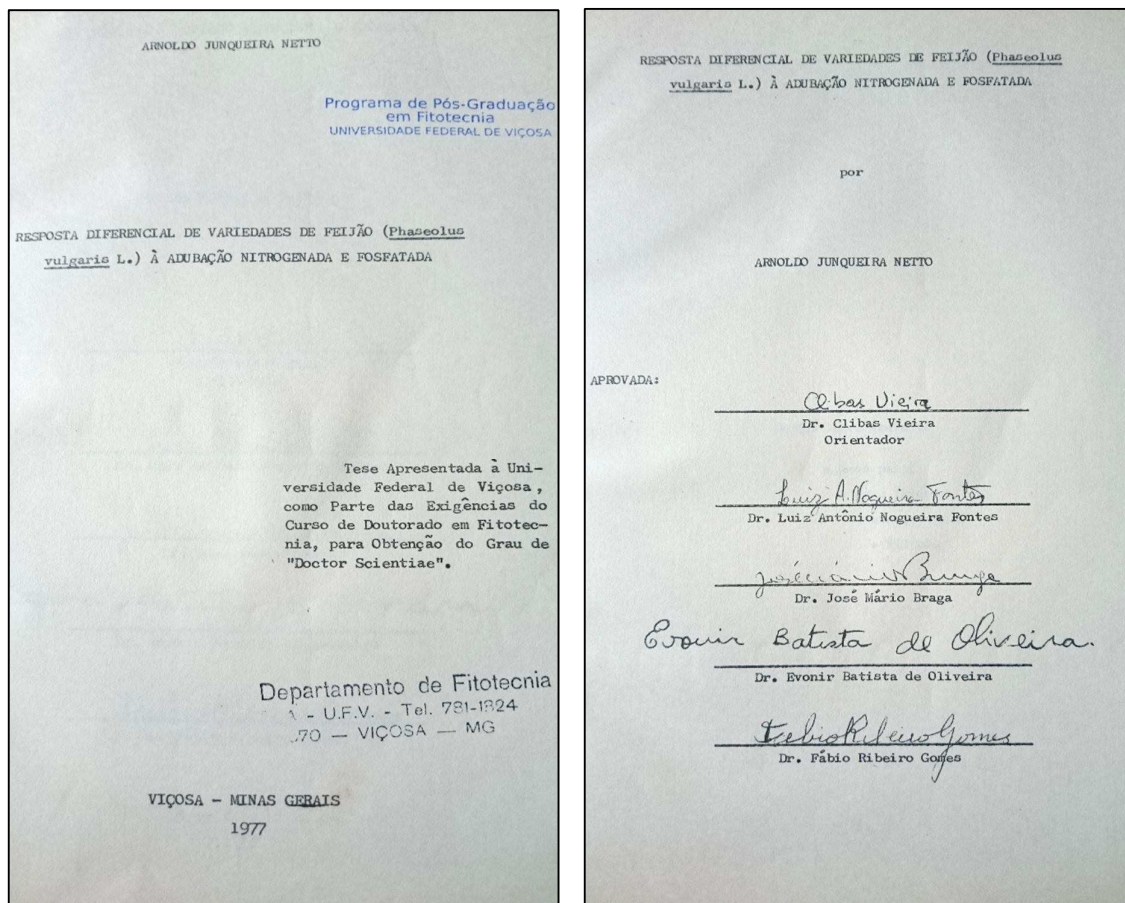
Averiguamos à partir de nossas análises, que o percentual de estudantes que abandonaram o curso de doutorado em Fitotecnia (em média 4% do total de titulados entre os anos de 1977 a 1992), apresentou-se muito menor daquele verificado na primeira década do curso de mestrado.

Conforme relatado pelo Entrevistado nº 6²¹³, muitos estudantes, já portadores do título de mestre, recebiam boas propostas de empregos e optavam por abandonar os estudos e assumir compromissos profissionais. Naquela época, a oferta de trabalho para quem já havia finalizado o curso de mestrado era grande e ofereciam-se muitos benefícios, afinal, ainda eram poucos os profissionais que possuíam o título de Mestre.

²¹² UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Ata nº 100. Reunião do Conselho dos Cursos Pós-Graduados da Universidade Federal de Viçosa.** Viçosa. Universidade Federal de Viçosa, 19 de maio de 1972.

²¹³ Entrevista nº 6 (Função: Estudante egresso e atual professor do PPG-FIT). Data: 14 de junho de 2017. Viçosa – MG.

Figura 11: Capa e página de assinaturas da primeira tese de Doutorado em Fitotecnia, defendida no dia 28 de fevereiro de 1977.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

3.3 – Professores do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia

Construímos nossa história e nossa identidade através das memórias. Com um programa de ensino não é diferente. Para que a história se preserve no tempo e no espaço e possa contribuir de alguma forma com as novas gerações, é necessário que ela esteja acessível aos que a buscam.

A memória de uma instituição está também nas pessoas. Ao longo dos anos, a memória tem sido utilizada como uma ferramenta importante para se demonstrar as conquistas e para fortalecer a imagem institucional perante a sociedade.

David Lowenthal²¹⁴, autor que apresenta importantes contribuições para nossa análise, ressalta em seu livro “Como conhecemos o passado”, que a narrativa histórica não é um retrato do que aconteceu, é apenas uma das possíveis histórias sobre o que de fato ocorreu. O historiador precisa ser o mais imparcial possível não acrescentado nem subtraindo nada dos documentos.

De acordo com Lowenthal:

“A incerteza fundamental acerca do passado nos deixa cada vez mais ansiosos para confirmar que tudo se deu conforme relatado. Para nos assegurarmos de que ontem foi tão importante quanto hoje, saturamo-nos de detalhes e fragmentos do passado, ratificando a memória e a história de forma tangível”.²¹⁵

Através do reconhecimento da parcela de contribuição de cada colaborador na construção de uma trajetória histórica, estamos desenvolvendo uma forma de fazer com que as gerações presentes, envolvidas neste processo, possam despertar em si mesmas um sentimento de pertencimento, conhecendo a história do local onde estão inseridas e sabendo que também serão agentes de fortalecimento desta memória institucional.

As informações encontradas em documentos de arquivo, referencial bibliográfico, objetos, as fotografias que têm o poder de jogar com os dois planos da memória, documentam uma história e ressuscitam o passado, possuem grande valor histórico que podem ser complementadas pela história oral, obtida através da realização de entrevistas, que nos auxiliarão no processo de construção e preservação das memórias do programa aqui pesquisado.

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido ou que dele teve vivo de atores e espectadores de primeira mão – quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhe são decididamente exteriores, então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem²¹⁶.

²¹⁴ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, nº17, 1998, p. 111.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 73.

²¹⁶ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 101.

Figura 12: Pioneiros da Pós-Graduação na UREMG.



Da esquerda para a direita: José de Almeida Soares, Agripino Abranches Viana, Jules Janik (Purdue), Prof. Flávio Couto, Luiz Jorge da Gama Wanderley e Alfredo Arruda Branco.

Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV.

A foto acima, representa um encontro de pioneiros do PPG-FIT. Apesar de não conhecermos a data exata em que foi tirada, consideramos que sua inserção neste estudo ilustra de forma harmoniosa os sujeitos que por muitas vezes nos referimos, ao longo do texto.

Seguindo por este caminho de rememorações, apresentamos a seguir, o Quadro 8, com os nomes de todos os docentes que estiveram presentes no Departamento de Fitotecnia desta instituição, desde seus primórdios até os dias atuais. Estão listados os nomes de professores que atuaram e que ainda atuam no Departamento de Fitotecnia, DFT, sendo que em sua quase totalidade, de alguma forma estiveram ou ainda estão exercendo suas atividades junto ao PPG-FIT, seja na orientação de estudantes, lecionando e/ou coordenando disciplinas, conduzindo de experimentos de pesquisa, entre outros.

Quadro 8: Professores do Departamento de Fitotecnia da UFV.

	Nomes	Admissão	Saída
	Ex-Professores		
1	Agripino Abranches Viana	26/02/1961	31/01/1962
2	Alfredo Lam Sanchez	01/01/1962	31/12/1962
3	Américo José da Silveira	02/01/1965	23/03/1984
4	Aminthas de Assis Lage	13/03/1935	17/07/1938
5	Antônio Américo Cardoso	09/01/1968	09/07/1996
6	Antônio Rezende	15/02/1942	03/03/1966
7	Aquiria Mizubuti	20/01/1964	08/05/1991
8	Aridelson Mendes	11/12/1991	25/03/1992
9	Arnaldo de Freitas Caldeira	<i>Sem inf.</i>	<i>Sem inf.</i>
10	Carlos Floriano de Moraes	04/01/1965	24/3/1995
11	Clibas Vieira	01/01/1955	27/04/1994
12	Diogo Alves de Melo	15/05/1927	31/07/1969
13	Donato Eugênio da Silva	01/03/1928	25/03/1936
14	Ernani Luiz Agnes	02/06/1980	10/04/2017
15	Fernando Antônio Reis Figueira	15/01/1963	31/01/1967
16	Flávio Alencar D'Araújo Couto	07/06/1991	20/09/2012
17	Flávio Augusto D'Araújo Couto	01/01/1951	01/10/1971
18	Francisco Carlos Carvalho da Silva	02/05/1978	03/02/1992
19	Geraldo Corrêa	03/03/1932	14/02/1972
20	Glauco Vieira Miranda	24/10/1997	06/05/2013
21	Homero Diniz Freitas	03/03/1941	31/12/1943
22	Humberto Bruno	15/02/1928	15/08/1934
23	Ivo Manica	23/11/1965	01/09/1980
24	Jaime Frederico Franco Ponce	01/01/1962	30/03/1963
25	Joaquim Joel do Vale Rodrigues	02/05/1965	25/04/1991
26	Joenes Peluzio de Campos	01/01/1958	01/12/1991
27	José Augusto Trindade	01/02/1930	15/07/1932
28	José Carlos Enrique Oliveira Begazo	02/08/1968	09/02/1991
29	José de Freitas Pereira	25/06/1967	19/04/1991
30	José Domingos Galvão	02/01/1962	16/07/1991
31	José Ferreira de Paula	20/04/1965	09/10/1991
32	José Francisco da Silva	15/01/1963	28/06/1991
33	José Maria Vieira	21/06/1967	06/03/1995
34	José Maurício Fortes	01/03/1960	20/08/1991
35	José Pacheco Pimenta	01/02/1941	26/03/1944
36	José Ribeiro Filho	18/07/1975	31/07/1969

37	José Viggiano	01/01/1965	31/01/1967
38	Júlio Pascoal Coelho	02/06/1980	05/03/1992
39	Jurema Soares Aroeira	01/04/1938	31/07/1969
40	Laércio Francisco Caetano	06/11/1981	12/03/1986
41	Landry Sales Vidal	01/01/1958	Sem inf.
42	Luciano Guadagnin	13/06/1944	04/02/1948
43	Luiz Antônio Nogueira Fontes	02/01/1962	07/08/1991
44	Luiz Carlos Lopes	13/02/1963	13/10/1992
45	Luiz Julião Braga	03/01/1966	03/05/1966
46	Luiz Roberto Martins Pinto	02/06/1980	13/03/1985
47	Matosinho de Souza Figueiredo	02/01/1965	29/11/1993
48	Múcio Silva Reis	01/06/1972	31/01/2014
49	Nelson Ferreira Sampaio	17/12/1992	01/04/1996
50	Nelson Marciano	20/02/1967	12/05/1995
51	Otto Andersen	01/01/1946	12/12/1990
52	Paulo Virgílio Lobo Medina	01/04/1971	18/07/1984
53	Pedro Henrique Monnerat	20/01/1963	21/03/1991
54	Renato Mário Del Giudice	01/01/1951	07/06/1991
55	Roberto Ferreira da Silva	01/02/1965	27/12/1991
56	Rubens Vicente Resende Pinheiro	02/01/1963	19/04/1991
57	Sebastião Alípio de Brito	04/01/1985	28/04/1999
58	Sílvio Lopes Teixeira	01/08/1970	14/01/1992
59	Sylvio Starling Brandão	08/01/1936	16/09/1977
60	Tarcísio de Moura Estevão	17/02/1961	04/06/1962
61	Valterley Soares Rocha	04/01/1985	05/06/2013
62	Walter Henriques Furtado	07/04/1954	31/07/1955
63	Yvo de Carvalho	16/01/1964	22/03/1966

Em Atividade

1	Affonso Henrique Lima Zuin	16/08/1994
2	Aluizio Borém de Oliveira	04/01/1985
3	Ângela Cristina Oliveira Stringheta	07/02/1994
4	Antonio Alberto da Silva	27/09/1993
5	Caetano Marciano de Souza	01/10/1992
6	Carlos Eduardo Magalhães dos Santos	02/09/2013
7	Carlos Nick Gomes	27/05/2013
8	Carlos Sigueyuki Sediama	04/09/1972
9	Claudio Horst Bruckner	01/11/1985
10	Dalmo Lopes de Siqueira	28/04/1993
11	Denise Cunha Fernandes dos Santos Dias	14/12/1992

12	Derly José Henriques da Silva	14/04/1992
13	Eduardo Fontes Araújo	02/06/1980
14	Eveline Mantovani Alvarenga	02/06/1980
15	Felipe Lopes da Silva	14/06/2013
16	Fernando Luiz Finger	14/02/1986
17	Francisco Cláudio Lopes de Freitas	31/07/2014
18	Geraldo Antônio de Andrade Araújo	14/07/1998
19	Gerival Vieira	10/06/1981
20	Gilberto Bernardo de Freitas	11/01/1993
21	Hermínia Emília Prieto Martinez	31/05/1991
22	João Carlos Cardoso Galvão	18/08/1994
23	José Antônio Saraiva Grossi	01/10/1992
24	José Eustáquio de Souza Carneiro	07/03/1996
25	José Geraldo Barbosa	02/06/1980
26	José Maria Moreira Dias	11/11/1991
27	Laércio Júnio da Silva	23/07/2014
28	Leonardo Duarte Pimentel	05/12/2013
29	Lino Roberto Ferreira	11/12/1981
30	Luiz Antonio dos Santos Dias	01/08/2006
31	Luiz Carlos Chamhum Salomão	26/03/1991
32	Márcio Henrique Pereira Barbosa	21/01/1997
33	Mário Puiatti	07/10/1987
34	Moacil Alves de Souza	10/12/1992
35	Ney Sussumu Sakiyama	17/02/1997
36	Paulo Cezar Rezende Fontes	03/06/1991
37	Paulo Geraldo Berger	04/03/1997
38	Paulo Roberto Gomes Pereira	12/04/1991
39	Ricardo Henrique Silva Santos	23/08/1993
40	Roberto de Aquino Leite	04/06/1991
41	Rodrigo Oliveira de Lima	20/12/2013
42	Sérgio Yoshimitsu Motoike	19/11/1993
43	Tocio Sedyama	01/07/1987
44	Tuneo Sedyama*	06/01/1949
45	Vicente Wagner Dias Casali*	01/06/1968

***Professor Voluntário.**

Fontes: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. A Universidade Federal de Viçosa no Século XX, 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 228 e Departamento de Fitotecnia – DFT/UFV. Elaborado pela autora.

Dos 45 professores listados no Quadro 8, 27 são egressos do PPG-FIT: 15 são oriundos do mestrado, 2 do doutorado e 10 possuem formação nos dois níveis ofertados²¹⁷, o que representa um percentual de 60% do corpo docente do Departamento, com formação no Programa em questão.

Entre esses professores, por vezes alguns assumiam a coordenação do Programa de Pós-Graduação, juntamente com uma comissão coordenadora formada por mais três professores²¹⁸ e durante certo período de tempo, eram responsáveis pela gestão do Programa, além de orientarem seus respectivos estudantes.

Com base nos documentos investigados e nas entrevistas concedidas por pessoas que estiveram inseridas nas atividades do PPG-FIT, exercendo diferentes funções, foi possível a construção do Quadro 9, onde elencamos os nomes de alguns professores que assumiram a função de coordenador²¹⁹, desde a implantação do Programa, em 1961, até os dias atuais.

Quadro 9: Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia (1961 a 2016).

	Coordenador (a)	Período
1	Flávio Augusto D'Araújo Couto	<i>Sem inf.</i>
2	Bairom Fernandes	<i>Sem inf.</i>
3	Luiz Antonio Nogueira Fontes	1976-1982
4	Pedro Henrique Monnerat	1982 - 1983
5	Luiz Carlos Lopes	1983 - 1985
6	Carlos Siguelyuki Sedyama	1985 - 1989
7	Tuneo Sedyama	1989 - 1992
8	Tocio Sedyama	1993 - 2005
9	João Carlos Cardoso Galvão	2005 - 2007
10	Fernando Luiz Finger	2007 - 2007
11	Cláudio Horst Bruckner	2008 - 2012
12	Sérgio Yoshimitsu Motoike	2011 - 2012
13	Márcio Henrique Pereira Barbosa	2012 - 2014
14	Denise Cunha Fernandes dos Santos Dias	2014 - Atual

Fontes: Entrevistas n^{os} 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e documentos sob guarda do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

²¹⁷ **Professores egressos do curso de mestrado do PPG-FIT:** Ângela Cristina Oliveira Stringheta, Antonio Alberto da Silva, Carlos Eduardo Magalhães dos Santos, Carlos Siguelyuki Sedyama, Eduardo Fontes Araujo, Gerival Vieira, José Antonio Saraiva Grossi, José Maria Moreira Dias, Lino Roberto Ferreira, Luiz Carlos Chamhum Salomão, Mario Puiatti, Paulo Cezar Rezende Fontes, Sérgio Yoshimitsu Motoike, Tuneo Sedyama e Vicente Wagner Dias Casali. **Professores egressos do curso de doutorado do PPG-FIT:** Carlos Nick Gomes e Dalmo Lopes de Siqueira. **Professores egressos do curso de mestrado e doutorado do PPG-FIT:** Caetano Marciano de Souza, Francisco Cláudio Lopes de Freitas, Geraldo Antonio de Andrade Araujo, Gilberto Bernardo de Freitas, Joao Carlos Cardoso Galvão, Laércio Junio da Silva, Leonardo Duarte Pimentel, Paulo Geraldo Berger, Ricardo Henrique Silva Santos e Tocio Sedyama.

²¹⁸ Entrevista n^o 6 (Função: Estudante egresso e atual professor do PPG-FIT). Data: 14 de junho de 2017. Viçosa – MG.

²¹⁹ Conforme entrevistas n^{os} 4, 5 e 6, no início ainda não era usual o termo “Coordenador”, o qual veio a se estabelecer poucos anos depois.

Dos coordenadores listados, apenas os cinco primeiros já encerraram suas atividades profissionais, os outros ainda encontram-se exercendo suas funções junto ao PPG-FIT, principalmente na orientação de estudantes dos níveis de mestrado e doutorado.

A fim de ilustrarmos a atual localização do PPG-FIT, as Figuras 10 e 11, referem-se ao edifício em questão, que abriga os departamentos de Fitotecnia, Fitopatologia e Solos, composto por três andares e ainda um nível localizado no subsolo. O prédio foi inaugurado em 28 de agosto de 1976 e recebeu o nome do professor Sylvio Starling Brandão²²⁰, considerando os relevantes serviços prestados à Universidade²²¹.

Figura 13: Fachada principal do prédio Sylvio Starling Brandão.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

²²⁰ Professor no PPG-FIT, sempre esteve atuante na pós-graduação, compondo mais de 20 bancas de defesa de mestrado em Fitotecnia, desde seu início, até o ano de 1972 e orientando diretamente quatro estudantes do programa, nesta mesma época.

²²¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **CONSELHO UNIVERSITÁRIO (CONSU)**. Resolução nº 01, de 22 de outubro de 1981. Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/01-1981.pdf>>. Acesso em 21 out. 2016.

Figura 14: Hall de entrada do prédio Sylvio Starling Brandão.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

PARTE II

Capítulo IV

Perfil dos estudantes e análise temática das dissertações e teses do PPG-FIT

O ensino de pós-graduação visa principalmente, ao aperfeiçoamento de pessoal docente e a formação de profissionais competentes, capazes de se tornarem especialistas em uma determinada área ou assunto. Neste capítulo, além de apresentarmos a caracterização por faixa etária e sexo dos estudantes matriculados no PPG-FIT, objetivamos rememorar as primeiras defesas de dissertações e teses, considerando a importância que tiveram para o fortalecimento do conhecimento agrário, em nível regional e nacional, sua evolução e ainda como contribuíram para a formação do perfil acadêmico e científico do Programa.

Destarte, é de grande importância conhecer o que foi produzido no primeiro Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia do Brasil, por entendermos que estas produções constituem um valioso aporte científico, pois abarcam teorias, práticas, aplicações e concepções de pesquisa voltadas ao aprimoramento e melhoramento da agricultura, benéficos para toda a humanidade.

Esclarecemos que não se trata de um estudo epistemológico, pois para tanto demandaria de nossa parte muito mais tempo, para uma leitura cuidadosa dos textos das 295 dissertações e 64 teses, relativas aos períodos investigados. É uma visão sintética, o que nos é possível apresentar neste momento e que certamente contribui para traçar o perfil do PPG-FIT, evidenciando não somente assuntos que foram excessivamente pesquisados, como também apresentando as áreas que não foram suficientemente esgotadas.

Neste sentido, nos propusemos a desenvolver um material, no qual chamamos de “catálogo”, onde nos foi possível conciliar as informações estatísticas referentes às defesas ocorridas nas primeiras décadas do PPG-FIT e ainda representar através dos gráficos elaborados, análise temática a partir dos títulos das dissertações e teses deste Programa.

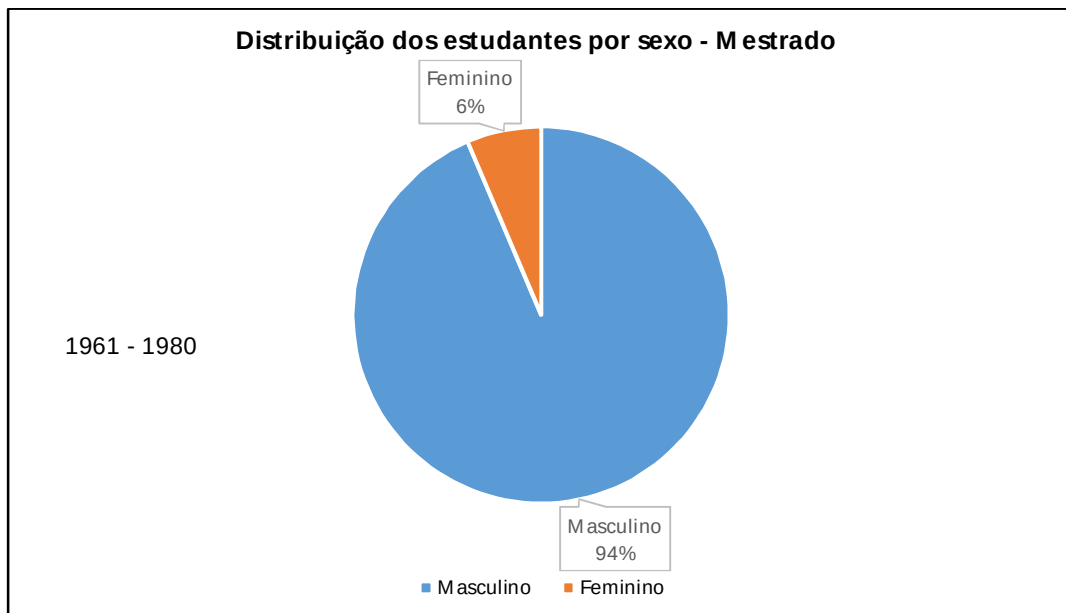
Para tanto, mantivemos nosso foco de pesquisa dentro do recorte temporal inicialmente projetado, ou seja, entre os anos de 1961 a 1980 para o curso de mestrado e 1973 a 1992 para o doutorado. Conforme já descrito anteriormente, o curso de Doutorado em Fitotecnia teve sua autorização para início em 1972, com as primeiras matrículas ocorridas de fato em 1973, tendo ainda sua primeira defesa realizada 4 (quatro) anos mais tarde, em 1977. Objetivando uma maior equivalência entre os períodos investigados nos dois cursos oferecidos pelo Programa,

optamos por analisar os 20 (vinte) primeiros anos de funcionamento do mestrado e do doutorado em Fitotecnia.

4.1 - Perfil dos estudantes matriculados no PPG-FIT

Com vistas a caracterizar o perfil dos pós-graduandos em Fitotecnia, apresentaremos a seguir dados institucionais extraídos do Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS, no que concerne a dois aspectos: faixa etária e sexo dos estudantes. Através de consultas individuais, foi possível o levantamento dos dados referentes ao total de 429 discentes²²² que efetuaram suas matrículas nos períodos analisados.

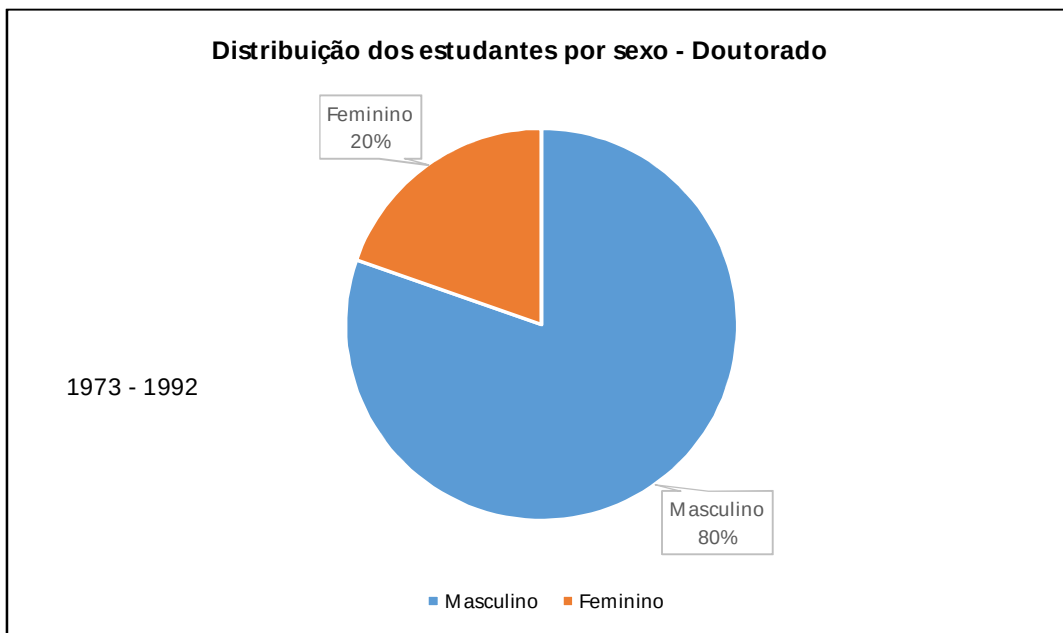
Gráfico 2: Distribuição dos estudantes matriculados no mestrado em Fitotecnia, por sexo.



Fonte: Secretaria do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

²²² Esclarecemos que deste total de 429 estudantes, 317 são referentes ao mestrado em Fitotecnia e 112 ao doutorado no mesmo Programa.

Gráfico 3: Distribuição dos estudantes matriculados no doutorado em Fitotecnia, por sexo.

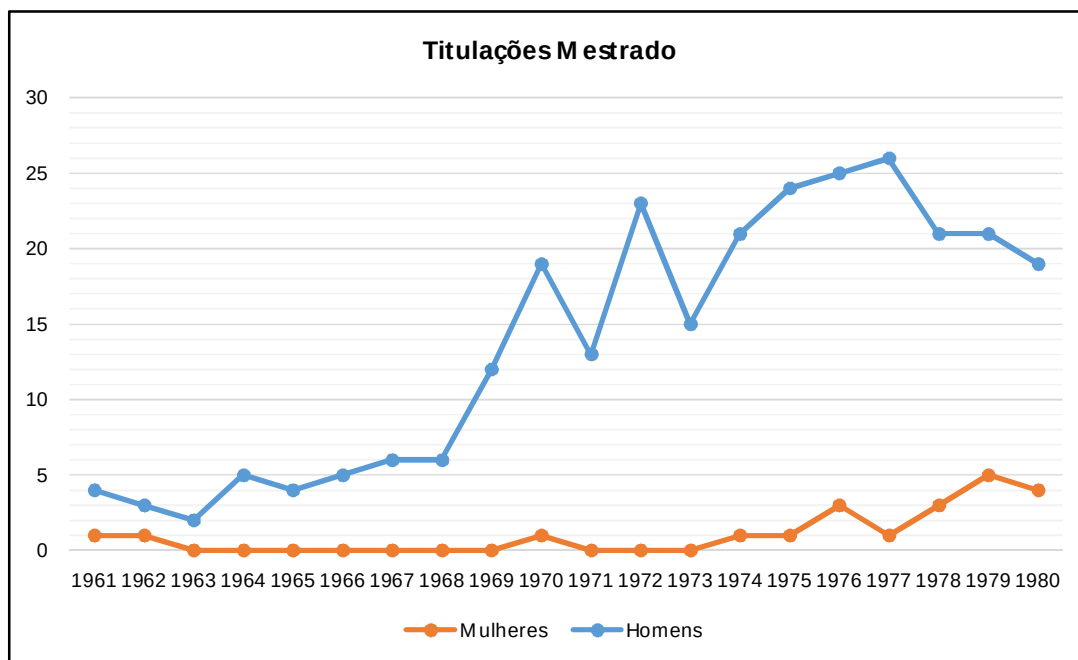


Fonte: Secretaria do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

No Gráfico 2, temos que 94% dos alunos que efetuaram matrícula no mestrado, entre os anos de 1961 a 1980, eram do sexo masculino, em contrapartida, 6% de mulheres estiveram matriculadas neste mesmo período. A situação no curso de doutorado apresenta um pequeno aumento nas matrículas de estudantes do sexo feminino, conforme o Gráfico 3, onde temos o percentual de 20% de estudantes mulheres para 80% de homens. Para ambos os cursos, nos períodos analisados, a tendência era a mesma: apesar de presentes, as mulheres estiveram muito aquém dos homens no acesso aos cursos de mestrado e doutorado em Fitotecnia, nas épocas em questão.

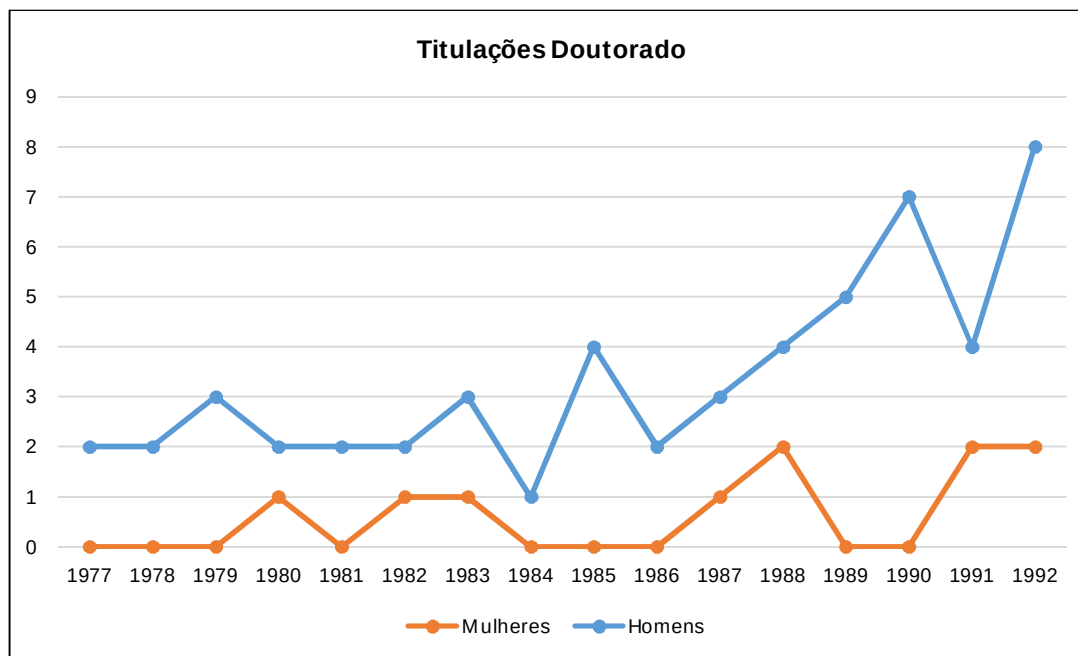
Voltando nossa atenção para os estudantes titulados no PPG-FIT, no que tange ao sexo dos autores dos 295 trabalhos de dissertação e das 64 teses aqui analisadas, o resultado esteve em consonância com o quadro de ingressantes caracterizado nos Gráficos 2 e 3. Nota-se a prevalência de titulados do sexo masculino em comparação ao feminino, situação esta que, embora em menor proporção, ainda se mantém até os dias atuais, conforme poderemos constatar mais adiante.

Gráfico 4: Evolução do número de dissertações defendidas, por sexo - 1961 a 1980.



Fontes: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS e arquivo de dissertações e teses do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

Gráfico 5: Evolução do número de teses defendidas, por sexo - 1977 a 1992.



Fontes: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS e arquivo de dissertações e teses do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

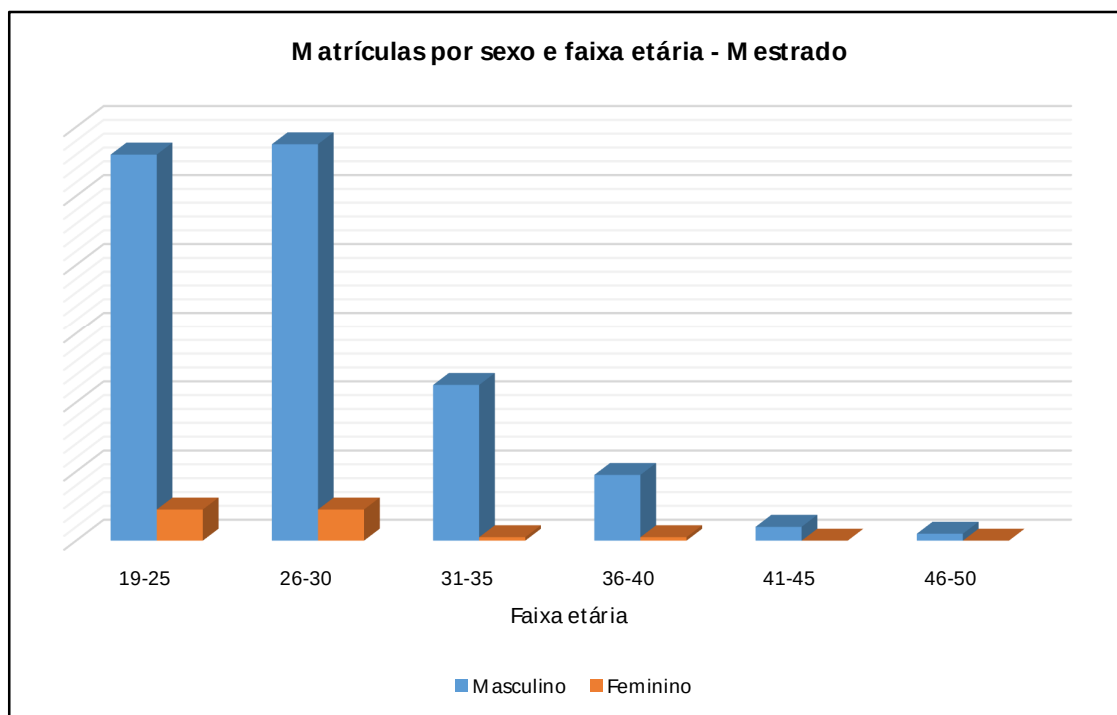
O primeiro título de Magister Scientiae em Oleicultura outorgado a uma mulher ocorreu em 22 de dezembro de 1961, ou seja, 9 meses após seu ingresso no Programa²²³, e coube a Miracy Garcia Rodrigues. A estudante foi orientada pelo professor Flávio Couto e sua pesquisa intitulava-se “Estudo sobre controle do pulgão da couve, *Brevicoryne brassica*”, sendo aprovada por unanimidade pela banca examinadora do trabalho. Quanto ao primeiro título de Doctor Scientiae em Fitotecnia, concedido a uma mulher, registramos que foi para Rosane Cunha Coelho, que defendeu sua tese em 15 de outubro de 1980, sob o seguinte título: “Efeitos de substâncias reguladoras do crescimento sobre a germinação de sementes dormentes de alface (*Lactuca sativa* L.)”. A orientação deste trabalho coube ao professor Vicente Wagner Dias Casali.

A discrepância verificada entre o número de mulheres e homens que chegavam à titulação era muito evidente nos primeiros anos de funcionamento do Programa, conforme evidenciado no Gráfico 4. Contudo, muito timidamente, essa diferença tende a diminuir, tanto nos cursos de mestrado, quanto de doutorado, devido principalmente, ao movimento feminista que surgiu na década de 1960, com o propósito de questionar a posição social das mulheres na educação, no trabalho, na vida pública, etc. Logo, estes espaços até então caracterizados predominantemente pela presença masculina, passam a possuir representatividade feminina, ainda que pequena²²⁴.

²²³ A primeira turma era formada por 9 (nove) estudantes que efetivaram matrícula no mês de março de 1961.

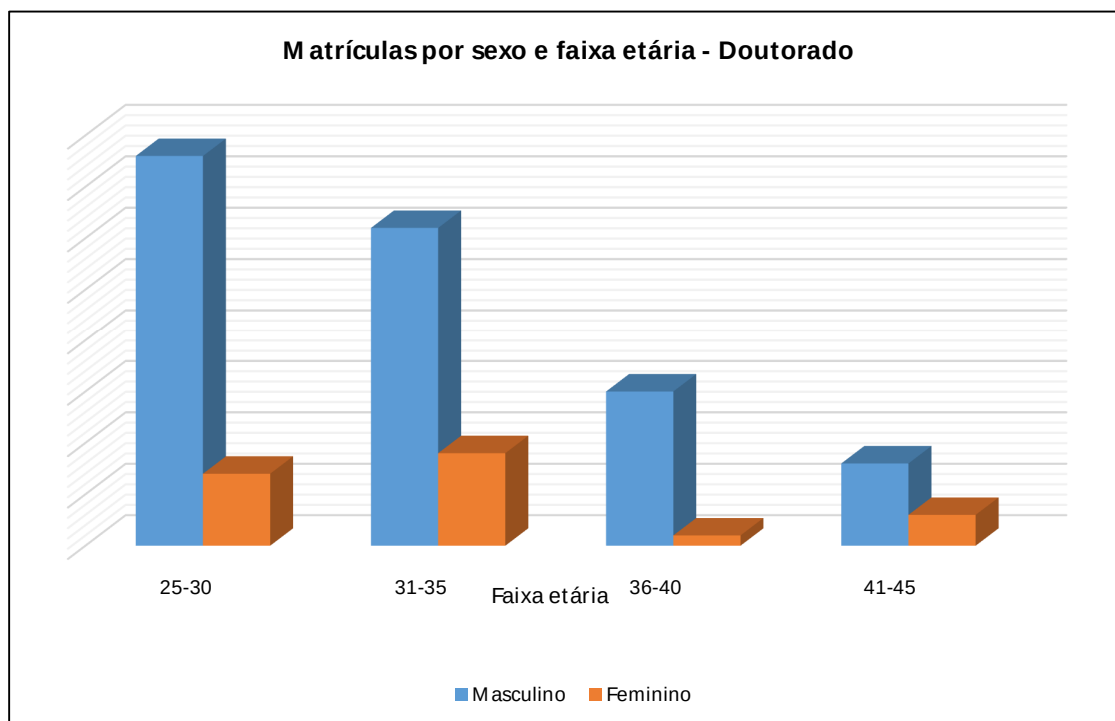
²²⁴ À partir da década de 1960 o movimento feminista surgiu incorporando importantes questões que necessitam de atenção até os dias de hoje, como por exemplo: igualdade entre homens e mulheres, proteção à mulher contra a violência doméstica, equiparação salarial, apoio em casos de assédio, e muitos outros temas relativos aos direitos das mulheres.

Gráfico 6: Faixa etária e sexo dos discentes matriculados no PPG-FIT, nível mestrado - 1961 a 1980.



Fonte: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS. Elaborado pela autora.

Gráfico 7: Faixa etária e sexo dos discentes matriculados no PPG-FIT, nível doutorado - 1973 a 1992.



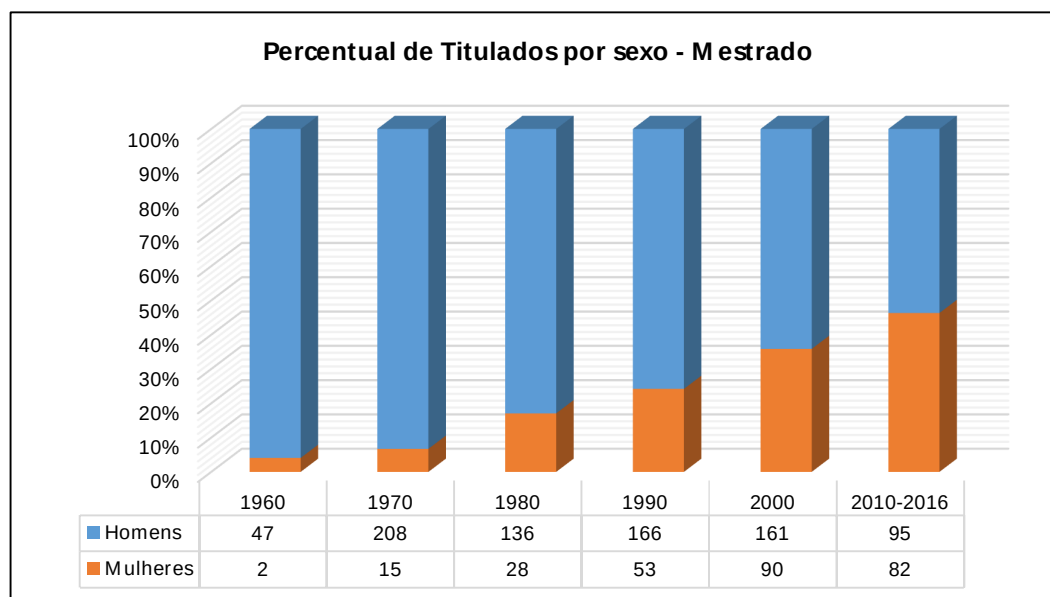
Fonte: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS. Elaborado pela autora.

Conforme representado nos Gráficos 6 e 7, não observamos grandes alterações na concentração total de estudantes em cada grupo: no mestrado a faixa etária predominante (26 a 30 anos) agrega 39% dos estudantes; no doutorado, a faixa etária equivalente (25 a 30 anos) contabilizou o maior número de estudantes matriculados, 40% do total. Para o doutorado, observa-se ainda que a última faixa etária que recebeu estudantes, foi a que compreende as idades de 41 a 45 anos, com 10% do total de matriculados. Podemos supor que, como o tempo gasto para a obtenção do título de doutor é duas vezes maior do que se tratando do título de mestre, iniciar um doutorado com idade mais avançada implicaria em finalizar o curso muito tardiamente.

Também é interessante ressaltar que entre os matriculados do sexo masculino, identificamos uma amplitude de idade de 20 a 47 anos, para o mestrado, e de 25 a 45 anos para o doutorado. Entre as mulheres matriculadas, esta abrangência esteve entre as idades de 21 a 37 anos e 26 a 41 anos, para mestrado e doutorado, nesta ordem.

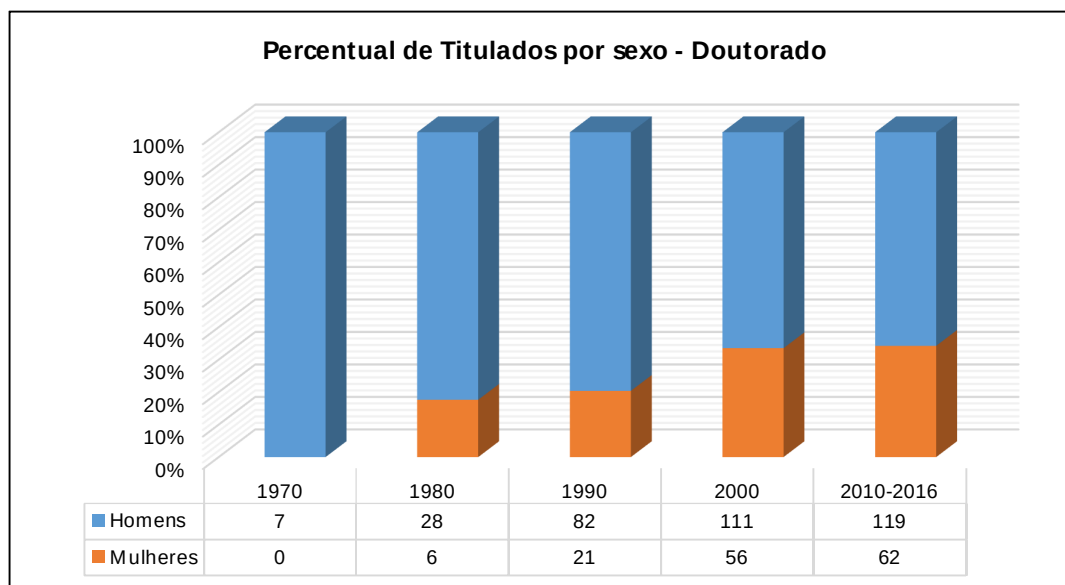
Os dados apresentados nos Gráficos 8 e 9 apontam para uma elevação progressiva, embora pouco expressiva, do número de mulheres que titularam no PPG-FIT, desde seu início em 1961. Referem-se ao período correspondente aos 55 anos do Programa, incluindo as informações mais recentes, até o ano de 2016 e estabelece a proporção entre o número de títulos concedidos a estudantes do sexo masculino e feminino, nos níveis de mestrado e doutorado.

Gráfico 8: Evolução do número de dissertações defendidas, por sexo - 1961 a 2016.



Fontes: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS e arquivo de dissertações e teses do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

Gráfico 9: Evolução do número de teses defendidas, por sexo - 1977 a 2016.



Fontes: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS e arquivo de dissertações e teses do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

Enquanto os homens somam 75% do total dos títulos de mestre, as mulheres representam apenas 30% dos títulos emitidos no doutorado. Mesmo que a perspectiva apresentada demonstre uma elevação no número de mulheres tituladas, é evidente a predominância de estudantes do sexo masculino no programa em questão. Podemos inferir que a área das Agrárias, historicamente atribuída a este sexo, estaria preservando esta característica ao longo dos tempos.

Os números a seguir corroboram com os gráficos anteriormente apresentados e indicam que os mestres e doutores em Fitotecnia da UFV são, predominantemente, do sexo masculino, e que ainda existe, embora menor, uma diferença entre o número de mulheres e homens que chegam à titulação, tanto no mestrado, quanto no doutorado.

Quadro 10: Total de matriculados, por sexo, no mestrado em Fitotecnia, de 1961 a 2016.

Ingresso	Total de matriculados	Homens	Percentual	Mulheres	Percentual
1961-1970	134	129	96%	5	4%
1971-1980	195	179	92%	16	8%
1981-1990	189	147	78%	42	22%
1991-2000	263	190	72%	73	28%
2001-2010	254	152	60%	102	40%
2011-2016	170	89	52%	81	48%

Fonte: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS. Elaborado pela autora.

Quadro 11: Total de matriculados, por sexo, no doutorado em Fitotecnia, de 1973 a 2016.

Ingresso	Total de matriculados	Homens	Percentual	Mulheres	Percentual
1973-1980	16	14	88%	2	13%
1981-1990	73	59	81%	14	19%
1991-2000	151	115	76%	36	24%
2001-2010	232	143	62%	89	38%
2011-2016	164	95	58%	69	42%

Fonte: Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS. Elaborado pela autora.

Procurando conhecer um pouco mais sobre as pesquisas realizadas por estes estudantes, no próximo tópico iremos abordar a questão das temáticas mais recorrentes, identificadas através da leitura dos títulos das 295 dissertações e 64 teses defendidas no Programa, nos períodos delimitados nesta pesquisa.

4.2 - Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992)

Com o objetivo de mapear a produção científica do PPG-FIT e apresentar as principais características das pesquisas pioneiras desenvolvidas no curso, elaboramos o Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992), produtos anexados a esta dissertação e que têm por finalidade integrar em um único local as defesas ocorridas no Programa, nos períodos de abrangência deste estudo. Considerando que os trabalhos desenvolvidos durante estes anos não encontram-se disponíveis para consulta on-line e mesmo quando impressos não trazem todos os dados aqui exibidos, pretendemos, com a construção destes catálogos, oferecer um recurso adicional àqueles que desejarem estudar e/ou conhecer a história/trajetória do PPG-FIT da UFV.

Ainda sobre a construção dos catálogos, entendemos que estes possibilitarão aos interessados uma forma eficiente de busca e acesso aos registros das primeiras defesas, tanto no curso de mestrado como no doutorado, divulgando o conjunto das pesquisas realizadas no âmbito do PPG-FIT e fornecendo subsídios para traçarmos o perfil acadêmico/científico do Programa, em tempos idos. Além disso, permite-nos fazer uma reflexão sobre o conjunto da produção científica do Programa e como esta foi delineada no início dos cursos de mestrado e doutorado.

A partir da disponibilização dos catálogos via internet, reiteramos a função social da Universidade, difundindo o conhecimento que está sendo produzido em seu interior para além de suas divisas, além de favorecer e facilitar uma interação mais ampla com a comunidade.

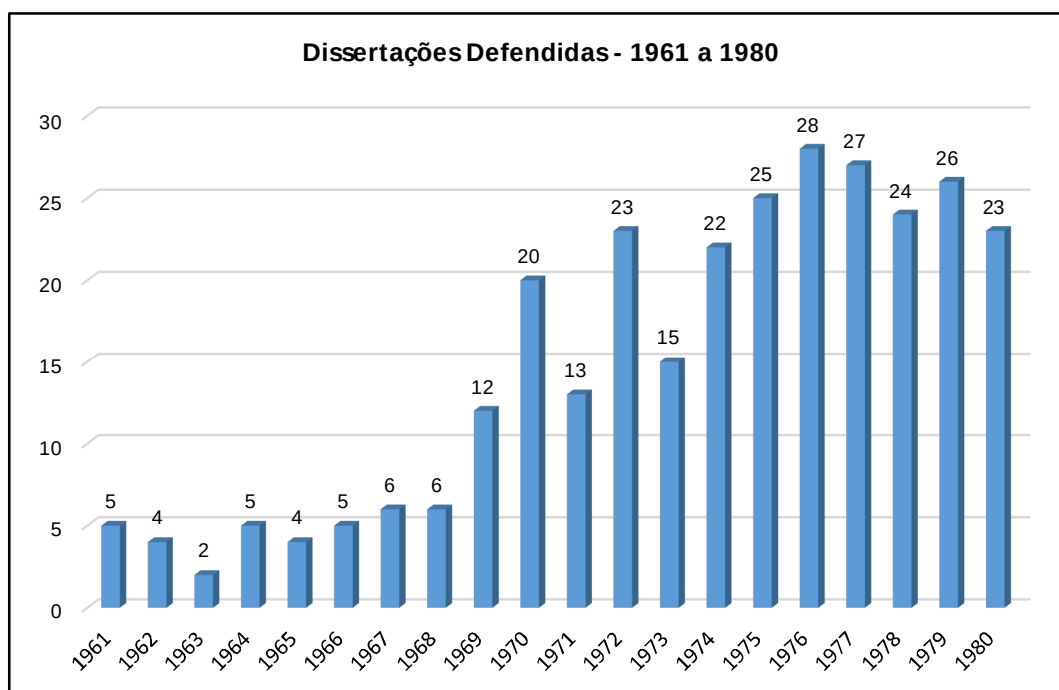
No que se refere às análises que apresentaremos a seguir, foi considerado o período correspondente ao recorte temporal desta pesquisa, ou seja, de 1961 a 1980, para o curso de Mestrado em Fitotecnia e para o Doutorado, de 1977 a 1992.

Apresentação dos dados analisados

A apresentação das informações dos estudantes titulados no PPG-FIT, permite-nos rememorar parte de uma história sobre um programa de pós-graduação que surgiu há mais de meio século na antiga UREMG.

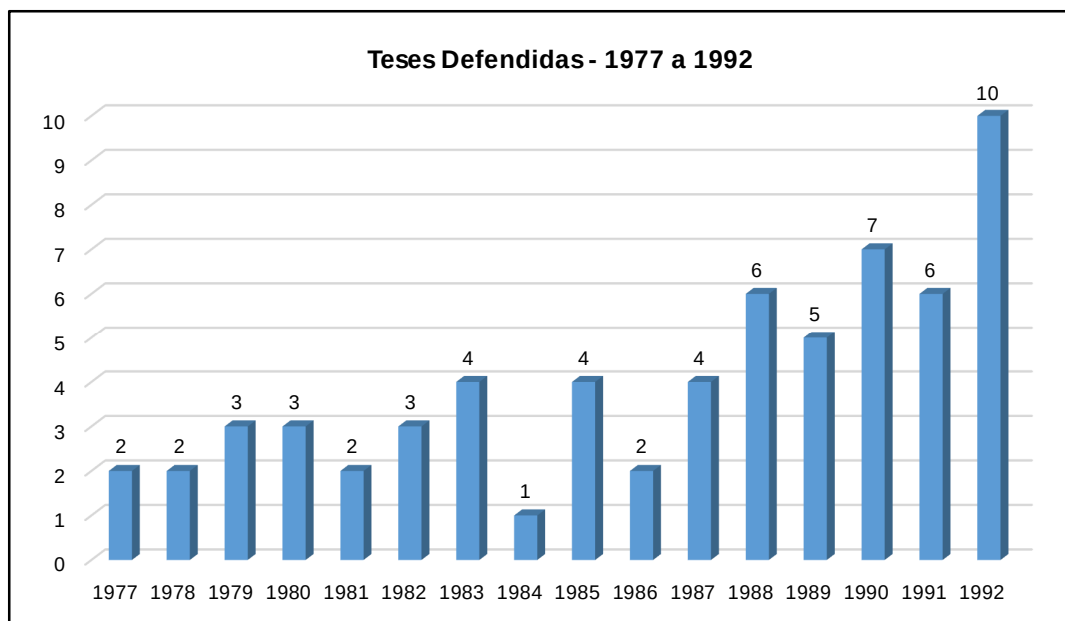
A partir do ano de 1961, iniciaram as primeiras defesas visando à obtenção do título de Magister Scientiae e, a partir de então, registrou-se um crescimento significativo no total de trabalhos defendidos no Programa. Os Gráficos 10 e 11 ilustram o quantitativo de 295 dissertações e 64 teses defendidas e aprovadas no PPG-FIT, nos períodos investigados.

Gráfico 10: Número de dissertações defendidas por ano - 1961 a 1980.



Fonte: Secretaria do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

Gráfico 11: Número de teses defendidas por ano - 1977 a 1992.



Fonte: Secretaria do PPG-FIT. Elaborado pela autora.

Conforme representado no Gráfico 10, podemos notar que a partir da federalização da UREMG, ocorrida no ano de 1969, o número de titulações no mestrado teve um crescimento significativo e constante, em comparação com a primeira década do curso, com ligeira queda nos anos de 1971 e 1973. Quanto ao doutorado (Gráfico 11), nas suas primeiras duas décadas de funcionamento, a ampliação do total de titulados ocorreu de forma pouco expressiva, embora constante, apresentando a maior queda no ano de 1984.

Para sistematizar e classificar por tema/eixo temático as dissertações e teses, fizemos a análise por meio da leitura dos títulos, fichas de identificação e registro, para anotação de passagens ou fragmentos dos textos que apontassem elementos significativos, tais como: produtos, manejo, técnicas, métodos e práticas mais recorrentes entre as pesquisas, indicando ainda a frequência com que tais palavras/expressões se encontravam presentes nos títulos dos trabalhos.

Através da leitura cuidadosa dos títulos das dissertações e teses realizamos uma classificação temática em categorias, para melhor ilustrarmos a distribuição e concentração das pesquisas realizadas no âmbito do PPG-FIT. No Quadro 12 estão relacionadas as principais categorias que identificamos e nomeamos de acordo com as informações disponíveis nos títulos das pesquisas defendidas e que compõem a produção científica do Programa, nos períodos compreendidos entre 1961 a 1980 e 1977 a 1992, para o mestrado e doutorado, respectivamente.

Quadro 12: Quadro referencial temático elaborado a partir dos títulos das dissertações e teses do PPG-FIT, nos períodos de 1961 a 1980 e 1977 a 1992, respectivamente.

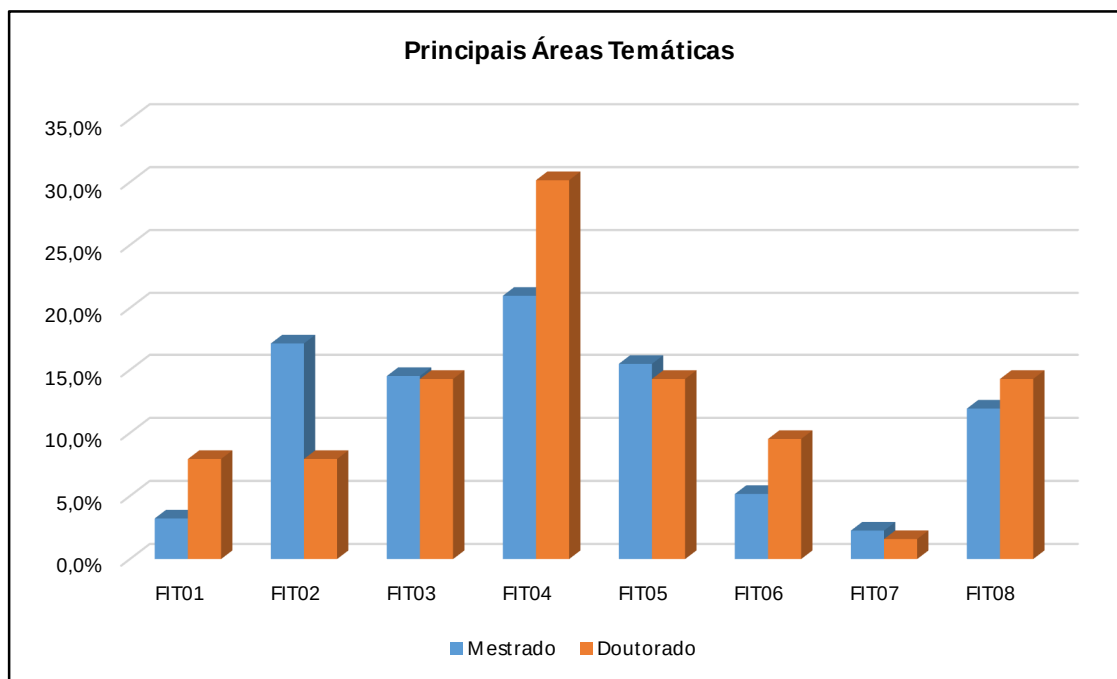
Sigla da Categoria Temática	Categoria Temática
FIT01	Fisiologia da Produção e Manejo Pós-Colheita de Produtos Agrícolas
FIT02	Manejo de Solos e da Água
FIT03	Melhoramento de Plantas e Biotecnologia
FIT04	Nutrição Mineral e Adubação de Plantas
FIT05	Plantas Daninhas, Alelopatia, Herbicidas e Resíduos
FIT06	Produção e Tecnologia de Sementes
FIT07	Propagação Vegetativa de Plantas e Cultura de Tecidos
FIT08	Técnicas Culturais

Fonte: Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992). Elaborado pela autora.

O conjunto de referências bibliográficas - dissertações e teses - utilizadas na elaboração do Quadro 12 e dos gráficos a seguir, foi composto por 295 títulos de mestre e 64 títulos de doutor. É necessário mencionar que durante a leitura dos títulos procuramos agrupar os trabalhos por temas e que, por vezes, um mesmo trabalho apresentou mais de uma abordagem temática, classificando-se ao mesmo tempo em duas ou mais categorias/temas de pesquisa.

Dentre as temáticas mencionadas e abordadas nas dissertações e teses, algumas tiveram maior destaque em detrimento de outras, conforme apresentado no Gráfico 12, que estabelece uma comparação entre as temáticas apontadas neste estudo. Esclarecemos que, para este cálculo, consideramos o total de vezes que em que o tema foi abordado dentro de cada nível, ou seja, o percentual referente ao total de dissertações e teses, separadamente.

Gráfico 12: Concentração das dissertações e teses nas principais Áreas Temáticas detectadas.



Fonte: Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992). Elaborado pela autora.

Ainda sobre as temáticas abordadas no PPG-FIT, apresenta-se em maior evidência, tanto no mestrado quanto no doutorado, a Categoria Temática 4, denominada "FIT04 – Nutrição Mineral e Adubação de Plantas", com aproximadamente 66 dissertações e 20 teses, equivalentes a 22% e 30% em relação ao total de defesas de mestrado e doutorado. Estes trabalhos abordam estudos sobre a inter-relação do estado nutricional das plantas e o meio ambiente, absorção, transporte, distribuição e metabolismo dos elementos químicos, sistemas de preparo e manejo do solo, impactos ambientais, adubação e produção das culturas.

Equiparam-se em percentual de trabalhos titulados, as Categorias Temáticas FIT03 e FIT05, sendo que, na Categoria Temática 3 "FIT03 – Melhoramento de Plantas e Biotecnologia", temos um total de dissertações e teses defendidas de 47 e 9, respectivamente, o que representa 15% para ambos os níveis, mestrado e doutorado. Aqui, incluem-se as pesquisas referentes à manipulação genética das plantas, por métodos convencionais e biotecnológicos, para melhoria do potencial econômico das culturas, observando a sustentabilidade da produção agrícola e a preservação do ambiente e do germoplasma.

A Categoria Temática 5 "FIT05 – Plantas Daninhas, Alelopatia, Herbicidas e Resíduos", trata dos trabalhos defendidos sobre o estudo da ecofisiologia das plantas daninhas, sua interação com as culturas economicamente exploradas, dos métodos e sistemas de manejo, da

alelopatia e dos herbicidas e sua influência na qualidade dos produtos colhidos e resíduos na planta e no solo. Incluem-se ainda nesta categoria, os estudos relacionados com a sanidade das plantas cultivadas, incluindo manejo de pragas e doenças, inimigos naturais e interações planta insetos e planta patógenos. Foram contabilizadas neste grupo, novamente, o percentual de 16% para o mestrado, e 15% para o doutorado, o que corresponde a 47 dissertações e 9 teses, do total analisado.

Na Categoria Temática 2 “FIT02 – Manejo de Solos e da Água”, encontramos um percentual de 18% dos 295 títulos pesquisados, isto é, 53 dissertações, sendo que 35 delas tratam exclusivamente de estudos sobre tipos de solos e técnicas de conservação dos mesmos. Acrescentamos que o solo pode ser considerado um dos elementos naturais mais importantes para a sociedade, visto que, além de ser parte fundamental dos ecossistemas, também é nele que são realizadas as atividades agrícolas, essenciais para a produção de alimentos. No doutorado, em menor número, encontramos apenas 5 teses, sobre este tema, o que representa 8% do total de 64 títulos analisados.

Incluídas na Categoria Temática 8 “FIT08 –Técnicas Culturais”, verificamos a existência de 37 dissertações e 9 teses, ou seja, 12% e 14% do total de títulos do mestrado e doutorado. Os trabalhos classificados nesta temática em especial, tratam de variadas técnicas de cultivo, entre elas, a rotação de culturas, o plantio direto, plantio consorciado, entre outras.

O conjunto com menor número de incidência foram as categorias temáticas 1, 6 e 7. Na Categoria Temática 1, "FIT01 – Fisiologia da Produção e Manejo Pós-Colheita de Produtos Agrícolas", listamos 10 dissertações e 5 teses que abordaram questões relacionadas ao trato com a planta de modo a obter produtos de melhor qualidade e minimizando as perdas ao longo do processo de produção. Este baixo percentual equivale a 3% das dissertações e 8% das teses defendidas.

Já na Categoria Temática 6, "FIT06 – Produção e Tecnologia de Sementes", tem-se 5% dos títulos de mestre e 10% dos títulos de doutor, ou seja, 16 e 6 títulos, respectivamente, que referem-se aos cuidados e procedimentos técnicos na produção de sementes de forma a refletir na produtividade de grande parte das culturas. São estudos sobre os aspectos fisiológicos (germinação, vigor, dormência), bem como colheita, secagem, beneficiamento e armazenamento dos grãos.

E, por fim, na Categoria Temática 7, "FIT07 – Propagação Vegetativa de Plantas e Cultura de Tecidos", elencamos 7 dissertações e uma tese. Os 8 trabalhos em questão têm como foco de pesquisa o emprego de estratégias relacionadas com a produção e o controle de qualidade de mudas, visando o desenvolvimento de técnicas de multiplicação assexuada das

plantas, incluindo culturas de células e tecidos e transformação genética. Representando menos de 2% dos títulos de mestrado e doutorado, foi a categoria com menor número de trabalhos elencados.

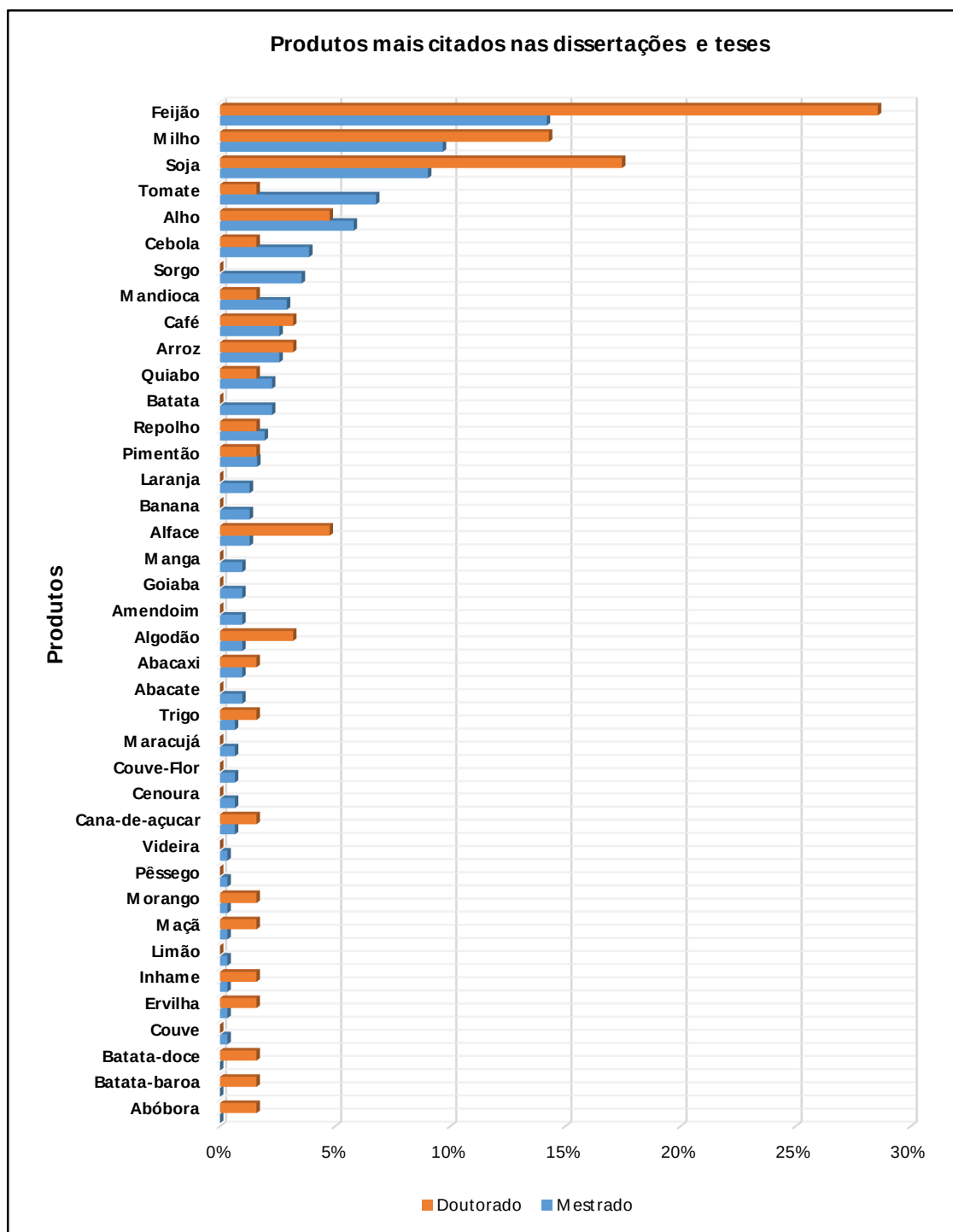
Após cuidadosa leitura de todos os títulos das dissertações e teses do PPG-FIT, pautando-se no quadro referencial temático estabelecido, foram excluídas 12 dissertações por não se enquadrarem em nenhuma das categorias temáticas estabelecidas²²⁵.

É importante esclarecermos que as categorias temáticas apresentadas, fizeram parte do universo da produção científica do Programa nos períodos pesquisados, e que a classificação aqui estabelecida foi unicamente considerando os trabalhos defendidos dentro do recorte cronológico deste estudo.

Frente aos dados obtidos, nos pareceu interessante entender como ocorriam por parte dos discentes, as escolhas por realizarem suas pesquisas em determinadas áreas. A opção por pesquisar um certo tipo de produto/cultura muitas vezes partia da própria necessidade do estudante, fosse para atender a uma carência mais urgente na região da qual era proveniente, ou mesmo uma exigência do seu setor de trabalho, uma vez que no início do Programa, a maioria dos discentes possuíam vínculo empregatício com empresas governamentais e privadas.

²²⁵ As 12 (doze) dissertações excluídas abordavam os seguintes temas: cultura do cacau (2), flores ornamentais (4), plantio de eucalipto (4) e tabaco (2).

Gráfico 13: Frequência com que determinado produto aparece nos títulos das dissertações (1961-1980) e teses (1977-1992) do PPG-FIT.



Fonte: Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992). Elaborado pela autora.

Esclarecemos que o Gráfico 13 foi elaborado a partir da contagem do total de vezes que cada produto foi citado nos títulos das dissertações e teses, considerando os períodos de 1961 a 1980 e 1977 a 1992, respectivamente, e por vezes, um mesmo título apresentava mais de um produto em sua composição. Foram analisados ao todo, 359 títulos²²⁶ e calculado o percentual equivalente para cada produto em relação ao total de dissertações e teses defendidas.

O professor Flávio Couto, em entrevista concedida à TV Viçosa, ao ser indagado sobre os procedimentos para a escolha do tema da pesquisa a ser desenvolvida pelo estudante, faz a seguinte declaração: “A minha orientação é que eles fizessem algum trabalho que fosse importante para onde eles iam. Então todos eles escolheram seus assuntos, assuntos gerais...”²²⁷.

Outras opções de pesquisa partiam da disponibilidade de um professor orientador com experiência em determinada cultura, a praticidade para se montar os experimentos com determinado produto, o tempo que o estudante tinha disponível para concluir o curso, enfim, várias foram as escolhas e mais variados ainda os motivos que as justificavam.

Deste modo, o universo de produtos agropecuários pesquisados no programa foi e, diga-se de passagem, ainda é, muito diversificado. Entre os principais produtos estudados, cabe destaque para a cultura do feijão, milho e a soja, conforme ilustrado no Gráfico 13. Todavia, é possível identificarmos uma grande variedade de outros produtos que, embora em menor frequência, também integraram o rol de pesquisas do PPG-FIT.

4.3 - Corpo Docente

A pós-graduação concentra a maior parte da capacidade de pesquisa nacional, da qual depende a formação de pesquisadores e professores. A estreita relação entre orientadores e orientandos contribui para o sucesso das pesquisas e, deste modo, podem propiciar um ambiente favorável às novas descobertas que beneficiarão a população em geral.

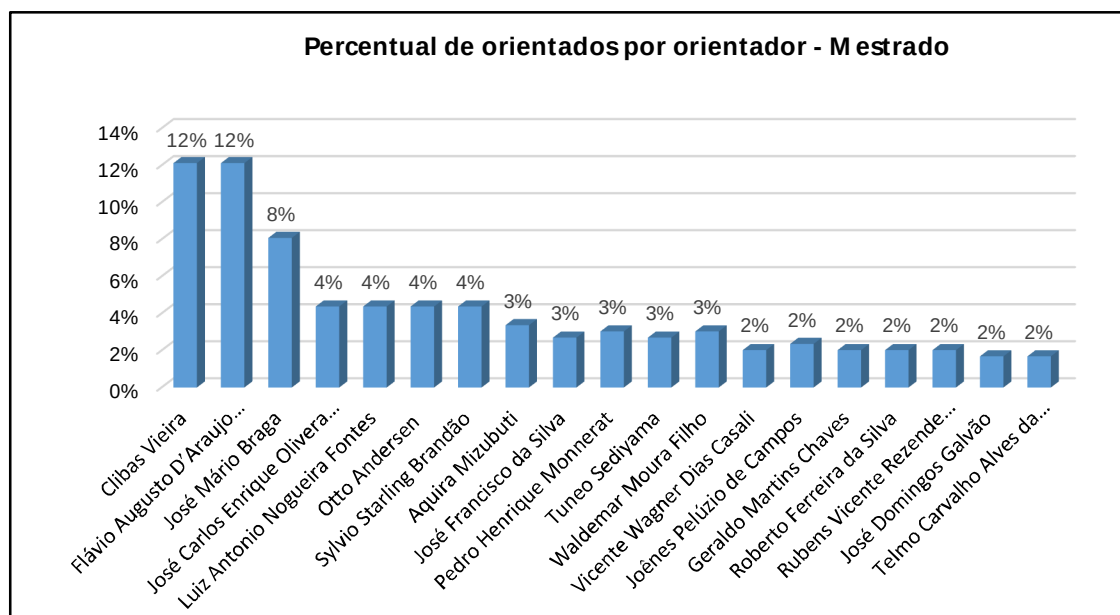
No PPG-FIT, muitos foram os nomes que compuseram o conjunto de orientadores do Programa, em seus 55 anos de atividade. Contudo, ilustraremos através dos Gráficos 14 e 15, aqueles que mais tiveram estudantes sob sua orientação, nos períodos correspondentes à nossa pesquisa. Através dos gráficos podemos perceber, por vezes, uma maior concentração em determinado docente, em detrimento de outrem e tal característica pode ser explicada pela área de atuação e especialização do professor. Como normalmente ocorre na pós-graduação, o estudante tem a liberdade de escolher o tema/assunto que pretende investigar e esta liberdade

²²⁶ Obtivemos este total através da soma dos 295 títulos de mestre e 64 títulos de doutor.

²²⁷ Entrevista concedida à TV Viçosa, pelo professor Flávio Augusto D'Araujo Couto. Maio de 2016.

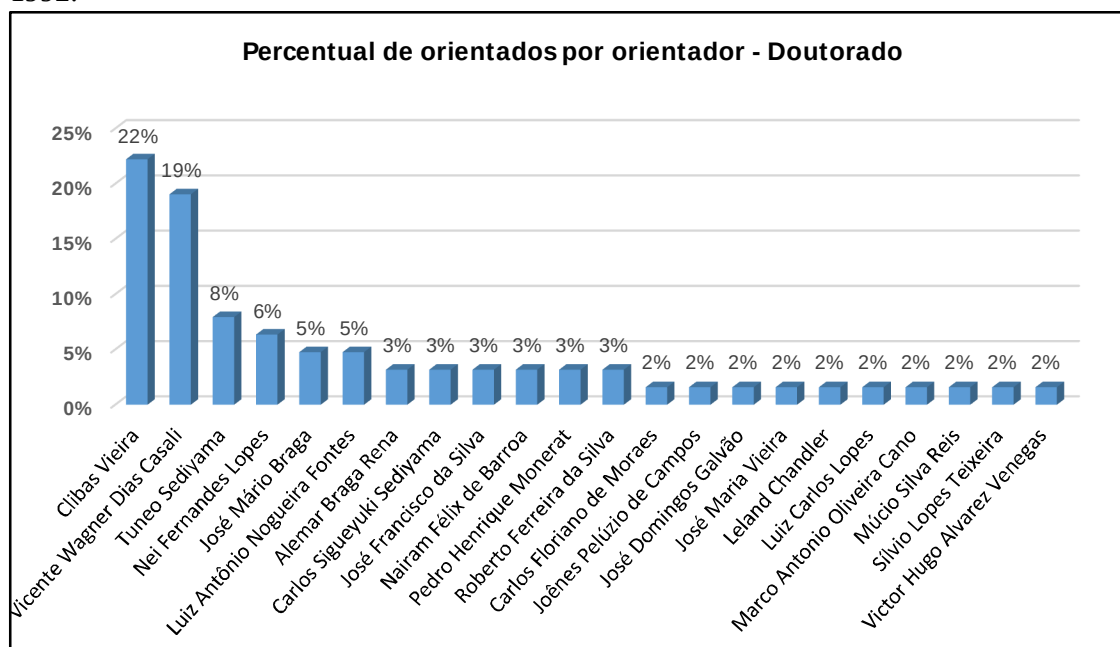
de escolha fica evidenciada conforme a distribuição de estudantes por orientador, apresentada nos gráficos²²⁸ a seguir.

Gráfico 14: Orientadores e percentual de orientados no Mestrado em Fitotecnia, de 1961 a 1980.



Fonte: Catálogo de Dissertações (1961-1980). Elaborado pela autora.

Gráfico 15: Orientadores e percentual de orientados no Doutorado em Fitotecnia, de 1973 a 1992.



Fonte: Catálogo de Teses (1977-1992). Elaborado pela autora.

²²⁸ Para fins de melhor visualização, optamos por incluir nos Gráficos 12 e 13 os nomes dos orientadores cujas orientações totalizaram ao menos 2% do total de 295 estudantes titulados no Mestrado em entre os anos de 1961 a 1980 e mesmo percentual para o total de 64 estudantes titulados no Doutorado em entre os anos de 1973 a 1992.

No período de 1961 a 1980, os professores Clibas Vieira e Flávio Augusto D'Araújo Couto, contabilizaram um maior número de orientandos, se comparados aos demais orientadores da mesma época. Esta desproporção inicial parece bem razoável, visto que o número de orientadores no começo do curso era bem reduzido e que novos nomes foram lentamente sendo incorporados ao rol de orientadores.

O professor Flávio Couto, atento para com as questões que envolviam o desenvolvimento científico e tecnológico da Olericultura, esteve atuante na instauração do primeiro programa de pós-graduação em Olericultura do país, ou melhor dizendo, do PPG-FIT da UFV. Foi orientador das cinco primeiras defesas ocorridas no Programa, todas no ano de 1961 e de 36 orientações no período de 1961 a 1972. Vale destacar que, apesar de ter se aposentado em 1971, ainda concluiu a orientação de seu último pupilo, que defendeu sua tese de mestrado em maio de 1972²²⁹.

Tanto no mestrado como no doutorado em Fitotecnia, entre os anos de 1961 a 1980 e 1973 a 1992, respectivamente, aparece o nome do professor Clibas Vieira, com um percentual de orientações bastante significativo. Este percentual está em harmonia com o Gráfico 13, onde temos grande parte das pesquisas realizadas sobre a cultura do feijão e, como especialista neste campo, o professor Clibas Vieira possuía enorme conhecimento e experiência na área de Melhoramento do feijoeiro. Atuou no PPG-FIT a partir de 1962, orientou e coorientou estudantes e fez parte de várias bancas de defesa. Considerando apenas no período compreendido entre 1961 a 1980 foram 36 orientações de mestrado e 15 orientações de doutorado, entre os anos de 1973 a 1992.

Devido ao fato de nosso recorte temporal estar mais voltado para os anos iniciais de funcionamento do mestrado e doutorado, sabemos que os nomes apresentados nos Gráficos 14 e 15, são apenas uma parcela dos muitos que já fizeram e ainda fazem parte da história deste Programa. No entanto, não poderíamos, aqui, listar todos eles, por isso fez-se necessário optarmos por um grupo específico, levando em conta nosso recorte cronológico e a sua inserção no PPG-FIT. Ademais, é reconhecido o esforço de todos professores (antigos e novos) na construção, manutenção e consolidação deste Programa.

Dos docentes listados nos dois gráficos, atualmente ainda exercem as atividades relacionadas à docência e orientação de estudantes no PPG-FIT, os seguintes professores: Carlos Siguelyuki Sedyama, Tuneo Sedyama e Vicente Wagner Dias Casali, sendo que, os dois últimos se encontram vinculados à UFV na modalidade de professor voluntário.

²²⁹ Trata-se do estudante Ulysses Soares, que defendeu sua tese de mestrado em 27/05/1972, intitulada: Estudo da produção e rendimento industrial de oito cultivares de pimentão (*Capsicum annuum* L.).

Finalizando este capítulo, esperamos contribuir de muitas formas para a preservação da história do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFV, enfatizando principalmente suas duas primeiras décadas de funcionamento, tanto para o curso de mestrado, quanto para o doutorado. Buscamos, ao longo da narrativa, conciliar as discussões teórico-metodológicas ocorridas no âmbito das disciplinas cursadas no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania com nosso objeto de estudo.

Para tanto, ao desenvolvermos o material intitulado “Catálogo de Dissertações e Catálogo de Teses” nos preocupamos que os mesmos pudessem servir como fonte de pesquisas futuras, que tivessem valor não somente para o Programa, objeto de nosso estudo, mas também que possibilitasse rememorar uma fase da instituição que marcou o início dos cursos de pós-graduação, presentes e consolidados na Universidade até os dias atuais.

Considerações Finais

Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.

David Lowenthal²³⁰

Este trabalho buscou contribuir para a re(construção) da trajetória do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFV, pioneiro em sua área no Brasil, possibilitando que docentes, discentes e demais profissionais da área administrativa, conheçam um pouco mais sobre sua história, sua consolidação e relevância ao longo dos primeiros anos de funcionamento.

Apesar do foco da nossa pesquisa ser o PPG-FIT, consideramos que era necessário apresentar a instituição como um todo, perpassando brevemente por suas três fases²³¹ e ainda contextualizando o momento histórico/econômico no qual ocorreu a criação da ESAV, no início da década de 1920.

O PPG-FIT, apesar de ser o precursor dos programas de pós-graduação, *stricto sensu*, na UREMG, carece de bases para uma futura rememoração de seus feitos, registros que nos permitam conhecer com um pouco mais de profundidade os caminhos percorridos. O acesso à documentação histórica, preservada e organizada, situação contrária à qual nos deparamos no desenvolver desta pesquisa, é imprescindível para a valorização e reconstituição das memórias, compartilhando o passado e criando vínculos entre as pessoas.

Ao principiarmos este estudo, nosso objetivo principal era o de investigar os primórdios do PPG-FIT, da UFV e elaborar um material relacionado aos seus primeiros trabalhos de pesquisa, para acesso a todos os interessados, uma vez que inexistia este tipo de registro²³² atualmente na instituição e no próprio Programa. Neste caso, os Catálogo de Dissertações (1961-1980) e Catálogo de Teses (1977-1992), tornar-se-ão importantes suportes para o fortalecimento desta memória, visando preservar e divulgar as pesquisas pioneiras deste Programa, bem como garantir a manutenção e preservação da memória institucional.

No transcorrer do texto, utilizamos ainda, informações referentes às entrevistas realizadas com egressos, docentes e técnicos administrativos que de alguma forma e em algum momento participaram da construção da história deste Programa. A partir das vozes desses

²³⁰ LOWENTHAL, David. *Op. Cit.*, p. 75.

²³¹ As três fases citadas referem-se à ESAV (1926-1948), UREMG (1948-1969) e a atual UFV (1969...).

²³² Conforme descrito anteriormente, os registros sobre as dissertações e teses defendidas no PPG-FIT, que encontramos atualmente, estão dispersos e muitas vezes, incompletos.

sujeitos, preenchemos algumas lacunas deixadas pela pesquisa documental que, embora tenha sido realizada por meio do acesso a fontes primárias, em sua maior parte, também reconhecemos que estas mesmas fontes, por vezes, passaram por algum tipo de seleção, sendo esta intencional ou não.

A escolha pelo método da pesquisa documental, no caso específico deste estudo onde nos deparamos com uma enorme dispersão das fontes, se deu pela necessidade de obtermos informações importantes de serem reunidas e rememoradas, capazes de nos contar parte de um tempo já vivido.

Neste contexto, podemos concluir que a memória documental é essencial para o estudo da história não só deste Programa como de todo e qualquer patrimônio. Além disso, esta memória complementada pela história oral possibilita o desenvolvimento de pesquisas e conhecimentos que contribuam com a sociedade, recuperando o cotidiano dos grupos sociais e suas ações, possibilitando uma maior aproximação da comunidade com seu patrimônio.

Considerando sua relevância, por ter sido o primeiro Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia criado no Brasil e, inclusive, o pioneiro também quanto à defesa de tese, na área de ciências agrárias, ao propiciarmos o acesso a essas informações, esperamos fortalecer o sentimento de pertencimento, que é despertado naqueles que se identificam como integrantes do grupo ou ainda por aqueles que de algum modo se sintam inseridos neste contexto.

Constatamos no caso específico do Programa investigado, que o seu acervo documental carece de organização e tratamento. A dispersão e ausência de documentos referentes à sua criação e início das atividades, principalmente aqueles referentes às primeiras décadas de funcionamento, compromete a re(construção) de sua trajetória e gera lacunas na história por falta de fonte de pesquisas precisas.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, buscamos, através deste trabalho, a constituição e preservação de um acervo histórico e documental, pertinente aos primeiros trabalhos de defesa aprovados no Programa, que poderá servir de fonte para o desenvolvimento de outros projetos, serviços e consultas variadas, dando apoio às ações institucionais. A memória institucional, concebida com base nos dados de sua própria trajetória, pode ressaltar a importância de cada colaborador dentro do contexto institucional, pois o trabalho desempenhado pelas pessoas ganha novo sentido a partir do momento em que elas conhecem a história na qual se inserem.

Muitos foram os personagens que fizeram parte da história do PPG-FIT, que já ultrapassa meio século de vida e nesta pesquisa reconhecemos nossa limitação em nomear todos eles, dando-lhes os devidos créditos. Contudo, é notável o esforço de cada um, professores, estudantes, secretários e auxiliares, na construção, manutenção e aperfeiçoamento do Programa

de Pós-Graduação em Fitotecnia, visto que este processo é, antes de tudo, contínuo, dependeu e dependerá sempre da parceria e dedicação de seus atores.

Faz-se necessário ainda, reconhecermos a importância dos acordos com a Universidade de Purdue, que certamente representaram a mola propulsora para a criação do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia e Economia Rural, ambos iniciados em março de 1961 e que se tornaram os pioneiros no Brasil, na área de ciências agrárias.

Identificamos que, apesar de consolidado em sua área, o PPG-FIT encontra-se em constante processo de construção e reconstrução, com vistas a acompanhar os avanços da modernidade, à utilização de novas tecnologias para o ensino e no desenvolvimento de pesquisas mais direcionadas para as necessidades da população, buscando contribuir para que novos profissionais possam ser qualificados a atuarem de forma competente e inovadora, impulsionando o progresso científico e tecnológico do país.

Finalizando, apresentamos nossa satisfação no desenvolvimento desta pesquisa. Conforme já salientamos, de modo algum tivemos a intenção de esgotar o assunto, pelo contrário, estamos certos de que ainda há muito a ser buscado, investigado, descoberto; mas esperamos ter contribuído para despertar o interesse no desenvolvimento de novas pesquisas, sobre este ou os demais programas que compõem a Universidade. A história não acaba aqui. Na verdade, ela não acaba. Apenas viramos a página e continuamos a escrever os próximos capítulos, permitindo que mais pessoas tenham acesso às memórias de um tempo que se tornou distante.

Fontes

Arquivo Central e Histórico da UFV

3º Relatório Trimestral dos Co-Diretores - ETA Projeto 55, 01 de julho a 30 de setembro de 1959.

9º Relatório Trimestral dos Co-Diretores - ETA Projeto 55, 01 de janeiro a 31 de março de 1961.

11ª e 12ª Reuniões Conjuntas do Conselho Consultivo – ETA Projeto 55, 18 de janeiro 1962.

12º Relatório Trimestral dos Co-Diretores – ETA Projeto 55, 01 de outubro a 31 de dezembro de 1961.

Ato nº 803, de 09 de dezembro de 1961.

Boletim Informativo. Viçosa. 1969-1972.

Carta do Reitor da UREMIG ao Reitor da Universidade de Purdue – 1965. ACH-UFV.

Carta do Reitor da UREMIG, Flamarion Ferreira, ao governador do Estado de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto, em 29/10/1962. ACH-UFV.

CHAVES, Geraldo Martins [Ofício nº 18/66] 13 de jan. de 1966, Viçosa [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 1f. **Solicitação.**

COUTO, Flávio Augusto D'Araújo. [Ofício nº 671/66], 10 ago. 1966, Viçosa [para] RICHARDSON, Ralph W. New York. 1f.

COUTO, Flávio Augusto D'Araújo. [Ofício nº 714/66], 25 ago. 1966, Viçosa [para] RICHARDSON, Ralph W. New York. 1f.

Informativo UREMIG. Viçosa. 1965-1969.

Informes Acadêmicos, 1983, 86p.

Ofício RF 66007. Sem data. Fundação Rockefeller, New York [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 2f.

Relatório Final do Departamento de Horticultura da UREMIG. 22 de dezembro de 1959.

Relatório Trimestral – Programa Agrícola Purdue/Brasil (ETA Projeto 55) - 1º de janeiro a 31 de março de 1959 – ACH-UFV. p. 1-5.

SMITH, Kellum Jr. [Ofício], 1966, New York [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 2f. **Política com respeito aos anúncios e concessões.** Documento traduzido. ACH-UFV.

UFV Informa. Viçosa. 1970-1972.

VIEIRA, Clibas. [Ofício nº 240/66], 17 maio 1966, Viçosa [para] MAGALHÃES, Edson Potsch. Viçosa. 2f. **Término de contrato de professores.**

Entrevistas

Entrevista 1 (Função: Assistente de laboratório). Duração: 40 minutos. Data: 22 de fevereiro de 2017. Viçosa – MG.

Entrevista 2 (Função: Serviços Gerais). Duração: 25 minutos. Data: 22 de fevereiro de 2017. Viçosa – MG.

Entrevista 3 (Função: Assistente de laboratório). Duração: 50 minutos. Data: 22 de fevereiro de 2017. Viçosa – MG.

Entrevista 4 (Função: Secretária). Duração: 55 minutos. Data: 19 de maio de 2017. Viçosa – MG.

Entrevista 5 (Função: Estudante egresso e atual professor do PPG-FIT). Duração: 35 minutos. Data: 08 de junho de 2017. Viçosa – MG.

Entrevista 6 (Função: Estudante egresso e atual professor do PPG-FIT). Duração: 1h10min. Data: 14 de junho de 2017. Viçosa – MG.

Publicações da UFV

COUTO, Flávio Augusto D'Araújo. Entrevista concedida à TV Viçosa. Viçosa, 2011.

_____. Entrevista concedida à TV Viçosa. Viçosa, maio 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Ata nº 1. Reunião do Conselho dos Cursos Pós-Graduados da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.** Viçosa. Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, 16 de dezembro de 1961.

_____. **Ata nº 100. Reunião do Conselho dos Cursos Pós-Graduados da Universidade Federal de Viçosa.** Viçosa. Universidade Federal de Viçosa, 19 de maio de 1972.

_____. CONSELHO UNIVERSITÁRIO (CONSU). **Resolução nº 01, de 22 de outubro de 1981.** Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/01-1981.pdf>>. Página acessada em 21/10/2016.

_____. **Processo de Renovação de Credenciamento do Curso de Pós-Graduação: Níveis Mestrado e Doutorado – Área de Concentração – Produção Vegetal.** Viçosa, 1986.

_____. **Resolução nº 14/96/CONSU, de 20/09/1996.** Disponível em: <<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/14-96.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

_____. **Teses de Pós-Graduação 1961 a 1980.** Viçosa: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Viçosa, 1982.

_____. **Teses de Pós-Graduação 1980 e 1981.** Viçosa: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Viçosa, 1983.

Bibliografia Citada

ABOU-ID, A.M.R. **Produção científica no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa.** 1982. 141f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 1982.

AZEVEDO, Denilson Santos de. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente - O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e Funcionamento.** 2005. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, 2005.

BARBOSA, Lidiany Silva. **Roupa Nova para Velha Senhora Agrária: engenheiros-agrônomos e a modernização no campo.** 2004. 187f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 2004.

BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

BERTOLT BRECHT – **Perguntas de um trabalhador que lê.** Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2012/09/07/bertolt-breht-perguntas-de-um-trabalhador-que-le/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação de Importância Histórica:** Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV, 1926-1948 - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG, 1948-1969 - Universidade Federal de Viçosa - UFV, 1969. Viçosa: Editora UFV, 2010.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX.** 2ª Edição. Viçosa: Editora UFV, 2006.

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

_____. Decreto nº 21.321, de 18 de junho de 1946. **Aprova o Estatuto da Universidade do Brasil.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-21321-18-junho-1946-326230-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Senado Federal. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Página consultada em 07/10/2016.

_____. Parecer nº 977/65. **Definição dos cursos de pós-graduação**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Parecer_CESU_977_1965.pdf>. Acesso em 28 ago. 2016.

BROOKE, Nigel; WITOSHYNSKY, Mary (org.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil: uma parceria para a mudança social**. São Paulo: EDUSP, 2002.

CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1991.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

COELHO, France Maria Gontijo. **A produção científico-tecnológica para agropecuária: da ESAV à UREMG, conteúdos e significados**. 1992. 243f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 1992.

COMETTI, Ellen Scopel. **A Extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV): 1926 – 1948**. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG, UFJF, 2005.

DULCI, Otavio Soares. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FERRARO, A. R.; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n.2, p. 179-200, 2004.

FERREIRA, M. M.; MOREIRA, R. L. (Org.). **Capes, 50 anos**. 1ª. ed. Brasília: CAPES/MEC, v. 1, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História, Memória e Patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 01, 2012. p. 93-113.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso Amplo Presente: O tempo e a cultura contemporânea**. Tradução de Ana Isabel Soares. 1ª edição. São Paulo: editora Unesp, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª Ed. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JANGO JÚNIOR, José Enir; LEÃO, Maria Ignez; ASSIS, Angelo. A. F.; OBEID, José Antonio. **80 anos de História do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Viçosa**. Viçosa: UFV; DZO, 2007.

KANG, Thomas H. Descentralização e financiamento da educação brasileira: uma análise comparativa, 1930-1964. **Estudos Econômicos**, v. 41 nº.3. São Paulo. Jul-Set 2011, 573-598. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ee/v41n3/a04v41n3.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Irene Ferreira e outros. 5ª. Ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Antônio Luiz de; COELHO, Eduardo Lara. **UFV 70 anos: a trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa, MG: UFV, Impr. Universitária, 1996.

LISBOA, João Carlos Bello. **História e Atualidade da Escola Superior de Agricultura e Veterinária**, 1935.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, nº17, 1998. p. 63-201.

MARTINS, Walkiria Maria de Freitas. **A pena e o compasso**: políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana de Viçosa - MG, entre 1980 e 2010. 2016. 277f. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 2016.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Ensino agrícola e influência norte-americana no Brasil (1945-1961). **Tempo** [online]. 2010, vol.15, n.29, pp.139-165.

MINAS GEIRAS. Decreto nº 7.461, de 21 de janeiro de 1927. **Aprova, com modificações, o Regulamento da Escola Superior de Agricultura e Veterinário do Estado**. 1927. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação de Importância Histórica**: Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV, 1926-1948 - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREM, 1948-1969 - Universidade Federal de Viçosa - UFV, 1969. Viçosa: Editora UFV, 2010, p. 52.

_____. Decreto nº 7.323, de 25 de agosto de 1926. **Aprova o Regulamento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado**. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:decreto:1926-08-25;7323>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Decreto-Lei Estadual nº 824, de 20 de janeiro de 1942. **Dispõe sobre a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado**. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:decreto.lei:1942-01-20;824>>. Acesso em: 10 out. 2016.

NEVES, L. M. W. **Direita para o Social e Esquerda para o Capital**. Intelectuais da nova pedagogia de hegemonia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Xamã, 2010. v. 01. p. 39-95.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, PUC-SP.:Projeto História, n.10, dez. 1993. p.7-28.

OLIVER, Graciela de Souza. **Institucionalização das Ciências Agrícolas e seu Ensino no Brasil/1930-1950**. São Paulo: Annablume, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REIS, Acenir Soares dos. **A história da pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto**. Belo Horizonte, 1990. 205f. Dissertação. (Mestrado em Biblioteconomia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 1990.

RIBEIRO, Marlene. Reforma agrária, trabalho agrícola e educação rural: desvelando conexões históricas da educação do campo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 79-100, jan./mar. 2015.

RIBEIRO, M. Graças. M. Caubóis e Caipiras. Os land grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 19, p. 105-120, abr. 2006.

_____. Educação Superior e Cooperação Internacional: o caso da UREMG (1948-1969). In: **VII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana**, 2005, Quito. VII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana. Educación, Ciudadanía, Interculturalidad y Integración en los Procesos Históricos Latinoamericanos. Quito: Universidad Andina Simon Bolívar, p. 50-63, 2005.

_____. ; PORFÍRIO, Miriam. Americanismo e Educação. A Experiência da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV). Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/7f_2.pdf>. Acesso em: 24 maio de 2017.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930-1973**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, C. M. Tradições e contradições da Pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, São Paulo, v. 24, p. 627-641, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p. 45-60.

_____. O dilema produtividade-qualidade na pós-graduação. **Nuances: estudos sobre Educação**. Ano XVII, v. 17, n. 18, jan./dez. 2010. p. 32-49

SILVA, Gustavo Bianch. **A ciência em rede: os vínculos entre instituições e cientistas no contexto da modernização da agricultura**. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, UFV, 2014.

SILVA, Gustavo Bianch; BOTELHO, M. I. V. Os convênios internacionais entre a Universidade de Purdue e UREMG/UFV: A ciência em rede (1958-1973). **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 16, 2015. p. 49-63.

VIEIRA, Clibas. **O Feijão e Eu – Memórias de um ex-aluno da ESAV**. Viçosa: Imprensa Universitária. 1996.

VISCARDI, Cláudia. M. R.. **O teatro das Oligarquias: uma revisão da política do café com leite**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. v. 500.

WIRTH, John D. **O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira, 1889-1937**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Sites

CAPES. **Plataforma Sucupira**. Dados Cadastrais dos Programas. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Programa de Pós-Graduação em Direito**. Histórico. Breve histórico do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Disponível em: <<http://www.pos.direito.ufmg.br/historico.php>>. Acesso em: 28 out. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **LOCUS. Repositório Institucional da UFV**. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/>>. Acesso em: 18 de nov. 2016.

_____. **Personagens e Pioneiros**. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=personagens>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os primórdios da Pós-Graduação em Fitotecnia na UFV: memórias do primeiro programa da área no Brasil

Pesquisador: DENILSON SANTOS DE AZEVEDO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56075816.4.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de História

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.588.735

Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à Grande Área Temática 7 - Ciências Humanas, conforme resumo apresentado online:

"O presente projeto busca rememorar a trajetória do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFV, primeiro a ser criado no Brasil, na área de Ciências Agrárias. Também objetivamos realizar a ordenação dos registros sobre as memórias deste curso e das práticas dos sujeitos, estabelecendo comparações com o momento atual."

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os pesquisadores, será o Objetivo Primário: Investigar os primórdios do Curso de Pós-Graduação stricto sensu em Fitotecnia, da UFV e organizar um "centro de memória" sobre este programa, para acesso aos interessados.

Constitui o Objetivo Secundário: Localizar documentos históricos referentes à criação e funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, desde os anos iniciais até o advento do curso de doutorado, em 1972.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores apresentam online o risco de constrangimento e / ou desconforto em responder determinada questão da entrevista.

Eles apresentam como benefício a obtenção de informações sobre o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, em sua primeira década de funcionamento.

Avaliação:

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com os pesquisadores, será o Objetivo Primário: Investigar os primórdios do Curso de Pós-Graduação stricto sensu em Fitotecnia, da UFV e organizar um "centro de memória" sobre este programa, para acesso aos interessados.

Para tanto, os pesquisadores vão aplicar uma entrevista, fazer um levantamento bibliográfico e documental sobre a criação daquele curso.

Avaliação: o TCLE deixa claros os objetivos e procedimentos da pesquisa, o risco de desconforto, os benefícios e a privacidade do participante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os pesquisadores apresentam os seguintes documentos:

1.pb_informações básicas do projeto 2. roteiro das entrevistas 3.projeto final 4.cronograma 5.folha de rosto 6.TCLE.

O TCLE esclarece sobre os procedimentos, riscos, benefícios e a privacidade.

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Continuação do Parecer: 1.588.735

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 4ª reunião de 2016, realizada no dia 09 de junho de 2016.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_694815.pdf	11/05/2016 10:57:41		Aceito
Outros	Roteiro_das_Entrevistas.pdf	11/05/2016 10:55:17	Tatiani Gomes Gouvêa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Final.pdf	11/05/2016 10:51:34	Tatiani Gomes Gouvêa	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	11/05/2016 10:49:55	Tatiani Gomes Gouvêa	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	05/05/2016 12:29:10	Tatiani Gomes Gouvêa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	04/05/2016 12:05:22	Tatiani Gomes Gouvêa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 14 de Junho de 2016

Assinado por:
HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

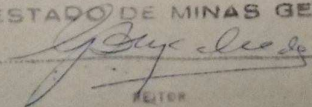
ANEXO B – Ato de constituição do 1º Conselho dos Cursos Pós-Graduados da UREMG

ATO N. 803

O Reitor da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições legais e considerando que: a) os cursos de pós-graduação, iniciados nesta Universidade, vêm se desenvolvendo com favoráveis perspectivas de ampliação; b) ditos cursos precisam ser estruturados e conduzidos de acordo com uma sistemática que traduza os interesses e aspirações da UREMG. e c) as experiências de tais cursos serão de indiscutível valia para a estruturação e funcionamento da Escola de Especialização de que trata a alínea 4 do Art. 2º da Lei N. 272, de 13 de novembro de 1948, resolve constituir um "Conselho dos Cursos Pós-Graduados" sob a presidência do Prof. José Rodolfo Tôrres e integrado pelos Professores: José de Alencar, Fábio Ribeiro Gomes, Edson Potsch Magalhães, D. Woods Thomas, Erly Dias Brandão, Flávio Augusto d'Araujo Couto e Joaquim Mattoso, representantes, respectivamente, da Escola Superior de Agricultura, Serviço de Experimentação e Pesquisa, Instituto de Economia Rural, ETA Projeto 55, Departamentos de Economia Rural, Horticultura e Zootecnia, com o propósito de: a) supervisionar os cursos pós-graduados e formular, para tanto, um programa que abranja todas as suas fases; b) estudar a possibilidade de instalação da Escola de Especialização e c) elaborar um anteprojeto de Regulamento e Regimento Interno para a Escola de Especialização.

Viçosa, 9 de dezembro de 1961

UNIVERSIDADE RURAL
DO ESTADO DE MINAS GERAIS


REITOR

Ato assinado pelo Magnífico Reitor da UREMG, Dr. Geraldo Oscar Domingues Machado.

Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV.

APÊNDICES

Apêndice A – Matriculados no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, nível Mestrado, no período de 1961 a 1980

Ingresso	Total Anual	Nome
1961	9	Alfredo Arruda Branco
		Álvaro Augusto Pantoja Pimentel
		Arlindo da Costa Lima
		Agripino Abranches Viana
		José de Almeida Soares
		Luiz Jorge da Gama Wanderley
		Maria Elisa Villela
		Ramiro Arzabe Antezana
		Miracy Garcia Rodrigues
		Alfredo Lam Sánchez
1962	9	Jaime Federico Franco
		José Carlos Enrique Olivera Begazo
		José Pereira Leite
		José Samuel Gómez Prado
		Luis Marino Mimbela Leyva
		Luiz Antonio Nogueira Fontes
		Mario Sosa Párraga
		Nozomu Makishima
1963	9	Alseny Garcia
		Donato Frederico
		Fernando Antonio Reis Filgueira
		José Carlos Silva
		José Francisco da Silva
		José Osório Freire
		Julio Pedro Del Carmen Laca Buendía
		Pedro Henrique Monnerat
		Telmo Carvalho Alves da Silva
		Adauto Correa Zunti
1964	29	Alemar Braga Rena
		Aquiria Mizubuti
		Carlos Floriano de Moraes
		Cléverson Siqueira
		Enezir Torres Vaillant
		Flávio de Araujo Lopes
		Hélio Corrêa
		Hélio Moraes de Barbosa
		Hernando Raul Huerta Pulido
		Ivan de Lira Maranhão
		Jairo Silva
		João Pereira
		Joênes Peluzio de Campos
		José Flávio Candido
		José Maurício Fortes
		José Raymundo Pereira Chaves
		Lucio Roscoe Cardinali
		Luiz Alves de Almeida
		Luiz Carlos Lopes
		Luiz Juliao Braga
		Manuel Gabino Crispin Churata Masca
		Matosinho de Souza Figueiredo
		Murilo Passos de Souza
		Roberto Ferreira da Silva
		Sérgio Mário Regina
		Warney Mauro da Costa Val
		Yoshihiko Horino
		Yvo de Carvalho

Ingresso	Total Anual	Nome
1965	22	Américo José da Silveira
		Antônio Bartolomeu do Vale
		Antônio Heleodoro de Oliveira
		Arnoldo Junqueira Netto
		Bairon Fernandes
		Braz Vitor Defelipo
		Elton Rodrigues Silva
		Jair Vieira
		José Alberto Hauelsen Freire
		José Mário Braga
		José Oscar Gomes de Lima
		José Viggiano
		Marcelo de Targa Araújo
		Massataka Kauama
		Pedro Jorge Bezerra Ferreira Lima
		Ricardo José Guazzelli
		Ronaldo Mundim
		Rubens Vicente Rezende Pinheiro
1966	9	Silvio Lopes Teixeira
		Tetuo Hara
		Waldemar Moura Filho
		Wilson Marcelo da Silva
		Adelson de Barros Freire
		Américo Iorio Ciociola
		Edmundo de Moura Estevão
		Ivo Manica
		Maurício de Souza
		Milton Moreira de Souza
1967	12	Sebastião Bastos Nogueira
		Servulo Batista de Rezende
		Silamar Ferraz
		Amantino Alves Pereira
		Heloisa Mattana Saturnino
		João Alves de Menezes Sobrinho
		José Alencar Carneiro de Freitas
		José Braga Paiva
		Manoel Borges de Mattos
		Nelson Fernando Daher
		Onofre Cristo Brumano Pinto
		Vicente Wagner Dias Casali
1968	4	Angel Maria Chen Guardia
		Raimundo Ferdinando Pinheiro Maciel
		Ulysses Soares
		Antonio Rodrigues de Miranda
		Elocy Minussi
		César Hamburgo Calles Llanos
		Roberto Ferreira de Novais
		Antonio Americo Cardoso
		Antonio Tebaldi Tardin
		Blasor Torres Loureiro
1969	15	Francisco Geraldo França Teixeira de Castro Bahia
		German Rafael Leon Diaz
		Hélio Lopes dos Santos

Ingresso	Total Anual	Nome
1969	15	Leôncio Gonçalves Dutra
		Luiz Sergio Saraiva
		Mauro Coutinho
		Nairam Felix de Barros
		Paulo Virgilio Lobo Medina
		Renato Mario Del Giudice
		Simon Suhwen Cheng
		Toshio Hara
		Tuneo Sedyama
		Adriana Lopes Murad
1970	16	Antônio Carlos Guedes
		Antônio Carlos Ribeiro
		Antonio de Pádua Nacif
		Celso Monnerat Araujo
		Dalton de Andrade
		Dieter Brandes
		Eduardo Alberto Vilela Morales
		Edgar Cunha Filho
		Feliciano Cáceres Segovia
		Fernando Faria Duque
		José Ferreira de Paula
		Marco Antônio de Andrade
		Múcio Silva Reis
		Peter John Martyn
		Walter Geraldo Franklin
		Alberto de Vasconcelos Costa
		Alberto Leandro Pereira
		Antonio Monteiro de Sales Andrade
1971	28	Ariovaldo Matos
		Benedito Carlos Lemos de Carvahô
		Carlos Alberto Vasconcellos
		Carlos Siqueyuki Sedyana
		Derli Prudente Santana
		Edgar Fernando Trierweller Filho
		Fernando Costa Santa Cecilia
		Francisco Affonso Ferreira
		Hermano Gordiano de Oliveira
		João Osvaldo Veiga Rafael
		Joaquim Joel do Valle Rodrigues
		José Domingos Fabris
		José Lydio Meira
		José Maria Guimarães
		José Maria Vieira
		Lincoln Fonseca Zica
		Lourenço Oliari
		Nilton Rocha Leal
		Paulo Cezar Rezende Fontes
		Paulo Veloso Rabêlo
1972	10	Renato Mauro Brandi
		Rivaldo Chagas Mafra
		Vicente de Aula Freitas Nascimento
		Wilson Ferreira da Fonseca
		Roberto Ferreira da Silva Pinto
		Antonio Fernandino de Castro Bahia Filho
		Edson Bolivar Pacheco
1973	3	Eduardo Antônio Esquivel Rios
		Erycsen Pires Coqueiro
1974	2	Flavio Pomar de Andrade

Ingresso	Total Anual	Nome
1972	19	Geraldo Aparecido de Aquino Guedes
		Gui Alvarenga
		José Carlos Cruz
		José Felix Quezada Merino
		José Mauro Chagas
		Lioyando Marciano da Costa
		Luiz Augusto de Paula Lima
		Luthero Rios de Alvarenga
		Marco Antonio Zenaide Maia
		Marcondes Maurício de Albuquerque
		Maria Helena Tabim
		Maurício Wagner Cordeiro de Azeredo
		Thales Mattos
		Victor Hugo Alvarez Venegas
1973	22	Alvaro Llamosas Collado
		Amaldo Ferreira da Silva
		Claudio Manuel da Silva
		Clementino Marcos Batista de Faria
		Élcio Hirano
		Enivanis de Abreu Vilela
		Homero Aidar
		Itamar Pereira de Oliveira
		Jairton de Almeida Diniz
		João Emmanoel Fernandes Bezerra
		Joaquim Eure Pereira
		Joaquim Otílio Spinola Teixeira
		José Abílio Pato Guimarães
		Leandro Roberto Feitoza
		Leonardo de Brito Giordano
		Luiz Carlos de Sousa Bueno
		Miralda Bueno Cabral
		Nilton Nagib Jorge Chalfun
		Omar Rafael Chauran
1974	25	Paulo Roberto Rezende Sá Santos
		Roberto Tozani
		Ruy Aderbal Rocha Ferrari
		Aldo Bezerra de Oliveira
		Antonio Carlos Torres
		Aristoteles Fernando Ferreira de Oliveira
		Audberto José Millan
		Edésio Cardoso Carvalho
		Elio José Alves
		Jayme de Cerqueira Gomes
		João Maria Japhar Berniz
		José Manoel da Silva
		José Newton Lima de Albuquerque
		José Renato Santos Cabral
		José Tarcisio Barbosa
		Juarez Bolsanello
		Luis Gilberto Arismendi
		Marcos Alexandre Hoepfner
		Marcos Ga Ching Mah
		Maria Bernadeth Machado Santana
		Maria José Del Peloso
		Osmar Souza dos Santos
		Paulo Sérgio Lima e Silva

Ingresso	Total Anual	Nome
		Pedro Luiz Pires de Mattos
		Regina Cele Rebouças Machado
		Ruy Aderbal Rocha Ferrari
		Ruy Rezende Fontes
		Walmir Salles Couto
		Aerolino de Oliveira Matos
		Antonio Machado de Rezende
		Daniel Nunes Lopes
		Dimas Vital Siqueira Resck
		Etelio de Carvalho Prado
		Evandro Almeida Tupinambá
		Evaneio Barbosa Bueno
		Gedi Jorge Sfredo
		Geraldo Antônio de Andrade Araujo
1975	35	Heraclio Fernandes Raposo de Melo Filho
		Jairo Vidal Vieira
		Jonas de Souza
		José Avelino Santos Rodrigues
		José de Freitas Pereira
		José Maria Cabral Gamarano
		José Ronaldo de Magalhães
		Luiz Alberto Regueira Medeiros
		Luiz Gomes Correia
		Marcelo Franco
		Marco Antonio Rezende Alvarenga
		Maurício Paulo Ferreira Fontes
		Messias José Bastos de Andrade
		Newton Bueno
		Oswaldo Ferreira Lopes
		Oswaldir Martins
		Paulo de Jesus Santos
		Renato Barboza Rolim
		Ronaldo Torres Vianna
		Rui de Souza Chaves
		Sebastião de Oliveira e Silva
		Tupinambás de Santana de Oliveira Lima
		Valdevino Cardoso
		Vera Lúcia Iuchi
		Vera Lucia Martins Soares Walder
		Wellington Pereira
		Adair José Regazzi
		Antonio Alberto da Silva
		Antonio Vander Pereira
		Carlos Alberto Costa Veloso
		Carlos Eugenio Martins
		Carlos Hans Muller
		Ecilda Luci dos Santos Souza
		Francisco Ernesto Sobrinho
1976	26	Gabriel Ferreira Bartholo
		João Batista Bragança
		João Erivaldo Saraiva Serpa
		João Eustáquio Cabral de Miranda
		José Ernesto Souto Bezerra
		José Ferreira da Silva
		Juarez Simeão Albuquerque Penso
		Leônidas Paixão Passos
		Luiz Eduardo Ferreira Fontes
		Luiz Paulo de Carvalho

Ingresso	Total Anual	Nome
		Maria Jose Mota Ramos
		Miguel Darreiro Neto
		Paulo César Magalhães
		Rosalvo Alexandre de Lima Filho
		Sammy Ferandes Soares
		Sieglinde Brune
		Takeishi Iuchi
		Tereza Longine de Barros
		Ana da Gloria Castro Caiado
		Antônio Ibará de Souza
		Celio Kersul do Sacramento
		Claudio Prates Zago
		Elmo José Vieira Rocha
		Eveline Chartuni Mantovani
1977	11	Ivo Marcos Carraro
		João Massayuki Miyasaki
		José Antonio Gomes
		Vera Regina da Silva Massena
		Victor Hugo Vargas Ramos
		Ailton Costa Maia
		Antonio Eustáquio Miguel
		Eliane Chartuni Mantovani
		José Benedito de Sales Filho
		José Luiz Ansani
1978	15	José Walter Pedrosa Carneiro
		Luciano Bicalho Fonseca
		Luiz Gonzaga de Barros
		Luiz Otavio Marteleto
		Maria do Carmo Vieira
		Maria do Carmo Vieira de Heredia
		Nelson Marciano
		Roberto Vianney Ferreira Fontes
		Sebastião Carneiro Guimarães
		Vicente Félix da Silva
1979	8	Adelise de Almeida Lima
		Benedito Munhoz Mendonça
		Jairo Antonio de Ploveora
		Laercio Francisco Cattaneo
		Lino Roberto Ferreira
		Pedro Soares Vidigal Filho
		Rovilson José de Souza
		Valterley Soares Rocha
		Antonio Cesar Pereira Calil
		Carlos Alberto Simoes do Carmo
1980	6	Carlos Machado dos Santos
		José Maria Moreira Dias
		Paulo Geraldo Berger
		Ubiratan José Longo

Fontes: Diretoria de Registro Escolar e Sistema Sapiens UFV.

Apêndice B – Matriculados no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, nível Doutorado, no período de 1973 a 1992

Ingresso	Total Anual	Nome
1973	3	Arnoldo Junqueira Netto
		Erimá Cabral do Vale
		Homero Aidar
1974	3	Geraldo Aparecido de A. Guedes
		Ronaldo Gomes Coêlho
		Rosane Cunha Coelho
1975	4	Alseny Garcia
		Fernando Costa Santa Cecília
		José Mauro Chagas
1976	0	Osmar Souza dos Santos
		-
		-
1977	3	Geraldo Antônio de Andrade Araujo
		Leôncio Gonçalves Dutra
		Luiz Augusto de Paula Lima
1978	0	-
		-
		-
1979	1	Gui Alvarenga
		-
		-
1980	2	Antonio Fernandino de C. Bahia Filho
		Paulo Donato Castellane
		-
1981	4	Antonio Baldo Geraldo Martins
		Fausto Francisco dos Santos
		Hugo Alberto Ruiz
1982	8	José Benedito de Sales Filho
		Roberto Tozani
		Jairo Vidal Vieira
1983	8	Maria Auxiliadora dos Santos
		Maria de Fátima Barbosa Coelho
		Milton José Cardoso
1984	4	Nilton Nagib Jorge Chalfun
		Luiz Eduardo Ferreira Fontes
		Salete de Vasconcelos Dantas
1985	5	Anísio Brígido Borba Filho
		João Maria Japhar Berniz
		Manoel Carlos Gonçalves
1986	6	Messias José Bastos de Andrade
		Pedro Marques da Silveira
		Francisco Affonso Ferreira
1987	10	Valderez Pontes Matos
		Walterley Soares Rocha
		Gil Miguel de Sousa Câmara
1988	9	Rovilson José de Souza
		Eduardo Bastos Pereira
		Maria do Carmo Vieira
1989	11	Édison Miglioranza
		José Lydio Meira
		Rogério Faria Vieira
1990	6	Vicente Félix da Silva
		Gerson Renan de Lucas Fortes
		Aparecida das Graças Claret de Souza
1991	7	Flávio Alencar D'araujo Couro
		José Augusto Teixeira do Amaral
		José Luis Colocho Ortega
1992	21	Carlos Arturo Silva Castro
		Marcelo Coutinho Picanço
		Amália Rios Garcia
1993	10	Edson Ferreira de Carvalho
		Francisco Antonio Formoso Cavalleri
		Marta dos Santos Freire Ricci
1994	10	Takeshi Iuchi
		Vera Lúcia Iuchi
		Antonio de Pádua Nacif

Ingresso	Total Anual	Nome
1973	3	Crebio José Avila
		Luiz Carlos Chamhum Salomão
		Silmar Gonzaga Molicia
1974	3	Caetano Marciano de Souza
		João Carlos Cardoso Galvão
		Roberto Fontes Araujo
1975	4	Simony Marta Bernardo Lugão
		Adelaide de Fátima Santana da Costa
		Antenor Francisco de Figueiredo
1976	0	Antônio Maria Demuner
		Carlos Machado dos Santos
		César Augusto Domingues Teixeira
1977	3	Angela Maria de Carvalho Maffia
		Antonio Cesar Pereira Calil
		Aydano Freitas de Carvalho
1978	0	Dalmo Lopes de Siqueira
		Newdson de Souza Siqueira
		Pedro Soares Vidigal Filho
1979	1	Ricardo Antonio Marengo Mendoza
		Victor Ferreira de Souza
		José Maria Moreira Dias
1980	2	Vera Lúcia Machado dos Santos
		Waldenia de Melo Moura
		Higino Marcos Lopes
1981	4	Marcos Paiva Del Giudice
		Paulo Geraldo Berger
		José Geraldo Martins Santos
1982	8	Luiz Humberto Souza
		Tarcisio Cobucci
		Antonio de Padua Alvarenga
1983	8	Dalva Maria Bueno
		Maria Zuleide de Negreiros
		Nelson Raimundo Braga
1984	4	Jorge Luis Saavedra Diaz
		Pedro Roberto Almeida Viégas
		Teogenes Senna de Oliveira
1985	5	Alexandre Magno Brighenti dos Santos
		Ângelo Giovanni Rodrigues
		Gilberto Bernardo de Freitas
1986	6	Marley Marico Utumi
		Ricardo Henrique Silva Santos
		Sandra Elizabeth de Souza
1987	10	Vicente de Paulo Campos Godinho
		Willam Lima de Carvalho
		Carlos Alberto Machado Carvalho
1988	9	Enilce Maria Coelho
		Fábio Cunha Coelho
		Fernando Antonio Pereira da Silva
1989	11	Ivan Alencar de Lima Franco
		Luciano Esteves Peluzio
		Marília Maia de Souza
1990	6	Quintino Reis de Araujo
		Regynaldo Arruda Sampaio
		Roberio Gama Pacheco
1991	7	Sebastiao Lopes Pereira
		Tania Maria Leal Barbosa
		Wilson da Silva
1992	21	-
		-
		-

Fontes: Diretoria de Registro Escolar e Sistema Sapiens UFV.

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Em conformidade com a resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde

Convidamos o (a) senhor (a) para participar da Pesquisa “Os primórdios da Pós-Graduação em Fitotecnia na UFV: memórias do primeiro programa da área no Brasil”, sob a coordenação do professor Denilson Santos de Azevedo e autoria de Tatiani Gomes Gouvêa.

O objetivo desta pesquisa é investigar os primórdios do Curso de Pós-Graduação stricto sensu em Fitotecnia, da UFV e organizar um “centro de memória” sobre este programa, para acesso aos interessados.

Sua participação é voluntária e se dará por meio desta entrevista. O risco decorrente de sua participação refere-se a possível constrangimento e/ou desconforto ao responder determinada questão da entrevista. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

O benefício relacionado à sua participação será o de transmitir informações sobre o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, em sua primeira década de funcionamento, através de suas vivências e lembranças, compartilhando-as com a coletividade.

Se depois de consentir em sua participação o (a) senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Educação – DPE/UFV e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ ,
Nacionalidade _____, profissão _____ ,
cidade/UF _____ , fui informado(a) dos objetivos da
pesquisa “Os primórdios da Pós-Graduação em Fitotecnia na UFV: memórias do
primeiro programa da área no Brasil”, de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas
dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar
minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar.
Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi
dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Denilson Santos de Azevedo

Tatiani Gomes Gouvêa

Assinatura do Entrevistado

Departamento de História, Universidade Federal de Viçosa
Avenida Peter Henry Rolfs, s/n. Campus Universitário
CEP: 36570-900 – Viçosa, MG

Contatos dos pesquisadores:

Tatiani Gomes Gouvêa – (31) 9 9952-8159 – tatiani.gouvea@ufv.br

Prof. Denilson Santos de Azevedo – (31) 3899-1661 - dazevedo@ufv.br

**Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta
pesquisa, você poderá consultar:**

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade Federal de Viçosa
Edifício Arthur Bernardes, piso inferior
Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário
Cep: 36570-900 Viçosa/MG
Telefone: (31)3899-2492
Email: cep@ufv.br
www.cep.ufv.br

APÊNDICE D – Roteiro das entrevistas

Professores e egressos:

Nome entrevistado (a):

Formação:

Instituição:

Tempo de exercício na profissão:

Data:

Local:

1) Coursou mestrado e/ou doutorado neste programa (Fitotecnia)? Conte como funcionava o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, quando era discente do mesmo.

- Como foi a forma de seleção?
- Como foi a trajetória no curso? Tempo de conclusão?
- Possuía bolsa de estudos?
- Como acontecia a orientação dos estudantes.
- Em sua opinião, quais fatores atraíam e atraem os estudantes para este tipo de formação? O que o(a) motivou a escolher este curso?

2) Narre um pouco sua trajetória profissional enquanto docente do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia:

- Acontecimentos que considera relevantes.
- O programa enfrentou alguma dificuldade nesse período? Qual?
- Do que mais/menos sente saudade?

3) Houve algum momento específico que considere importante para a sua carreira profissional, enquanto docente do programa? O que aconteceu? Quando? Por quê?

4) Formação da matriz curricular do programa nos seus anos iniciais:

- Existia um acervo bibliográfico disponível aos estudantes? Este era suficiente e abrangia todas as áreas de estudo?

5) Destaque as principais contribuições deste programa para a sociedade.

6) Atualmente existe um grande incentivo à produção acadêmica. Na época em que era discente do programa também havia essa preocupação?

7) Outras informações que julgar necessárias.

Servidores Técnicos Administrativos:

Nome entrevistado (a):

Formação:

Instituição:

Tempo de Serviço:

Data:

Local:

1) Qual era sua relação com o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia?

- Desempenhava alguma atividade ligada diretamente ao Programa? Qual/Quais?
- Como funcionava a gestão/coordenação do programa?
- Como acontecia o ensino/a orientação dos estudantes.

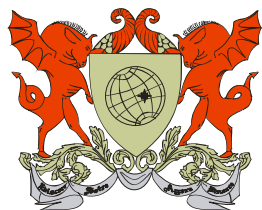
2) Gostaria de relatar algum acontecimento marcante envolvendo o programa?

3) Como eram conduzidos os experimentos?

- Havia recursos disponíveis para atender às necessidades das pesquisas?
- Os estudantes eram empenhados na condução de suas tarefas?

4) Outras informações que julgar necessárias.

APÊNDICE E – Catálogo de Dissertações (1961-1980)

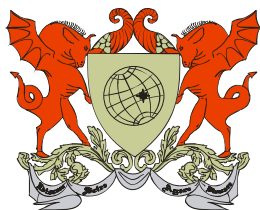


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM FITOTECNIA**



CATÁLOGO DE DISSERTAÇÕES (1961-1980)

**Viçosa – M G
2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM FITOTECNIA**



Relação das Dissertações defendidas e aprovadas no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia
1961 a 1980

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
1	19/12/1961	José de Almeida Soares Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeitos da irrigação e aplicação de cálcio sobre a incidência da podridão apical do fruto do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
2	20/12/1961	Álvaro Augusto Pantoja Pimentel Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo sobre cruzamento natural em quiabeiro (<i>Hibiscus esculentus</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
3	22/12/1961	Arlindo da Costa Lima Flávio Augusto D'Araújo Couto	Ensaio comparativos da eficiência de fungicidas, associadas à espalhantes adesivos,	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			no controle à macha púrpura da cebola e do alho	Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
4	22/12/1961	Luiz Jorge da Gama Wanderley Flávio Augusto D'Araújo Couto	Controle químico de ervas daninhas na cultura da cenoura (<i>Daucus carota</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen
5	22/12/1961	Miracy Garcia Rodrigues Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo sobre controle do pulgão da couve, <i>Brevicoryne brassica</i>	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Frederico Vanetti
6	15/01/1962	Agripino Abranches Viana Flávio Augusto D'Araújo Couto	Adubação azotada do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Avelino Mantovani Barbosa
7	25/01/1962	Alfredo Arruda Branco Flávio Augusto D'Araújo Couto	Ensaio de adubação de alface (<i>Lactuca sativa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
8	13/02/1962	Maria Elisa Vilela Flávio Augusto D'Araújo Couto	Ensaio com o EPTAM e seus análogos 1607 e 1870, no controle à tiririca (<i>Cyperus rotundus</i> L.) na cultura do alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen
9	16/04/1962	Ramiro Arzabe Antezana Flávio Augusto D'Araújo Couto	Incompatibilidade em <i>Brassica oleracea</i> var. capitata	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Moacyr Maestri Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
10	23/03/1963	José Pereira Leite Flávio Augusto D'Araújo Couto	Controle químico de ervas daninhas em cultura da cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen Moacyr Maestri
11	29/07/1963	Mario Sosa Párraga Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo da heritabilidade e correlações fenotípicas em tomateiro	Flávio Augusto D'Araújo Couto Homer Theodore Erickson Carlos Socias Schlottfeldt Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira
12	07/04/1964	Alseny Garcia Flávio Augusto D'Araújo Couto	Influência da irrigação no crescimento, produção e superbrotamento do alho	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen Fábio Ribeiro Gomes Jules Janick Alberto Daker
13	28/04/1964	Luis Marino Mimbela Leyva Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito do sistema de condução das plantas e níveis de adubação, na produção do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira Jules Janick
14	11/05/1964	Nozomu Makishima Flávio Augusto D'Araújo Couto	Ensaio de adubação do morangueiro (<i>Fragaria</i> sp.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen Fábio Ribeiro Gomes Jules Janick Roy D. Bronson

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
15	07/07/1964	Alfredo Lam Sanchez Clibas Vieira	Hereditariedade de cor das vagens e do brilho do tegumento das sementes de <i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Clibas Vieira Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen José Rodolpho Torres Henry L. Shands
16	12/12/1964	Peter Ernest Sonnenberg Moacyr Maestri	Efeitos da adubação de nitrogênio e fósforo sobre o crescimento de cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Jules Janick Otto Andersen Clibas Vieira Fábio Ribeiro Gomes
17	12/04/1965	Luiz Alves de Almeida Clibas Vieira	Estudo sobre intervalo de plantio na cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira José Ribeiro Filho Sylvio Starling Brandão Henry L. Shands Fábio Ribeiro Gomes
18	21/06/1965	Luiz Antonio Nogueira Fontes Clibas Vieira	Adubação N-P-K-Ca da cultura do feijão na Zona da Mata, Minas Gerais	Clibas Vieira José Ribeiro Filho Roy D. Bronson Fábio Ribeiro Gomes Sylvio Starling Brandão
19	25/09/1965	José Carlos Enrique Olivera Begazo José Ribeiro Filho	Ensaio sobre degomagem e armazenagem de café (<i>Coffea arabica</i>)	José Ribeiro Filho Chotaro Shimoya Joseph E. Yahner Sylvio Starling Brandão José de Alencar
20	13/12/1965	Fernando Antonio Reis Filgueira Flávio Augusto D'Araújo Couto	Influência da época, variedade, densidade e sistemas de semeadura, na produção de bulbilhos de cebola	Flávio Augusto D'Araújo Couto Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen Charles M. Jones

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Sylvio Starling Brandão
21	16/08/1966	Pedro Jorge Bezerra Ferreira Lima Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo sobre fontes de níveis de fósforo em adubação de cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Fábio Ribeiro Gomes Joseph E. Yahner Otto Andersen Luiz Antonio Nogueira Fontes
22	02/12/1966	Yoshihiko Horino Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo do efeito de alguns fatores na produção de tomate (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen Luiz Antonio Nogueira Fontes Charles M. Jones Joseph E. Yahner
23	10/12/1966	Manuel Gabino Crispin Churata Masca Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de fontes e de níveis de fósforo na produção de cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Fábio Ribeiro Gomes Otto Andersen Charles M. Jones Clifford Spies
24	12/12/1966	José Mário Braga Joseph E. Yahner	Contribuição ao estudo do fósforo de Araxá como fonte de fósforo, em um solo de Viçosa, Minas Gerais	Joseph E. Yahner Clifford Spies José Ribeiro Filho Renato Sant'Anna Walter Brune
25	13/12/1966	Sérgio Mário Regina Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de herbicidas no controle químico de ervas daninhas em pós-transplante na cultura de cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Charles M. Jones Fábio Ribeiro Gomes José de Alencar Otto Andersen
26	17/01/1967	Pedro Henrique Monnerat Flávio Augusto D'Araújo Couto	Influência do número de aplicações e níveis de molibdênio em couve-flor (<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>botrytes</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Fábio Ribeiro Gomes Clifford Spies

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Chotaro Shimoya José Mário Braga
27	23/05/1967	Hernando Raul Huerta Pulido Geraldo Martins Chaves	A podridão branca do alho incitada por <i>Sclerotium cepicorum</i> Berk	Geraldo Martins Chaves Kirk L. Athow José de Alencar Mauro Silas Reis Chotaro Shimoya
28	24/05/1967	Carlos Floriano de Moraes Clibas Vieira	Hereditariedade de cor das vagens do feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Charles M. Jones Mário Silva Campos Kirk L. Athow Fábio Ribeiro Gomes
29	08/07/1967	Flávio de Araújo Lopes do Amaral Clifford Spies	Contribuição ao estudo da localização de fertilizantes na cultura do alho	Clifford Spies Flávio Augusto D'Araújo Couto José Mário Braga Luiz Antonio Nogueira Fontes Mauro Resende
30	13/08/1967	Bairon Fernandes Dwane J. Sykes	Retenção e movimento de água no solo	Dwane J. Sykes Mauro Resende José Mario Braga Moacyr Maestri Clifford Spies
31	29/12/1967	Aquira Mizubuti Edward C. Tigchelaar	Estudo da frequência dos fatores para esterilidade masculina em cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	Edward C. Tigchelaar Fábio Ribeiro Gomes Clibas Vieira Alfredo Lam-Sánchez Flávio Augusto D'Araújo Couto

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
32	24/02/1968	José Domingos Galvão Sylvio Starling Brandão	Efeito da população de plantas e níveis de nitrogênio sobre a produção de grãos e sobre o peso médio das espigas de milho	Sylvio Starling Brandão Alfredo Lam-Sánchez Clibas Vieira Mario Resende José Carlos Enrique Olivera Begazo
33	30/03/1968	Raimundo Ferdinando Pinheiro Maciel Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo sobre a influência do espaçamento, níveis de irrigação e adubação na cultura da alface (<i>Lactuca sativa</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Fabio Ribeiro Gomes Edward C. Tigchelaar José Mario Braga Moacyr Maestri
34	09/05/1968	Arnoldo Junqueira Netto Kirk L. Athow	Identificação de raças fisiológicas de <i>Uromyces phaseoli</i> var. <i>typica</i> em Minas Gerais e a reação de variedades de <i>Phaseolus vulgaris</i> a seis raças	Kirk L. Athow Clibas Vieira Geraldo Martins Chaves Alfredo Lam-Sánchez José Alencar
35	25/05/1968	Massataka Kauama Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de diversos tipos de calcário e sua compatibilidade com bórax e gesso na produção do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Edward C. Tigchelaar Otto Andersen José Mario Campos Alemar Braga Rena
36	31/07/1968	Amantino Alves Pereira Flávio Augusto D'Araújo Couto	A influência do fotoperíodo sobre a floração do quiabeiro (<i>Hibiscus esculentus</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto José Mario Campos Edward C. Tigchelaar Sylvio Starling Brandão Chotaro Shimoya
37	12/08/1968	Ivo Manica Otto Andersen	Determinação do melhor processo de decapitação de citros após enxertia	Otto Andersen Edward C. Tigchelaar Flávio Augusto D'Araújo Couto Sylvio Starling Brandão

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Moacyr Maestri
38	04/01/1969	Angel Maria Chen Guardia Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo sobre a densidade e métodos de semeadura e níveis de adubação em cenoura	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen José Mario Campos José Domingos Galvão Edward C. Tigchelaar
39	07/03/1969	Lúcio Roscoe Cardinali Otto Andersen	Influência do esquema de plantio e da população de plantas sobre o rendimento do abacaxi (<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill)	Otto Andersen Edward C. Tigchelaar José Carlos. Oliveira José Domingos Galvão Clibas Vieira
40	05/09/1969	José Carlos Silva Ernesto Paterniani	Estimativa de parâmetros genéticos, com especial ênfase à epistasia, em cruzamentos intervarietais de milho	Ernesto Paterniani Fabio Ribeiro Gomes John C. Andersen Mário Silva Campos Roland Vencovsky
41	15/09/1969	Silamar Ferraz Geraldo Martins Chaves	Determinação de raças de <i>Uromyces phaseoli</i> var. <i>phaseoli</i> na Zona da Mata, Minas Gerais, e da resistência de variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>) a algumas raças	Geraldo Martins Chaves Clibas Vieira Mário Silva Campos Chotaro Shimoya Murilo Geraldo de Carvalho
42	04/10/1969	Silvio Lopes Teixeira Otto Andersen	Influência do período pós-colheita das hastes de <i>Citrus</i> , sobre a qualidade das borbulhas, para a enxertia	Otto Andersen Silvio Starling Brandao José Domingos Galvão Moacyr Maestri Telmo Carvalho Alves da Silva
43	06/10/1969	Rolo Sabino Osorio Bryson Otto Andersen	Efeito do grau de maturação e do período de armazenamento das borbulhas no rendimento da enxertia, em <i>Citrus sinensis</i>	Otto Andersen Flávio Augusto D'Araújo Couto Alemar Braga Rena

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				José Oscar Gomes de Lima Ivo Manica
44	13/11/1969	Joênes Pelúzio de Campos Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo de população, cultivares e adubação na produção do tomateiro	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen Mario Rezende Ivo Manica Hélio Tollini
45	29/11/1969	Donato Frederico Moacyr Maestri	Ciclo do crescimento do botão floral de café (<i>Coffea arabica</i> L. 'Mundo Novo')	Moacyr Maestri Otto Andersen Chotaro Shimoya Alemar Braga Rena Renato Sant'Anna
46	02/12/1969	Antônio Rodrigues de Miranda Clibas Vieira	Efeito do modo aplicação dos adubos, no solo, sobre as culturas de amendoim, ervilha e feijão	Clibas Vieira Flávio Augusto D'Araújo Couto Sylvio Starling Brandão José Mario Braga Renato Sant'Anna
47	08/12/1969	Roberto Ferreira da Silva Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito do espaçamento e níveis de adubação na produção de frutos maduros e sementes de pimentão	Flávio Augusto D'Araújo Couto José Domingos Galvão Pedro Henrique Monnerat Otto Andersen Ivo Manica
48	15/02/1969	José Francisco da Silva Flávio Augusto D'Araújo Couto	Espaçamento, adubação e tamanho de mudas na produção de inhame (<i>Colocasia esculenta</i> Schett)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Otto Andersen José Domingos Galvão José Mário Braga Telmo Francisco de Carvalho

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
49	22/12/1969	Jair Vieira Flávio Augusto D'Araújo Couto	Diferentes níveis e época de irrigação, da batatinha (<i>Solanum tuberosum</i> L.) pelos métodos de aspersão e sulcos	Flávio Augusto D'Araújo Couto Sylvio Starling Brandão Alemar Braga Rena Telmo Carvalho Alves da Silva Paulo Mário Del Giudice
50	12/01/1970	Luiz Carlos Lopes Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de auxinas, adubação e métodos de enxertia, sobre o pegamento de enxertos-de-mesa em roseiras	Flávio Augusto D'Araújo Couto Joênes Pelúzio de Campos Alemar Braga Rena José Domingos Galvão Moacyr Maestri
51	21/02/1970	Matosinho de Souza Figueiredo Clibas Vieira	Efeitos do tamanho das sementes sobre o "Stand", produção e altura das plantas na cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Sylvio Starling Brandão Telmo Francisco de Carvalho José Domingos Galvão Raimundo Nonato de Miranda Chaves
52	28/02/1970	Elton Rodrigues Silva Sylvio Starling Brandão	Comportamento de variedades de soja (<i>Glycine max</i>), em algumas localidades de Minas Gerais	Sylvio Starling Brandão José Carlos Enrique Olivera Begazo José Carlos Silva Clibas Vieira Ivo Manica
53	03/04/1970	José Maurício Fortes Otto Andersen	Influência do tamanho da muda de abacaxi (<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill), sobre o número e peso médio das frutas	Otto Andersen Alemar Braga Rena José Domingos Galvão Ivo Manica José Francisco da Silva
54	14/04/1970	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Otto Andersen	Estudo de processos de enxertia na produção do abacateiro (<i>Persea americana</i> Miller)	Otto Andersen Joênes Peluzio Sylvio Starling Brandão Alemar Braga Rena

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Chotaro Shimoya
55	16/04/1970	Maurício de Souza Otto Andersen	Comparação de processos na obtenção de porta-enxertos de citros (<i>Citrus limonia</i> 'Osbeck')	Otto Andersen Lúcio Roscoe Cardinali Ivo Manica Chotaro Shimoya Alemar Braga Rena
56	17/04/1970	Braz Vitor Defelipo José Mário Braga	Comparação entre métodos para determinar a necessidade de calcário de solos de Minas Gerais	José Mário Braga Harry Galloway Joênes Pelúzio Bairon Fernandes Flávio de Araújo Lopes do Amaral
57	14/05/1970	Roberto Ferreira de Novais José Mário Braga	Comportamento de dois milhos híbridos duplos (<i>Zea mays</i> L. Ag. 206 e 'H6999') em três populações de plantas e três níveis de nitrogênio	José Mário Braga Mário Resende Alemar Braga Rena José Domingos Galvão Bairon Fernandes
58	24/08/1970	Vicente Wagner Dias Casali Flávio Augusto D'Araújo Couto	Cruzamento interespecífico no gênero <i>Capsicum</i>	Flávio Augusto D'Araújo Couto José Carlos Silva José Francisco da Silva Joênes Pelúzio Clibas Vieira
59	02/10/1970	Dalton de Andrade José Domingos Galvão	Efeito do espaçamento e densidade de plantio sobre a produção do arroz de "sequeiro"	José Domingos Galvão Sylvio Starling Brandão Clibas Vieira Telmo Francisco de Carvalho Joênes Pelúzio de Campos
60	27/10/1970	Eloy Minussi Geraldo Martins Chaves	Indução de esporulação de <i>Stemphylium solani</i> Weber e resistência varietal do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.) ao patógeno	Geraldo Martins Chaves Joênes Pelúzio de Campos José Domingos Galvão

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Sylvio Starling Brandão Murilo Geraldo de Carvalho
61	16/11/1970	Antônio Américo Cardoso Clibas Vieira	Comportamento de misturas de variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Sylvio Starling Brandão José Carlos Enrique Olivera Begazo José Francisco da Silva Matosinho de Souza Figueiredo
62	17/11/1970	Tuneo Sedyama Clibas Vieira	Comparação de herbicidas aplicadas individualmente e em combinação, na cultura do milho	Clibas Vieira Sylvio Starling Brandão Otto Andersen José Domingos Galvão Telmo Francisco de Carvalho
63	23/11/1970	German Rafael Leon Diaz Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de herbicida no controle de ervas daninhas na cultura do quiabo (<i>Hibiscus esculentus</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Moacyr Maestri Otto Andersen José Francisco da Silva Luis Carlos Lopes
64	30/11/1970	Américo Iorio Ciociola José Oscar Gomes de Lima	Efeito de pulverizações com inseticidas orgânico-sintético no controle de <i>Plutella maculipennis</i> (Curtis, 1832) em repolho	José Oscar Gomes de Lima Flávio Augusto D'Araújo Couto Fábio Ribeiro Gomes Joênes Pelúzio de Campos José Francisco da Silva
65	07/12/1970	Kiyoshi Matsuoka Geraldo Martins Chaves	Identificação de raças fisiológicas de <i>Fusarium oxysporum</i> f. <i>lycopersici</i> (Sacc.) Snyder e Hansen, em Minas Gerais, e seleção de tomateiros resistentes à raça 1 do patógeno	Geraldo Martins Chaves Clibas Vieira Joênes Pelúzio de Campos Murilo Geraldo de Carvalho José Francisco da Silva
66	07/12/1970	Marcelo Targa Araújo Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de épocas de plantio e de cultivares, sobre a produção de alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Joênes Peluzio Campos

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Otto Andersen José Francisco da Silva Telmo Francisco de Carvalho
67	07/12/1970	Paulo Virgílio Lobo Medina Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito de produtividade de plantio, tipo de leito, modo de semeadura e pré-tratamento na germinação de sementes de quiabeiro (<i>Hibiscus esculentus</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Joênes Pelúzio de Campos José Raimundo Pereira Chaves José Domingos Galvão Chotaro Shimoya
68	28/12/1970	Heloisa Mattana Saturnino Flávio Augusto D'Araújo Couto	Métodos de conservação de estacas de <i>Bougainvillea</i> e <i>Hibiscus</i> e seu efeito no enraizamento e brotação	Flávio Augusto D'Araújo Couto Roberto Ferreira da Silva Mauro Rezende Luiz Carlos Lopes José Francisco da Silva
69	01/03/1971	Milton Moreira de Souza Otto Andersen	Influência do corte dos restos florais do cacho de bananeira (<i>Musa</i> sp cv. "Prata") sobre a produção total, número de pencas por cacho, comprimento e diâmetro da fruta	Otto Andersen Flávio Augusto D'Araújo Couto Rubens Vicente Rezende Pinheiro José Domingos Galvão José Raimundo Pereira Chaves
70	11/06/1971	Sérvulo Batista de Rezende Mauro Resende	Estudo de crono-toposequência em Viçosa – Minas Gerais	Mauro Rezende Waldemar Moura Filho José Mario Braga Telmo Francisco de Carvalho Bairon Fernandes
71	28/06/1971	Antônio Tebaldi Tardin José Alberto Gomide	Respostas da soja perene (<i>Glycine javanica</i> L.) à calagem, inoculação e adubação fosfatada e potássica	José Alberto Gomide José Mario Braga José Domingos Galvão Rasmo Garcia Kiyoshi Matsuoka

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
72	29/06/1971	Luiz Sérgio Saraiva John C. Anderson	Relação entre peso relativo de sementes e diversas características químicas e físicas no milho opaco-2	John C. Anderson Theodora Wang Luiz Antonio Nogueira Fontes Renato Sant'Anna Hélio Barbosa
73	07/07/1971	Warney Mauro da Costa Val Sylvio Starling Brandão	Efeito do espaçamento entre fileiras e da densidade na fileira sobre a produção de grãos e outras características de dois cultivares de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill.)	Sylvio Starling Brandão José Carlos Enrique Olivera Begazo Telmo Francisco de Carvalho Tuneo Sediya José Domingos Galvão
74	07/08/1971	João Alves de Menezes Sobrinho Flávio Augusto D'Araújo Couto	Efeito da densidade de plantio de "palmito" e do tipo de cobertura, sobre o rendimento de alho-planta, em três cultivares de alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Theodora Wang José Francisco da Silva Roberto Ferreira de Novais Paulo Virgílio Lobo Medina
75	24/09/1971	Hélio Lopes dos Santos José Mario Braga	Efeito do zinco, boro e molibdênio na soja perene (<i>Glycine javanica</i> L.) em solos sob vegetação de cerrado, em condições de estufa	José Mario Braga José Raimundo Pereira Chaves Mauro Resende Luiz Antonio Nogueira Fontes Roberto Ferreira de Novais
76	24/09/1971	Feliciano Caceres Segovia José Francisco da Silva	Irrigação sobre a cultura da batata (<i>Solanum tuberosum</i> L.)	José Francisco da Silva Salassier Bernardo Roberto Ferreira da Silva Flávio Augusto D'Araújo Couto Paulo Virgílio Lobo Medina
77	28/11/1971	Edmundo de Moura Estevão José Carlos Enrique Olivera Begazo	Produção de raízes e de armas e relação entre caracteres da parte aérea e produção de raízes, em variedades de mandioca	José Carlos Enrique Olivera Begazo José Domingos Galvão Fábio Ribeiro Gomes Sylvio Starling Brandão

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Telmo Francisco de Carvalho
78	29/11/1971	Dieter Brandes Clibas Vieira	Análise de crescimento do feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.): efeito da densidade e da época de plantio	Clibas Vieira Fabio Ribeiro Gomes Luis Antônio Nogueira Fontes Aquira Mizubuti Moacyr Maestri
79	30/11/1971	José Alberto Haueisen Freire José Oscar Gomes de Lima	Emprego de iscas granuladas no controle saúva, <i>Atta sexdens rubropilosa</i> Forel, 1908	José Oscar Gomes de Lima Fabio Ribeiro Gomes Chotaro Shimoya José Flávio Cândido Roberto da Silva Ramalho
80	04/12/1971	Múcio Silva Reis Clibas Vieira	Efeito de fontes, dose e época de aplicação de adubos nitrogenados sobre a cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira José Mario Braga Luiz Antonio Nogueira Fontes Telmo Francisco de Carvalho José Domingos Galvão
81	06/12/1971	José Alencar Carneiro de Freitas José Mário Braga	Adubação mineral (NPK) de arroz em solos da região Noroeste do Maranhão	José Mário Braga Sylvio Starling Brandão José Domingos Galvão Mauro Resende Roberto Ferreira de Novais
82	13/12/1971	Victor Ulpiano Montenegro Gálves Sylvio Starling Brandão	Efeito da umidade dos grãos, na colheita do arroz, sobre a produção, rendimento no beneficiamento e qualidade dos grãos	Sylvio Starling Brandão José Domingos Galvão Luis Antônio Nogueira Fontes Clibas Vieira Roberto Ferreira da Silva
83	18/02/1972	Antonio de Pádua Nacif John C. Anderson	Efeito da introdução dos genes opaco-2 e Farináceo-2 sobre características físicas e químicas de milhos tropicais	John C. Anderson Hélio Barbosa Fábio Ribeiro Gomes

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Clibas Vieira Aquira Mizubuti
84	29/02/1972	Celso Monnerat Araújo Otto Andersen	Variações sazonais em laranjas da Baixada Fluminense	Otto Andersen Rubens Vicente Rezende Pinheiro Antonio Américo Cardoso Sílvio Lopes Teixeira Walter Brune
85	13/03/1972	Adalto Corrêa Zunti Chotaro Shimoya	Anatomia da soldadura do enxerto tipo garfagem no topo em <i>Eucalyptus saligma</i> , Smith.	Chotaro Shimoya Rubens Vicente Rezende Pinheiro José Flávio Cândido Antonio Bartolomeu do Vale Roberto da Silva Ramalho
86	11/05/1972	Joaquim Joel do Vale Rodrigues Pedro Henrique Monnerat	Efeito do tamanho e peso do bulbilho sobre a produção de três cultivares de alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Pedro Henrique Monnerat Roberto Ferreira da Silva José Raimundo Pereira Chaves Tuneo Sedyama Carlos Floriano de Moraes
87	13/05/1972	Antônio Carlos Guedes Pedro Henrique Monnerat	Efeito de níveis de calagem de molibdênio sobre a produção de couve-flor (<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>botrytis</i> L.)	Pedro Henrique Monnerat José Mário Braga Waldemar Moura Filho Luiz Antonio Nogueira Fontes José Francisco da Silva
88	19/05/1972	Lincoln Fonseca Zica Walter Brune	Efeito de embalagem em sacos de polietileno na conservação e maturação de banana de cultivar 'Prata' (<i>Musa</i> sp.)	Walter Brune José Maurício Forte Otto Andersen Arnaldo Chaer Borges Daison Olzany Silva

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
89	27/05/1972	Ulysses Soares Flávio Augusto D'Araújo Couto	Estudo da produção e rendimento industrial de oito cultivares de pimentão (<i>Capsicum annuum</i> L.)	Flávio Augusto D'Araújo Couto Clibas Vieira Aquirá Mizubuti José Carlos Enrique Olivera Begazo Roberto Ferreira de Novais
90	21/06/1972	Marco Antônio de Andrade John C. Anderson	Efeito imediato da fonte de pólen sobre a produção e características físicas e químicas do Milho Opaco-2 (<i>Zea mays</i> L.)	John C. Anderson Hélio Barbosa Luiz Sérgio Saraiva Walter Brune Carlos Floriano de Moraes
91	05/08/1972	Simon Suhwen Cheng Aquirá Mizubuti	Avaliação de algumas características agronômicas em híbridos do tomateiro, (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.)	Aquirá Mizubuti José Francisco da Silva Hélio Barbosa Roberto Ferreira da Silva Carlos Floriano de Moraes
92	09/08/1972	Carlos Siqueyuki Sedyama Clibas Vieira	Influência do retardamento da colheita da soja a deiscência das vagens, qualidade e poder germinativo das sementes	Clibas Vieira Tuneo Sedyama Sylvio Starling Brandão Fábio Ribeiro Gomes Aquirá Mizubuti
93	17/08/1972	Benedito Carlos Lemos de Carvalho Clibas Vieira	Estudos experimentais sobre variedades e espaçamento na cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.), no Estado da Bahia	Clibas Vieira José Mário Braga Waldemar Moura Filho Luiz Antonio Nogueira Fontes Carlos Floriano de Moraes
94	21/08/1972	Américo José da Silveira Moacyr Maestri	Crescimento de mudas de café (<i>Coffea arabica</i> L. cv. 'Bourbon') sob diferentes níveis de luz, em condições naturais	Moacyr Maestri Sylvio Starling Brandão José Raimundo Pereira Chaves José Carlos Enrique Olivera Begazo

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Chotaro Shimoya
95	24/08/1972	Antônio Monteiro de Sales Andrade Clibas Vieira	Efeitos da colheita, em diferentes estágios de maturação, sobre alguns cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira José Raimundo Pereira Chaves Sylvio Starling Brandão Carlos Floriano de Moraes (5º membro: sem informação)
96	26/08/1972	Hermano Gordiano de Oliveira Roberto Ferreira da Silva	Efeito do sistema de condução e do desbaste de frutos na produção de três cultivares de tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.)	Roberto Ferreira da Silva José Raimundo Pereira Chaves Aquiria Mizubuti Raymond D. William Paulo Virgílio Lobo Medina
97	29/08/1972	Hélio Corrêa José Carlos Enrique Olivera Begazo	Produção e composição química de raízes e ramos de mandioca em diversas épocas de colheita e o efeito da poda na produção de raízes	José Carlos Enrique Olivera Begazo Sylvio Starling Brandão Joaquim Campos Walter Brune Carlos Floriano de Moraes
98	04/09/1972	Fernando Costa Santa Cecília Clibas Vieira	Resposta de treze variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) à adubação nitrogenada e fosfatada	Clibas Vieira Waldemar Moura Filho Luiz Antonio Nogueira Fontes Mauro Resende Antônio Américo Cardoso
99	04/11/1972	Francisco Affonso Ferreira Pedro Henrique Monnerat	Análise do crescimento de quatro cultivares de alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Pedro Henrique Monnerat José Raimundo Pereira Chaves Luiz Antonio Nogueira Fontes Roberto Ferreira da Silva Paulo Virgílio Lobo Medina
100	01/12/1972	Ariovaldo Matos Luiz Antonio Nogueira Fontes	Efeitos de diferentes substrato e regimes de irrigação sobre o desenvolvimento de mudas de cacauzeiros (<i>Theobroma cacao</i> L.)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Blamor Torres Lourenço José Carlos Enrique Olivera Begazo

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				José Raimundo Pereira Chaves Rubens Vicente Rezende Pinheiro
101	02/12/1972	Alberto Vasconcelos Costa Luiz Antonio Nogueira Fontes	Efeito da profundidade de plantio e do tamanho da semente na emergência e algumas características agronômicas da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Otto Andersen Tuneo Sedyama Telmo Carvalho Alves da Silva Sylvio Starling Brandão
102	02/12/1972	Lourenço Oliari Clibas Vieira	Raças fisiológicas de <i>Colletotrichum lindemuthianum</i> (Sacc. et Magn.) Scrib. que ocorrem em Viçosa e alguns municípios vizinhos	Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso Geraldo Martins Chaves Carlos Floriano de Moraes Murilo Geraldo de Carvalho
103	19/12/1972	Paulo Cezar Rezende Fontes Pedro Henrique Monnerat	Efeitos de cinco épocas de plantio sobre o crescimento e produção do alho (<i>Allium sativum</i> L.) cultivar Amarante	Pedro Henrique Monnerat Chotaro Shimoya Luiz Antonio Nogueira Fontes José Raimundo Pereira Chaves Paulo Virgílio Lobo Medina
104	28/12/1972	Rivaldo Chagas Mafra Clibas Vieira	Absorção e distribuição de nutrientes minerais no feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.): efeitos da densidade e da época de plantio	Clibas Vieira José Mário Braga José Raimundo Pereira Chaves Roberto Ferreira Novais Waldemar Moura Filho
105	29/12/1972	João Pereira José Mário Braga	Efeito de fontes e doses de fósforo na adubação da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill) em um solo de campo cerrado	José Mário Braga Carlos Siqueyuki Sedyama Roberto Ferreira de Novais Américo José da Silveira Tuneo Sedyama
106	08/01/1973	Nilton Rocha Leal Aquira Mizubuti	Herança da conservação natural pós-colheita de frutos do tomateiro (<i>Lycopersicon</i>	Aquira Mizubuti Chotaro Shimoya

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			<i>esculentum</i> Mill) I. Conservação de frutos e anatomia do híbrido entre a introdução alcobaça e alguns cultivares	Luiz Sergio Saraiva Paulo Virgílio Lobo Medina Hélio Morais Barbosa
107	13/03/1973	Edgar Cunha Filho Hélio Morais Barbosa	Efeito da densidade das sementes e da textura do endosperma de milho (<i>Zea mays</i> L.) sobre o teor de proteínas e lisina do endosperma e do germe	Hélio Morais Barbosa Luiz Sergio Saraiva Carlos Floriano de Moraes Aquirá Mizubuti Tuneo Sedyama
108	24/04/1973	Fernando Faria Duque Clibas Vieira	Comportamento de cultivares de amendoim, feijão-comum e soja no Distrito Federal	Clibas Vieira Carlos Floriano de Moraes José Carlos Enrique Olivera Begazo Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama
109	19/05/1973	Rodolfo Harry Steindorf Raymond D. William	Controle químico das ervas invasoras na cultura da batata (<i>Solanum tuberosum</i> L.) e estudo sobre a mobilidade de quatro herbicidas	Raymond D. William Aquirá Mizubuti Waldemar Moura Filho Luiz Antonio Nogueira Fontes José Carlos Enrique Olivera Begazo
110	20/06/1973	Francisco Dias Nogueira José Carlos Enrique Olivera Begazo	Efeitos de níveis de adubação NPK sobre a composição química, qualidade, produção e fatores de produção do tabaco	José Carlos Enrique Olivera Begazo Carlos Siqueyuki Sedyama Sylvio Starling Brandão Roberto Ferreira de Novais (5º membro: sem informação)
111	23/06/1973	Francisco Geraldo França Teixeira de Castro Bahia José Mário Braga	Absorção de zinco em relação à adubação fosfatada e à calagem, em dois solos de Minas Gerais	José Mário Braga Moacyr Maestri Sérvulo Batista de Rezende Roberto Ferreira de Novais José Raimundo Pereira Chaves

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
112	30/06/1973	Derli Prudente Santana Waldemar Moura Filho	Estudo de solos do Triângulo Mineiro e de Viçosa: I – Mineralogia; II adsorção de fosfato	Waldemar Moura Filho José Mario Braga Telmo Carvalho Alves da Silva (Demais membros: sem informação)
113	18/09/1973	Wilson Ferreira da Fonseca Tuneo Sedyama	Efeito competitivo das fileiras bordaduras em soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Luiz Antonio Nogueira Fontes Sylvio Starling Brandão José Carlos Enrique Olivera Begazo Otto Andersen
114	31/10/1973	Luiz Augusto de Paula Lima Clibas Vieira	Resposta diferencial de quatro variedades de soja à adubação fosfatada e potássica, em três localidades do Estado de Minas Gerais	Clibas Vieira Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama José Mário Braga Luiz Antonio Nogueira Fontes
115	16/11/1973	Roberto Ferreira da Silva Pinto Hélio Morais Barbosa	Seleção para modificadores do gene Opaco-2 em milho (<i>Zea mays</i> L.)	Hélio Morais Barbosa Antônio Américo Cardoso Aquira Mizubuti Luiz Sergio Saraiva Tuneo Sedyama
116	24/11/1973	Liovando Marciano da Costa Telmo Carvalho Alves da Silva	Caracterização das propriedades físicas e químicas dos solos de terraços fluviais na região de Viçosa e sua interpretação para uso agrícola	Telmo Carvalho Alves da Silva Ellsworth P. Christmas Luiz Antonio Nogueira Fontes Onofre Cristo Brumano Pinto José Mário Braga
117	10/12/1973	Luthero Rios Alvarenga Sívio Lopes Teixeira	Estudos de processos de enxertia de verão na propagação da videira (<i>Vitis spp.</i>)	Otto Andersen Sívio Lopes Teixeira Aquira Mizubuti José Maurício Fortes José Raimundo Pereira Chaves

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
118	13/12/1973	Leôncio Gonçalves Dutra José Mário Braga	Formas de fósforo em solos de uma toposequência de Viçosa na Zona da Mata – MG.	José Mário Braga José de Almeida Filho (<i>Demais membros: sem informação</i>)
119	19/12/1973	Edson Bolívar Pacheco Telmo Carvalho Alves da Silva	Efeito do manejo de um latossolo vermelho amarelo, fase cerrado, sobre o crescimento e produção da laranjeira (<i>Citrus sinensis</i> Osbeek cv. 'Baianinha')	Telmo Carvalho Alves da Silva José Carlos Enrique Olivera Begazo José Mario Braga Luiz Antonio Nogueira Fontes Silvio Lopes Teixeira
120	20/12/1973	Marcondes Maurício de Albuquerque Clibas Vieira	Manifestações de heterose em <i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Clibas Vieira Aquir Mizubuti E. H Paschal Joênes Pelúzio de Campos Carlos Siqueyuki Sedyama
121	09/02/1974	Toshio Hara José Maria Braga	Capacidade de troca de cátions de três solos de Minas Gerais	José Maria Braga Onofre Cristo Brumano Pinto Pedro Henrique Monnerat Walter Brune Emilio Gomide Loures
122	19/02/1974	Carlos Alberto Vasconcelos José Mário Braga	Fósforo em dois latossolos do Estado do Mato Grosso: Adsorção, dessorção e crescimento vegetal	José Mário Braga Onofre Cristo Brumano Pinto Telmo Carvalho Alves da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama Rubens Vicente Rezende Pinheiro
123	20/02/1974	Geraldo Aparecido de Aquino Guedes Waldemar Moura Filho	Contribuição ao estudo do movimento dos íons Nitrato e Amônio em colunas de material de solos Triângulo Mineiro e de Pirapora	Waldemar Moura Filho Carlos Siqueyuki Sedyama (<i>Demais membros: sem informação</i>)

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
124	22/02/1974	Renato Mário del Giudice Sylvio Starling Brandão	Irrigação do arroz por aspersão: profundidade de rega e limites d'água disponível	Sylvio Starling Brandão Telmo Carvalho Alves da Silva Luiz Antonio Nogueira Fontes Blamor Torres Loureiro Sérvulo Batista de Rezende
125	15/04/1974	Antônio Carlos Ribeiro José Mário Braga	Adsorção de boro pelo solo	José Mário Braga Walter Brune Sérvulo Batista de Rezende Onofre Cristo Brumano Pinto Pedro Henrique Monnerat
126	08/06/1974	Antonio Fernandino de Castro Bahia Filho José Mário Braga	Fósforo em latossolos do Estado de Minas Gerais: intensidade, capacidade tampão e quantidade de fósforo, fósforo "Disponível" e crescimento vegetal	José Mário Braga Luiz Antonio Nogueira Fontes Onofre Cristo Brumano Pinto Sérvulo Batista <i>Rezende</i> Telmo Carvalho Alves da Silva
127	15/06/1974	Paulo Veloso Rabelo Sylvio Lopes Teixeira	Comparação de diferentes métodos de forçamento do crescimento da muda de citrus após enxertia	Sylvio Lopes Teixeira Otto Andersen Rubens Vicente Rezende Pinheiro José Raimundo Pereira Chaves (5º membro: sem informação)
128	20/06/1974	Nairam Félix de Barros Waldemar Moura Filho	Contribuição ao relacionamento de características pedológicas e topográficas com altura de Eucaliptus alba, na região de Santa Bárbara, MG.	Waldemar Moura Filho Antônio Bartolomeu do Vale Laede Maffia de Oliveira Alcides dos Reis Condé João Carlos Chagas Campos
129	28/06/1974	Victor Hugo Alvarez Venegas José Mario Braga	Equilíbrio de formas disponíveis de fósforo e enxofre em dois latossolos de Minas Gerais	José Mario Braga Onofre Cristo Brumano Pinto Renato Sant'Anna Pedro Enrique Monnerat

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Laede Maffia de Oliveira
130	20/07/1974	Maria Helena Tabim Aquir Mizubuti	Conservação natural pós-colheita de frutos do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill) II – Conservação de frutos híbridos entre a introdução alcobaça e alguns cultivares	Aquir Mizubuti Alcides Reis Condé Hélio Moraes Barbosa Joênes Pelúzio de Campos Vicente Wagner Dias Casali
131	02/08/1974	Wilson Marcelo da Silva Sylvio Starling Brandão	Produção de “Seedlings” de cana-de-açúcar” pelo beneficiamento do “Fuzz” e transplante precoce	Sylvio Starling Brandão Geraldo Martins Chaves Renato Mário Del Giudice Laede Maffia de Oliveira Rubens Vicente Rezende Pinheiro
132	21/08/1974	Maurício Wagner Cordeiro de Azeredo Luiz Antonio Nogueira Fontes	Efeito de épocas de plantio e de níveis de nitrogênio e fósforo na produção e teor de proteínas no grão de sorgo (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Sérvulo Batista Rezende Carlos Siqueyuki Sedyama Telmo Carvalho Alves da Silva Sylvio Starling Brandão
133	04/09/1974	Ruy Aderbal Rocha Ferrari José Mário Braga	Resposta do cultivar de soja “Santa Rosa” à aplicação de P, K e Calcário em latossolos do Triângulo Mineiro e sua correlação com a análise química do solo	José Mário Braga Carlos Siqueyuki Sedyama Laede Maffia de Oliveira Sérvulo Batista Rezende Liovando Marciano da Costa
134	09/09/1974	Leonardo de Brito Giordano Aquir Mizubuti	Controle químico de ervas daninhas nas culturas de alho (<i>Allium sativum</i> e de cebola (<i>Allium cepa</i> L.) e ação residual de alguns dos herbicidas usados	Aquir Mizubuti Waldemar Moura Filho Luiz Antonio Nogueira Fontes Pero Henrique Monnerat Vicente Wagner Dias Casali
135	25/09/1974	José Carlos Cruz Sylvio Starling Brandão	Efeito de diferentes tensões de umidade no solo, em duas fases de desenvolvimento da	Sylvio Starling Brandão Renato Mário Del Giudice Blanor Torres Loureiro

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			planta, com relação ao crescimento e produção do arroz	Luiz Antonio Nogueira Fontes Carlos Siqueyuki Sedyama
136	31/10/1974	Thales Mattos Luiz Antonio Nogueira Fontes	Resposta diferencial de quatro variedades de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill) à profundidade de plantio	Luiz Antonio Nogueira Fontes Blamor Torres Loureiro Sérvulo Batista de Rezende Carlos Siqueyuki Sedyama Vicente Wagner Dias Casali
137	13/11/1974	José Abílio Pato Guimarães Carlos Siqueyuki Sedyama	Resposta da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill) à aplicação de nitrogênio no solo	Carlos Siqueyuki Sedyama Sylvio Starling Brandão José Mário Braga Luiz Antonio Nogueira Fontes Liovando Marciano da Costa
138	27/11/1974	João Emmanoel Fernandes Bezerra Sílvio Lopes Teixeira	Estudo da eficiência do Thiabendazole e Benomyl no controle do mofo verde (<i>Penicillium digitatum</i> Sacc.) em laranja lima (<i>Citrus sinensis</i> Osb.)	Sílvio Lopes Teixeira Geraldo Martins Chaves Rubens Vicente Rezende Pinheiro Otto Andersen Ivo Manica
139	02/12/1974	Arnaldo Ferreira da Silva José Carlos Enrique Olivera Begazo	Comportamento de cultivares e novas linhagens de algodão herbáceo (<i>Gossypium hirsutum</i> L.) em Sete Lagoas, Minas Gerais	José Carlos Enrique Olivera Begazo Carlos Siqueyuki Sedyama Sylvio Starling Brandão Vicente Wagner Dias Casali Renato Mário Del Giudice
140	11/12/1974	Eduardo Alberto Vilela Morales Otto Andersen	Efeito da adubação NPK 33 em abacaxi (<i>Ananas comosus</i> Merr.), solo de cerrado do Distrito Federal	Otto Andersen José Mário Braga Ivo Manica Carlos Siqueyuki Sedyama Sérvulo Batista de Rezende
141	11/12/1974	Sebastião Bastos Nogueira José Oscar Gomes de Lima	Efeito de alguns inseticidas, álcoois e ésteres aplicados em iscas contra as brocas da	José Oscar Gomes de Lima Alcides Reis Condé

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			bananeira, <i>Cosmopolites sordidus</i> , <i>Metamasius ensirastris</i> e <i>Metamasius inaequalis</i> (Coleoptera: curculionidae)	Joênes Pelúzio Otto Andersen Ivo Manica
142	28/12/1974	José Mauro Chagas Clibas Vieira	Efeito de intervalos de plantio e de níveis de adubação sobre o rendimento e seus componentes, em algumas variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira José Mário Braga Laede Maffia de Oliveira José Domingos Galvão João da Cruz Filho
143	03/03/1975	Leandro Roberto Feitoza Dirceu Teixeira Coelho	Condições ecológicas para o abacaxizeiro nos latossolos sob vegetação de cerrado em Minas Gerais – Zoneamento preliminar	Dirceu Teixeira Coelho Telmo Carvalho Alves da Silva José Raimundo Pereira Chaves Rubens Vicente Rezende Pinheiro Liovando Marciano da Costa
144	06/03/1975	Roberto Tozani Henry A. Robitaille	Efeitos dos reguladores de crescimento SADH, Amcymudol, C C C, Ethephon e Phosphon – D sobre o feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Henry A. Robitaille Clibas Vieira Carlos Siqueyuki Sedyama Carlos Floriano de Moraes Alencar Braga Rena
145	14/03/1975	Homero Aida Clibas Vieira	Efeitos da adubação orgânica sobre a cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Blamor Torres Loureiro José Mário Braga Carlos Siqueyuki Sedyama Sérvulo Batista de Rezende
146	17/03/1975	José Lydio Meira Hélio Moraes Barbosa	Produção de espiga, e teores de proteínas, lisina e óleo em progenitores e híbridos de milho (<i>Zea mays</i> L.) opaco-2	Hélio Moraes Barbosa José Carlos Silva Luiz Sérgio Saraiva Aquira Mizubuti Joênes Pelúzio de Campos

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
147	26/03/1975	Jairton de Almeida Diniz Sylvio Starling Brandão	Comportamento de cultivares de arroz, em terras altas, sob regime de irrigação por aspersão, em diferentes níveis de adubação nitrogenada	Sylvio Starling Brandão Renato Mário Del Giudice Carlos Siqueyuki Sedyama José Domingos Galvão Blamor Torres Loureiro
148	07/04/1975	Erycson Pires Coqueiro Sylvio Starling Brandão	Comportamento de variedades de trigo em algumas localidades de Minas Gerais	Sylvio Starling Brandão Clibas Vieira José Carlos Enrique Olivera Begazo José Domingos Galvão Renato Mário Del Giudice
149	09/04/1975	Clementino Marcos Batista de Faria José Mário Braga	Sorção de fósforo em cinco solos do Estado de Minas Gerais: influência de alguns fatores	José Mário Braga Onofre Cristo Brumano Pinto Braz Victor Defelipo Antonio Carlos Ribeiro Flávio de Araújo Lopes do Amaral
150	15/04/1975	José Maria Vieira Luiz Antonio Nogueira Fontes	Produção de grãos, teores de proteínas e de lisina em cultivares de milho opaco-2 e normal, em presença de níveis de adubação nitrogenada e fosfatada	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Carlos Floriano de Moraes Braz Defelipo Carlos Siqueyuki Sedyama
151	23/04/1975	Itamar Pereira de Oliveira José Carlos Enrique Olivera Begazo	Efeito de diferentes níveis de fósforo e magnésio sobre a qualidade e produção do tabaco (<i>Nicotiana tabacum</i> L. var.) Chinês – 1	José Carlos Enrique Olivera Begazo José Mário Braga Carlos Siqueyuki Sedyama Flávio de Araújo Lopes do Amaral Renato Mário Del Giudice
152	20/06/1975	Élcio Hirano Aquira Mizubuti	Cultura de anteras de cebola (<i>Allium cepa</i> L.) "in vitro" para a diferenciação do tecido haploide	Aquira Mizubuti Arno Brune Carlos Floriano de Moraes Moacir Maestri

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Vicente Wagner Dias Casali
153	24/06/1975	Nilton Nagib Jorge Chalfun Ivo Manica	Correlação entre número de sementes, número de septos e tamanho do fruto em tangerina Satsuma (<i>Citrus unshiu</i> Mar.)	Waldemar Moura Filho Luiz Carlos Lopes José Raimundo Pereira Chaves Alcides Reis Condé Rubens Vicente Rezende Pinheiro
154	02/07/1975	Joaquim Otílio Spinola Teixeira Waldemar Moura Filho	Controle da mobilidade de íons nitrato em coluna de material de solo pela aplicação de substância repelente à água	Waldemar Moura Filho Alcides Reis Condé José Domingos Galvão Luiz Nogueira Fontes Sérvulo Batista
155	04/07/1975	Osmar Souza dos Santos Clibas Vieira	Comportamento de vez variedade de soja em diferentes ambientes do Estado do Rio Grande do Sul	Clibas Vieira Luiz Fontes José Domingos Galvão Victor Hugo Alvarez Venegas Renato Mário Del Giudice
156	31/07/1975	Cláudio Manuel da Silva Clibas Vieira	Maturação da semente e determinação da época adequada de colheita do feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Flávio Popinigis Carlos Siqueyuki Sedyama Vicente Wagner Dias Casali Matosinho de Souza Figueiredo
157	12/08/1975	Enivanis de Abreu Vilela Sylvio Starling Brandão	Efeitos da época de plantio sobre três cultivares de trigo sob irrigação por aspersão	Sylvio Starling Brandão Blanor Torres Loureiro Clibas Vieira José Carlos Enrique Olivera Begazo José Domingos Galvão
158	19/08/1975	Alberto Leandro Pereira Aquira Mizubuti	Efeito da idade dos frutos e sua localização na planta sobre a qualidade das sementes do quiabeiro (<i>Abelmoschus esculentus</i> Moench)	Aquira Mizubuti Joênes Pelúzio José Carlos Enrique Olivera Begazo

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				José Domingos Galvão Vicente Wagner Dias Casali
159	28/08/1975	Juarez Bolsanello Clibas Vieira	Ensaio de adubação NP e competições entre variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Carlos Siqueyuki Sedyama Victor Hugo Alvarez Venegas Flávio de Araújo Lopes do Amaral Liovando Marciano da Costa
160	02/10/1975	Luiz Carlos de Sousa Bueno Carlos Siqueyuki Sedyama	Efeitos de espaçamento, densidade e época de plantio sobre duas variedades de soja	Carlos Siqueyuki Sedyama Clibas Vieira Sylvio Starling Brandão Vicente Wagner Dias Casali Liovando Marciano da Costa
161	06/10/1975	Gui Alvarenga José Carlos Enrique Olivera Begazo	Comparação de inseticidas no controle ao "bicho mineiro" das folhas do cafeeiro (<i>Perileuoptera coffeella</i> (Lepidoptera: Lyonetiidae))	José Carlos Enrique Olivera Begazo José Oscar Gomes de Lima Aquira Mizubuti Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali
162	24/11/1975	Miralda Bueno de Paula José Carlos Enrique Olivera Begazo	Composição mineral foliar do café (<i>Coffea arabica</i> L.): Efeitos de pulverizações com zinco e boro	José Carlos Enrique Olivera Begazo José Mário Braga Braz Victor Defelipo Cid Martins Batista Victor Hugo Alvarez Venegas
163	26/11/1975	Élio José Alves José Carlos Enrique Olivera Begazo	Maturação e qualidade fisiológica da semente do algodoeiro (<i>Gossypium hirsutum</i> L.)	José Carlos Enrique Olivera Begazo Luiz Carlos Lopes Joênes Pelúzio de Campos José Francisco da Silva José Domingos Galvão

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
164	28/11/1975	Luis Gilberto Arismendi Joênes Pelúzio de Campos	Efeito de métodos de produção de mudas e população no rendimento de repolho (<i>Brassica oleracea var. capitata</i>)	Joênes Pelúzio de Campos Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé José Francisco da Silva Flávio de Araújo Lopes do Amaral
165	28/11/1975	Omar Rafael Chauran Ivo Manica	Efeito de tempo de armazenamento, corte e fungicida sobre a germinação das sementes e crescimento das plântulas de mangueira (<i>Mangifera indica</i> L.)	Ivo Manica Rubens Vicente Rezende Pinheiro Alcides Reis Condé Otto Andersen Vicente Wagner Dias Casali
166	01/12/1975	João Osvaldo Veiga Rafael Luiz Antonio Nogueira Fontes	Comparação de herbicidas aplicados em pré-emergência na cultura do milho, em solo sob vegetação de cerrado	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Francisco da Silva José Carlos Enrique Olivera Begazo José Domingos Galvão Carlos Siqueyuki Sedyama
167	30/12/1975	José Tarcísio Barbosa Ivo Manica	Competição de seis variedades de goiaba (<i>Psidium guajava</i> L.) em Pirapora-MG.	Ivo Manica Rubens Vicente Rezende Pinheiro Otto Andersen Alcides Reis Condé José Raimundo Pereira Chaves
168	02/01/1976	Renato Mauro Brandi José Flávio Cândido	Efeito da adubação NPK no desenvolvimento inicial e na resistência à seca de mudas de <i>Eucalyptus citriodora</i> Hook	José Flávio Cândido José Mario Braga Nairam Félix de Barros Laede Maffia de Oliveira Sérvulo Batista de Rezende
169	14/01/1976	Aldo Bezerra de Oliveira Sylvio Starling Brandão	Efeitos do espaçamento entre fileiras, e da densidade de plantio em dois cultivares de arroz, sob irrigação por aspersão	Sylvio Starling Brandão Renato Mário Del Giudice Alcides Reis Condé José Domingos Galvão

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Clibas Vieira
170	15/01/1976	Joao Maria Japhar Berniz Luiz Antonio Nogueira Fontes	Efeito de espaçamento, densidade de plantio e adubação sobre a produção de grãos e alguns caracteres agronômicos do sorgo granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Maurício Wagner Cordeiro de Azeredo José Domingos Galvão José Carlos Enrique Olivera Begazo Rubens Vicente Rezende Pinheiro
171	29/03/1976	Edésio Cardoso Carvalho Luiz Antonio Nogueira Fontes	Fracionamento, época de aplicação e níveis de fertilizante nitrogenado em sorgo granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Maurício Wagner Cordeiro de Azeredo Waldemar Moura Filho Carlos Siqueyuki Sedyama José Domingos Galvão
172	31/03/1976	Ruy Rezende Fontes Pedro Henrique Monnerat	Efeito de seis métodos de produção de mudas no crescimento inicial das plantas e na produção do tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.)	Pedro Henrique Monnerat Vicente Wagner Dias Casali Joênes Pelúzio Campos Aquira Mizubuti José Francisco da Silva
173	12/04/1976	Antônio Carlos Torres Rubens Vicente Rezende Pinheiro	Anatomia da origem e do desenvolvimento de raiz adventícia em estacas do maracujazeiro amarelo (<i>Passiflora edulis</i> Sims)	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Chotaro Shimoya Carlos Joaquim Gomide José Raimundo Pereira Chaves Roberto da Silva Ramalho
174	12/04/1976	Pedro Luiz Pires de Mattos Waldemar Moura Filho	Tratamento térmico dos fosfatos de Araxá e de Patos – Solubilização em ácido cítrico, absorção de fósforo e produção de matéria seca pelo sorgo granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Waldemar Moura Filho Carlos Siqueyuki Sedyama Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Sylvio Starling Brandão
175	13/04/1976	Walmir Salles Couto Luiz Antonio Nogueira Fontes	Estudos de sistemas culturais milho-feijão no Município de Viçosa, Minas Gerais	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Carlos Siqueyuki Sedyama

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Maurício Wagner Cordeiro de Azevedo Luiz Carlos Lopes
176	22/04/1976	José Newton Lima de Albuquerque Waldemar Moura Filho	Efeito da oxidação do enxofre no solo sobre a eficiência de fosfatos naturais	Waldemar Moura Filho Carlos Siqueyuki Sedyama Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Sylvio Starling Brandão
177	28/04/1976	Marcos Alexandre Hoepfner Pedro Henrique Monnerat	Efeitos da aplicação foliar de fontes de fósforo em tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill), cultivado sob quatro níveis de fósforo no solo	Pedro Henrique Monnerat Alemar Braga Rena Flávio de Araújo Lopes do Amaral Joênes Pelúzio de Campos Luiz Antonio Nogueira Fontes
178	26/05/1976	Audberto José Millan José Carlos Silva	Herança da velocidade de germinação e tolerância à salinidade, na variedade de milho (<i>Zea mays</i> L.) 'Piranão'	José Carlos Silva José Domingos Galvão Hélio Moraes Barbosa Martinho de Almeida e Silva Victor Hugo Alvarez Venegas
179	09/06/1976	Paulo Sérgio Lima e Silva Sylvio Starling Brandão	Comportamento de variedades e seleções de arroz sob regime de irrigação por submersão e em diferentes níveis de adubação nitrogenada	Sylvio Starling Brandão Clibas Vieira José Domingos Galvão Laede Maffia de Oliveira Luiz Antonio Nogueira Fontes
180	10/06/1976	Marcos Ga Ching Mah Waldemar Moura Filho	Efeito do repelente à água, silaneal 772 aplicado em colunas de material de solo na lixiviação de nitrato, na variação do pH e no desenvolvimento de Sorgo Granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Waldemar Moura Filho Luiz Antonio Nogueira Fontes Carlos Siqueyuki Sedyama Aquirá Mizubuti Alcides Reis Condé
181	10/06/1976	Regina Cele Rebouças Machado Alemar Braga Rena	Efeito da desidratação osmótica no acúmulo de prolina livre em discos foliares e na germinação	Alemar Braga Rena Clibas Vieira

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			de sementes de vinte cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Moacir Maestri Pedro Henrique Monnerat Luiz Carlos Lopes
182	28/06/1976	Flávio Pomar de Andrade Braz Vitor Defelipo	Disponibilidade de potássio em solos da região pré-amazônica do Maranhão e determinação de seu nível crítico	Braz Vitor Defelipo José Mário Braga Victor Hugo Alvarez Venegas Flávio de Araújo Lopes do Amaral José Tarcísio Lima Thiébaut
183	06/07/1976	Maria Bernadeth Machado Santana José Mário Braga	Interação alumínio fósforo em um solo ácido do sul da Bahia	José Mário Braga Victor Hugo Alvarez Venegas Braz Vitor Defelipo Pedro Henrique Monnerat José Domingos Galvão
184	12/07/1976	José Ferreira de Paula José Carlos Enrique Olivera Begazo	Comportamento de variedades de mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Grantz), em Viçosa, Minas Gerais	José Carlos Enrique Olivera Begazo Carlos Siqueyuki Sedyama Vicente Wagner Dias Casali Rubens Vicente Rezende Pinheiro José Domingos Galvão
185	15/07/1976	Josué Fernandes Pedrosa Aquirá Mizubuti	Caracterização de 100 introduções de quiabeiro (<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.) do banco de germoplasma de hortaliças da Universidade Federal de Viçosa (BGH-UFV)	Aquirá Mizubuti Vicente Wagner Dias Casali Joênes Pelúzio de Campos Pedro Henrique Monnerat Luiz Carlos Lopes
186	09/08/1976	Oswaldir Martins José Mário Braga	Caracterização da fertilidade de cinco latossolo do Triângulo Mineiro, sob vegetação de cerrado	José Mário Braga Bairon Fernandes Braz Vitor Defelipo Telmo Carvalho Alves da Silva Victor Hugo Alvarez Venegas

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
187	27/08/1976	Evandro Almeida Tupinambá Clibas Vieira	Análise de adaptação de doze cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) a nove municípios da Zona da Mata – Minas Gerais	Clibas Vieira Alcides Reis Condé Roberto Ferreira da Silva José Domingos Galvão Antônio Américo Cardoso
188	10/09/1976	Etelio de Carvalho Prado Clibas Vieira	Comportamento de variedades trepadoras de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) quando cultivadas com tutoramento	Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso Luiz Antonio Nogueira Fontes Sylvio Starling Brandão Victor Hugo Alvarez Venegas
189	10/09/1976	Jayme de Cerqueira Gomes José Mário Braga	Relação entre a capacidade tampão de fósforo de três latossolos de Minas Gerais e a absorção diferencial de fósforo em três cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	José Mário Braga Victor Hugo Alvarez Venegas Braz Vitor Defelipo Flávio de Araújo Lopes do Amaral Bairon Fernandes
190	21/10/1976	Valdevino Cardoso Braz Vitor Defelipo	Extratores químicos de fósforo e potássico e estabelecimento de seus níveis críticos para alguns solos do Estado do Espírito Santo	Braz Vitor Defelipo José Mário Braga Victor Hugo Alvarez Venegas Alcides Reis Condé Múcio Silva Reis
191	18/11/1976	Vera Lucia Martins Soares Walder Clibas Vieira	Qualidade das sementes de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) utilizadas pelos agricultores em 28 municípios da Zona da Mata de Minas Gerais	Clibas Vieira Cláudio Manoel da Silva Roberto Ferreira da Silva Múcio Silva Reis Antônio Américo Cardoso
192	22/11/1976	Messias José Bastos de Andrade Clibas Vieira	Competição entre variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) em diferentes níveis de adubação	Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso Braz Vitor Defelipo Múcio Silva Reis Ademar Moura Filho

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
193	03/12/1976	Gedi Jorge Sfredo Braz Vitor Defelipo	Efeito das relações entre Ca e Mg sobre o pH, Al ⁺⁺⁺ , Ca ⁺⁺ e Mg ⁺⁺ no solo e sobre a produção de matéria seca de sorgo (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Braz Vitor Defelipo Victor Hugo Alvarez Venegas José Mário Braga Alcides Reis Condé Vicente Wagner Dias Casali
194	03/12/1976	Marco Antonio Rezende Alvarenga Sylvio Starling Brandão	Influência da idade da muda no transplante sobre o comportamento de três cultivares de arroz (<i>Oryza sativa</i> L.)	Sylvio Starling Brandão Laede Maffia de Oliveira Antônio Américo Cardoso José Domingos Galvão Múcio Silva Reis
195	14/12/1976	Evâneo Barbosa Bueno Vicente Wagner Dias Casali	Efeitos de métodos e épocas de desfolha na produção de dois cultivares de batata (<i>Solanum tuberosum</i> L.)	Vicente Wagner Dias Casali Aquir Mizubuti José Francisco da Silva José Carlos Enrique Olivera Begazo Victor Hugo Alvarez Venegas
196	25/02/1977	José Ronaldo de Magalhães Pedro Henrique Monnerat	Efeitos de períodos de carência e da aplicação foliar de boro em tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill)	Pedro Henrique Monnerat Flávio de Araújo Lopes do Amaral Joênes Pelúzio de Campos Luiz Antonio Nogueira Fontes Victor Hugo Alvarez Venegas
197	03/03/1977	Geraldo Antônio de Andrade Araújo Luiz Antonio Nogueira Fontes	Influência do molibdênio e do nitrogênio sobre duas variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Flávio de Araújo Lopes do Amaral Alcides Reis Condé José Domingos Galvão Antônio Américo Cardoso
198	14/03/1977	Rui de Souza Chaves Matosinho de Souza Figueiredo	Sistema de preparo do solo para milho (<i>Zea mays</i> L.) em um Podzólico Vermelho Amarelo, Câmbico Distrófico fase terraço, da Zona da Mata de Minas Gerais	Matosinho de Souza Figueiredo José Francisco da Silva Telmo Carvalho Alves da Silva Mauro Resende

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				José Carlos Enrique Olivera Begazo
199	15/03/1977	Paulo de Jesus Santos Otto Andersen	Estudo do comportamento de bananeira (<i>Musa Acuminata</i> Colla) cv. 'nanica' em diferentes espaçamentos	Otto Andersen Rubens Vicente Rezende Pinheiro Alcides Reis Condé José Domingos Galvão José Maurício Fortes
200	28/03/1977	Luiz Gomes Correia Vicente Wagner Dias Casali	Efeito de sombreamento e CCC (2-cloreto de cloroetiltrimetilamonio), na formação de mudas e produção de pimentão (<i>Capsicum annum</i> L.)	Vicente Wagner Dias Casali Joênes Pelúzio de Campos Pedro Henrique Monnerat Luiz Carlos Lopes Victor Hugo Alvarez Venegas
201	06/04/1977	José Avelino Santos Rodrigues Rubens Vicente Rezende Pinheiro	Comportamento de dez variedades de manga (<i>Mangifera indica</i> L.) em Viçosa e Visconde do Rio Branco – Minas Gerais	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé José Maurício Fortes Otto Andersen
202	11/05/1977	Renato Barboza Rolim José Mário Braga	Comportamento de duas variedades e três linhagens de soja, em diferentes níveis de adubação fosfatada, em solos vegetação de cerrado em Ituiutaba-MG e Goiânia-GO	José Mário Braga Victor Hugo Alvarez Venegas Tuneo Sedyama Múcio Silva Reis José Tarcísio Lima Thiébaut
203	13/05/1977	Wellington Pereira Telmo Carvalho Alves da Silva	Avaliação da erosividade das chuvas em diferentes locais do Estado de Minas Gerais	Telmo Carvalho Alves da Silva Fábio Ribeiro Gomes Gilberto Chotaro Sedyama Mauro Resende Matosinho de Souza Figueiredo
204	18/05/1977	Dimas Vital Siqueira Resck Matosinho de Souza Figueiredo	Determinação da erodibilidade de um Podzólico Vermelho Amarelo Câmbico	Matosinho de Souza Figueiredo Bairon Fernandes Telmo Carvalho Alves da Silva

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			Distrófico, Fase Terraço, localizado na Zona da Mata (MG) utilizando o simulador de chuva	Mauro Resende Victor Hugo Alvarez Venegas
205	23/05/1977	Osvaldo Ferreira Lopes Waldemar Moura Filho	Caracterização de latossolos vermelho escuro no norte de Minas Gerais	Waldemar Moura Filho Mauro Resende Bairon Fernandes Onofre Cristo Brumano Pinto Telmo Carvalho Alves da Silva
206	24/05/1977	José Maria Cabral Gamarano Joênes Pelúzio de Campos	Comportamento de cinco cultivares de quiabeiro (<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench) em quatro populações	Joênes Pelúzio de Campos Aquiria Mizubuti Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Luiz Antonio Nogueira Fontes
207	30/05/1977	Heracio Fernandes Raposo de Melo Filho Waldemar Moura Filho	Descrição e caracterização de podzólicos vermelho-amarelos equivalente eutrófico, da região centro ocidental da Bahia	Waldemar Moura Filho Mauro Resende Bairon Fernandes Onofre Cristo Brumano Pinto Telmo Carvalho Alves da Silva
208	01/06/1977	Luiz Alberto Regueira Medeiros Mauro Resende	Caracterização e gênese de solos derivados de calcário e, de sedimentos terciários, da região da Jaíba, Norte de Minas Gerais	Mauro Resende Bairon Fernandes Waldemar Moura Filho Telmo Carvalho Alves da Silva Onofre Cristo Brumano Pinto
209	07/06/1977	Marcelo Franco José Mário Braga	Fosfatos naturais parcialmente acidificados com H ₃ PO ₄ , HCl e H ₂ SO ₄ na cultura de sorgo granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench) em um solo de Cerrado de Ituiutaba –MG.	José Mário Braga José Tarcísio Lima Thiébaut Flávio de Araújo Lopes do Amaral Braz Vitor Defelipo Ruy Aderbal Rocha Ferrari

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
210	30/06/1977	Sebastião de Oliveira e Silva José Carlos Enrique Olivera Begazo	Capacidade de produção e características de raízes e ramas de 60 variedades de mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Grantz)	José Carlos Enrique Olivera Begazo Victor Hugo Alvarez Venegas José Ferreira da Paula Sylvio Starling Brandão Vicente Wagner Dias Casali
211	05/07/1977	Jonas de Souza Braz Vitor Defelipo	Fosfatos naturais como fonte de fósforo em diferentes períodos de incubação em dois solos	Braz Vitor Defelipo José Mário Braga José Ferreira da Paula Pedro Henrique Monnerat José Domingos Galvão
212	07/07/1977	Daniel Nunes Lopes Telmo Carvalho Alves da Silva	Influência do calcário, fósforo e micronutrientes na mineralização da matéria-orgânica e características físico-químicas de material de três solos de Altamira (Pará)	Telmo Carvalho Alves da Silva Emílio Gomide Loures José Mário Braga Mauro Resende Braz Vitor Defelipo
213	14/07/1977	Ronaldo Torres Vianna Jose Carlos Silva	Correlação genética e capacidade geral de combinações em linhagens endogâmicas em milho (<i>Zea mays</i> L.)	Jose Carlos Silva José Domingos Galvão Hélio Morais Barbosa Martinho de Almeida e Silva Fábio Ribeiro Gomes
214	16/09/1977	Tupinambás de Santana de Oliveira Lima Jose Carlos Silva	Avaliação das capacidades geral e específica de combinação e correlação entre caracteres de oito populações de milho (<i>Zea mays</i> L.)	José Carlos Silva Hélio Morais Barbosa José Domingos Galvão Martinho de Almeida e Silva Alcides Reis Condé
215	21/09/1977	Maria José Del Peloso Ribeiro Aquira Mizubuti	Herança em relação à ferrugem (<i>Uromyces phaseoli</i> var. <i>typica</i> Arth. do feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Aquira Mizubuti José Carlos Silva Tuneo Sediama Vicente Wagner Dias Casali

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				José Domingos Galvão
216	03/11/1977	Aerolino de Oliveira Matos Flávio de Araújo Lopes do Amaral	Avaliação da fertilidade de três solos de Altamira (Pará) pela técnica de elemento faltante	Flávio de Araújo Lopes do Amaral José Domingos Galvão Alcides Reis Condé Braz Vitor Defelipo Victor Hugo Alvarez Venegas
217	23/11/1977	Carlos Hans Müller Rubens Vicente Rezende Pinheiro	Efeito de dose de sulfato de amônio e de cloreto de potássio sobre a produtividade de qualidade de maracujás colhidos em épocas diferentes	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali Laede Maffia de Oliveira Ivo Manica Otto Andersen
218	25/11/1977	Luiz Paulo de Carvalho Clibas Vieira	Hereditariedade da resistência a cinco raças fisiológicas de <i>Uromyces phaseoli</i> var. <i>typica</i> Arth, em <i>Phaseolus vulgaris</i>	Clibas Vieira Aquira Mizubuti José Domingos Galvão Silamar Ferraz Antônio Américo Cardoso
219	13/12/1977	Antonio Carlos Viana Telmo Carvalho Alves da Silva	Efeito das épocas de densidades de plantio sobre o comprimento de três híbridos de sorgo granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench).	Telmo Carvalho Alves da Silva José Domingos Galvão Luiz Antonio Nogueira Fontes Antônio Américo Cardoso Roberto Ferreira da Silva
220	14/12/1977	Jairo Vidal Vieira Joênes Pelúzio de Campos	Efeito de métodos de produção e idade e transplante de mudas no rendimento do repolho (<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i>).	Joênes Pelúzio de Campos Vicente Wagner Dias Casali Pedro Henrique Monnerat Victor Hugo Alvarez Venegas José Maurício Fortes
221	22/12/1977	João Erivaldo Saraiva Serpa Luiz Antonio Nogueira Fontes	Sistemas culturais milho-feijão: Comportamento do milho e do feijão em	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Antônio Américo Cardoso

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			cultivos exclusivos, consorciados e em faixas alternadas	Roberto Ferreira da Silva Tuneo Sedyama
222	22/12/1977	Newton Bueno José Mario Braga	Efeito residual de fosfatos naturais parcialmente acidificados na cultura de sorgo (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	José Mario Braga José Tarcísio Lima Thiébaut Roberto Ferreira de Novais Braz Vitor Defelipo Flávio de Araújo Lopes do Amaral
223	05/01/1978	Takeshi Iuchi Otto Andersen	Efeito do desbaste de frutas sobre a produção da macieira (<i>Malus domestica</i>)	Otto Andersen Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé Roberto Ferreira da Silva José Francisco da Silva
224	16/02/1978	Paulo César Magalhaes José Carlos Enrique Olivera Begazo	Efeitos de níveis, épocas e localização do cloreto de potássio em mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz).	José Carlos Enrique Olivera Begazo Braz Vitor Defelipo José Ferreira de Paula Flávio de Araújo Lopes do Amaral Américo José da Silveira
225	22/02/1978	Joaquim Eure Pereira José Mário Braga	Solubilidade de alguns calcários e escórias de Alto Forno	José Mário Braga Onofre Cristo Brumano Pinto Roberto Ferreira da Silva Antônio Carlos Ribeiro Braz Vitor Defelipo
226	07/03/1978	Leônidas Paixão Passos Rubens Vicente Rezende Pinheiro	Competição entre dez variedades de goiaba (<i>Psidium guajava</i> L.) em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé José Maurício Fortes Otto Andersen

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
227	11/03/1978	Carlos Alberto Costa Veloso Flávio de Araújo Lopes do Amaral	Avaliação da fertilidade de quatro solos do Vale do Mearim-Maranhão, para arroz (<i>Oriza sativa</i> L.) cultivar "IAC-1246"	Flávio de Araújo Lopes do Amaral José Mário Braga Roberto Ferreira de Novais Braz Vitor Defelipo José Tarcísio Lima Thiébaut
228	20/03/1978	Carlos Eugênio Martins Flávio de Araújo Lopes do Amaral	Eficiência da utilização de potássio, cálcio e magnésio em 16 híbridos de sorgo (<i>Sorghum bicolor</i> (L.) Moench)	Flávio de Araújo Lopes do Amaral Alcides Reis Condé Pedro Henrique Monnerat Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão
229	21/03/1978	Jose de Freitas Pereira Luiz Antonio Nogueira Fontes	Efeitos de época-fracionamento e de doses de fertilizante nitrogenado na produção de grão e em outros caracteres agrônômicos em sorgo granífero (<i>Sorghum bicolor</i> (L.). Moench)	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Alcides Reis Condé Waldemar Moura Filho Antônio Américo Cardoso
230	22/03/1978	Paulo Roberto de Sá Santos José Mario Braga	Relação entre teores de fósforo no solo e produção da cultura de soja em três solos sob vegetação de cerrado – um estudo de calibração	José Mario Braga Braz Vitor Defelipo Roberto Ferreira de Novais Antônio Carlos Ribeiro Tuneo Sedyama
231	28/03/1978	Antonio Alberto da Silva José Carlos Enrique Olivera Begazo	Controle Químico de Ervas invasoras na cultura da mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz) e estudo sobre a adsorção de dois herbicidas por quatro diferentes solos	José Carlos Enrique Olivera Begazo José Francisco da Silva Alcides Reis Condé José Ferreira de Paula Tuneo Sedyama
232	05/05/1978	José Ernesto Souto Bezerra Matosinho de Souza Figueiredo	Influência de sistemas de manejo do solo sobre algumas propriedades físicas e químicas de um Podzólico vermelho amarelo câmbico distrófico, fase terraço, e sobre produção de milho (<i>Zea mays</i> L.)	Matosinho de Souza Figueiredo Bairon Fernandes José Domingos Galvão José Francisco da Silva

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				José Tarcísio Lima Thiébaut
233	05/05/1978	Vera Lucia Iuchi Rubens Vicente Rezende Pinheiro	Efeito de sulfato de amônio, superfosfato simples e sulfato de potássio sobre algumas características da planta e qualidade do fruto do abacaxizeiro (<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.) variedade 'Smooth Cayenne'	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé Otto Andersen Américo José da Silveira
234	08/06/1978	Adair Jose Regazzi José Carlos Dias	Variâncias, Covariâncias genéticas e índices de seleção num composto de milho (<i>Zea mays</i> L.)	José Carlos Dias José Tarcísio Lima Thiébaut José Domingos Galvão Laede Maffia de Oliveira Fábio Ribeiro Gomes
235	26/06/1978	Alberto Baêta dos Santos Clibas Vieira	Resposta de Feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) ao molibdênio e ao cobalto em solos de Viçosa e Paula Cândido, Minas Gerais	Clibas Vieira Emílio Gomide Loures José Tarcísio Lima Thiébaut Roberto Ferreira de Novais Antônio Américo Cardoso
236	03/07/1978	Antonio Vander Pereira José Domingos Galvão	Seleção da velocidade de germinação em (<i>Zea mays</i> L.) var. 'Piranão'	José Domingos Galvão José Carlos Silva Antônio Américo Cardoso Vicente Wagner Dias Casali Luiz Antonio Nogueira Fontes
237	03/07/1978	Ecilda Luci dos Santos Souza Aquira Mizubuti	Obtenção de plantas de batateira (<i>Solanum tuberosum</i> L.) através de cultura de tecido meristemático	Aquira Mizubuti Luiz Carlos Lopes Pedro Henrique Monnerat Vicente Wagner Dias Casali Roberto Ferreira da Silva
238	04/08/1978	Miguel Barreiro Neto José Carlos Silva	Seleção de alta e baixa densidade da semente de milho (<i>Zea mays</i> L.) OPACO-2 e seus	José Carlos Silva Antônio Américo Cardoso Hélio Moraes Barbosa

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			efeitos sobre caracteres agronômicos e teores de proteínas e lisina	José Domingos Galvão Renato Sant'Anna
239	21/08/1978	Cleide Maria Ferreira Joênes Pelúzio de Campos	Efeito de métodos de produção das mudas na produção comercial de repolho (<i>Brassica oleracea</i> var. capitata)	Joênes Pelúzio de Campos Vicente Wagner Dias Casali Roberto Ferreira da Silva Antônio Américo Cardoso Luiz Nogueira Fontes
240	06/10/1978	Joao Eustáquio Cabral de Miranda Joênes Pelúzio de Campos	Avaliação de seis cultivares de tomate (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill) e suas progênes híbridas F1	Joênes Pelúzio de Campos Vicente Wagner Dias Casali Aquira Mizubuti Antônio Américo Cardoso Telmo Carvalho Alves da Silva
241	16/11/1978	Gabriel Ferreira Bártholo Clibas Vieira	Adaptação e estabilidade de comportamento de doze cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) em quinze ambientes de Minas Gerais	Clibas Vieira Múcio Silva Reis Vicente Wagner Dias Casali Renato Mário Del Giudice Alcides Reis Condé
242	20/11/1978	Luiz Eduardo Ferreira Fontes Bairon Fernandes	Movimento e inativação de Metribuzin em materiais de dois solos, sob diferentes densidades aparentes	Bairon Fernandes Roberto Ferreira da Silva Telmo Carvalho Alves da Silva Mauro Resende Antônio Américo Cardoso
243	23/11/1978	Antônio Renes Lins de Aquino Renato Mário Del Giudice	Espaçamento entre fileiras e densidades de plantio em dois cultivares de arroz, sob regime de irrigação por submersão	Renato Mário Del Giudice Antônio Américo Cardoso José Domingos Galvão Luiz Antonio Nogueira Fontes Américo José da Silveira
244	05/12/1978	Walter Miguel Kranz Clibas Vieira	Efeitos em cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) na competição com ervas daninhas	Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Múcio Silva Reis José Francisco da Silva Waldomiro Nunes Vidal
245	18/12/1978	Antônio Gomes de Araujo José Domingos Galvão	Sistemas culturais milho-feijão, efeito de cultivares de populações de plantas de milho em três sistemas de consorciação	José Domingos Galvão Alcides Reis Condé Joênes Pelúzio de Campos Luiz Antônio Nogueira Fontes Paulo Virgílio Lobo Medina
246	20/12/1978	Joaquim Carlos Tomás Luiz Antonio Nogueira Fontes	Sistemas culturais milho-feijão. Comportamento de três sistemas de cultivos associados em diferentes densidades de plantas de milho	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Alcides Reis Condé Waldemar Moura Filho Tuneo Sedyama
247	23/02/1979	Verônica Baima de Castro Vicente Wagner Dias Casali	Avaliação de 22 introduções de alho (<i>Allium sativum</i> L.) em banco de germoplasma de hortaliça da UFV em duas épocas de plantio	Vicente Wagner Dias Casali Roberto Ferreira Da Silva José Francisco da Silva Alcides Reis Condé Rubens Vicente Rezende Pinheiro
248	06/03/1979	Ivo Marcos Carraro Tuneo Sedyama	Efeito do retardamento da colheita e do tratamento das sementes sobre a germinação, o vigor e a nodulação da soja (<i>Glycine Max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Roberto Ferreira Da Silva Múcio Silva Reis José Tarcísio Lima Thièbaut José Carlos Enrique Olivera Begazo
249	15/03/1979	José Ruedell Tuneo Sedyama	Controle de plantas daninhas na cultura da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill), através dos efeitos conjugados de arranjo de plantas e combinação de herbicidas	Tuneo Sedyama José Francisco da Silva José Tarcísio Lima Thièbaut Múcio Silva Reis José Carlos Enrique Olivera Begazo

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
250	22/03/1979	João Batista Bragança José Mario Braga	Solubilização dos fosfatos de Araxá, em diferentes tempos de incubação, com diferentes níveis de alumínio trocável	José Mario Braga Roberto Ferreira de Novais José Tarcísio Lima Thièbaut Antonio Carlos Ribeiro Onofre Cristo Brumano Pinto
251	27/03/1979	Jose Antonio Gomes Otto Andersen	Desenvolvimento e produção de bananeira do cultivas 'Prata' na região litorânea do Espírito Santo, em função de densidades de plantio	Otto Andersen Paulo Virgílio Lobo Medina Alcides Reis Condé Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali
252	10/04/1979	José Ferreira da Silva José Francisco da Silva	Influência do tamanho da semente de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merr.) sobre sua tolerância ao Metribuzin e estudos da lixiviação e inativação deste por dois tipos de solo	José Francisco da Silva Roberto Ferreira da Silva Alcides Reis Condé José Domingos Galvão Vicente Wagner Dias Casali
253	23/04/1979	Claudio Prates Zago José Alberto Gomide	Estimativas de herdabilidade e correlação entre caracteres em capim-buffel (<i>Cenchrus ciliaries</i> L.)	José Alberto Gomide José Carlos Silva Aquira Mizubuti Rasmo Garcia José Domingos Galvão
254	27/04/1979	Gottfried Urben Filho Antônio Américo Cardoso	Doses a modos de aplicação de adubo nitrogenado na cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Antônio Américo Cardoso José Domingos Galvão José Tarcísio Lima Thièbaut Luiz Antonio Nogueira Fontes Múcio Silva Reis
255	02/05/1979	Ingrid Bergman Inchausti de Barros Pedro Henrique Monnerat	Efeito da adubação nitrogenada, foliar e no solo, e da aplicação foliar de molibdênio em alface (<i>Lactuca sativa</i> L.)	Pedro Henrique Monnerat José Francisco da Silva Vicente Wagner Dias Casali Aquira Mizubuti

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Paulo Virgílio Lobo Medina
256	21/05/1979	Antonio Garcia Tuneo Sedyama	Estudo do índice de colheita e de outras características agrônômicas de dez cultivares de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill) e de suas correlações com a produção de grãos, em duas épocas de semeadura	Tuneo Sedyama Laede Maffia de Oliveira Múcio Silva Reis José Francisco da Silva José Ferreira de Paula
257	29/05/1979	Antônio Barbara de Souza José Carlos Enrique Olivera Begazo	Efeitos de fontes e níveis de fertilizantes fosfatados na cultura de mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Grantz)	José Carlos Enrique Olivera Begazo Antônio Américo Cardoso Braz Vítor Defelipo Américo José da Silveira José Ferreira de Paula
258	29/05/1979	Eveline Chartuni Mantovani Roberto Ferreira da Silva	Estudo sobre desenvolvimento e a maturação fisiológica de sementes de pimentão (<i>Capsicum annum</i> L.)	Roberto Ferreira da Silva Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé José Francisco da Silva Paulo Virgílio Lobo Medina
259	01/06/1979	Mauricio Paulo Ferreira Fontes Roberto Ferreira da Silva	Disponibilidade do enxofre em diferentes extratores químicos em alguns Latossolos do estado de Minas Gerais	Roberto Ferreira da Silva José Mário Braga Braz Vítor Defelipo Antônio Carlos Ribeiro Arnaldo Chaer Borges
260	06/06/1979	Célio Kersul do Sacramento Pedro Henrique Monnerat	Resposta de cultivares de batata (<i>Solanum tuberosum</i> L.) a adubação com bórax	Pedro Henrique Monnerat Aquira Mizubuti Joênes Pelúzio de Campos Antônio Américo Cardoso Vicente Wagner Dias Casali
261	02/07/1979	Sammy Fernandes Soares Vicente Wagner Dias Casali	Influência do tamanho do bulbilho na produção de seis cultivares de alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Vicente Wagner Dias Casali Luiz Antonio Nogueira Fontes Antônio Américo Cardoso

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Pedro Henrique Monnerat Joaquim Joel do Valle Rodrigues
262	21/08/1979	Sieglinde Brune Aquirá Mizubuti	Descrição e competição de clones de batateira (<i>Solanum tuberosum</i> L.)	Aquirá Mizubuti Roberto Ferreira da Silva Vicente Wagner Dias Casali José Domingos Galvão José Francisco da Silva
263	27/08/1979	Cristovam Colombo Belfort Joênes Pelúzio de Campos	Efeito da poda na haste principal e população de plantas sobre a produção de frutos e sementes do tomateiro (<i>Lycopersicum esculentum</i> Mill)	Joênes Pelúzio de Campos José Domingos Galvão Antônio Américo Cardoso Paulo Virgílio Lobo Medina Luiz Antonio Nogueira Fontes
264	20/09/1979	Terezinha Maria Castro Della Lucia Milgar Camargo Loureiro	Análise ecológica de população de <i>Formicidae</i> (<i>Insecta</i> : Hymenoptera) em agrossistemas de pastagens de milho, feijão e consorciação de milho e feijão	Milgar Camargos Loureiro Leland Chandler Bairon Fernandes José Alberto Haueisen Freire José Domingos Galvão
265	29/10/1979	Francisco Ernesto Sobrinho Mauro Resende	Caracterização, gênese e interpretação para uso de solos derivados de calcário da região da chapada do Apodi, Rio Grande do Norte	Mauro Resende Bairon Fernandes Telmo Carvalho Alves da Silva Waldemar Moura Filho Braz Vitor Defelipo
266	01/11/1979	João Massayuki Miyasaki José Francisco da Silva	Efeitos do nitrogênio e de diferentes fontes desses elementos na ação do glyphosate sobre a capim-colonião (<i>Panicum maximum</i> Jacq.)	José Francisco da Silva Renato Mauro Brandi Alcides Reis Condé Paulo Virgílio Lobo Medina José Mauro Gomes
267	05/11/1979	Adolfo Soto Aguilar José Francisco da Silva	Influência do fósforo e do nitrogênio sobre a tolerância do tomate (<i>Lycopersicum</i>	José Francisco da Silva Alcides Reis Condé

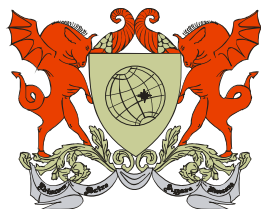
Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			<i>esculentum</i> Mill.) ao metribuzin e sobre a atividade herbicida deste no solo	Pedro Henrique Monnerat Vicente Wagner Dias Casali Paulo Virgílio Lobo Medina
268	23/11/1979	Antonio Carlos Fraga Roberto Ferreira da Silva	Determinação da maturação fisiológica das sementes e de outras características agronômicas da soja, em três épocas de semeadura	Roberto Ferreira da Silva Tuneo Sedyama José Tarcísio Lima Thiébaut Múcio Silva Reis José Francisco da Silva
269	23/11/1979	Tocio Sedyama Tuneo Sedyama	Influência da época de semeadura e de retardamento da colheita sobre a qualidade das sementes e outras características agronômicas de duas variedades de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Roberto Ferreira Da Silva José Tarcísio Lima Thiébaut Múcio Silva Reis Luiz Antonio Nogueira Fontes
270	30/11/1979	Juarez Simeão Albuquerque Penso José Mario Braga	Mistura de fosfato de Patos de Minas com torta de filtro e vinhaça como fonte de fósforo para vegetais	José Mario Braga Roberto Ferreira de Novais Braz Vitor Defelipo José Tarcísio Lima Thiébaut Arnaldo Chaer Borges
271	11/12/1979	Victor Hugo Vargas Ramos José Mauricio Fortes	Efeito do ácido giberélico e Cycocel sobre porta-enxerto da mangueira (<i>Mangifera indica</i> L.) no viveiro em Viçosa - Minas Gerais	José Mauricio Fortes Vicente Wagner Dias Casali José Tarcísio Lima Thiébaut Otto Andersen Braz Vitor Defelipo
272	17/12/1979	Antônio Ricardo Evangelista José Domingos Galvão	Efeito da associação milho-soja na produção de massa verde e no valor nutritivo da silagem	José Domingos Galvão Rasmo Garcia Antônio Américo Cardoso Luiz Antonio Nogueira Fontes Tuneo Sedyama

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
273	08/01/1980	Maria José Mota Ramos José Mauricio Fortes	Efeito da adubação NPK no crescimento de mudas de abacateiro (<i>Persea americana</i> Mill)	José Mauricio Fortes Antônio Américo Cardoso Francisco Carlos Carvalho da Silva Roberto Ferreira da Silva Otto Andersen
274	14/02/1980	José Francisco de Assis Feliciano da Silva Clibas Vieira	Comportamento das cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) consorciado com milho	Clibas Vieira José Domingos Galvão Luiz Antonio Nogueira Fontes Carlos Siqueyuki Sedyama Carlos Floriano de Moraes
275	14/03/1980	Luiz Gonzaga de Barros Clibas Vieira	Caracterização de alguns cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) indicados para o Brasil	Clibas Vieira Waldomiro Nunes Vidal Antônio Américo Cardoso Carlos Joaquim Gomide José Mauro Chagas
276	25/03/1980	Tomé da Guerra Filho Américo José da Silva	Comportamento do algodoeiro (<i>Gossypium hirsutum</i> L.), em diferentes densidades de plantio, sob períodos de competição com plantas daninhas	Américo José da Silva Antônio Américo Cardoso José Francisco da Silva Renato Mário Del Giudice José Carlos Enrique Olivera Begazo
277	31/03/1980	Maria Aparecida Nogueira Sedyama José Francisco da Silva	Efeitos do prometryne e do oxadiazon no controle de plantas daninhas na cultura do alho (<i>Allium sativum</i> L.)	José Francisco da Silva Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé Joaquim Joel do Vale Rodrigues Paulo Virgílio Lobo Medina
278	11/04/1980	Djalma Rogério Guimarães José Francisco da Silva	Comparação de herbicidas, aplicados isoladamente e em comparação, no controle de plantas daninhas, na cultura da cebola (<i>Allium cepa</i> L.)	José Francisco da Silva Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Joaquim Joel do Valle Rodrigues

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Roberto Ferreira da Silva
279	23/05/1980	Vera Regina Massena Ferreira Roberto Ferreira da Silva	Efeito da época de corte na produção e qualidade fisiológica de sementes do capim-buffel (<i>Cenchrus ciliaris</i> L.) CV. Gayndah	Roberto Ferreira da Silva Rasmo Garcia Laede Maffia de Oliveira Domício do Nascimento Carlos Floriano de Moraes
280	08/07/1980	Nelson Marciano Vicente Wagner Dias Casali	Avaliação de locais, tamanhos do bulbilho e cultivares na produção e alho (<i>Allium sativum</i> L.) para consumo e para plantio	Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso José Domingos Galvão Joaquim Joel do Valle Rodrigues Roberto Ferreira da Silva
281	09/07/1980	Ailton Costa Maia Tuneo Sedyama	Tolerância da variedade de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill) ao metribuzin em diferentes tipos de solo e níveis de matéria orgânica	Tuneo Sedyama José Francisco da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama Joaquim Joel do Valle Rodrigues Roberto Ferreira da Silva
282	10/07/1980	Luciano Bicalho Fonseca José Francisco da Silva	Avaliação do comportamento das combinações do metribuzin com trifluralin ou oryzalin em diferentes dosagens, na cultura da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	José Francisco da Silva Tuneo Sedyama Alcides Reis Condé Joaquim Joel do Valle Rodrigues Roberto Ferreira da Silva
283	08/08/1980	Nestor Heredia Zarate Joênes Pelúzio de Campos	Efeito da idade de da profundidade de transplante de mudas sobre a produção de tomate (<i>Lycopersicum esculentum</i> , Mill)	Joênes Pelúzio de Campos Antônio Américo Cardoso Pedro Henrique Monnerat Vicente Wagner Dias Casali Luiz Antonio Nogueira Fontes
284	11/08/1980	José Walter Pedrosa Carneiro Roberto Ferreira da Silva	Influência na cor do tegumento e da escarificação mecânica na germinação de	Roberto Ferreira da Silva Rasmo Garcia Alcides Reis Condé

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
			sementes de soja perene (<i>Glycine wightii</i> (Wight e Arn) Verdec.)	Marco Antônio Oliveira Cano Helvécio da Silva
285	01/10/1980	Maria do Carmo Vieira Vicente Wagner Dias Casali	Efeito de corte, tombamento e dessecação de folhagem no rendimento e conservação da cebola (<i>Allium Cepa</i> L.) 'Baia Periforme'	Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso José Francisco da Silva Paulo Virgílio Lobo Medina José Domingos Galvão
286	24/10/1980	Vicente Felix da Silva Paulo Virgílio Lobo Medina	Modificações bioquímicas e aparentes de senescência em alface (<i>Lactuca sativa</i> L.) durante o armazenamento	Paulo Virgílio Lobo Medina Joênes Pelúzio de Campos Antônio Américo Cardoso José Domingos Galvão Roberto Ferreira da Silva
287	05/11/1980	José Benedito de Sales Filho Américo José da Silveira	Distribuição de carboidratos e plantas de mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz) e o efeito do teor de reservas, na brotação e enraizamento de estacas de três posições do caule	Américo José da Silveira Francisco Franco Feitosa Teles Adair José Regazzi José Ferreira de Paula Luiz Antonio Nogueira Fontes
288	14/11/1980	Rodolfo Araya Villalobos Clibas Vieira	Estudo de adubação nitrogenada na cultura do feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.), na Zona da Mata de Minas Gerais	Clibas Vieira Walter Brune Antônio Américo Cardoso Carlos Siqueyuki Sedyama Roberto Ferreira de Novais
289	18/11/1980	Paulo Alcanfor Ximenes José Domingos Galvão	Efeitos de desbaste sobre o comportamento de híbridos de milho (<i>Zea mays</i> L.) em diferentes populações de plantas	José Domingos Galvão Antônio Américo Cardoso Luiz Antonio Nogueira Fontes José de Freitas Pereira Vicente Wagner Dias Casali
290	24/11/1980	Elmo José Vieira Rocha Renato Mario Del Giudice	Reserva nutritiva das estacas de cana-de-açúcar (<i>Saccharum</i> spp.) e sua influência no desenvolvimento da planta	Renato Mario Del Giudice Antônio Américo Cardoso Américo José da Silveira

Nº	Defesa	Autor Orientador	Título da Dissertação	Banca Examinadora
				Nelson Marciano José Ferreira de Paula
291	25/11/1980	Luiz Otávio Marteleto Rubens Vicente Rezende Pinheiro	Estudo da produção e dos atributos físicos e químicos de dez variedades de goiaba (<i>Psidium guajava</i> L.), em Visconde do Rio Branco, em Minas Gerais, visando o consumo ao natural e industrializado	Rubens Vicente Rezende Pinheiro Vicente Wagner Dias Casali Alcides Reis Condé Antônio Carlos Gomes de Souza Otto Andersen
292	12/12/1980	Pedro Ronzelli Junior Clibas Vieira	Comparação de herbicida no consórcio de milho (<i>Zea mays</i> L.) com feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira José Francisco da Silva Antônio Américo Cardoso Joaquim Joel do Valle Rodrigues Carlos Siqueyuki Sedyama
293	16/12/1980	Roberval Daiton Vieira Tuneo Sedyama	Avaliação da quantidade fisiológica de sementes de quatorze cultivares de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Roberto Ferreira da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama José Tarcísio Lima Thiébaut José Carlos Enrique Olivera Begazo
294	18/12/1980	Fausto Francisco dos Santos Tuneo Sedyama	Efeito do nível de desfolha na produção de grãos e em outras características agrônômicas de duas variedades de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Antônio Américo Cardoso Carlos Siqueyuki Sedyama José Tarcísio Lima Thiébaut Luiz Antonio Nogueira Fontes
295	19/12/1980	Sebastião Carneiro Guimarães José Francisco da Silva	Influência da idade de corte e de aditivos na ação de glyphosate sobre tiririca (<i>Cyperus rotundus</i> L.)	José Francisco da Silva Alcides Reis Condé Roberto Ferreira da Silva Joaquim Joel do Valle Rodrigues Paulo Virgílio Lobo Medina



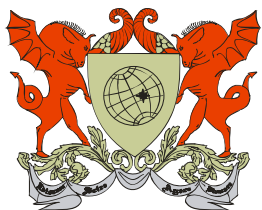
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM FITOTECNIA**



CATÁLOGO DE TESES

(1977-1992)

Viçosa – M G
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM FITOTECNIA**



Relação das Teses defendidas e aprovadas no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia
1977 a 1992

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
1	28/02/1977	Arnoldo Junqueira Netto Clibas Vieira	Resposta diferencial de variedade de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) à adubação nitrogenada e fosfatada	Clibas Vieira Luiz Antonio Nogueira Fontes José Mário Braga Evonir Batista Oliveira Fábio Ribeiro Gomes
2	09/12/1977	Fernando Costa Santa Cecília Clibas Vieira	Comportamento de variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) de diferentes hábitos de crescimento cultivadas em associação com o milho	Clibas Vieira Luiz Antonio Nogueira Fontes Fábio Ribeiro Gomes Marco Antônio Oliva Cano Antônio Américo Cardoso
3	21/07/1978*	Homero Aidar Clibas Vieira	Estudos sobre populações de plantas em dois sistemas de culturas associadas de milho e feijão	Clibas Vieira Fábio Ribeiro Gomes

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
				Sérgio Alberto Brandt Antônio Américo Cardoso Luiz Carlos Lopes
4	21/07/1978*	José Mauro Chagas Clibas Vieira	Efeito do desfolhamento artificial sobre três variedades de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Moacyr Maestri Antônio Américo Cardoso Matosinho de Souza Figueiredo Américo José da Silveira
5	22/06/1979	Alseny Garcia Joênes Pelúzio de Campos	Arranjos de fileiras de plantas em culturas associadas de quiabo e repolho e de quiabo e pimentão	Joênes Pelúzio de Campos José Domingos Galvão Roberto Ferreira da Silva Antônio Américo Cardoso Luiz Antonio Nogueira Fontes
6	25/10/1979	Luiz Augusto de Paula Lima Clibas Vieira	Análise agroeconômica da adubação N-P-K de diferentes populações de plantas de milho, em dois solos do Triângulo Mineiro	Clibas Vieira José Mário Braga Antônio Américo Cardoso José Domingos Galvão Sônia Coelho de Alvarenga
7	13/12/1979	Ronaldo Gomes Coelho Vicente Wagner Dias Casali	Métodos de produção e idade de transplantes de mudas de alface	Vicente Wagner Dias Casali Joênes Pelúzio de Campos Luiz Antonio Nogueira Fontes Antônio Américo Cardoso Joaquim Joel do Vale Rodrigues
8	18/04/1980	Gilberto Gastim Pessanha Clibas Vieira	Estudos sobre misturas de cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso José Carlos Silva Carlos Siqueyuki Sedyama Moacyr Maestri

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
9	15/10/1980	Rosane Cunha Coelho Vicente Wagner Dias Casali	Efeitos de substâncias reguladoras do crescimento sobre a germinação de sementes dormentes de alface (<i>Lactuca sativa</i> L.)	Vicente Wagner Dias Casali Roberto Ferreira da Silva Antônio Américo Cardoso José Francisco da Silva Luiz Antonio Nogueira Fontes
10	01/12/1980	Leôncio Gonçalves Dutra José Mário Braga	Minerais Potássicos, acidificados ou não, utilizados como fonte do nutriente para o Milho (<i>Zea mays</i> L.)	José Mário Braga José Domingos Fabris José Domingos Galvão José Tarcísio Lima Thièbaut Roberto Ferreira de Novais
11	15/06/1981	Osmar Souza Dos Santos Clibas Vieira	Produção de feno em um único cultivo de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Clibas Vieira José Domingos Galvão Tuneo Sedyama Luiz Antonio Nogueira Fontes Rasmo Garcia
12	22/06/1981	Josué Fernandes Pedrosa Vicente Wagner Dias Casali	Caracterização agrônômica e qualitativa de plantas e frutos de introdução e híbridos de <i>Cucurbita maxima</i> Duchesne e <i>Cucurbita moschata</i> Duchesne.	Vicente Wagner Dias Casali Aquiria Mizubuti Paulo Virgílio Lobo Medina Antônio Américo Cardoso Simon Suhwen Cheng
13	14/06/1982	Antonio Fernandino de Castro Bahia Filho José Mário Braga	Índice de disponibilidade de fósforo em Latossolos do Planalto Central com Diferentes Características texturais e mineralógicas	José Mário Braga Antônio Carlos Ribeiro Luiz Antonio Nogueira Fontes Mauro Resende Roberto Ferreira de Novais
14	05/11/1982	Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão José Francisco da Silva	Seletividade, controle de plantas daninhas e resistência de espécies e cultivares de algodão (<i>Gossypium spp.</i>) aos Herbicidas Diuron e Sethoxydim	José Francisco da Silva Américo José da Silveira Carlos Siqueyuki Sedyama Liovano Marciano da Costa

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
				Marco Antônio Oliva Cano
15	19/11/1982	Verônica Baima de Castro Vicente Wagner Dias Casali	Influência do corte e tombamento da parte aérea, do corte das raízes, da aplicação do paraquat e da colheita precoce na produção e conservação do alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Paulo Virgílio Lobo Medina Roberto Ferreira da Silva José Maria Vieira
16	17/02/1983	Geraldo Antônio de Andrade Araújo Luiz Antonio Nogueira Fontes	Crescimento das plantas e conversão da energia solar em sistemas de cultivos e exclusivos do milho e feijão	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Nei Fernandes Lopes Vicente Wagner Dias Casali Carlos Siqueyuki Sedyama
17	01/03/1983	Luiz Ricardo Pereira Clibas Vieira	Comportamento de cultivares e misturas de cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) em monocultivo e em consórcio com milho	Clibas Vieira Matosinho de Souza Figueiredo José Mário Braga José Carlos Silva Américo José da Silveira
18	06/07/1983	Fausto Francisco dos Santos Tuneo Sedyama	Efeito da retirada das vagens, desfolha e corte de plantas na produção de grãos e em outras características agrônômicas de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama José Tarcísio Lima Thièbaut Luiz Antonio Nogueira Fontes Luiz Carlos Lopes
19	12/09/1983	Terezinha Maria Castro Della Lúcia Leland Chandler	Aplicação da tabela de vida das culturas às pragas de <i>Phaseolus vulgaris</i> L. em quatro níveis de adubação	Leland Chandler José Alberto Haueisen Freire José Domingos Galvão Liovando Marciano da Costa Vicente Wagner Dias Casali
20	01/11/1984	Alberto Vasconcelos Costa Tuneo Sedyama	Avaliação da qualidade fisiológica da semente de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill) com tegumento	Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
			impermeável, produzida em três localidades do Brasil Central	Múcio Silva Reis Roberto Ferreira da Silva Waldemar Moura Filho
21	13/03/1985	Roberval Daiton Vieira Tuneo Sedyama	Avaliação do efeito de níveis de alguns nutrientes na composição química e na qualidade de sementes da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama José Tarcísio Lima Thièbaut Roberto Ferreira da Silva Luiz Antonio Nogueira Fontes Waldemar Moura Filho
22	04/06/1985	Milton José Cardoso Luiz Antonio Nogueira Fontes	Crescimento de plantas de milho e feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) em dois sistemas de associação	Luiz Antonio Nogueira Fontes José Domingos Galvão Nei Fernandes Lopes Carlos Siqueyuki Sedyama José Mauro Chagas
23	08/07/1985	Pedro Ronzelli Júnior Clibas Vieira	Resposta de cultivares de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) à calagem e adubação fosfatada	Clibas Vieira José Mário Braga José Carlos Silva José Mauro Chagas Geraldo Antônio de Andrade Araújo
24	16/08/1985	Paulo Donato Castellane Pedro Henrique Monnerat	Constatação e interpretação fisiológica de diferenças de suscetibilidade de cultivares de tomateiro (<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.) à podridão apical	Pedro Henrique Monnerat Alemar Braga Rena Renato Sant'Anna Roberto Ferreira de Novais José Cambraia
25	03/01/1986	Francisco Nóbrega dos Santos Pedro Henrique Monnerat	Influência do peso e do número de tuberculos-semente e de doses de Adubacao Quimica no Crescimento e na Producao de Batata (<i>solanum Tuberosum</i> L.)	Pedro Henrique Monnerat Aquirá Mizubuti Eveline Mantovani Alvarenga Paulo Cezar Rezende Fontes Ernane Luiz Agnes

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
26	13/02/1986	Tocio Sedyama Tuneo Sedyama	Relação entre caule verde e remoção de vagens e suas influências em alguns caracteres agronômicos da soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill.)	Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama Múcio Silva Luiz Antonio Nogueira Fontes Roberto Ferreira da Silva
27	12/06/1987	Antônio Carlos Fraga Roberto Ferreira da Silva	Estudo sobre a utilização de dessecantes na produção de sementes de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Roberto Ferreira da Silva Tuneo Sedyama José Francisco da Silva José Maria Vieira Múcio Silva Reis
28	26/06/1987	João Maria Japhar Berniz José Mário Braga	Influência do nitrogênio, fósforo e potássio em seringueira jovem (<i>Hevea brasiliensis</i> Muell Arg.)	José Mário Braga Carlos Siqueyuki Sedyama Nairam Félix de Barros Luiz Antonio Nogueira Fontes Matosinho de Souza Figueiredo
29	09/07/1987	Maria Aparecida Nogueira Sedyama Vicente Wagner Dias Casali	Métodos de propagação da bata-baroa (<i>Arracacia xanthorrhiza</i> Bancroft)	Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Eldo Antônio Monteiro da Silva Roberto Ferreira da Silva Renato Cruz
30	15/09/1987	Nestor Antônio Heredia Zarate Vicente Wagner Dias Casali	Curvas de crescimento de inhame (<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott), considerando cinco populações, em solo seco e alagado	Vicente Wagner Dias Casali Victor Hugo Alvarez Venegas José Francisco da Silva Renato Cruz Tocio Sedyama
31	31/05/1988	Salete de Vasconcelos Dantas Nairam Félix de Barros Roberto Ferreira de Novais Carlos Siqueyuki Sedyama	Avaliação deficiência de fosfatos em plantios de <i>Eucalyptus grandis</i>	Nairam Félix de Barros Roberto Ferreira de Novais Carlos Siqueyuki Sedyama Luiz Antonio Nogueira Fontes

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
				Mara das Graças Ferreira Reis
32	26/07/1988	Maria de Fátima Barbosa Coelho Clibas Vieira Marco Antônio Oliva Cano Salassier Bernardo	Efeitos do número e do arranjo espacial das plantas de milho no consórcio com cultivares de feijão	Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso Geraldo Antônio de Andrade Araújo José Mauro Chagas Nei Fernandes
33	08/11/1988	Messias José Bastos de Andrade Clibas Vieira Carlos Siqueyuki Sedyama José Francisco da Silva	Sistemas de plantio, cultivares de feijão e herbicidas no consorciamento da cana-de-açúcar com feijão	Clibas Vieira Renato Mário Del Giudice José Francisco da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama Antônio Américo Cardoso
34	21/11/1988	Nilton Nagib Jorge Chalfun Luiz Carlo Lopes Aquira Mizubuti Francisco Franco Feitosa Teles	Fatores bioquímicos e fisiológicos no enraizamento de estacas de <i>Hibiscus rosasinensis</i> L.	Luiz Carlos Lopes Aquira Mizubuti Nei Fernandes Lopes José Maria Vieira Francisco Franco Feitosa Teles
35	06/12/1988	Roberto Tozani José Francisco da Silva Renato Mário Del Giudice Carlos Siqueyuki Sedyama Nei Fernandes Lopes	Emprego de Diuron e Prometryne na cultura de arroz de sequeiro <i>Oryza sativa</i>	José Francisco da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama Nei Fernandes Lopes José Domingos Galvão Roberto Ferreira da Silva
36	21/12/1988	Valderez Pontes Matos Roberto Ferreira da Silva Clibas Vieira José Francisco da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama	Efeitos da competição e do controle das plantas daninhas sobre a cultura do feijão-macassar (<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp). E sobre a qualidade de suas sementes	Roberto Ferreira da Silva Clibas Vieira José Francisco da Silva Múcio Silva Reis Carlos Siqueyuki Sedyama

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
37	13/03/1989	Francisco Affonso Ferreira Vicente Wagner Dias Casali Victor Hugo Alvarez Venegas José Francisco da Silva	Desenvolvimento de cultivares de alho (<i>Allium sativum</i> L.) submetidos à superação artificial da dormência	Vicente Wagner Dias Casali Victor Hugo Alvarez Venegas Aquira Mizubuti Luiz Antonio Nogueira Fontes Luiz Antônio Maffia
38	18/07/1989	Carlos Arthur Silva Castro Carlos Siqueyuki Sedyama Roberto Ferreira da Silva Tuneo Sedyama	Evolução de hexanal e de aldeídos totais como índices para avaliar a qualidade fisiológica de sementes de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Carlos Siqueyuki Sedyama Maurílio Alves Moreira Roberto Ferreira da Silva Luiz Antonio Nogueira Fontes Tocio Sedyama
39	18/07/1989	Rogério Faria Vieira Clibas Vieira Maurílio Alves Moreira Geraldo Antônio de Andrade Araújo	Comparações de feijão dos gêneros Vigna e Phaseolus com o feijão-comum (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Clibas Vieira Geraldo Antônio de Andrade Araújo Maurílio Alves Moreira Antônio Américo Cardoso José Benício Paes Chaves
40	08/08/1989	Rovilson José de Souza Vicente Wagner Dias Casali Victor Hugo Alvarez Venegas Roberto Ferreira da Silva	Influência do nitrogênio, potássio, Cycocel e Paclobutrazol na cultura do alho (<i>Allium sativum</i> L.)	Vicente Wagner Dias Casali Victor Hugo Alvarez Venegas Roberto Ferreira da Silva Eldo Antônio Monteiro da Silva Joaquim Joel do Vale Rodrigues
41	28/08/1989	Manuel Carlos Gonçalves Múcio Reis da Silva Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama	Influência da época de semeadura, em regime de irrigação suplementar ou de sequeiro, sobre a produção e qualidade de sementes de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill.)	Múcio Reis da Silva Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama Roberto Ferreira da Silva Joaquim Joel do Vale Rodrigues
42	29/03/1990	Valterley Soares Rocha Tuneo Sedyama Roberto Ferreira da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama	Influência da remoção de vagens em alguns caracteres agronômicos e na senescência da planta de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill.)	Tuneo Sedyama Roberto Ferreira da Silva Carlos Siqueyuki Sedyama Múcio Reis da Silva

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
				Tocio Sedyama
43	01/06/1990	Gil Miguel de Souza Câmara Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama Múcio Reis da Silva	Efeitos do fotoperíodo e da temperatura no crescimento, florescimento e maturação de cultivares de soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill)	Tuneo Sedyama Carlos Siqueyuki Sedyama Múcio Reis da Silva Moacyr Maestri Júlio Marcos Filho
44	27/06/1990	José Luís Colucho Ortega Luiz Antonio Nogueira Fontes Antônio Américo Cardoso Waldemar Moura Filho	Influência da matéria orgânica e a profundidade de colocação do adubo mineral, em algumas características físicas e químicas do solo, e no crescimento do feijoeiro (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Luiz Antonio Nogueira Fontes Antônio Américo Cardoso Waldemar Moura Filho José Domingos Galvão José Maria Vieira
45	15/08/1990	José Benedito Sales Filho Carlos Floriano de Moraes Vicente Wagner Dias Casali José Maria Vieira	Caracterização de mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz) pela morfologia e padrões isozimáticos	Carlos Floriano de Moraes Vicente Wagner Dias Casali Joênes Pelúzio de Campos Tocio Sedyama Moacyr Maestri
46	11/09/1990	Flávio Alencar D'Araújo Couto Alemar Braga Rena Raimundo Santos Barros Victor Hugo Alvarez Venegas	Desenvolvimento e produção do Abacaxizeiro (<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.), adubação com Potássio via folha e solo	Alemar Braga Rena Luiz Antônio Maffia Raimundo Santos Barros Vicente Wagner Dias Casali Victor Hugo Alvarez Venegas
47	19/09/1990	Edson Ferreira de Carvalho Nei Fernandes Lopes Marco Antônio Oliva Cano Vicente Wagner Dias Casali	Adaptabilidade fisiológica de <i>Azolla spp.</i> a diferentes densidades de fluxo radiante e níveis de fósforo	Nei Fernandes Lopes Marco Antônio Oliva Cano Vicente Wagner Dias Casali Luiz Antonio Nogueira Fontes Rosa Maria Castro Muchovej
48	11/12/1990	José Augusto Teixeira do Amaral Alemar Braga Rena	Crescimento vegetativo estacional do cafeeiro e suas inter-relações com fontes de nitrogênio,	Alemar Braga Rena Antônio Américo Cardoso

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
		Antônio Américo Cardoso Raimundo Santos Barros	fotoperíodo, fotossíntese e assimilação do nitrogênio	Raimundo Santos Barros Antônio Carlos Ribeiro José Maria Vieira
49	18/03/1991	Paulo Alcanfor Ximenes José Domingos Galvão Rasmo Garcia Carlos Sigueyuki Sedyama	Influência da população de plantas e de níveis de nitrogênio na produção e qualidade da massa verde e da silagem de milho (<i>Zea mays</i> L.)	José Domingos Galvão Rasmo Garcia Luiz Antonio Nogueira Fontes Clibas Vieira Antônio Américo Cardoso
50	26/03/1991	Ana Luisa Diaz Jimenez Clibas Vieira Laércio Zambolim Francisco Xavier Ribeiro do Vale	Efeitos de misturas varietais de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) sobre a produtividade da cultura e sobre o progresso da ferrugem (<i>Uromyces phaseoli</i> var. <i>typica</i> Arth.)	Clibas Vieira Laércio Zambolim Francisco Xavier Ribeiro do Vale Antônio Américo Cardoso Cosme Damião Cruz
51	27/03/1991	Maria Urbana Corrêa Nunes Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Carlos Floriano de Moraes	Estimativas de parâmetros genéticos e de correções de caracteres da raiz, parte aérea e sementes de progênies de meios-irmãos de cenoura (<i>Daucus carota</i> L.) Cv. Brasília	Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Carlos Floriano de Moraes Roberto Ferreira da Silva Tocio Sedyama
52	02/10/1991	Marcelo Coutinho Picanço Vicente Wagner Dias Casali José Oscar Gomes de Lima José Alberto Haueisen Freire	Entomofauna e danos das pragas associadas à cultura da ervilha (<i>Pisum sativum</i> L.) em quatro épocas de plantio e 54 variedades	Vicente Wagner Dias Casali Evaldo Ferreira Vilela José Alberto Haueisen Freire Terezinha Maria Castro Della Lúcia Mauro Resende
53	04/10/1991	Gerson Renan de Lucas Fortes Silvio Lopes Teixeira Carlos Sigueyuki Sedyama Vicente Wagner Dias Casali	Calogênese e organogênese "in vitro" de macieira (<i>Malus spp</i>) afetadas por fatores físicos, químicos e biológicos	Silvio Lopes Teixeira Francisco Affonso Ferreira Paulo César Rezende Fontes José Maria Vieira Eldo Antônio Monteiro da Silva

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
54	30/10/1991	Edison Miglioranza Nei Fernandes Lopes Luiz Antonio Nogueira Fontes Gilberto Chohaku Sedyama	Modelo matemático-fisiológico para simular o crescimento e a produtividade da cultura de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.)	Nei Fernandes Lopes Luiz Antonio Nogueira Fontes Gilberto Chohaku Sedyama Marco Antônio Oliva Cano Antônio Américo Cardoso
55	06/04/1992	Silmar Gonzaga Molica Nairam Félix de Barros Roberto Ferreira de Novais Carlos Sigueyuki Sedyama	Produção de biomassa e eficiência nutricional de híbridos interespecíficos de Eucalipto, em duas regiões bioclimáticas de Minas Gerais	Nairam Félix de Barros Carlos Sigueyuki Sedyama Roberto Ferreira de Novais Valterley Soares Rocha Luiz Antonio Nogueira Fontes
56	27/05/1992	Frederico Fontana Netto Clibas Vieira Nicolino Taranto Fortes Erly Cardoso Teixeira	Análise de técnicas de produção de feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i> L.) usadas por agricultores orientados pela EMATER – ES, em três municípios do Estado do Espírito Santo	Clibas Vieira Nicolino Taranto Fortes Erly Cardoso Teixeira Antônio Américo Cardoso Geraldo Antônio de Andrade Araújo
57	02/07/1992	Antenor Francisco Figueiredo Vicente Wagner Dias Casali Tocio Sedyama Antônio Américo Cardoso	Armazenamento de ramas, tipos de estacas, profundidades de plantio e análise do crescimento de plantas de batata-doce (<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam)	Vicente Wagner Dias Casali Tocio Sedyama Antônio Américo Cardoso Paulo Roberto Mosquim Flávio Alencar D'Araújo Couto
58	20/07/1992	Georges Bruno Bolivar Victor Hugo Alvarez Venegas Antônio Carlos Ribeiro Roberto Ferreira de Novais Matosinho de Souza Figueiredo	Efeito do calcário, gesso e superfosfato triplo sobre a movimentação de cálcio, magnésio, enxofre e fósforo e o crescimento inicial do cafeeiro (<i>Coffea arabica</i> L.)	Victor Hugo Alvarez Venegas Antônio Carlos Ribeiro Matosinho de Souza Figueiredo Hermínia Emília Prieto Martinez Paulo Tácito G. Guimarães
59	24/08/1992	Amália Rios Garcia Marco Antônio Oliva Cano Nei Fernandes Lopes José Francisco da Silva	Medida da interferência entre <i>Triticum aestivum</i> L., <i>Raphanus raphanistrum</i> L. e <i>Lolium multiflorum</i> L. na avaliação de sistemas de rotação de culturas	Marco Antônio Oliva Cano Nei Fernandes Lopes José Francisco da Silva Carlos Sigueyuki Sedyama

Nº	Defesa	Autor Orientador Coorientador(es)	Título da Tese	Banca Examinadora
				Roberto Ferreira de Novais
60	24/08/1992	Plínio Cesar Soares Carlos Siqueyuki Sedyama Cosme Damião Cruz José Carlos Silva	Interação genótipo x ambiente e resposta indireta à seleção de linhagens de arroz (<i>Oryza sativa</i> L.) cultivadas sob irrigação por inundação contínua e em várzea úmida	Carlos Siqueyuki Sedyama Cosme Damião Cruz José Carlos Silva Clibas Vieira Carlos Floriano de Moraes
61	08/09/1992	Takeshi Iuchi Nei Fernandes Lopes Marco Antônio Oliva Cano Vicente Wagner Dias Casali	Crescimento da planta e do fruto de morangueiro (<i>Fragaria x ananassa</i> Duch.) em diferentes regimes hídricos	Nei Fernandes Lopes Marco Antônio Oliva Cano Vicente Wagner Dias Casali Flávio Alencar D'Araújo Couto Luiz Carlos Lopes
62	04/11/1992	Ricardo Antônio Marengo Mendoza Nei Fernandes Lopes Joaquim Joel do Vale Rodrigues Paulo Roberto Mosquim	Efeito de herbicidas sobre a fixação de nitrogênio, crescimento e partição de assimilados em soja (<i>Glycine max</i> (L.) Merrill.)	Nei Fernandes Lopes Vicente Wagner Dias Casali Paulo Roberto Mosquim Valterley Soares Rocha Luiz Antonio Nogueira Fontes
63	05/11/1992	Marta dos Santos Freire Ricci Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso	Crescimento e teores de nutrientes em cultivares de alface (<i>Lactuca sativa</i> L.) adubados com vermicomposto	Vicente Wagner Dias Casali Antônio Américo Cardoso Hugo Alberto Ruiz Paulo César Rezende Fontes Paulo Roberto Gomes Pereira
64	17/12/1992	Carlos Machado dos Santos José Maria Vieira Roberto Ferreira de Novais Carlos Siqueyuki Sedyama Laércio Zambolim	Influência do controle do crescimento, do uso de fungicidas e da frequência de colheita, nos caracteres agronômicos e na qualidade da fibra e da semente do algodoeiro (<i>Gossypium hirsutum</i> L.)	José Maria Vieira Carlos Siqueyuki Sedyama Roberto Ferreira de Novais Renato Mário Del Giudice Carlos Floriano de Moraes

*Data da obtenção do Título.